Homens illustres

do

Rio Grande do Sul

por

Achylles Porto Alegre

Homens illustres

do

Rio Grande do Sul

por

Achylles Porto Alegre

Livraria Selbach
de J. R. da Fonseca & Cia.
Porto Alegre

Ao Ex.mo Snr.

Dr. Protasio Alves

offerece

O Auctor.

Ao Leitor

Porto Alegre, 7 de novembro de 1917.

O acolhimento benevolo, que teve a primeira tiragem do *Homens illustres do Rio Grande do Sul*, animou-me a dar uma segunda edição muito augmentada e melhorada no texto já estampado.

Desta feita é-me grato confessar que o meu labor foi iniciado e concluido com uma satisfacção muito viva, porque o resultado da minha primeira tentativa veiu revelar-me a predilecção de meus patricios por esta especie tão util quão agradavel de leitura.

De facto, a primeira tiragem deste despretencioso livrinho foi rapidamente esgottada (em pouco mais de um anno) sem os reclamos bombasticos que quasi sempre precedem e succedem a publicações entre nós de quaesquer generos litterarios.

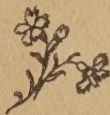
Homens illustres do Rio Grande do Sul apresentou-se sem ruido. Não se fez preceder de nenhuns annuncios e noticias espathafatosos, nem depois de publicado saiu a solicitar encomios á imprensa ou applausos á critica.

Apresentou-se em publico e seguiu o seu destino, certo de que, na sua modestia, attingiria ao objectivo visado: concorrer suave e docemente, sem empolas de estylo artificioso, para a educação civica dos nossos jovens patricios, pondo-lhes deante dos olhos exemplos dignos de serem imitados.

O successo anterior acaroçôou-me a um segundo empreendimento, e eis-me aqui, com uma nova edição do *Homens illustres,* accrescida de mais de sessenta biographias de rio-grandenses notaveis.

E porque traduzem com precisação os intuitos nobres que me animaram a escrever este modesto livrinho, encerro as presentes linhas com o final das *Duas palavras* que precedem o texto da primeira edição:

"Não me occupo dos vivos: só evóco o nome sagrado dos mortos, em sua maioria quasi esquecidos pela ingratidão criminosa da Patria.

"E faço-o, com tanto mais amor aos assumptos historicos, quanto é certo que, hoje, um dos lemmas da Republica é que — "os mortos cada vez mais e mais governam os vivos".

Raphael Pinto Bandeira

Raphael Pinto Bandeira veiu ao mundo em 1738 — no momento em que a capitania do Rio Grande do Sul era, por acto de D. João V, desligada da de São Paulo e annexada á do Rio de Janeiro.

O territorio do Rio Grande nunca teve donatario ou *senhor feudal,* e d'ahi, naturalmente, o rijo espirito de independencia e liberdade que faz do gaúcho um typo á parte na familia brazileira: altivo, leal, insubmisso e bellicoso — e de que nos dá formoso modelo o preclaro heróe viamonense.

Filho de Francisco Pinto Bandeira, um portuguez de radiosa memoria nos annaes do Rio Grande do Sul nascente, Raphael Pinto Bandeira herdára de seu maior os preciosos dons de honradez e coragem que o salientavam entre os seus contemporaneos.

Vamos encontral-o, desde os mais verdes annos, levando vida de aventuras bellicosas, e revelando inata tendencia para o exercicio das armas.

Tendo posto o seu braço ao serviço de Portugal, Raphael Pinto Bandeira foi subindo todos os postos militares, desde o mais baixo até aos bordados de general.

Affeito á vida dos acampamentos, onde tudo respira força e desprendimento, adquiriu ahi a rigidez physica, o animo intrépido, a audacia viril que o faziam desprezar a morte e caminhar para os combates com a confiança no coração e a alegria nos olhos.

A acção combativa de Pinto Bandeira era prompta, tumultuaria e desnorteante.

Empenhado na lucta não se detinha a apalpar o terreno, o que aliás para elle superflua coisa seria, por isso que melhor que ninguem conhecia o territorio do Rio Grande do Sul. Não. Pinto Bandeira saltava por

cima de todos os empecilhos, fazendo delles muitas vezes de offensiva e defensiva, porque é bem verdade que, como diz Lewis, na *Vida de Goethe,* "o pedaço de granito que era um obstaculo para o fraco, torna-se um degráo por onde o forte sóbe."

Era no tempo em que andava accesa e fragorosa a rivalidade dos portuguezes com os hespanhóes do Prata.

Essas desavenças vinham desde a paz de 1763 e permaneceram em estado agudo até á declaração da guerra de 1777.

Raphael Pinto Bandeira, moço, ardoroso, de animo cavalheiresco e official de Dragões, não devia conservar-se alheio ao succeder dos acontecimentos.

Do resto, como patriota e soldado fiel á sua bandeira, não podia soffrer de coração fechado as repetidas, como que acintosas, provocadoras deslealdades dos hespanhóes para com os nossos.

Na guerra originada pelo celebre *Pacto de Familia*, Portugal havia levado á Hespanha, já vencida pelos tratados de paz, que então surgiram, estabelecer-se a clausula de serem restituidos á corôa portugueza os territorios conquistados na America.

Os hespanhóes, porém, jogando com a sua politica machiavelica, restituiram apenas a Colonia do Sacramento, retendo em seu poder as ilhas de S. Gabriel, Martim Garcia e Duas Irmãs, o Rio Grande de S. Pedro com o seu territorio e outros.

Além disso, a espinhosa questão de limites trazia os animos portuguezes e hespanhóes em constante exaltação.

Uma vez travada a lucta não havia força capaz de detel-a.

Ora, D. Pedro de Ceballos, governador de Buenos-Ayres, era ferrenho inimigo dos portuguezes e brazileiros.

Não perdia occasião de hostilisar os povos do Brazil-Meridional e como "odio velho não cança" tomou, um dia, á falsa fé, a Colonia do Sacramento e invadiu o Rio Grande do Sul.

Era a vez de Raphael Pinto Bendeira, já aguerrido

soldado, entrar na liça e desenvolver vigorosa, continua acção.

Vendo pisado o sólo gaúcho pelas guerreiras patas do invasor barbaro, os rio-grandenses levantaram-se em massa para expulsar o adventicio, e ao heróe viamonense coube o maior quinhão de glorias nessa patriotica empresa.

O guerreiro rio-grandense era dotado de estupendos e raros predicados militares.

A sua temeraria bravura andava unida com calculado tino de cautela e astucia.

Assim, quando o inimigo menos pensava, elle o colhia de chofre e o destroçava.

A jornada de 2 de janeiro de 1774 foi assim.

Nesse dia, Raphael Pinto Bandeira, tendo vadeado com os seu legionarios o arroio S. Barbara, caiu de sorpresa sobre o acampamento inimigo, pôl-o em confusão e desbaratou-o, sem lhe dar tempo de entrar na linha da acção.

No anno posterior, 1773, já o heróe se havia distinguido no combate de Tabatatingahy. Em 1776, assombrando as phalanges contrarias, o temerario gaúcho emprehendia e realisava a conquista do forte de Santa Tecla, e, no anno seguinte, atacava a guarda de S. Martinho, e alcançava sensacional victoria.

No relatorio que ao seu successor Marquez de Loreto, dirigiu o mui suspeito, apaixonado e varias vezes vencido, D. Juan José de Vertiz y Salcedo, vice-rei do Rio da Prata, vem o seguinte *pittoresco* trecho, sobre o feito de S. Martinho:

"Dos povos de Missões recebi a noticia de que fôra atacado pelo coronel Raphael Pinto Bandeira, com 400 dragões, a guarda de S. Martinho, onde estava com 20 homens, um tenente que foi levado prisioneiro, carregando cavalhada, gado vaccum, e alguns indios menores, que o mesmo commandante roubou da estancia de S. Lourenço, chegando ao excesso de despir os indios e despojal-os por completo de seus escassos haveres."

Só mesmo a um perro castelhano sobejaria desfaçatez para cuspir sobre a crystallina honorabilidade de Raphael Pinto Bandeira tão infamante labéo!

Não eram os continentinos meridionaes que sa-

queavam e destruiam os bens alheios, e sim as hordas de barbaros do Prata.

Para proval-o, ahi estão a conquista da ilha de Santa Catharina, a tomada da Colonia do Sacramento, a posse da villa do Rio Grande de S. Pedro e de outros territorios nossos.

A força que armou o braço rio-grandense e o conduziu á lucta foi um profundo sentimento de *revanche,* foi o patriotico intento de expulsar da terra natal o invasor sanguinario, o intruso cruel, o visinho desleal, que nos queria fazer presa de suas descomedidas, insaciaveis cobiças.

O inimigo, sim, era movido por idéas rapaces, e o saque, a conquista eram os moveis de suas sortidas, e dês que foi fundada, em 1680, a Colonia do Sacramento, outra não foi a preoccupação dos hespahóes do Prata senão fazer desse futuroso estabelecimento coisa sua.

Custava-lhes ver os portuguezes de posse da prospera colonia, e 70 annos depois de sua fundação, em 1750, arriscaram elles propôr a troca da mesma pelas sete missões jesuiticas da margem esquerda do rio Uruguay.

Não se effectuou o *pacto,* e, mais tarde, quando *chaceller* de Hespanha, o famigerado *Conde de Florida Blanca,* D. José Monino, foi a colonia tomada por sua ordem, graças á cobarde capitulação do coronel Francisco José da Rocha, e o desalmado Ceballos, por não ter que a entregar um dia, mandou arrazal-a e obstruirlhe o posto.

De resto, as mais polpudas conquistas do irritado vice-rei do Prata no Brazil Meridional foram menos devidas a esforços armados que a machinações vergonhosas, como foi a tomada de Santa Catharina — entregue por *capitulação indigna* do governador Antonio Carlos Furtado de Mendonça, — como diz conspicuo historiagrapho.

E' doloroso registral-o.

Pedro de Ceballos, o duro perseguidor dos continentinos de S. Pedro, encontrou por fim quem lhe fizesse baixar o topete, o mesmo acontecendo com o façanhudo D. Juan José de Vertiz y Salcedo.

Esse heróe vencedor foi Raphael Pinto Bandeira.

Foi elle quem infligiu constantes derrotas ao invasor platino, e

Braço ás armas feito...

elevou até ás estrellas a fama da impavida bravura rio-grandense.

Raphael Pinto Bandeira, de quem os altos feitos eram conhecidos em Portugal e na Hespanha, figura na soberba galeria dos varões illustres do Rio Grande do Sul como um vivo exemplo de coragem, de lealdade e de singular ardor civico.

O brilho immarcescivel de suas acções guerreiras constitue paginas de ouro de nossa curta, mas gloriosa Historia.

Manoel dos Santos Pedroso

Poucos, bem poucos, o conhecem, quando todos o deviam conhecer.

Nasceu na obscuridade, e, apezar das suas façanhas de valor para glorificar a terra natal, vive na sombra do esquecimento, como si nunca existisse.

Nada, nada ha, entre nós, que nos fale do seu nome, recordando uma das paginas mais refulgentes da nossa Historia.

Descendente dos primitivos Açorianos que para aqui vieram, assignalou-se, ainda bem moço, por uma vida de aventuras guerreiras que mais parece uma fabula, que uma pagina de radiante verdade.

Portugal e Hespanha disputavam, com vivo empenho, a posse das missões orientaes, occupadas desde longos annos pelos jesuitas.

Era uma larga zona de assombrosa fertilidade, com risonhas paizagens, sobredoiradas por um clima delicioso, dando a idéa nitida de um recanto encantado.

Bem atilados andaram os jesuitas, escolhendo, num deserto enorme, sem limites, essa nesga de terra, cortada pelo Uruguay e seus affluentes, ensombrados por densa mataria, em cujo seio reinava uma profunda paz religiosa.

Razão de sobra tinham, pois, os jesuitas para se

opporem á entrega do trecho de terra, onde estavam estabelecidos desde remotas épocas, havendo transformado aquella solidão em povoados cheios de vida e de aspectos risonhos.

Apezar dos accordos das chancellarias da Europa, os jesuitas não quizeram abrir mão das terras, que ali possuiam, e resistiram, com as armas em punho, com uma coragem admiravel, ás tropas que tentaram, mais de uma vez, desalojal-os dali.

Exercendo extraordinaria influencia sobre os selvagens que povoavam as missões, os jesuitas atirava-os contra as forças regulares que buscavam afastal-os daquelles sitios, onde já estavam, uns e outros, enraizados.

O cacique Sepé, chefe indigena, valente como as armas, pagou com a vida, batendo-se como um heróe, a sua dedicação pelos jesuitas, que não queriam abandonar as terras que Deus lhes havia dado neste recanto d'America.

E como elle, legiões de indios aguerridos acabaram os seus dias, tambem brandindo as armas em defeza dos dominadores das missões.

Em 1801, o capitão de dragões Francisco Barreto Pereira Pinto commandava uma guarda avançada, entre o Ibicuy-mirim e Toropy, quando se lhe apresentou Manoel dos Santos Pedroso, com mais vinte gaúchos, offerecendo-se para conquistar a região missioneira.

O commandante da guarda avançada depois de ouvil-o, e de o fitar de alto a baixo, só teve palavras de encorajamento para aquelle ousado guerrilheiro, que lhe apparecera diante dos olhos, como um caudilho capaz dos mais bellos lances de heroismo.

E lá partiu o bando de aventureiros em direcção a S. Martinho, onde estava uma força castelhana.

Pedroso, á frente dos seus companheiros resolutos, avança contra a guarda que ali estava e a desbarata sem piedade.

A noticia dessa victoria espalha-se rapidamente, levando o susto e o pavor aos povoados ribeirinhos do Uruguay.

Por esse tempo, apparece naquellas paragens, um outro gaúcho, capitaneando um bando de guerrilhas. E' José Borges do Canto, que desertára das nossas tropas.

á espera de uma occasião propicia, para cair, de sorpresa, sobre os povos das missões.

Já Pedroso não operava só nesta cruzada de patriotismo; via tambem ao seu lado Borges do Canto, animado dos mesmos sentimentos, para juntar aquella nesga de terra abençoada ao torrão em que ambos nasceram.

Pouco depois, no topo de uma cochila, surge um outro caudilho com gente armada, com os mesmos intuitos elevados: é Gabriel Ribeiro de Almeida, paulista de nascimento, mas rio-grandense de coração.

Em pouco tempo, estes tres heróes, inflammados do santo amor da Patria, fazem a conquista da região missioneira para incorporal-a ao nosso territorio.

A essa formosa trindade de bravos; devemos, pois, a zona mais rica que o Rio Grande possue.

A maior gloria cabe, entretanto, a Santos Pedroso que tomou a iniciativa da conquista dos sete povos das Missões, contando apenas com a sua coragem e o seu valor.

E esse homem obscuro, que viu a luz, num rancho, nas brenhas do sertão, e tanto se celebrisou pelos seus feitos de bravura, morreu a 5 de abril de 1816, pobre como nascera, tendo apreendido, no Passo de S. Isidro, seis carretas fugitivas, atulhadas com os ornamentos e as ricas alfaias de ouro e prata daquelles famosos templos, que deslumbravam pela magnificencia dos finos metaes e das pedras preciosas, que resplandeciam na fronte das suas imagens sagradas como constellações no céu.

Barão do Cerro Largo

Na ultima metade do seculo XVII, nasceu no Povo Novo, lugarejo situado entre Pelotas e o Rio Grande, o general José de Abreu.

Foi talvez o typo mais completo do gaúcho guerrilheiro, que tivemos, naquelles tempos em que os nossos homens abriam caminho no mundo com a ponta da espada.

Logo que concluiu seus estudos primarios, quiz

seguir a carreira das armas para a qual revelára sempre decidida vocação.

Seus paes não o quizeram contrariar, apezar de ser ainda creança e não ter a necessaria robustez para a vida tormentosa do acampamento.

Nessa epocha, a posse do nosso territorio era disputada, a ferro e a fogo, entre portuguezes e hespanhóes.

Era, póde-se dizer, pois, a unica carreira que seduzia as gerações que iam succedendo umas ás outras, encantadas de ouvirem contar, nas longos serões do inverno, quando o minuano soprava, por entre as frinchas dos ranchos isolados, as façanhas estupendas dos seus gloriosos antepassados.

Sentou praça no regimento de dragões, e fez quasi todas as campanhas de 1801 a 1827, tendo se distinguido em todas ellas pela intrepidez e inexcedivel bravura.

De todos os heróes desse periodo de lutas sanguinolentas, é, não ha duvida, a figura mais em destaque pelo valor e audacia.

Nunca escolheu posição para atacar os inimigos, e nem buscava conhecer o numero delles; bastava vel-os para ir ao seu encontro e desbaratal-os, como fez com as forças de Sotel no passo de Japejú, junto do Ibicuhy, em Ituparay, e em S. Borja com o exercito do famoso caudilho André Artigas.

Mezes depois derrotou completamente, em Arapehy, La Torre e Artigas, apezar da inferioridade da posição que occupava.

Nesse ultimo combate encarniçado, que durou longas horas, a acção estava indecisa. O cansaço e a mortandade iam já espalhando o desanimo entre os nossos soldados, não obstante os exemplos de coragem que lhes dava o marquez de Alegrete, quando, subito, como um raio, apparece José de Abreu, á frente de sua invencivel cavallaria, espalhando o terror, a confusão e a morte entre os inimigos.

A sua inesperada apparição, quando a peleja estava duvidosa, levantou o animo abatido dos nossos, desalentando deste logo os hespanhóes que recuaram, deixando o theatro da acção estivado de cadaveres.

Esta derrota empallidece para sempre o prestigio do caudilho Artigas, que, vendo-se completamente abandonado dos seus, deixa o rio da Prata e asyla-se no Paraguay, onde, alquebrado pelos annos e abatido pelos ultimos revezes, acaba os seus dias no esquecimento, como uma figura apagada da sua epocha.

Proclamada a independencia do Brazil, o general Abreu foi nomeado governador das armas do Rio Grande.

Nessa espinhosa posição, põe, desde logo, em evidencia, a sua alta capacidade administrativa, buscando guarnecer as nossas fronteiras, e enviando valiosos reforços ao visconde da Laguna, que sitiava, então, Montevidéo.

Rebentando a guerra de Cisplatina, em 1825, o general Abreu com uma forte columna, invade o Estado Oriental, conquistando novos louros em diversos combates.

Mais tarde, achava-se elle vivamente empenhado nos meios de defesa do Rio Grande, quando foi sorprendido com a demissão do cargo de governador das armas.

Ferido nos seus melindres de soldado pundonoro deixa as fileiras do exercito, consagrando-se inteiramente á vida tranquilla do lar, onde não iria attingil-o nunca mais, a inveja de uns e as injustiças de um principe inexperiente.

E, emquanto o nosso governo assim procedia com a sua mais brilhante espada, as nossas forças no rio da Prata começavam a experimentar sérios descalabros.

Nesta situação tão critica para o paiz, o general Abreu esquece as maguas que tinha. Corre a S. Gabriel, organisa ahi um corpo de voluntarios e marcha para cumprir o seu dever de patriota.

Pouco depois, a 20 de fevereiro de 1827, fere-se a celebre batalha de Ituzaingo, tão desastrosa para nós.

E nem podia deixar de o ser, quando o exercito de D. Carlos de Alvear, occupando posição mais estrategica, tinha o dobro das nossas forças.

Nesse combate, porém, por um lamentavel equivoco, a tropa commandada pelo general Abreu foi re-

cebida pelos nossos como inimigos, e elle ahi cáe trespassado pelas balas dos seus irmãos d'armas...

E esse homem, que nasceu na obscuridade de um rancho encravado no deserto, e chegou, um dia, pelos seus rasgos de bravura, a ver o sol da gloria faiscar sobre os bordados de sua farda de marechal, está até agora inteiramente esquecido, como um incognito que passou pela vida.

E' esta a recompensa que a Patria dá, quasi sempre, aos seus mais illustres servidores!...

Padre Thomé Luiz de Souza

A 21 de dezembro de 1770, nasceu na colonia do Sacramento, o padre Thomé Luiz de Souza.

Seus paes vieram para ahi nas primeiras levas de immigrantes, quando este sitio era completamente deserto e pertencia á corôa de Portugal.

Passando, mais tarde, o povoado nascente ao dominio da Hespanha, o padre Thomé mudou de pouzo, vindo habitar o Porto de Viamão, transformado, annos depois, nesta risonha cidade em que vivemos, e cujo rapido desenvolvimento ninguem podia prever então,

Desde criança, o seu pae o destinára ao serviço da Egreja, pela bondade do seu coração sempre aberto á pratica do Bem.

Desta feita a vontade paterna foi ao encontro da inclinação do filho, que seguira para o Rio de Janeiro afim de estudar no Seminario de "Nossa Senhora da Lapa".

Ahi, em pouco tempo, conquistára a affeição mais carinhosa dos mestres, pela contracção ao trabalho e, sobretudo, pelos seus grandes dotes de coração.

Concluidos os estudos, voltou a Porto Alegre, dedicando-se, desde logo, com o fervor de sua fé religiosa, ao serviço de Deus, com a doçura, com a mansidão e a humildade de que nos fala o Evangelho.

Algum tempo depois, fez-se mestre.

Sahindo do Seminario da Lapa, na convivencia intima de homens de grande saber, quiz ser util aos seus patricios, repartindo com elles o pão espiritual que de lá troxera.

E amava a sua nova profissão com o mesmo devotamento com que se entregava aos deveres do culto divino.

Pelas suas mãos passaram varias gerações que nunca esqueceram o mestre bondoso, que lhes ensinava com o amor e a paciencia de um santo.

Quando o conde de Irajá, bispo do Rio de Janeiro, veiu ao Rio Grande, que então pertencia áquella jurisdicção, em visita pastoral, teve occasião de conhecer, bem de perto, o humilde e virtuoso prelado, que já era o orgulho da egreja rio-grandense.

Para dar um testemunho de sua admiração pelo padre Thomé, logo que chegou ao Rio de Janeiro, o nomeou vigario geral da provincia.

Essa homenagem de apreço ás excelsas virtudes do modesto sacerdote veiu apenas entristecel-o. Já era velho e não ambicionava galgar posições; queria só cuidar do pequeno rebanho que lhe estava entregue, por vontade de Deus.

Como vigario geral tinha mais sérias preoccupações: tinha que estender as vistas além do seu aprisco, chamando ao cumprimento do dever outros sacerdotes que andavam desviados do bom caminho. Tinha de cuidar de sua consciencia e do seu coração: de sua consciencia para que vivesse bem com seu Deus; do seu coração — para que florescesse e desabrochasse em obras de caridade.

E elle, que era de uma bondade infinita e só tinha nos labios o perdão para todos, julgava-se deslocado nessa posição que lhe conferira o conde de Irajá.

A sua parochia era a menina dos seus olhos, todo o enlevo de sua vida.

Na sua egreja de Nossa Senhora Madre de Deus, era sempre encontrado, para aconselhar a uns, e a todos — a fazer o Bem. Eram os preceitos de Jesus, cuja magnifica doutrina se assenta na caridade e na fé — os dous supremos polos da vida christã.

Quando foi creada a diocese do Rio Grande, todos os olhares se voltaram para o padre Thomé, como a figura em destaque para exercer dignamente esse honrado cargo.

Não era um estranho, todos o conheciam e era de

todos querido, pela sua modestia, pela sua bondade e pela pratica de caridade que exercia, indistinctamente, sem ruido.

Vivia pobremente, sem o menor conforto, privando-se quasi sempre do necessario para acudir, ás occultas, aos infelizes que lutavam com os azares da sorte.

Consultado, por um grande amigo de influencia politica, si aceitaria a investidura de principe da Egreja, respondeu enternecido, com as lagrimas nos olhos:
— Pelo amor de Deus, não se lembre disto!... Estou velho; quero viver esquecido no meu canto, á espera que chegue a minha hora. O peso da mitra nesta edade, viria apenas apressar os meus ultimos dias de vida. Não é falsa modestia. E' um feitio do meu temperamento.

E tudo isto dizia abalado e commovido como uma creança. As suas virtudes tinham tanto brilho que até irradiavam fóra das lindes do Rio Grande.

Tendo sido criada a parochia de Nossa Senhora das Dôres, então annexada á de Madre de Deus, conservou-se durante muitos annos sem que fosse nomeado o cura para ali.

O Conselho de Estado a quem foi affecto o conhecimento desse facto anormal, num luminoso parecer, declarou sem evasivas, sem reservas que o preenchimento desse logar viria reduzir os recursos com que o padre Thomé soccorria á pobresa.

Quando d. Feliciano Prates, que havia sido seu discipulo, foi nomeado bispo desta diocese, deu-se por esta occasião, uma scena tocante e commovente.

No momento do seu desembarque, quando ambos se encontraram, face á face, um e outro, abraçados, ajoelharam-se, com os olhos rasos de pranto.

Era o mestre que se humilhava deante do discipulo, que lhe apparecia agora revestido de tão elevada posição — era o discipulo que se sentia pequeno ante a grandeza moral do mestre, que lhe deixára nalma o doce perfume de sua santidade.

Nesta formosa pagina da Egreja rio-grandense, havia duas almas gemeas, cada qual mais digna de servir ao seu Deus, que as enchia de graças e de bençãos.

A 14 de dezembro de 1858, com 88 annos de edade,

entregou a alma ao Creador o bom velhinho que era a gloria da Egreja rio-grandense.

Apezar de haver decorrido mais de meio seculo de sua morte, o seu nome ainda vive saudoso na tradição do povo, aureolado por um nimbo de luz, como um santo que passou pelo mundo semeando o Bem.

O senador Cruz Jobim

A cidade de Rio Pardo foi o berço do senador José Martins da Cruz Jobim. Ahi elle nasceu a 2 de fevereiro de 1802, sendo seus paes o tenente José Martins da Cruz e d. Eugenia Fortes.

Descendente de paes pobres, e desejoso de aprender, seguiu, creança, para o Rio de Janeiro, onde se matriculou, como interno, no Seminario de S. José, que naquella época gosava de merecido renome.

Nesse tempo, entre nós, ninguem cuidava de instruir seus filhos. A unica preoccupação era a guerra, era a resistencia aos hespanhóes que buscavam, á viva força, conquistar o Rio Grande. Já haviam se assenhoreado de uma vasta extensão do territoria á margem do Uruguay e tentavam ainda alargal-a em todos os rumos.

Rio Pardo era então uma praça forte, ameaçada a cada instante pelos nossos inimigos, que invadiam o solo natal, destruindo tudo o que encontravam, como hordas de vandalos, dominados pela loucura da destruição.

A geração daquella época não tinha onde illustrar o espirito, vivia em continuos sobresaltos como num acampamento, ouvindo a todo o momento, os rufos de tambores, o grito de alerta das sentinellas que guardavam a paliçada e o tiroteio, da fuzilaria das guardas avançadas.

Dessa geração de fortes, que é o nosso mais legitimo orgulho, nos veiu o grande poeta Manoel de Araujo Porto Alegre, com o seu immortal *Colombo,* e o guerrilheiro legendario Andrade Neves que, a ponta de lança, deixou entre lauréis, as mais bellas façanhas de valor e de heroismo.

Para glorificar Rio Pardo bastaria apenas um nome dessa formosa trindade, si já não estivesse na ultima phase de formação uma nova estrella de primeira grandeza, o dr. Ramiz Galvão, para agrupar-se a essa radiosa constellação austral...

Mas... concluindo o nosso joven patricio os seus estudos no Seminario de S. José, seguiu para Paris, matriculando-se na Academia de Medicina.

Tendo fallecido seu pae, veiu da França visitar o torrão natal e recolher a pequena herança que lhe cabia, para completar os seus estudos.

O quinhão paterno era muito diminuto, mas auxiliado pelos parentes conseguiu concluir o curso de medicina, deixando entre os lentes e collegas a mais bella tradição do seu grande valimento.

Apenas chegando ao Brasil, com o bom nome que conquistára em Paris, José Bonifacio, o patriarcha da Independencia, que era então tutor dos filhos de Pedro I, o nomeou medico do Paço.

Quiz assim, o fundador da nossa nacionalidade, dar um testemunho de admiração pelo joven laureado que honrára o paiz no extrangeiro.

Mais tarde, dando-se uma vaga de lente na Escola do Rio de Janeiro, o dr. Cruz Jobim apresentou-se a concurso e foi nomeado para exercer a cadeira de medicina legal.

Poucos annos depois, foi escolhido para director da mesma escola, exercendo esse cargo, com invejavel competencia, durante 21 annos.

Como lente e director do estabelecimento escreveu diversas monographias que qualquer sabio europeu não desdenharia em subscrevel-as.

Em 1848, sendo então, lente jubilado, começou a sua carreira politica, entrando para a Camara, como representante do nosso Estado.

Em 1851, tendo se dado uma vaga de senador no Estado do Espirito Santo, seu nome foi incluido na lista triplice e escolhido pela corôa.

Intimo amigo de d. Pedro II, que o considerava pela respeitabilidade de caracter, como homem de sciencia e pelo desapego aos bens de fortuna, mais de uma

vez, foi á Europa em commissões particulares do imperador.

Como medico gosou sempre da maior consideração pela solicitude com que tratava os doentes, e, ainda mais, pelo seu desprendimento. Nunca apresentou uma conta dos seus serviços, nem teve á porta da casa a placa designativa da profissão que exercia.

E tanto interesse ligava aos grandes como aos mais humildes que o procuravam para allivio dos seus males.

Era um homem raro, não só pelo saber, como pelos dotes do coração.

Quando falleceu a 25 de agosto de 1878, seu passamento causou a mais dolorosa impressão na sociedade carioca, que tinha, pelo nosso illustre patricio, uma especie de idolatria.

Conde de Porto Alegre

Manoel Marques de Souza, era filho do brigadeiro Manoel Marques de Souza e neto do tenente-general do mesmo nome, nasceu, na então villa do Rio Grande a 13 de junho de 1805.

Com 13 annos de edade apenas assentou praça no 1.º regimento de cavallaria da extincta divisão de voluntarios reaes, no dia 20 de janeiro de 1818.

Não se póde principiar mais cedo a prestar serviços á patria! Ainda criança alistára-se nas fileiras do exercito para tornar-se um dia o symbolo do valor e do heroismo.

Achando-se no sitio de Montevidéo, no anno de 1823, por occasião da guerra da Independencia, assistiu, á acção de 18 de maio desse anno.

Fez as campanhas que tiveram logar desde 1825 até 1828; esteve na batalha do Passo do Rosario no dia 20 de fevereiro de 1827, onde por sua conducta foi promovido ao posto de capitão.

Tomou parte nas campanhas do Uruguay e Paraguay, onde commandou a 1.ª divisão do exercito que bateu as forças do tyranno Rosas, na memoravel batalha de Monte Caseros, em 3 de fevereiro de 1852. Como um acto de inteira justiça foi promovido ao posto de

marechal de campo, e agraciado com o titulo de barão de Porto Alegre.

Organisação talhada para a guerra, espirito grandemente patriotico e liberal, que tanto tinha de exacto no cumprimento dos seus deveres sociaes, quanto de valente e brioso na defesa das nobres causas da patria, o illustre conde de Porto Alegre não hesitava um só momento, sempre que os brios e a honra da nação appellavam cheios de confiança para a sua espada ennobrecida ao sol da gloria.

Por occasião da guerra do Paraguay, o general Marques de Souza havia abandonado ha muitos annos a carreira das armas.

Requintes de susceptibilidades fizeram-no deixar para sempre os labores da vida de soldado. Mas, quando o paiz appellou para o patriotismo de seus filhos, vendo as suas fronteiras invadidas pelas forças paraguayas, o nobre géneral esqueceu todos os resentimentos, que guardava no coração, e offereceu-se como voluntario para servir no exercito que elle tantas vezes tinha guiado no caminho da victoria.

Por mais de uma occasião representou o Rio Grande do Sul no parlamento nacional, sendo tambem por diversas vezes eleito deputado á assembléa provincial.

Pertenceu á politica liberal e foi chefe que sempre honrou aos combatentes da mesma idéa.

Foi nomeado ministro e secretario dos negocios da guerra, logar que pouco tempo exerceu, por ter cahido dias depois o gabinete Zacharias de que fazia parte.

Infelizmente o illustre general falleceu no Rio de Janeiro a 18 de julho de 1875, causando o seu passamento a maior consternação no paiz.

Para dar uma idéa exacta dos sentimentos elevados do illustre patricio, basta a narração do seguinte facto:

Quando marchou para o Paraguay, recebeu, por ordem do governo, na thesouraria da fazenda, a quantia de vinte contos para attender a despezas secretas.

Voltando da guerra, foi, immediatamente, áquella repartição, e, restituiu, integralmente, a importancia que havia recebido.

Bento Gonçalves da Silva

Singular psychose a do bravo chefe da revolução rio-grandense de 1835.

Para muitos Bento Gonçalves é uma esphinge, porque até ao presente não poderam com segurança affirmar qual foi o seu ideal politico.

Por mais que se desdobre, debata, vasculhe o assumpto, este se conserva envolto num espesso mysterio.

Dedicado á monarchia desde os mais verdes annos, tendo por ella mais de uma vez exposto a vida nos campos de batalha, querem admittir espiritos cultos que Bento Gonçalves houvesse sido realmente o republicano ardoroso, convicto, capaz de sacrificar-se pelo barrete phrygio como dera provas de sacrificar-se pela corôa.

O bravo gaúcho que, em 1827, na batalha de Ituzaingo revelara extraordinarias qualidades militares, era, ás vezes, máo grado sua energica vontade, um indecizo, um hesitante, um temperamento cheio de reservas.

Seu nome é, por assim dizer, synonymo de republica, e todavia ha quem affirme, e são muitos, que Bento Gonçalves sempre foi monarchista.

Não me compete a mim commentar o caso.

Em Bento Gonçalves eu vejo uma das mais extraordinarias figuras do Rio Grande do Sul, e isto é bastante para que eu admire e cultúe sua memoria.

Que elle servisse a patria como monarchista e republicano ao mesmo tempo, pouco vale para quem, como eu, leu Santo Agostinho e delle aprendeu que "não existe termo nem medida para um bom cidadão, no seu devotamento á patria."

Entretanto é bem de extranhar-se que a monarchia mandasse prender seus servidores da estofa de Bento Gonçalves, e este foi preso e guardado rigorosamente, tanto que da *Presiganga*—o famoso navio prisão — foi transferido para a Fortaleza de Santa Cruz, desta para a da Lage, e, por ultimo, para maior segurança, foi removido para o Forte do Mar, na Bahia, de onde fugiu, com o auxilio do proprietario do patacho *Estrella do Sul*.

Como se vê: as autoridades legaes procuraram meios de o afastar quanto possivel do theatro dos acontecimentos.

O heróe rio-grandense, porém, não se intimidava nem esmorecia.

Não fôra elle um combatente intemerato, que embóra vencido no combate da ilha do Fanfa e mais tarde no de Ponche Verde, guardava sempre a compostura soberba dos vencedores...

Mesmo prisioneiro, Bento Gonçalves sabia dos passos dos destemidos *farrapos,* estava informado de todos os seus movimentos, e quando, em seguida ao combate do Seival, o coronel Netto proclamou a republica, não foi difficil áquelle saber que havia sido eleito presidente da mesma.

Bento Gonçalves foi sobretudo um adversario leal.

Jamais usou do seu prestigio, que foi immenso, nem da força de que dispôz para vingar-se de seus desaffectos.

Assim, quando na presidencia da ephemera republica foi rudemente offendido por Onofre Pires, não abusou de sua alta posição para desforrar-se.

Não.

Que fez?

Desceu do seu alto posto e pondo a vida em holocausto, em duelo com o adversario vingou a affronta que recebera.

Era irreductivel em pontos de honra, o que, aliás, constitue um dos mais bellos traços do caracter rio-grandense.

A sua lealdade era proverbial, e disso déra provas admiraveis, notadamente no acto de tratar-se a paz de 1845, em que se esforçou por assegurar aos seus companheiros de jornada todas as vantagens e garantias possiveis, sem nada pedir para si.

De uma feita offereceu-se-lhe ensejo de fugir da fortalesa onde estava recluso.

Podia fazel-o; já estava mesmo livre; mas voltou para o carçere, porque o seu companheiro de prisão por excessivamente gordo, não poude passar por uma das grades de ferro ageitada para a evasão.

Destes feitos de lealdade anda repleta a biogra-

phia do guerreiro gaúcho, e o sr. Alfredo Ferreira Rodrigues, um grande estudioso e conhecedor dos homens de 35, sobre que possúe ineditos, tem trazido muitos delles á publicidade.

Escrever sobre Bento Gonçalves é escrever a historia da revolução.

Por isso é de estranhar-se a teimosia com que alguns affirmam ter sido o heróe rio-grandense toda a vida monarchista; como si para demonstrar o contrario, não bastassem o ardor civico com que Bento Gonçalves assumiu á presidencia da republica em Piratiny; as medidas administrativas e politicas que, no exercicio desse cargo, pôz em pratica, visando firmar o novo regimen sob os mais rigidos principios democraticos e os termos altamente patrioticos de sua primeira *Falla* — lida por occasião de installar-se a Constituinte, em 1.º de dezembro de 1842.

Bento Gonçalves foi pratico e cauto na vida.

Não arriscava passos que não fossem bem aconselhados e tinha secretarios atilados como Zambecari, Ulhôa Cintra, Rossetti, Domingos José de Almeida, José Mariano e outros.

Ou fosse tão sómente com o fito de expulsar o presidente da provincia, dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, e o commandante das armas, com os quaes levava lucta accesa, ou fosse em pról das idéas de republica e separação, o estupendo gesto do valoroso rio-grandense é menos para despertar animadversão que um soberbo, magnifico enthusiasmo, e como quer que se o encare, na lenda e na historia, Bento Gonçalves ha de ser sempre o typo perfeito do republicano puro, leal, bravo e adorado.

A mocidade do presente e do futuro deve tomal-o por exemplo, porque como diz Helps: "Os heroicos exemplos dos tempos passados são em grande parte a origem da coragem de todas as gerações e os homens realisam as empresas mais arriscadas levados pelo exemplo dos bravos de outr'ora."

* * *

Bento Gonçalves nasceu na pittoresca e risonha villa do Triumpho, no dia 23 de setembro de 1788, e

falleceu na freguesia das Pedras Brancas a 18 de julho de 1847.

No frontespicio da casa onde nasceu o immortal heróe gaúcho, o tenente-coronel Manoel Antonio Pires, que residiu alli muitos annos, mandou collocar uma placa de metal com a seguinte inscripção:

"Homenagem prestada ao general Bento Gonçalves da Silva, chefe da revolução rio-grandense, nascido nesta casa a 23 de setembro de 1788."

D. Feliciano José Rodriges Prates

É um formoso typo de sacerdote. Nasceu na freguezia de N. S. da Aldeia dos Anjos, em 17 de julho de 1781.

Seu pae, João Nepomuceno de Carvalho, era um lavrador muito considerado na povoação pela severidade de costumes. Ahi, seu filho aprendera as primeiras lettras, seguindo annos depois para o Rio de Janeiro, onde completou os estudos no Seminario de N. Senhora da Lapa, revelando, desde logo, a par de lucida intelligencia, os grandes dotes do coração.

Concluidos os estudos, voltou ao Rio Grande, vindo servir como capellão no exercito.

Nessa posição conquistou a affeição de todos que se approximavam delle. Parece que attrahia os outros pelo trato delicado, pela excessiva modestia e pelo encanto de sua palavra meiga e carinhosa.

Durante muitos annos tomou parte nas guerras que tivemos de sustentar com os hespanhoes do rio da Prata.

Uma vez, na batalha de Catalã, sendo atacado pelos inimigos o nosso hospital de sangue, o venerando sacerdote, á frente dos enfermeiros, oppôz tenaz resistencia á brutal aggressão.

Mais tarde, já velho e adoentado, retirou-se á vida privada, indo cuidar de um pequeno sitio que possuia no municipio da Encruzilhada.

Nesse recanto, a fazer o Bem aos pobres que não o deixavam, veio surprehendel-o a sua escolha para primeiro bispo de sua terra natal.

Quando abandonou o cantinho em que vivera tantos annos, para vir assumir tão elevada posição, foi um dia de luto na povoação. Por essa occasião deram-se as scenas mais tristes e commoventes. Não o queriam deixar partir.

Seguindo para o Rio de Janeiro, foi elle sagrado bispo, no Mosteiro de S. Bento, a 29 de maio de 1853.

Voltando á terra natal, assumiu a 3 de julho do mesmo anno, tão espinhoso e delicado encargo.

Pouco depois fundou o Seminario S. Feliciano, donde sahiu uma pleiade brilhante de sacerdotes, como o conego Gonçalves Vianna, Luiz Pinto de Azevedo, Luiz Gonçalves de Brito e tantos outros.

Mais tarde, em 1858, teve saudades da sua antiga parochia da Encruzilhada e partiu para lá. Queria ver aquelles sitios que lhe eram tão caros, aquellas risonhas paizagens que lhe falavam tanto ao coração.

Apenas lá chegou adoeceu gravemente, sendo obrigado a voltar pouco depois.

E seus incommodos aggravavam-se dia para dia, espalhando a afflicção entre os amigos que cercavam o seu leito, cheios da mais carinhosa solicitude.

Na madrugada do dia 27 de maio de 1850, fechou os olhos para sempre, com a consciencia de só haver praticado o Bem.

Barão de Santo Angelo

Manoel de Araujo Porto Alegre nasceu na cidade de Rio Pardo, a 29 de novembro de 1806 e falleceu a 29 de dezembro de 1879, em Lisbôa.

Como era pobre, dedicou-se ao officio de ourives, onde revelou, desde logo, delicado gosto artistico. Apezar, porém, de procurar no trabalho os meios de subsistencia, com aquella observação brilhante de que o — tempo é oiro — entregava-se ao estudo com a paixão dos espiritos superiores.

Tinha uma extraordinaria inclinação pelas sciencias naturaes, admirando com intimo prazer um mollusco, um quartzo ou um pedaço de madeira petrificado que lhe cahiam ás mãos.

A sua paixão ia ao ponto de haver organisado um pequeno gabinete de historia natural com specimens obtidos, pelo seu esforço proprio em plena natureza.

Galgava cerros, descia vales e entranhava-se pelos matos á cata de novos exemplares para as suas collecções de amador apaixonado.

E essas excursões eram feitas aos domingos ou dias feriados, quando a officina, em que trabalhava, mantinha as portas fechadas.

E apezar da sua inclinação pelas sciencias naturaes, consagrava-se ainda ao estudo de linguas e mathematicas para poder mais tarde se matricular numa escola superior.

Em 1826, deixou o berço natal, para frequentar a Escola Militar do Rio de Janeiro. Quando lá chegou, as aulas não funccionavam, era no periodo das ferias.

Como, porém, não queria estar ocioso, n'aquelle meio de tentações, matriculou-se na Academia de Bellas Artes, distinguindo-se, desde logo, pelo seu brilhante talento.

E taes foram os seus esforços que, na primeira exposição ali realisada, obteve premios de pintura e architectura, tornado-se, com o correr dos annos, uma gloria nacional.

Não contente com os triumphos ali conquistados, dedicou-se tambem á cultura das lettras, revelando o seu talento uma nova feição scintillante.

Em 1831, já com um nome feito, seguiu para a Europa em excursão artistica. Esteve na Italia, que era o seu sonho doirado, foi a Belgica, a Suissa, a Inglaterra e a Portugal, apezar da escassez de recursos, para se manter no estrangeiro.

Nesta situação de difficuldades, em que se via, o nosso governo concedeu-lhe uma subvenção, que não foi em pura perda.

Todo o tempo, que percorreu esses paizes, consagrou-se, de corpo e alma, ao estudo das bellas artes, deixando em toda a parte, vestigios do seu brilhante engenho e fundas sympathias.

Voltando á Patria em 1837, com a sagração do velho mundo, foram aproveitados, os seus grandes meritos, em diversas commissões honrosas. E, em todas

ellas, imprimiu o cunho do seu invejavel talento que se desdobrava, sempre radiante, em varias feições luminosas nos encantados dominios da Arte, como o genio de Leonardo da Vinci.

Era pintor, esculptor, architecto, poeta, prosador e orador de palavra facil e attrahente.

Serviu ainda no estrangeiro como nosso consul geral na Prussia e em Portugal.

Quando os imperantes do Brazil foram á Europa, em viagem de recreio, Araujo Porto Alegre estava então no exercicio desse cargo em Lisbôa.

No dia da chegada dos illustres viajantes, o que havia de mais selecto na cidade, acudiu ao cáes para recebel-os.

E todos procuravam com a ancia da curiosidade conhecer a imperatriz tão famosa já por suas virtudes, e não a distinguiam no meio d'aquella multidão em trajes apparatosos, de grande gala, quando ella estava ali despercebida no seu vestuario modesto.

Inquerido por um fidalgo impertinente, que a queria ver, Araujo Porto Alegre respondeu-lhe: E' essa que ahi vem; tem a magestada da singelesa.

E como este citam-se muitos outros ditos fugases, incisivos e faiscantes do nosso patricio não só nas palestras intimas e na tribuna, como orador do Instituto Historico, cargo que exerceu durante longos annos, e, só abandonou, quando partiu para a Europa no desempenho das funcções de consul.

Como homem de lettras deixou-nos varios trabalhos, sobresahindo entre elles *Colombo*, as *Brazilianas*, a *Estatua Amazonica*, vibrante protesto inspirado pelo amor da patria, contra os estrangeiros ingratos que vêm ao Brazil, e, quando se retiram, buscam deprimir a terra que os acolheu de braços abertos.

Apezar, porém, de admirar Araujo Porto Alegre, como poeta, noto, entretanto, uma grande falha nos seus versos.

Parecia que não tinha coração: extasiava-se apenas deante da natureza agreste da patria que lhe apparecia sempre á retina com todos os encantos que deslumbram e entontecem. O seu olhar vevia inteiramente embevecido na contemplação das paisagens risonhas

da terra nativa. A natureza virgem com todos os seus esplendores como que lhe esmagara o coração nas arcas do peito. Era antes um pinturista fiel e minucioso, apanhando a natureza em flagrante na occasião em que o machado do colono abatia largos trechos da floresta, e o incendio da queimada lavrava com estrepito e intensidade pela solidão, onde, outrora, os caboclos viviam felizes e descuidosos.

A sua alma só se inspirava deante das scenas selvagens da patria querida; fóra desse circuito a sua lyra emmudecia, não vibrava, era um instrumente sem cordas.

A's vezes, parece que Araujo Porto Alegre nunca amou, nunca sentiu bater o seu coração deante de uma mulher formosa de olhos peccadores.

A opulencia do seu genio atrofiou-lhe as fibras delicadas do sentimento, onde os grandes poetas buscaram sempre a fonte perenne da inspiração.

Mesmo sonhando, Araujo Porto Alegre era o estheta fino das tintas e dos marmores impassiveis, e via a Natureza através de uma esmeralda encantada — mais de pintor e architecto que de phantasista e poeta.

Antonio de Souza Netto

Foi Antonio de Souza Netto, então coronel, quem no memoravel dia 12 de setembro de 1836, proclamou, nos campos de *Seival,* "a independencia do Rio Grande do Sul e a decretação da republica."

Acabava de sair victorioso do encarniçado combate do *Seival,* onde, á frente de seus valentes companheiros de armas, desbaratára, dois dias antes, as forças legaes comandadas por João da Silva Tavares, e elle que, em acções precedentes, já havia adquirido invejavel fama de brioso e bravo soldado, com essa ruidosa victoria conquistava a supremacia militar no exercito e a supremacia politica entre os demais chefes republicanos, que agiam ao seu lado.

Era o braço forte de Bento Gonçalves, e, por sua vez, tinha em Joaquim Pedro Soares e Manoel Lucas de Oliveira os inspiradores dos seus actos na revolução.

Como se dá com Bento Gonçalves, está hoje provado, não foi a idéa de fazer a republica que arrastou Antonio Netto ás incerteza, aos perigos e á crueldade da guerra civil.

Fiel até á morte áquelle prestigioso chefe liberal, Netto o acompanhou no seu patriotico gesto de repulsa á administração deshonesta do então presidente da provincia, dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga — sem proposito feito de hostilizar á monarchia, como aliás deixou documentadamente provado.

E' assás conhecido o officio que elle dirigiu, de Bagé, ao presidente e vereadores da camara municipal de Pelotas, em 29 de dezembro de 1835, isto é, tres mezes e dias depois do movimento revolucionario chefiado por Bento Gonçalves.

Nesse officio, entre outras coisas, diz Antonio de Souza Netto:

"Eu (indentificado com os principios que animam todos os verdadeiros autores da gloriosa data de 20 de setembro) posso assegurar a V. S. que não é possivel levantar o collo a esse demerito partido republicano, que appareceu em Porto Alegre, com o intento de nos separar da sociedade brazileira."

Destas lettras resalta a não intenção de Antonio Netto, e, si o quizerem, dos demais chefes do movimento insurrecto, de bater-se em prol da independencia do Rio Grande do Sul e da proclamação da republica.

A verdade verdadeira é que então dominava na provincia uma politica anarchizada, mórmente nos meios officiaes e nos grupos de maior prestigio nos prélios eleitoraes.

O presidente dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, causador da insurreição, era pela propria assembléa denunciado ao governo imperial "por abuso de poder, prevaricação, dissipação dos dinheiros publicos, desordem geral que promoveu na provincia e pelo sangue brazileiro por sua ordem derramado ás margens do Arroio Grande."

De facto: tendo sido Porto Alegre occupada pelas forças revolucionarias de Bento Gonçalves, no dia 20 de setembro de 1835, aquelle presidente refugiou-se

acto continuo a borde do vapor *Rio Grandense,* e seguiu rumo da cidade do Rio Grande, onde, no dia 29 do mesmo mez, proclamou e installou o seu governo.

Ahi, ao que parece, congregou elementos e ordenou o combate do Arroio Grande, em que foram derrotadas as tropas republicanas dirigidas pelo capitão Manoel Antunes pelos legalistas commandados pelos futuros titulares João da Silva Tavares e Manoel Marques de Souza.

Entretanto, a anarchia, que reinava nas altas espheras governamentaes, continuava a provocar violentos commentarios á massa popular.

Estava a provincia sob duas administrações: uma, a de Antonio Rodrigues Fernandes Braga, com séde no Rio Grande, e outra em Porto Alegre, porque o vice-presidente dr. Marciano Pereira Ribeiro, em vista da retirada daquelle, assumiu as redeas do governo, no dia seguinte á occupação de Porto Alegre.

Por outro lado, a assembléa, alargando os limites da sua competencia e aggravando a situação, negou dar posse aos presidentes que o governo da corôa nomeava para a provincia convulsionada.

Junte-se a isso o intolerante espirito de "jacobinismo" que predominava entre os insurrectos e a desconfiança que infelizmente dominava entre individuos da mesma facção.

Escravo do dever, e ligado a Bento Gonçalves por estreitos laços de amizade e solidariedade na acção empreendida, Antonio de Souza Netto não se movia nem coisa alguma decedia sem conhecer o pensamento do chefe.

Todavia, o que não mais se discute é o facto de haver elle entrado na lucta sem designios de combater e demolir o throno.

Elle "mostrou-se, diz bem orientado chronista, contrario ao "demerito partido republicano" e, depois do Seival, reluctou um dia inteiro em acceitar a solução extrema da republica, allegando não saber a opinião de Bento Gonçalves, e só cedeu, por fim, a instancias de Joaquim Pedro Soares, que foi o seu mentor e o seu braço direito, assim como de Manoel Lucas e de Calengo, official de Oribe."

Todavia, proclamada a republica, em 12 de setembro, acclamada pela camara municipal de Jaguarão, no dia 20, e installada na villa de Piratiny em 6 de novembro de 1836, quando foi eleito seu presidente o intrépido Bento Gonçalves, Antonio de Souza Netto, já então general e chefe poderoso do exercito republicano, pôz peito em defendel-a a todo custo, e máo grado o desastre do dia 7 de janeiro de 1837, no combate do *Candiota,* em que foi derrotado por Bento Manoel, — no dia 12 do mesmo mez alcançava elle, na villa do Triumpho, uma brilhante victoria contra as forças imperiaes do coronel Gabriel Gomes — que ficou morto no campo da acção.

Cada vez mais affeito ás aventuras guerreiras, a sua temeraria bravura subiu de ponto na celebre jornada do Rio Pardo, em que, a 30 de abril de 1838, juntamente com David Canabarro, Bento Manoel e João Antonio da Silveira, destroçou os imperialistas ao mando do general Sebastião Barreto Pereira Pinto e brigadeiros Cunha e Calderon.

Soldado rustico, pertencendo áquella rara especie de homens que agem mais do que fallam e que têm por escopo na vida o "res non verba" dos fortes, o general Antonio de Souza Netto bem poderia dirigir aos seus soldados as palavras de Catilina ás suas legiões, nas vesperas de dar combate a Marco Antonio: "Sei perfeitamente, soldados, que palavras não communicam coragem, e que todas as arengas de um general ao seu exercito não conseguiriam fazer um bravo de um covarde nem converter em heróe um poltrão."

Tendo empenhado sua vida á defeza da republica, que elle, incontestavelmente fizera, embora forçado por injuncçõe amigas, o bravo riograndense, ao enfrentar o inimigo, diria aos seus valentes legionarios, como o patricio romano:

"Luctae com heroismo e não concintaes ao inimigo uma victoria que não seja afogada em sangue e em lagrimas."

Isso elle diria, certamente, si a sua alma de gaúcho-guerreiro lhe não inspirasse nos campos de batalha, como exhortação aos seus soldados, mais altas,

mais sublimes e mais eloquentes palavras que as que sabiam dizer ás suas hostes os generaes romanos.

David Canabarro

Na povoação de Taquary, nasceu a 22 de agosto de 1793 David José Martins, mais tarde conhecido por David Canabarro.

De nascimento obscuro, mas cheio de aspirações, dedicou-se ainda bem joven á carreira das armas, que, já n'aquelles tempos, era um campo aberto á fôr da mocidade rio-grandense.

Serviu como praça de 2.ª linha na campanha de 1811 a 1812, alcançando por esta occasião os galões de alferes por actos de audacia e de valor.

Mais tarde , no combate do Rincão das Gallinhas (24 de setembro de 1825) deu a mais admiravel prova da sua coragem.

Um distincto escriptor, tratando desta acção memoravel, diz que o nosso illustre patricio salvou o exercito brazileiro de desbarato completo com uma brilhante carga de cavallaria contra as forças inimigas victoriosas, dando tempo a que o nosso exercito fizesse uma retirada em boa ordem.

Por esse feito de temeridade conquistou elle o posto de tenente.

Na campanha de 1827 assignalou-se ainda David Canabarro por actos de bravura, sob as ordens do coronel Bento Gonçalves, que commandava a 2.ª brigada ligeira.

Depois da batalha de Ituzaingo deixou as fileiras do exercito e cansagrou-se inteiramente á vida do campo.

Quando rebentou a revolução no Rio Grande em 1835, David Canabarro conservou-se indifferente ao movimento politico, e teria se mantido n'esta situação si não fossem as violencias praticadas pelo governo da legalidade.

Em pouco tempo tornou-se elle um do chefes de mais prestigio da revolução pela sua capacidade militar.

Quando o barão de Caxias, presidente da provincia e general em chefe das forças legaes, ajustava com o illustre *farrapo* as condições de paz, deu-se entre ambos um episodio que não deve ficar esquecido. O general Caxias disse-lhe: "os republicanos não têm mais elementos para continuar a guerra."

"Está enganado, atalhou David Canabarro, ainda temos elementos proprios para sustental-a por muito tempo. Si quizessemos vencer a todo transe, poderemos fazel-o. Leia esta carta e se convencerá. Mas note, que não acceitamos o concurso estrangeiro, por que primeiro que tudo somos brazileiros e em caso algum admittimos o auxilio da *castelhanada.*"

A carta era do general Joáo Manoel de Rosas, dictador da Republica Argentina, offerecendo a Canabarro gente, dinheiro e cavallos para proseguir na lucta.

Desde esse momento o barão de Caxias formou o mais elevado conceito dos sentimentos patrioticos do chefe dos *farrapos.*

E, dessa epocha em deante, o valente guerrilheiro tomou parte activa em todas as guerras que tivemos de sustentar com os nossos visinhos, desempenhando sempre incumbencias arriscadas.

Para dar uma idéa exacta da intelligencia natural desse gaúcho, basta citar o seguinte caso que vem narrado na *Vida do Duque de Caxias:*

"Dispunham-se as operações contra Rosas. Um dia, estava o general dando suas instrucções a Canabarro na mais amigavel harmonia; ia-lhe desenvolvendo todo o seu plano e, ao mesmo passo que delineava as projectadas operações, ia não menos prevenindo quaes os movimentos e as surpresas que da parte contraria pudessem sobrevir, e o modo de evitar ou de aproveitar as diversas estrategicas.

Observava o general que Canabarro ria com frequencia e, admirando-se de semelhantes disposições em tão solemne conjunctura, suspendeu o seu discurso, perguntando-lhe por que ria, ao que lhe respondeu, litteralmente com estas palavras:

— Rio Ex.mo Sr., por que agora é que estou vendo a rasão por que eu nunca o pude apanhar a geito; é que

V. Ex.ª sabe todas quantas eu sei, e sabe outras coisas que estou aprendendo."

Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves

Foi um vulto politico de extraordinario prestigio em nossa terra, prestigio esse só comparavel ao que alcançou mais tarde Caspar Martins e, ultimamente, o dr. Julio de Castilhos.

A um gesto seu teria, não ha duvida, arrastado atraz de si o Rio Grande, tal era a influencia que exercera sobre o nosso povo.

Bacharelou-se em direito, em S. Paulo, tendo começado os seus estudos na universidade de Coimbra.

Pouco depois, abraçou a carreira da magistratura, sendo nomeado juiz de direito criminal de Porto Alegre, e mais tarde desembargador da Relação de Pernambuco.

Foi eleito diversas vezes deputado á assembléa provincial, e á camara temporaria, sendo, finalmente, escolhido senador em 19 de abril de 1853.

Foi encarregado de funcções diplomaticas em Montevidéo em 1838, e depois nomeado ministro plenipotenciario nos Estados Unidos.

Em 1841, presidira a provincia da Parahyba, onde pôz em evidencia a sua intolerancia partidaria.

Uma tarde passeiava, a cavallo, pelos arredores da Parahyba, quando foi victima de uma emboscada. Uma bala attingiu-lhe o braço. O caso fôra motivado pela sua intransigencia partidaria.

Na politica do paiz representou papel saliente, sendo agraciado com o titulo de barão de Quarahim, em attenção aos serviços que prestára.

Sentindo-se doente, seguiu para a Europa em busca de lenetivo aos seus males. Infelizmente nada conseguiu, vindo a fallecer, em Pisa, a 23 de junho de 1866, com 56 annos de edade.

Era natural da cidade do Rio Grande, onde nascera a 27 de abril de 1910.

Abraçou o partido conservador, conquistando pelas suas qualidades excepcionaes, o bastão de chefe.

Ao juizo inflexivel da Historia, sobre a figura de combatente indefesso, projecta-se uma sombra negra: foi elle, pelo seu genio violento, quem primeiro acirrou as paixões politicas no Rio Grande do Sul.

Barão de Theresopolis

A 18 de novembro de 1823, nasceu em Porto Alegre, o dr. Francisco Ferreira de Abreu.

Indo estudar no Rio de Janeiro, doutorou-se em medicina, em 20 de dezembro de 1845, deixando na Faculdade um nome acatado pelas irradiações de invejavel talento.

Em 1846 a 1849, cursou a Academia de Paris, onde foi discipulo de Orfila, Bouchardat, e preparador no laboratorio do Pelouse.

As fascinações da ruidosa cidade não o seduziam, não o afastavam dos seus estudos. E trabalhava sem descanço, na convivencia dos grandes mestres, para illustrar de dia a dia o seu espirito.

E tal foi o importante papel que ahi representou, que teve a gloria de ver o seu nome inscripto no *Tableau des savants étrangers*, sendo o primeiro brazileiro que mereceu semelhante distincção.

Não foi só isto: o governo francez, em attenção aos serviços prestados ás sciencias, conferiu-lhe a Cruz da Legião de Honra.

Representou mais tarde o Brazil em diversos congressos internacionaes de medicina e de hygiene, na Europa, sendo notaveis os estudos que apresentou no congresso de Genebra, em 1883.

Nessa occasião mereceu a honra de presidir o mesmo congresso, e de ver os seus discursos publicados, por extenso, nas actas das sessões.

Era medico de D. Pedro de Alcantara e professor de sciencias naturaes de suas filhas D. Isabel e D. Leopoldina.

Foi durante alguns annos director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo prestado a essa Istituição serviços que ainda hoje são rememorados.

Voltando á Europa, por motivo de doença, falleceu em Paris, a 14 de julho de 1885, sendo sepultado no cemiterio de Battignoles. Mais tarde foi dahi removido para o de S. Francisco de Paula, no Rio de Janeiro.

O governo do nosso paiz, como uma homenagem aos seus grandes serviços, o agraciou com o titulo de barão de Theresopolis.

General Francisco Pedro de Abreu

Foi, não ha duvida, o inimigo mais temido que tiveram os revolucionarios de 35.

Era um homem extraordinario, valente, animo irriquieto, astucioso e aventureiro.

Durante a revolução appareceram, de parte a parte, verdadeiros heróes, mas nenhum nas condições do Chico Pedro.

Elle sabia combater a seu modo, a seu geito. Fugia, desde que fosse possivel, dos encontros em campo raso, com horisontes dilatados; preferia os terrenos accidentados, com restingas, barrancas e outros aspectos naturaes, onde podesse preparar emboscadas para surprehender o inimigo.

Hoje estava aqui, amanhã, distante, bem distante, em rumo differente, como si o cavallo que montava tivesse azas para vencer, leguas e leguas, num periodo tão curto de tempo.

Preferiu sempre a escuridão da noite para atacar o inimigo. Quando suppunham que o Chico Pedro andava longe, em suas correrias, espalhando o terror por toda a parte, eil-o, á frente dos seus lanceiros, cahindo de surpresa sobre os contrarios.

No periodo da guerra civil de 35, foi o legalista que mais se pôz em destaque pela natureza dos seus serviços incomparaveis.

Quando atacava os contrarios era golpe certeiro: ou batia-os, no primeiro choque, ou os punha em fuga precipitada.

Em 14 de novembro de 1844, nos Porongos, surprehendeu e destroçou as forças de David Canabarro que era tão valoroso e intrepido como elle.

Pacaficado o Rio Grande, um anno depois, o governo concedeu-lhe o titulo de barão do Jacuhy e as honras de brigadeiro honorario.

Alguns annos depois os nossos patricios que viviam no Estado Oriental, eram victimas de violencias das autoridades uruguayas.

O general Chico Pedro dirige uma proclamação aos seus patricios, concitando-os a se unirem para a defeza commum.

Em pouco tempo, vê-se cercado de grande numero de compatriotas e invade a republica visinha.

Bate as forças do coronel Lamas, e, nas pontas do Taquarembó-Chico, a divisão do general Servando Gomes.

Por occasião da guerra do Paraguay, Chico Pedro lembra-se ainda das suas proesas de moço, e, á frente de uma forte columna, marcha para cumprir o seu dever de patriota.

A guerra com todas as suas vicissitudes, com todos os seus perigos, era o seu elemento. Parecia preferir a vida ingrata do acampamento, com todas as suas asperezas, ao doce conforto do lar, entre os carinhos dos seus.

Aos oitenta annos, ainda com certa robustez, deixa o mundo para sempre, tendo nos legado o typo mais bem acabado do guerrilheiro gaúcho.

Antonio Alves Pereira Coruja

A 31 de agosto de 1806 nasceu Antonio Alves Pereira Coruja, em Porto Alegre, que era então um pequeno povoado, ainda com ares de roça.

Oriundo de paes pobres, estudou as primeiras letras, na aula publica de Antonio d'Avila, cujo excesso de rigor vive até hoje na tradição do povo.

Como seus paes lutavam para obter os meios de subsistencia, o rapaz conseguiu ser sachristão da egreja de N. Senhora Madre de Deus.

Nesta obscura posição grangeou, desde logo, a estima do virtuoso padre Thomé de Souza, com quem mais tarde aprendeu o latim, para honrar o velho mestre, de quem se tornou amigo devotado.

Em poucos annos, consagrando-se ao estudo com o desespero de quem bem compreendia a difficil situação em que se via, conseguiu boa somma de conhecimentos, para o amparar na vida, já que entrára no mundo completamente desamparado.

Com esse preparo e á sombra protectora do padre Thomé, foi nomeado para reger uma escola publica, pondo-se, desde logo, em destaque pela sua inexcedivel solicitude e carinhoso amor ao ensino. E como tinha apêgo ao trabalho, ainda, á noite, que devia consagrar ao descanço, como quasi todos o fazem, leccionava particularmente.

Depois de alguns annos de magisterio e de contracção ao estudo, tornou-se um bom grammatico e notavel latinista.

E assim viveu muitos annos entre nós, inteiramente dedicado á vida do magisterio, até que se viu forçado a mudar de pouso, no periodo da revolução de 35, para evitar novas violencias, como já havia soffrido, quando o arrastaram á "Presiganga," navio legalista, onde eram recolhidos os exaltados pelos novos ideaes politicos que convulsionavam a provincia.

Por conselhos de amigos, pouco depois da "Reacção," seguiu para o Rio de Janeiro, e, ahi, fundou o "Collegio Minerva", que, em pouco tempo, se salientou pela competencia do illustre mestre.

Nas horas de lazeres, escreveu uma grammatica portugueza, uma outra latina e um compendio de Historia do Brazil, em cujas paginas os nossos gloriosos homens do passado beberam as luzes do saber.

Além desses trabalhos didacticos, publicou as "Antigualhas", valioso repositorio de informações sobre os vultos e factos do Rio Grande.

Apezar de viver naquelle meio ruidoso e cheio de mil encantos, nunca esqueceu a terra saudosa em que abrira os olhos.

Seu pensamento estava sempre voltado para ella, parecendo vel-a risonha, á larga distancia, encaixilhada entre verduras, como um presepio.

E acompanhava com o mais vivo interesse tudo quanto se passava no torrão nativo, como um chronista apaixonado.

A sua casa tornou-se então o consulado rio-gran-

dense. Elle acolhia todos carinhosamente como si fossem filhos queridos que voltassem ao ninho paterno, embora nunca os tivesse visto.

Bastava ter nascido no Rio Grande, para ir ao encontro delles e apertal-os ao seio, com a sinceridade de uma alma pura, incapaz de fingidas demonstrações de affecto.

E, tudo lhe sorria, então, ás mil maravilhas, quando um falso amigo, abusando de sua confiança e de sua boa fé, lhe levou todas as economias, ganhas com tantos sacrificios, buscando ainda em cima prejudical-o nos seus creditos de homem de bem.

Já alquebrado pelos annos, e, ainda mais, em extrema pobreza, tornou-se, depois de velho, um bohemio, vivendo nas "republicas" dos estudantes patricios, que o acolhiam sempre de braços abertos, por verem quanto a sorte havia sido injusta e cruel para com elle, e, ao mesmo tempo, lhe beberem as lições e os conselhos.

E, assim, arrastou os ultimos dias de uma existencia penosa, com a resignação de um santo, até que Deus, se apiedando do seu infortunio, o levou deste mundo, a 4 de agosto de 1889, para uma outra vida de eterna luz e infinitas graças.

Marquez de Tamandaré

Era filho legitimo de Francisco Marques Lisbôa e de d. Euphrasia Joaquina de Azevedo Lima.

Nasceu a 13 de dezembro de 1807, em S. José do Norte, que era, então, um deserto, de aspecto desolado, com uma ou outra palhoça solitaria, emergindo dos comoros de areia, sem uma arvore siquer, para quebrar, como uma nota risonha, a monotonia da paizagem mais entristecida ainda pelo continuo bramir do mar.

Foi nesse sitio aspero, agreste e pobre de todos os dons da natureza, que o grande heróe abriu os olhos á luz.

Nascido ali, entre as dunas movediças e as vagas do oceano, na convivencia de marujos e pescadores, ouvindo contar episodios tragicos desenrolados no seio

das ondas, sò a vida do mar lhe sorria com todos os seus encantos e desencantos.

Desde pequeno, empunhando o remo, com o arrojo de um velho lobo do mar, em sua fragil canôa, cruzava o canal para ir ao povoado fronteiro.

O mar, com todos os seus perigos, não o atemorisava; pelo contrario, parecia attrahil-o como uma tentação irresistivel.

Aos 13 annos, sentou praça de voluntario na marinha, indo servir na fragata "Nitheroy".

Desde logo revelou as suas aptidões para a vida do mar, que fôra sempre o seu sonho doirado.

A 7 de março de 1827, na guerra que sustentavamos com os argentinos, caiu prisioneiro ao Patagonia, conseguindo, todavia, dahi escapar por um rasgo de inconcebivel temeridade.

Dessa época em deante, começa a pôr-se em destaque o vulto homerico do ousado marinheiro, que durante mais de meio seculo encheu a historia de sua patria de feitos de valor e de coragem inexcediveis.

Em sua vida ha episodios tão impressionantes, tão commovedores, tão tragicos, que a memoria popular os retém ainda, com todas as suas minucias tocantes, como si houvessem sido desenrolados agora, deante dos nossos olhos.

Em 1848, deixava o porto de Liverpool, o vapor "D. Affonso", sob o commando do capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisbôa. Vinham como passageiros o principe Joinville, sua esposa d. Francisca, os duques de Aumale e o chefe de esquadra Greenfelld. Momentos depois de terem deixado o mar da Mancha, um espectaculo horroroso se apresentava deante dos olhos dos passageiros e tripulantes do vaso de guerra.

Um incendio medonho lavrava á bordo da galera ingleza "Ocean Monarch".

Sem medir a imminencia do perigo, Joaquim Marques Lisbôa manda dar toda a força á machina, e acode em soccorro do navio que ardia, conseguindo salvar cento e tanto infelizes que teriam perecido fatalmente, si não fosse a temeridade do bravo marujo.

A 6 de março 1850, o morro do Castello communicava que fóra da barra estava um navio em perigo.

Era a náo portugueza "Vasco da Gama", que corrida pos medonho temporal, ali se achava completamente desarvorada.

Marques Lisbôa, a bordo do vapor "D. Affonso", immediatamente transpõe a barra, voltando horas depois, trazendo a reboque o navio salvo de grande perigo.

Em 1851, por occasião da guerra contra o dictador Rosas, que opprimia a Republica Argentina, o bravo marinheiro, deu as mais bellas provas de sua coragem, na passagem do Tonelero, ponto de difficil accesso pelos accidentes da naturesa e suas valiosas obras d'arte.

Mais tarde, em 1864, no sitio do Salto em poder dos *blancos,* o marquez de Tamandaré, colheu novos louros para juntar ás suas glorias impereciveis.

Quando o Exercito, que pôz cêrco a Montevidéo, levantou acampamento, tomando o rumo do Paraguay, os doentes e feridos no ataque de Paysandú, foram transportados para *Buenos Ayres.*

Nessa occasião, o nosso almirante revelou o mais vivo interesse pelos nossos soldados, procurando suavisar a sorte delles.

Escolheu para alojal-os o "Hospital Italiano", que acabava de ser construido num bello sitio da cidade. E nesse imponente edificio, de aspecto encantador, nada faltava para tortar menos penoso, os soffrimentos dos nossos patricios.

E não era só isto — a miudo visitava as enfermarias, ouvia os doentes, e animava-os com tocante carinho paternal.

Nada, absolutamente nada, ahi, faltava para o conforto dos enfermos — era um hospital modelo, onde a sciencia andava de braço com o coração.

Em 1890, Marques Lisbôa foi reformado, tendo prestado ao paiz, durante sua longa existencia, serviços de tal natureza, que jámais poderão ser esquecidos.

Recolhido, então, á vida tranquilla do lar, consagrou-se á cultura das plantas com os desvelos de um apaixonado jardineiro.

E, entre a esses doces cuidados, o velho lobo do mar succumbiu a 21 de março de 1897, com o espirito sereno de um justo, deixando as suas flôres queridas que eram o enlevo dos seus ultimos dias de vida.

Dr. José Antonio do Valle Galdre e Fião

Era um philosopho despreoccupado dos interesses e ambições do mundo, um espirito superior, um grande coração.

Nasceu em Porto Alegre, a 24 de outubro de 1813 e falleceu a 20 de março de 1876.

Tomou parte activa na politica do Rio Grande.

Quando o partido liberal se dividiu em historicos e progressistas, elle acompanhou o Conde de Porto Alegre, chefe do partido progressista, de quem fôra sempre dedicado amigo.

Eleito deputado á assembléa provincial, deixou o seu nome ligado a todos os assumptos momentosos, que ali foram discutidos, durante o periodo legislativo em que preponderou o elemento progressista.

Em 1845, depois de haver concluido os estudos na Academia de Medicina do Rio de Janeiro, fundou o "Philantropo", jornal de propaganda abolicionista, de enorme destaque no seu tempo.

O apparecimento dessa folha, consagrado com paixão á causa dos captivos, causou abalo naquelle meio inteiramente infenso ás idéas liberaes.

Perseguido e ameaçado em sua vida, pelos que viviam á custa do suor do escravo, por insistencia de amigos, abandonou o Rio de Janeiro e veiu clinicar, aqui, onde, em pouco tempo, se tornou popular, pela competencia e sentimentos humanitarios.

Tendo mudado de terra, não mudou de idéas, continuando a trabalhar sempre, com a mesma vehemencia, pela causa dos opprimidos.

Viveu sempre pobremente, quando podia ter todo o conforto, quado podia acabar os seus dias comendo em pratos de oiro...

Como medico de grande clinica, jámais exigiu retribuição dos seus serviços. Só os conscienciosos, espontaneamente, lhe recompensavam o trabalho.

Morava numa casa de modesta apparencia na travessa Paysandú, quando ainda não havia sido invadida por máus elementos, como foi mais tarde e permanece até agora.

Sua esposa, d. Maria Izabel, fizera de um pequeno sitio, que possuia em S. Leopoldo, a sua habitual vivenda, asylando ahi as creanças, libertas pela lei de 28 de setembro e abandonadas pelos senhores que exploravam as mães escravas.

Póde-se, pois, dizer que o dr. Caldre e Fião vivia no isolamento, entre as quatro paredes de sua habitação.

Não tinha horas marcadas para o repasto. Só vinha á casa quando a sua clinica o permittia. Tomava apenas uma refeição diaria, um jantar de pobre: uma posta de peixe, comprada na venda, com um pedaço de pão ou duas rodelas de salame, rebatidas por uma laranja chupada — na propria mesa em que escrevia os seus scintillantes artigos de propaganda.

Em 1866, quando o cholera-mobus invadiu a nossa cidade, ninguem o excedeu em abnegação, em desprendimento e em sentimentos de humanidade.

Aqui, ali, em toda a parte, o iam encontrar no seu posto de honra, praticando o seu bello evangelho, como S. Vicente de Paula, emquanto outros aterrorisados pela peste, esqueciam os seus deveres, deante do aspecto dantesco que apresentava a cidade desolada.

A' noite, na embocadura das ruas e praças, enormes fogueiras, alimentadas pelo alcatrão, davam ao povoado uma apparencia sinistra, como si um medonho incendio lavrasse, ao mesmo tempo, em diversos pontos. E ainda para mais vivamente impressionar o espirito já abatido da população, ouvia-se, de quando em quando, o ranger da grilheta dos encarcerados que cruzavam as ruas, conduzindo em padiolas as victimas da peste. E esse som aspero e penetrante, quebrando o silencio das horas mortas da noite, resoava tristemente como dobres de finados.

E, á luz apavorante das labaredas das fogueiras, que ardiam nas ruas, desertas e silenciosas, via-se passar, appressado, ao lado de um ou outro, o dr. Caldre e Fião para ir soccorrer os atacados da epidemia, sobre cujas cabeças elle espalmava as azas do seu carinho e da sua caridade infinita.

Como homem de letras occupa um logar saliente na geração do passado.

Publicou o "Corsario" e a "Divina Pastora," dous

romances de feição rio-grandense, além de grande numero de poesias.

Apezar da névoa dos annos branquear a sua cabeça, era um espirito sadio, forte, potente, no pleno vigor da juventude.

A' proporção que o corpo velhecia, uma alma parecia rejuvenescer dia a dia.

As desillusões, as injustiças de uns, os odios de outros, e as invejas de muitos, jamais abateram a rigidez do seu temperamento de ferro.

O seu bem estar e o de sua querida esposa sacrificou-os pela sua inexcedivel dedicação pelos infelizes — para quem sempre apparecia como o anjo do Bem.

Barão do Triumpho

José Joaquim de Andrade Neves nasceu a 22 de janeiro de 1807, na cidade de Rio Pardo, que foi outr'ora um ninho de aguias.

Era filho do major reformado José Joaquim de Figueiredo Neves.

Com 19 annos de idade, Andrade Neves sentou praça no 5º regimento de cavallaria, abandonando pouco depois a carreira das armas para auxiliar seu velho pae nos meios de subsistencia da familia.

Em 1835, quando rebentou a guerra civil no Rio Grande, Andrade Neves deixando a rabiça do arado, alistou-se, voluntariamente, nas fileiras da legalidade.

Durante este glorioso decennio, tomou parte activa em um grande numero de combates, tendo se distinguido no ataque da ilha do Fanfa, onde o coronel Bento Gonçalves, chefe do movimento revolucionario, caiu prisioneiro.

No combate de Taquary, Andrade Neves, recebeu dois ferimentos de bala, conservando-se no seu posto, até á terminação da luta.

E sempre com a lança em punho, á frente dos seus esquadrões, serviu a causa da legalidade, com inexcedivel bravura, até á paz de Ponche Verde.

Concluida a revolução de sua terra natal, pôz a lança gloriosa a um canto de sua modesta vivenda, e voltou de novo a lavrar a terra para tirar della o pão de cada dia.

Em 1851, quando o Brazil levou a guerra ao dictador Rosas, tyranno de Buenos Ayres, Andrade Neves, reune um corpo de voluntarios e marcha para o campo da luta.

Na memoravel batalha do Moron, conquista novos louros o guerrilheiro gaúcho, já affeito aos embates das armas.

Na memoravel batalha de Moron, conquista novos louros o guerrilheiro gaúcho, já affeito aos embates das armas.

Em 1864, quando invadimos a Republica do Uruguay, para defender a vida e os interesses dos nossos patricios, ia á frente da 3ª brigada de cavallaria o general Andrade Neves.

Por occasião do sitio de Montevidéo, foi elle designado para atacar a fortaleza do Cerro, numa bella posição de defeza.

A 3ª brigada avança, com a impetuosidade de um temporal desfeito, e a guarnição iça a bandeira branca nas ameias da muralha.

Terminada a campanha com a Republica do Uruguay, pelo tratado de 20 de fevereiro de 1865, o nosso exercito marcha em caminho do Paraguay.

E' ahi nesse novo scenario, cheio de accidentes naturaes e de mil sorprezas, que o general Andrade Neves se pôe em fòco, pela intrepidez, pela coragem e pela temeridade inexcediveis.

As suas medonhas cargas de cavallaria, que faziam estremecer o sólo por onde passavam, como se ali se sentisse um phenomeno scismico, traziam á lembrança as hostes que voavam, em outras épocas, levando á frente o legendario barão do Cerro Largo, cujo arrojo parece haver herdado o general Andrade Neves.

Um e outro foram educados na mesma escola, onde só se ensinava o desapego da vida pelo amor da patria, onde só se ensinava a enfrentar a morte com o desassombro dos antigos espartanos.

Desde que penetrou no territorio do Paraguay, em meados de 1867, o general Andrade Neves vae, de victoria em victoria, conquistando a immortalidade pelas suas façanhas de heroismo.

Investe contra as trincheiras e toma-as á viva força, busca o inimigo em campo raso e desbarata-o com-

pletamente; persegue-o nos banhados e desfiladeiros, transpõe profundos fossos, como si não tivesse obstaculos deante de si.

As suas proezas de valor, os seus rasgos de temeridade parecem antes uma lenda creada pela imaginação ardente do povo do que factos da vida real.

Nunca um titulo nobiliario foi talhado com mais propriedade do que o general Andrade Neves, o barão do Triumpho.

O paiz, conferindo-lhe esta distincção, quiz ao mesmo tempo glorificar o grande heróe que, em torno do seu nome, já formára uma legenda de valor e de incrivel audacia, num largo cyclo luminoso, de triumpho em triumpho.

Na sua longa existencia jamais experimentou um revez, jamais virou o rosto ao inimigo.

Quando Andrade Neves apparecia á frente de seus regimentos, ao ruidoso tropel dos ginetes, entre a mataria das lanças que faiscavam ao sol, sob a rubra palpitação das bandeirolas, — ninguem seria capaz de o deter na vertiginosa carreira em busca do inimigo, como si o terreno que pizasse não tivesse accidentes para vencer. Ia varrendo tudo por diante, como se fosse levado nas azas do pampeiro.

Infelizmente o grande heróe não teve a ventura de ver a conclusão da guerra, para a qual havia concorrido com o seu sangue e o fulgor da sua espada invencivel.

Ferido gravemente no Potrero Marmoré, quando atacava uma trincheira, foi levado para Assumpção e recolhido ao velho palacio de Lopez, onde expirou a 6 de janeiro de 1869.

Nos delirios da febre que o devorava, sob aquelle clima de fogo, o bravo general, como si naquelle tragico momento o animasse uma alma espartana, julgava-se, ainda, á frente dos seus esquadrões, e atirando as cobertas, bradava:

"Camaradas!... mais uma carga!"...

Coronel Felippe Nery

Nasceu na cidade de Montevidéo a 3 de março de 1820, quando seu pae o brigadeiro Nery, ali se achava no desempenho de uma commissão do Brazil.

Fez os seus estudos ahi e empregou-se alguns annos na vida commercial, que deixou em 1839.

Vindo para o Rio Grande assentou praça no corpo que era commandado pelo coronel João Propicio Menna Barreto.

Cedo porém abandonou a carreira das armas, por questões de amor proprio offendido.

Dedicou-se então á politica e á vida da imprensa, onde se salientou pelo ardor e pureza das suas convicções liberaes.

Dos nossos homens politicos do passado é uma das figuras mais proeminentes e mais sympathicas.

Durante diversas legislaturas fez parte da Assembléa Provincial e mais tarde da Camara dos Deputados.

Quando o partido liberal em 1863 se dividiu em historicos e progressistas, acompanhou elle o conde de Porto Alegre, que era o chefe do progressismo rio-grandense. Apezar, porém, do immenso prestigio do glorioso soldado, nada se resolvia no partido sem que fosse ouvido o coronel Felippe Nery, espirito atilado e politico de largas vistas.

Era n'essa epocha o chefe que reunia qualidades mais apreciaveis. Além de notavel orador, manejava a penna como nenhum outro dos seus contemporaneos. Dos escriptores do passado deve ser considerado o talento mais ductil e brilhante. Seu estylo primava pela graça e pela vivacidade. Conhecedor profundo da litteratura hespanhola, de vez em quando intercalava aos seus artigos uma anecdota que calhava a proposito, e dava aos seus escriptos um relevo encantador.

Até hoje ninguem entre nós o excedeu na imprensa na maneira singela de dizer as cousas, e no subtil veneno em que molhava a penna de oiro, que era o terror dos seus adversarios.

No *Correio do Sul* estão archivados os seus scintillantes artigos de polemica partidaria, onde, a cada passo, se percebe, entre os rendilhados da forma, a fina ironia do escriptor incomparavel.

Por occasião da guerra do Paraguay, seguiu para lá como correspondente do *Jornal do Commercio,* do Rio de Janeiro.

Basta assignalar este facto para dar uma idéa exacta dos seus incontestados meritos de jornalista. Infelizmente, porém, não quiz a sorte que elle volvesse ao seu querido Rio Grande.

Falleceu em Assumpção, e foi sepultado junto do tumulo do valoroso Barão do Triumpho, que fôra sempre seu dedicado amigo.

Barão de Mauá

Irineu Evangelista de Souza nasceu a 28 de dezembro de 1813, na então freguezia do Arroio Grande, districto de Jaguarão.

Era filho legitimo de João Evangelista de Souza e de sua mulher D. Mariana de Souza e Silva.

Ainda bem creança seguiu par o Rio de Janeiro, afim de dedicar-se á vida commercial.

Em 1825 entrou para caixeiro da loja de fazendas de Antonio José Pereira de Almeida, conquistando desde logo as sympathias do patrão.

Apezar da sua tenra edade, tanta aptidão mostrou para o commercio, e por tal fórma se houve no desempenho de seus deveres, que, retirando-se Pereira de Almeida á vida privada, quatro annos depois, não se esqueceu de recommendar o seu joven caixeiro a um amigo que estava no caso de aproveitar os seus serviços.

Em 1829 entrou Irineo Evangelista de Souza para socio gerente da importante casa commercial de Ricardo Carruthers.

Em 1840 emprehendeu uma viagem á Europa, estabelecendo durante a sua estada ali uma casa em Manchester, sob a firma de Carruthers de Castro & Comp.

Voltando ao Rio de Janeiro em 1841, casou-se a 11 de abril desse mesmo anno com sua sobrinha D. Maria Joaquina de Souza, senhora de elevados dotes de coração.

Querendo concorrer por sua parte para o progresso commercial da sua terra natal, estabeleceu no anno

de 1845 uma casa na cidade do Rio Grande, sob a firma de Carruthers & Comp.

No anno seguinte, fez acquisição do estabelecimento de fundição e estaleiro da Ponta d'Arêa que se achava em completa decadencia, conseguindo em pouco tempo tornal-o prospero e florescente.

Foi na direcção deste importante estabelecimento que Irineu de Souza pôz em evidencia as suas grandes aptidões de industrialista e commerciante.

Em 1847, achando-se na cidade de Rio Grande, organisou ali a companhia *Rio Grandense* de reboques a vapor para facilitar o serviço da barra da provincia.

Em 1851 organisou o *Banco do Brazil*, que tão assignalados serviços prestou ao paiz.

Pouco tempo depois, por iniciativa do nosso illustre patricio, foram creadas: a companhia de illuminação a gaz, a da estrada de ferro de Petropolis, a de navegação e commercio do Amazonas e a de diques fluctuantes .

Em 30 de abril de 1854, por occasião da inauguração da primeira via ferrea no Brazil, levada a effeito pelo seu genio emprehendedor, foi agraciado com o titulo de Barão de Mauá.

Em julho de 1856, estabeleceu uma casa bancaria em Montevidéo, que muitos bons serviços prestou ao Commercio da Republico Oriental.

O Barão de Mauá deve ser considerado como o homem mais activo e emprehendedor de seu tempo.

Pertenceu sempre ao partido liberal que por diversas vezes o elegeu á Assembléa Geral. E, só abandonou a politica por occasião do famoso repto que lhe lançou o conselheiro Gaspar Martins, por haver o Barão de Mauá prestado apoio ao gabinete conservador.

Completamente retirado da politica e da labuta do commercio, falleceu em Petropolis a 21 de outubro de 1889 o illustre brazileiro, cuja longa existencia é um bello exemplo de coragem e de amor ao trabalho.

Hilario Ribeiro

No dia 1.° de janeiro de 1847 nasceu, nesta cidade, Hilario Ribeiro, filho legitimo do professor José Ribeiro de Andrade e Silva e de D. Emilia Gonçalves de

Mesquita Ribeiro, essa veneranda velhinha que ahi vive ainda a ensinar creanças, com os seus oitenta annos, dando a todos nós o mais bello e tocante exemplo do amor ao trabalho.

Hilario Ribeiro completou, aqui, o curso de preparatorios com o intuito de se formar em medecina no Rio de Janeiro. Infelizmente, por motivo de molestia, não conseguiu tornar n'uma realidade a nobre aspiração que afagava nos seus sonhos de moço.

Voltou do Rio de Janeiro doente e contrariado por não poder continuar os estudos, e dedicou-se então á vida do magisterio .

Durante algum tempo regeu uma aula publica localisada na Azenha, entre a antiga *Ponte de Pedra* e a embocadura do Campo da Redempção. A sua escola ficava num alto, rodeada de velhas laranjeiras, que ainda lá vicejam, dando áquelle sitio um aspecto risonho e pittoresco.

Foi ahi, n'essa vivenda remansosa, com ares de campo, por que o era realmente n'aquelle tempo, que elle escreveu os seus bellos cantos repassados de um doce perfume de saudade. Entre os poetas d'aquella geração de fortes, que a morte foi pouco a pouco ceifando sem piedade, Hilario Ribeiro era um dos mais distinctos, pela expontaneidade e doçura dos seus versos adoraveis.

Além da poesia cultivou com vantagem o genero dramatico, deixando-nos duas producções de incontestado merito — *Risos e Lagrimas* e *Aurelia.* A primeira foi representada n'esta cidade a 20 de setembro de 1870, e a outra pouco depois, e tanto um como outro drama, acolhidos pela nossa platéa, com as mais vivas demonstrações de apreço.

Mais tarde deixou a aula publica da *Azenha,* e foi nomeado professor de desenho da *Escola Normal,* onde demorou pouco tempo para se consagrar inteiramente a uma série de trabalhos didacticos, que lhe deram a mais invejavel nomeada.

Hilario Ribeiro era uma natureza privilegiada, uma verdadeira vocação artistica; manejava o *crayon* com a mesma facilidade com que dedilhava a lyra d'oiro e arrancava do piano os mais sentidos e deli-

cados acordes. O teclado debaixo dos seus dedos parecia um outro instrumento desconhecido.

Deixando a *Escola Normal*, escreveu a *Cartilha Nacional, Geographia do Rio Grande do Sul, Grammatica Portugueza,* e os 1.º, 2.º, 3.º, e 4.º *Livro de Leitura,* todas essas obras premiadas com o diploma de 1.ª classe na *Exposição Pedagogica* de 1883 e na *Exposição de objectos escolares* de 1887, ambas realisadas no Rio de Janeiro . Mais tarde na Exposição Universal de Paris de 1886 foi conferida uma medalha de prata aos seus importantes trabalhos didacticos.

Foi um dos fundadores do Parthenon Litterario, associação que prestou reaes serviços ás letras e á causa da redempção dos captivos. Na roda dos amigos era um encanto ouvil-o com a sua graça maliciosa e a fina ironia de um atheniense nos aureos tempos da Grecia. Na tribuna, porém, sentia-se contrafeito, completamente deslocado como se fosse um posto de sacrificio. Não parecia o mesmo homem das palestras intimas sublinhando as phrases, fazendo trocadilhos, contando anecdotas com uma naturalidade adoravel. A's vezes ao estrepito das boas risadas dos companheiros que o escutavam, levava instinctivamente a mão ao coração como se ali estivesse o seu mal.

Com o intuito de vulgarisar os seus livros, emprehendeu uma viagem aos Estados do norte em principios de 1886.

Não perdeu o tempo. Conseguiu tudo quanto desejava. Quando voltou trazia na sua bagagem importantes subsidios para o *Brasil Pittoresco,* trabalho de mais folego que seria illustrado com um grande numero de gravuras dos mais bellos sitios nacionaes, acompanhados de notas curiosas para tornal-o duplamente interessante.

Havendo fixado residencia no Rio de Janeiro, foi pouco depois nomeado professor do *Lyceu de Artes e Officios,* onde se tornou notavel pela competencia e dedicação ao trabalho. Quando teve de abandonar este posto de honra para ir ás provincias do Norte em propaganda dos seus livros didacticos, recebeu por essa occasião os mais significativos testemunhos de affecto e sympathia, não só dos seus alumnos como de todos os collegas.

Na excursão ás capitaes dos estados, que percorreu, fez diversas conferencias nas escolas normaes, expondo o seu methodo de ensino e tratando da instrucção publica como si para elle não houvesse mysterios n'este importante ramo administrativo. Em toda a parte por onde passou foi acolhido com a maior distincção.

Quando a morte o surprehendeu, em 1.º de outubro de 1886, tinha em mãos um outro trabalho, que se recommendava pela sua originalidade — era um *Manuscripto Brazileiro,* com authographos dos nossos mais eminentes homens de letras.

E assim se finou, longe de terra natal quem tanto procurou honral-a, não só nos arduos deveres de mestre, como nas brilhantes pugnas das letras.

Affonso Marques

Nasceu nesta cidade, a 19 de setembro de 1847 e falleceu a 10 de agosto de 1872. Era filho legitimo de Jacome Luiz Marques e D. Maria Amelia Corrêa Marques, que falleceu recentemente com o peso dos seus 80 annos.

Bem creança, Affonso Marques viu-se privado dos carinhos paternos. Sua mãe, apezar de pobre, fez tudo quanto estava nas suas forças pela educação do seu unico e querido filho.

Depois de haver cursado com o mais notavel aproveitamento uma escola publica, matriculou-se no *Lyceu D. Affonso,* instituto official de ensino superior, que funccionava no mesmo predio outrora occupado pelo *Centro Telephonico* e onde hoje se ergue o bello edificio da "Bibliotheca Publica." Ahi Affonso Marques revelou, desde logo o brilhantismo e a pujança do seu privilegiado talento.

Concluido o curso no *Lyceu,* foi o nosso jovem patricio aprender philosophia e rhetorica com o grande mestre padre Santa Barbara, luzeiro da tribuna e do magisterio. E, por tal forma se affeiçoou ao illustre sacerdote que o procurava fóra das horas da lição, para ouvir, sobre todos os assumptos, a palavra acatada do venerando mestre.

Quem passasse á tarde ou á noite, pela modesta habitação do padre Santa Barbara, que era defronte do

Collegio Sevigné, encontraria quasi sempre ao redor da mesa redonda da sala, o discipulo e o mestre, um enfrente do outro em animada palestra.

Nessa epocha o padre mestre já rastejava os oitenta invernos, mas conservava, apesar da avançada edade, a lucidez perfeita do seu espirito esclarecido. Os annos passavam por cima de sua cabeça, respeitando-lhes os bellos traços physionomicos, o aprumo do corpo, a figura do athleta encarnada no typo solemne de um velho senador romano.

Affonso Marques tinha por elle uma especie de adoração, e, não sabemos si pela intima convivencia, adquirira o passo grave, os gestos fidalgos e o encanto da palavra do mestre querido.

A camaradagem entre ambos ia arrastando o joven discipulo á vida serena do sacerdocio. Durante algum tempo Affonso Marques só pensava em entrar para o Seminario afim de se ordenar. Era uma idéa que não o abandonava, e, ia de dia em dia, tomando corpo. Si não fosse a opposição, de alguns amigos, é bem possivel que elle houvesse realisado o seu intento. Os triumphos oratorios do velho mestre, parece que influiram poderosamente no seu animo e o seduziam como uma cega paixão; o pulpito apparecia nos seus sonhos de moço como si fôra o Capitolio.

A morte do illustre sacerdote veiu, porém, desvanecel-o d'este proposito.

Affonso Marques dedicou-se então á vida do magisterio com coragem, sem vacillações, com o ardor de um fanatico.

Em pouco tempo tornou-se um mestre de invejavel reputação, e tal era o conceito que se fazia dos seus meritos que, apesar de pertencer ao partido liberal, foi nomeado em 1870, em situação conservadora, lente de historia da *Escola Normal.* E nenhum outro podia ter sido escolhido para exercer esse cargo com mais direitos do que elle. Ao conhecimento perfeito da disciplina reunia vasto cabedal litterario, e, como sobre-doirando tudo isto — o encanto da palavra brilhante e opulenta.

Affonso Marques tinha a envergadura do orador. Era um bello typo meridional, alto, cheio de corpo, rosto insinuante, basta cabelleira anelada, grandes

olhos castanhos. Era um bonito homem, como o Mario de Artagão ou o Joaquim Nabuco, o nosso brilhante embaixador que falleceu em Washington, em 17 de janeiro de 1910.

Além das qualidades superiores de orador, Affonso Marques era um delicado poeta lyrico. Seus versos são repassados de um doce perfume de saudade e melancolia. Parece que o seu coração franco e sincero presentira a approximação da morte em plena florescencia dos annos.

Quando a noticia do seu passamento se espalhou pela cidade, não houve quem não sentisse a crueldade da sorte, que nos levara para sempre um dos nossos mais bellos talentos.

Pobre e de nascimento obscuro, tudo quanto chegou a ser, só devia ao seu bom coração, ao seu nobre esforço e ás faculdades superiores do seu brilhante espirito.

Morreu aos 25 annos de edade, sem levar para a outra vida a sombra de uma má acção, sem deixar um unico desaffecto. Era como vulgarmente se diz, em tom carinhoso, — uma perola, um coração de anjo.

Bibiano de Almeida

Na graciosa povoação de Belém, nasceu Bibiano Francisco de Almeida, a 19 de setembro de 1838. Ahi passaára descuidosa a sua infancia, na doce convivencia do saudoso padre Chagas, que era tido na conta de um bom grammatico e afamado latinista.

Quando o bispo D. Feliciano fundou o Seminario, na rua da Egreja, Bibiano de Almeida matriculou-se ahi com o firme proposito de tirar o curso de humanidades.

Foi nesse estabelecimento de ensino que se educaram distinctos sacerdotes, entre os quaes devemos citar o Dr. José Gonçalves Vianna, notavel orador sagrado e eminente professor; o padre Luiz Gonçalves de Brito, cujas excelsas virtudes ainda perduram indeleveis na consciencia do povo, e o vigario de S. Jeronymo Luiz Pinto de Azevedo, que viveu, no meio do seu rebanho, pobre, humilde, esquecido, sem ambições,

quando a Providencia o talhara com robusta envergadura para sustentar sobre os hombros as vestes dos principes da Egreja.

A carreira ecclesiastica não tinha seducções para Bibiano de Almeida, espirito irrequieto, mordaz, amando a sua liberdade acima de todas as cousas. A negra batina ser-lhe-ia mais pesada e esmagadora que uma armadura de ferro dos tempos medievaes.

Com o seu genio alacre, com o seu espirito satyrico e sua graça maliciosa, que se revelava a cada passo, elle podia ter sido tudo nesta vida — menos um bom sacerdote. E andou bem. A sua natureza não podia affazer-se á vida calma e mansa dos que se consagram de corpo e alma ao culto de Deus.

Saindo do Seminario, onde deixára vivissimas recordações do seu genio folgazão, e, onde ostentára em toda a florescencia os raros dotes de seu talento de eleição, Bibiano de Almeida dedicou-se inteiramente á profissão espinhosa do magisterio.

O innato pendor por essa carreira tão ingrata e tão penosa, tão cheia de injustiças e de serias responsabilidades, não o illudira entretanto. Esse era o seu meio, a atmosphera em que devia viver mais á vontade. Em pouco tempo tornára-se o mestre mais querido e popular da cidade.

Era accessivel aos seus alumnos, tratando-os de logo com o maior carinho, como si já os conhecesse ha muitos annos, como si todos fossem seus filhos.

Muitas vezes, para quebrar a monotonia na disciplina que ensinava, abriou uma parenthesis na lição, e, contava, com a graça que lhe era ingenita, um ou outro episodio interessante dos seus bons tempos de seminarista, quando o velho padre mestre Santa Barbara, do alto da sua cáthedra, envolto na sua larga capa de seda preta, imponente e grave, com a consciencia do seu justo valor, falava de Aristoteles e de Platão, com a serena majestade de Jupiter presidindo um conclave de deuses no Olympo.

E, qando em plena aula, rodeado dos seus alumnos, Bibiano de Almeida evocava essas queridas reminiscencias do passado, a voz tremia-lhe nos labios e as lagrimas marejavam-lhe os olhos exprimindo a ex-

traordinaria emoção que lhe ia nalma sensivel e delicada.

As agruras da vida, as injustiças do mundo arrastaram-n'o para a mordacidade do epigramma, para a ironia da satyra. Ninguem como elle sabia manejar o ridiculo, ninguem como elle sabia ferir o infeliz que lhe caisse nas unhas. Depennava-o, em plena rua, sem piedade.

Nicolau Tolentino, Bocage e Laurindo Rabello não o excediam na graça desenvolta, nem no veneno amargo da causticidade.

Si uma outra vez, Bibiano da Almeida perdia a compostura solemne do mestre para embeber a penna no fel da satyra licenciosa, era apenas para reagir contra os maus, que o perseguiam e buscavam escassear-lhe os meios de subsistencia.

Entretanto, Bibiano foi sempre bom, meigo e carinhoso como só sabem ser as almas delicadas. Si teve um ou outro desaffecto, — quem não os tem neste mundo, onde, parece, muitas vezes os bons trazem do berço um triste fado e os máus uma boa estrella?!...

No meio de todas as angustias que lhe iam nalma, no meio de todas as torturas que lhe dilaceravam o coração — no lar, na roda dos amigos e entre os seus discipulos — era de uma bondade infinita. Si algum dia foi máu na vida, foi só para si, para mais ninguem...

Duas vezes exerceu elle o cargo de professor publico, em Belém Velho e no 3.º districto da capital. Neste ultimo logar, não se manteve, por muito tempo, o abalisado mestre.

Um presidente liberal, homem intelligento, mas apaixonado em politica, dando ouvidos a mexiricos, resolveu demittil-o de mestre escola.

Imputavam ao pobre professor uns artigos ferinos e bem traçados que appareceram no orgão da opposição. Entretanto isto não passava de uma falsidade tecida por official do mesmo officio. Esses artigos eram da lavra de um preceptor particular, que apezar de sua predilecção pelo ensino das mathematicas, manejava a penna com fina graça e desembaraço.

Si Bibiano de Almeida fosse um nullo, um inepto ou um imbecil, ninguem seria capaz de attribuir-lhe a autoria dos artigos contra o presidente liberal. Como,

porém, tinha talento, como tinha real merito, e ainda mais, como tinha coragem — a opposição só podia partir delle que era conservador intransigente.

Si fossemos um Esopo ou um La Fontaine a moralidade do caso infelizmente seria esta: — A's vezes é uma grande desgraça a gente valer alguma cousa.

E emquanto o presidente liberal castigava injustamente o mestre escola de incontestados meritos, entravam pela porta larga da instrucção publica, em magotes, os *engraixates* e os batedores de caçarolas que iam levar em cassange a luz do Evangelho ás nossas pobres creanças do sertão.

Perseguido pela adversidade e já alquebrado pelos annos, quiz Bibiano mudar de terra para ver si mudava de sorte. Partiu para Pelotas, e, ahi abriu um collegio de sociedade como distincto philologo João Affonso.

Algum tempo depois fixou residencia na cidade do Rio Grande e começou a leccionar particularmente, com o desespero dos que luctam pela vida.

O caiporismo, porém, acompanhava-o, por toda a parte, como si fosse a sua sombra, como si fosse a unica recompensa dos seus grandes merecimentos.

E, nessa lucta sem treguas, a ensinar as creanças que sempre amou com intenso carinho, finou-se a 5 de maio de 1892, um dos mestres de mais competencia que temos tido.

Pobre nascera e assim morrera, elle que enriquecera a tantos com as gemmas inestimaveis do seu profundo saber e do seu grande coração.

E' bem possivel que na hora derradeira, nas suas ultimas agonias, o pobre mestre buscasse ainda reter no pensamento, como uma saudosa paizagem, que ia, pouco a pouco, esvaecendo entre as nevoas da morte — o risonho aspecto de Belém Velho, alcandorado no tôpo da montanha, com as suas casinhas brancas, alvejando ao longe, como um bando de gaivotas, de azas abertas, que tentassem rasgar o doce azulamento das alturas...

Damasceno Vieira

A 6 de maio de 1853, nasceu em Porto Alegre, numa modesta vivenda, á rua da Passagem, hoje General Salustiano, o distincto escriptor João Damasceno Vieira Fernandes. Eram seus paes José Vieira Fernandes e D. Belmira Vieira do Nascimento, ambos já fallecidos.

Bem creança, Damasceno Vieira matriculou-se na aula publica de Bibiano Francisco de Almeida, — homem de grande saber, e de uma mordacidade que explodia, ora na prosa, ora no verso, com uma graça encantadora, apezar do amargor do veneno.

Na doce convivencia com o illustre preceptor, desabrochou a branca flôr da intelligencia do menino que, mais tarde, havia de dar lustre ás letras de seu torrão natal. De Damasceno Vieira póde-se dizer, com inteira justiça: o discipulo honrava o mestre.

Concluido o curso primario com aproveitamento digno de nota, matriculou-se na *Escola Normal*, bella instituição que desappareceu, mas que é ainda lembrada com saudade por quantos se interessam pelo ensino popular.

Nesse Instututo, Damasceno Vieira deixou a mais honrosa tradição do amor ao trabalho e do brilhante talento, já então revelado em producções que appareciam na imprensa.

Não quiz, entretanto, seguir ó magisterio publico; preferiu a carreira do funccionalismo que se lhe apresentava mais risonha. Com certeza influiu no seu animo a vida penosa do velho mestre, cheio de tanto valor e completamente esquecido entre as quatro paredes da escola, como si fosse uma mediocridade, quando os incapazes viviam cercados de consideração e eram conduzidos em andores, á luz de fogos de bengala.

A 6 de julho 1874, Damasceno Vieira iniciou a carreira publica como praticante da extincta thesouraria da faze·da deste Estado. Possuidor de incontestado merecimento, em poucos annos obteve varios acessos, apesar do despeito dos nullos e invejosos.

Com o advento da Republica foi perseguido, como inimigo do novo regimen, e assim tantos outros que honravam o funccionalismo publico.

Justificando-se cabalmente das injustiças que lhe eram feitas, reconquistou o logar que havia perdido, indo então servir na alfandega de Santos, e, mais tarde, na da Bahia como chefe de secção.

Foi nessa elevada categoria que a morte o surprehendeu a 6 de março de 1910.

Com o seu desapparecimento perdeu o quadro dos empregados de fazenda um servidor digno por todos os titulos.

Damasceno Vieira foi um dos mais fecundos talentos do Rio Grande do Sul.

Como prosador e poeta deixa-nos um grande numero de livros que attestam brilhantemente o seu elevado valor de homem de letras. E com a mesma facilidade com que tornava harmonioso um trecho de prosa correcta e fluente, produzia um bello soneto. Conhecedor de todos os segredos da materia, os seus versos eram impeccaveis, como dão testemunho os da *Musa Moderna.*

Além de escriptor, Damasceno Vieira era orador. E falava com a mesma elegancia e correcção com que escrevia.

Bella figura, fronte espaçosa, coroada pela neve precoce dos annos, a sua palavra vibrante impressionava vivamente o auditorio que tinha deante de si. Podiam apanhal-o de surpresa á mesa de um banquete ou em uma sessão litteraria, elle guardava sempre a mesma envergadura de escriptor elegante.

O seu espolio literario consta das seguintes obras: *Ensaios timidos,* 1878; *Auroras do Sul,* 1879; *A Musa Moderna,* 1885; *Escrinios,* 1892; *Poemetos e Quadros,* 1895; *Historia de um amor,* 1876; *Noites de verão,* 1888; *Arnaldo,* 1886; *Analia,* 1899; *A voz de Tiradentes,* 1891; *Os gaúchos,* 1891; *Esboços literarios,* 1883; *Atravez do Rio da Prata,* 1890; *Adelina,* 1880; *A flor de manacá,* 1900; *A critica da Literatura,* 1907. *Brinde a Olimpio Lima,* 1897; *A Castro Alves,* 1890.

Pertencia a diversas sociedades; *Instituto Historico e Geographico Brazileiro, Nova Cruzada,* de que era cavalheiro de Honra, *Instituto Historico e Geographico da Bahia* e ao *Gremio Literario da mesma cidade.*

Foi socio effectivo do *Parthenon Literario* e um dos mais activos collaboradores de sua revista.

Na intimidade, Damasceno Vieira, era alegre, ex pansivo. Sabia contar casos e anecdotas com uma graça inexcedivel. Nos seus bellos tempos de moço fazia timbre em recitar ao piano, versos de sua lavra ou de algum poeta laureado.

Numa roda em que se achasse ninguem mais tinha o direito de falar. E ria, a vontade, como si estivesse em sua casa.

Entre elle e Garrett havia alguns pontos de contacto: gostava em extremo das mulheres e de andar vestido ao rigor da moda.

Quando enfiava uma fatiota nova ou collocava ao pescoço uma gravata vistosa, tornava-se faceiro, pisava mais forte, como se alguma creatura adoravel estivesse encantada de vêl-o, dando a nota da suprema elegancia.

Em qualquer logar em que estivesse residindo, encostava-se logo á redacção de um jornal. Esse era o seu meio, a sua roda preferida. Todo seu gosto, o seu maior prazer, era estar ahi trabalhando sem interesses pecuniarios. Contentava-se apenas em representar o jornal nos concertos, nos bailes, nos theatros, nos banquetes, em tudo, finalmente, onde a imprensa tem um logar em destaque, se sentia bem, com a sua sobrecasaca preta justa ao corpo, como uma luva, e a sua bella cabelleira branca cingindo-lhe o rosto illuminado de juvenil alacridade. E não voltava á modesta vivenda sem primeiro ir á typographia escrever as impressões que trouxera da festa.

Em um jornal, era, como se diz: — páo para toda obra. Com a mesma facilidade traçava, sobre a perna, a noticia de um desastre, e escrevia o artigo editorial, o conto, o folhetim, a critica theatral. Era um manadeiro inexhaurivel. E tudo quanto produzia, por mais insignificante que fosse, no dia seguinte, cortava do jornal para colar ao livro em branco destinado a todas as producções que lhe sahiam dos bicos da penna.

Não conheci outro escriptor que se désse a este trabalho paciente de abelha. E' o unico exemplar que encontrei durante os longos annos que mourejei pela imprensa. Do que escreveu não perdeu um só verso, um unico trecho de prosa. Tudo está archivado em grossos volumes recheiados de tiras impressas gruda-

das, em ordem chronologica, com o mais desvelado carinho.

Tinha uma memoria prodigiosa: sabia de cór os *Lusiadas* e *A morte de D. Juan.*

Damasceno Vieira, ás vezes, apparecia em folhetins e em versos de sabor frisante, sob o pseudonymo de Luciano de Aguiar. E, quando acabava de escrevel-os, numa invejavel calligraphia, rara entre os escriptores, lia, em voz alta, no meio do escriptorio, e, com ar comico, era o primeiro a bater palmas aos versos apimentados, ainda com a frescura virginal das rosas que abrem ao primeiro beijo da luz.

Uma das grandes virtudes de Damasceno Vieira era ó entranhado amor que consagrava ao Rio Grande. Em qualquer parte em que se achasse, o seu pensamento estava inteiramente voltado para o torrão nativo. Por mais longa que fosse a ausencia, por mais distante, que estivesse, tinha o Rio Grande gravado na retina com as suas risonhas cochilhas sem lindes, com as suas paizagens pittorescas, onde, ao longe, via sempre o vulto intrepido do gaúcho, á redea solta, ora vencendo a leve ondulação do terreno, ora desapparecendo na declividade para resurgir mais além...

A morte foi, pois, piedosa para com elle. Fulminou-o quando no silencio do gabinete, manejava a penna gloriosa que o immortilizára na prosa e no verso.

Si a morte não o surprehendesse no seu posto de honra, quanta angustia não lhe iria pela alma saudosa, lembrando-se que nunca mais veria a terra encantada dos seus sonhos...

Padre Luiz Pinto

Nasceu nesta cidade em 1841 e falleceu em S. Jeronymo em 1905.

E' uma das mais bellas figuras do clero brazileiro.

Estudou no antigo seminario fundado pelo saudoso bispo D. Feliciano, e foi um dos discipulos do peito do grande padre mestre Santa Barbara.

Logo que se ordenou foi nomeado vigario da villa de S. Jeronymo, e ahi se conservou até aos ultimos dias de vida. Sò estava bem no meio do seu rebanho, com

os seus habitos modestos, com a sua pobreza voluntaria.

Mais de uma vez o conselheiro Gaspar Martins insistiu com elle para acceitar o governo de uma diocese; todas as investidas neste sentido foram em pura perda.

Fôra para S. Jeronymo no verdor dos annos e ahi envelheceu, cercado da estima e do respeito de todos.

Não tinha outra aspiração que não fosse morrer alli, onde passára quasi a vida inteira, cuidando com desvellado carinho das suas ovelhas. O homem é como a arvore: apega-se ao solo, e só a morte, como o tufão, tem o poder de o eliminar do meio onde afundou as suas raizes.

Tudo para elle estava circumscripto ás raias da sua pobre freguezia. Os parcos recursos que ahi ganhava davam-lhe de sobra para a sua modesta subsistencia. E desse pouco que recebia, ainda repartia com os mais necessitados do logar.

N'uma epoca de egoismo; em que cada um procura viver só para si, indifferente ás desgraças dos outros, cumpre realmente pôr em evidencia as almas bôas que passam pelo mundo dando os mais bellos exemplos de abnegação e desprendimento.

Podia ter morrido com todas as honras de um principe da Egreja, podia ter accumulado uma fortuna durante os quarenta annos do curato; entretanto, desceu ao tumulo humilde e pobre como para ali fôra.

A sua vida inteira bem póde servir de espelho a outros sacerdotes, que por ahi andam em verdadeiro antagonismo com as idéas de Jesus.

O padre Luiz Pinto, apezar da obscuridade em que viveu, n'aquelle recanto, ha de ser sempre lembrado pelas suas raras e grandes virtudes.

Não passou por ali como um meteóro. Com pouco mais de vinte annos foi nomeado vigario de S. Jeronymo e ali acabou os seus dias, sem ambições, entre os seus livros, procurando sempre fazer o Bem.

Tinha dotes de orador e, quando subia á tribuna, deixava no auditorio a mais doce impressão. E o que mais encantava nas suas praticas e sermões era a singeleza da phrase, que brotava espontanea do seu grande e generoso coração.

Marcilio Dias

A villa de S. José do Norte teve a gloria de haver sido o berço de dous heróes: — o visconde de Tamandaré e o marinheiro Marcilio Dias.

No dia 11 de junho de 1865, a esquadra brazileira ataca e derrota, em Riachuelo, a esquadra paraguaya, apezar de estar esta protegida por uma bateria de 32 canhões, escondida na barranca do rio.

Foi uma lucta tremenda, — o feito naval mais importante da America do Sul.

Nesse combate, que aturou muitas horas, sem um momento de descanço, deram-se episodios de valor que assombram o mundo.

Parnahyba é abordada por tres navios inimigos. A guarnição cumpre o seu dever: bate-se como um bando de leões e não se rende. Entre os heróes, que tombam mortalmente feridos no convez, sobresae Marcilio Dias que, atacado por quatro paraguayos, põe fóra de combate dous e cáe aos golpes dos dous restantes.

Seu corpo coberto de horriveis ferimentos foi, depois da lucta encarniçada, recolhido, piedosamente, exhalando o ultimo suspiro no dia seguinte.

O rio Paraná recebeu em seu seio o cadaver desse bravo, cujo nome a historia registra entre lauréis impereciveis.

O commandante da corveta, capitão-tenente Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, referindo-se em ordem do dia, ao imperial marinheiro Marcilio Dias, diz — a *praça mais distincta da Parnahyba.*

Não foi só na batalha de Riachuelo que esse heróe dera provas de valor; no sitio de Paysandú já elle havia se assignalado pela sua indomita coragem, indo hastear na torre da egreja a nossa bandeira.

Para honrar a sua memoria, mais de um navio da nossa marinha tem tomado o seu nome glorioso, e o Musêo Naval do Rio de Janeiro ostenta, com orgulho, o seu retrato, pintado por Decio Villares — uma das glorias da pintura nacional contemporanea.

General Salustiano Jeronymo dos Reis

Nasceu na provincia cisplatina, a 25 de janeiro de 1822, quando seu pai, o brigadeiro Salustiano Severino dos Reis, lá se achava em serviço do Brazil.

Sentou praça em 1.º de janeiro de 1837, tendo tomado parte em diversos encontros com as forças rebeldes, até á conclusão da lucta, que ensanguentou o Rio Grande durante dez annos.

Fez a campanha do Estado Oriental do Uruguay, em 1852, desempenhando as funcções de ajudante-general junto do commando da divisão do tenente-general Fernandes Pereira.

Em 1864, marchou de novo para o Estado Oriental, afim de servir sob o commando do general João Propicio Menna Barreto, que preparava elementos para derrubar o governo de Aguirre.

Assistiu ao ataque de Paysandú e á rendição de Montevidéo, a 20 de fevereiro de 1865.

Pouco depois, tomou rumo do Paraguay, fazendo a passagem do rio Paraná, e entrou em diversos combates, á frente do 2.º batalhão de infantaria.

No dia 20 de maio de 1866, fez a perigosa passagem do Estero Bellaco, e, assistiu, quatro dias depois, a batalha de Tuyuty, onde perdeu o cavallo que montava.

Nesta memoravel acção, viu cahir, a seu lado, seu filho Salustio, seu ajudante de ordens, apanhado por uma bala de artilharia, que o dividiu em dous pedaços.

Com o coração ralado de desgostos, deante desse transe doloroso, continuou no seu posto de honra, á frente da sua divisão.

D'ahi, por deante, foi uma série de combates até á conclusão da guerra, havendo elle tomado parte em quasi todos.

Durante os cinco annos de campanha, conservou-se lá, firme, sereno, cumprindo o seu dever, sem se afastar dos seus velhos camaradas.

Só voltou á terra natal, quando não havia mais inimigos a combater.

Para galardoar os seus bons serviços, o governo conferiu-lhe o titulo de barão de Camaquam.

João Capistrano de Miranda e Castro Filho

Pertencia a uma familia distincta cujos membros, quasi todos, acabaram os seus dias minados pela tuberculose. Elle foi attingido tambem pelo mesmo mal que ia ceifando os seus. Apenas viveu 30 annos, tendo passado os ultimos tempos sem poder trabalhar.

Ninguem imagina as torturas moraes que lhe iam n'alma desalentada, enfrentando esta triste situação.

Era empregado na secretaria do Governo, mas teve de deixar esse logar para ir exercer uma aula publica na roça.

Os bons ares de fóra, uma vida tranquilla, talvez operassem o milagre de prolongar-lhe os dias de existencia; assim pensava elle.

Havendo concurso, no Lyceu D. Affonso, para preenchimento de aulas publicas, João Capistrano obteve a cadeira da cidade da Cachoeira, seguindo pouco depois para lá. Tendo se aggravado os seus incommodos, voltou logo a Porto Alegre.

Collaborou activamente no *Guahyba,* hebdommadario fundado por Carlos Jansen e João Vespucio de Abreu e Silva. Nesse periodico escreviam Carlos von Koseritz, Felix da Cunha, Ignacio de Vasconcellos, Zeferino Vieira e outros.

Seus versos são repassados de uma tristeza indefinida. O poeta tinha o presentimento de que a sua vida seria curta. E' isto o que se percebe, de logo, em todos os seus carmes, de uma doce melancolia, que entristece.

Fernando Ferreira Gomes

Nasceu em Porto Alegre, a 30 de maio de 1830. Era filho de Vicente Ferreira Gomes e de D. Francisca Vellez Gomes.

Seu pae representou papel saliente na politica do Rio Grande pelo devotamento ás idéas adiantadas. Era um luctador apaixonado e temido.

Fundou e redigiu o *Constitucional Rio Grandense,* jornal que se celebrisou pelos ataques violentos aos adversarios politicos.

Por occasião da *Reacção,* em Porto Alegre, promovida pelo major Manoel Marques de Souza, exercia então Vicente Ferreira Gomes o cargo de chefe de policia, e foi immediatamente preso e recolhido á *Presiganga,* navio que ficava ao largo, destinado á prisão dos revolucionarios exaltados.

Ahi enfermou gravemente e foi removido para a Santa Casa, onde dias depois veiu a fallecer.

Fernando Gomes era exactamente uma creatura differente de seu pae. Entre um e outro havia um verdadeiro contraste. Calmo, tolerante e reflectido, Fernando Gomes sò excepcionalmente perdia a paciencia.

Sem recursos para viver, não podia abraçar outra profissão a não ser a de mestre. Era este o seu papel no mundo. Fóra disto estaria deslocado. Ninguem o excedia nem em competencia, nem no modo affectuoso com que tratava os seus discipulos. Era de uma bondade paternal para com todos que se lhe approximavam. Si era assim, sabia tambem ser energico quando não podia deixar de o ser.

Sem ter quem o encaminhasse na vida, logo depois de haver perdido seu pae, acceitou o convite de seu padrinho, que se achava no Rio de Janeiro, em condições de o ajudar nos seus estudos.

Infelizmente, trez annos depois de lá ter chegado, perdeu para sempre o generoso protector.

Essa morte inesperada trouxe, a Fernando Gomes as maiores provações, seguindo para Vassouras, em Minas-Geraes, onde foi leccionar num collegio, pondo em evidencia, desde logo, as suas aptidões para a carreira do magisterio.

E foi com estes predicados superiores que conseguiu, mais tarde, tornar aqui o seu instituto preferido por todos.

Pelas suas mãos passaram diversas gerações de homens de valor, que honraram, em toda a parte, o grande mestre. Foram seus discipulos o marechal Bibiano Costallat, Dr. Graciano Alves de Azambuja, Dr. Julio de Castilhos, Dr. Ernesto Alves, Dr. José Caetano Pinto, general Alipio Costallat e tantos outro, que se distinguiram nas lettras, nas armas e na politica.

E era um mestre que podia substituir, sem pre-

juiso para o ensino, em qualquer cadeira, o professor que faltava.

Já velho e cançado lembrou-se, um dia, de fechar o *Collegio Gomes:* que era a menina dos seus olhos. Apezar, porém, de ter acabado o seu collegio, continuava a leccionar no collegio dos outros com o mais vivo interesse.

Pouco tempo depois adoeceu, vindo a succumbir, entre atrozes soffrimentos, a 28 de dezembro de 1896.

O dr. Julio de Castilhos que presidia, então, o Rio Grande, querendo dar uma prova de veneração pelo seu velho mestre, determinou que as despezas do seu funeral fossem feitas por conta dos cofres do Estado.

Conselheiro Antonio Eleutherio Camargo

Tendo sentado praça, ainda muito joven, fez com brilhantismo os cursos da Escola Militar e da antiga Escola Central, diplomando-se em engenharia.

Quando voltou ao torrão natal era já tenente do corpo de engenheiros. Veiu encontrar a provincia numa quadra de notavel effervescencia politica e deixou-se por ella contaminar. Apaixonando-se em extremo pela lucta dos partidos, filiou-se ao grupo liberal e cortou sua carreira militar, pedindo demissão do serviço do exercito.

Em 1860, quando se agitou no Rio de Janeiro o lemma de reforma ou revolução, projectou-se aqui a fundação de um jornal que fosse orgam do partido liberal. Creou-se a *Reforma* e foi o dr. Camargo quem lhe escreveu o artigo inicial. Sempre indefectivelmente fiel á politica de Silveira Martins, o dr. Camargo trabalhou activamente na *Reforma,* durante mais de 20 annos.

Membro da Assembléa Provincial, o dr. Camargo tambem foi mais tarde, em diversas legislaturas, eleito e reeleito deputado geral. Sob o ministerio Dantas em 1884, foi chamado para o governo do imperio, como ministro da guerra. Era ainda deputado geral e seria em breve senador, quando foi proclamada a republica.

Dada a mudança das instituições, o conselheiro

Camargo, apartando-se dos antigos companheiros de luctas partidarias, retraiu-se de todo á vida privada, entregando-se exclusivamente a estudos de gabinete e a trabalhos de engenharia.

Depois de 20 e tantos annos de agitações, ora coberto das ephemeras glorias que a politica dá, ora tragando as rudes decepções em que ella é prodiga, o conselheiro Camargo, já com mais de 50 annos, chefe de numerosa familia e tendo tanto luctado, encontrava-se pobre, amargurado por muitas desillusões e pelo futuro da prole.

Atirou-se então resolutamente ao trabalho profissional, com a alentada energia de quem procurava resarcir em breves annos o longo tempo penosamente malbaratado nas estereis campanhas do partidarismo.

Em 1891, chamado para S. Paulo, ali lhe foi confiada a direcção de importante estabelecimento bancario, posto em que a morte o colheu.

Como todos os politicos, a calumnia mordeu-lhe muitas vezes a reputação e o caracter. Entretanto os que viveram na sua intimidade, e mesmo os que de mais longe o conheciam, sabem quão cheia de difficuldades de toda a ordem lhe foi sempre a vida, amquanto viveu para a politica. Chegado ao termo de um longo tirocinio partidario, estava pobre, pauperrimo, e teve de procurar no trabalho de todos os dias os meios com que prover a subsistencia material.

Ignacio de Vasconcellos Ferreira

Foi um dos nossos escriptores mais distinctos. Seu estylo é terso, aprimorado e elegante. Ainda agora nos encanta o dizer de sua phrase correcta e luminosa. Os trechos dos seus escriptos têm a cadencia do verso. Preoccupava-o muito a maneira de contar as cousas.

Não tolerava um periodo que não tivesse o cuidado da forma. Era um escriptor de raça apurada.

Quando em 1863, Luiz Cavalcanti fundou o *Jornal do Commercio*, convidou para redigir a nova folha o nosso illustre patricio. Ahi, nesse posto de honra, revelou-se, desde logo, um polemista de pulso, manejando a fina ironia com uma graça admiravel.

Mais tarde collaborou na *Reforma,* na sua phase mais brilhante, ao lado de Carlos von Koseritz, Florencio de Abreu, Corrêa de Oliveira e conselheiro Camargo.

Nos seus ultimos annos de vida manteve ahi uma secção diaria, combatendo o orgão republicano. As suas *Sobre respigas* dão uma idéa exacta do valor do laureado escriptor. Era uma secção procurada com avidez. Nada lhe faltava tambem para despertar o interesse por essa producção que se recommendava pela correcção da phrase impeccavel e a graça subtil, alada.

Pena é que esse trabalho de incontestado merito não esteja enfeixado num volume, para mais tarde poder o nosso patricio ser julgado com inteira justiça. Só assim se faria um juizo seguro do seu grande talento.

Com o titulo *Rimas* publicou uma collecção de versos primorosos, alguns lapidados no remanso de Viamão, a terra do seu nascimento.

Como poeta bem poucos conheço que possuam o seu invejavel merecimento.

Dr. Luiz Alves de Oliveira Bello

Nasceu em Porto Alegre a 21 de abril de 1817. Era filho do marechal de campo Wenceslau de Oliveira Bello e de D. Anna Flóra de Oliveira Bello.

Tendo estudado os preparatorios nesta cidade, seguiu em 1836 para S. Paulo afim de matricular-se na Academia de Direito.

Em 8 de novembro de 1841, bacharelou-se ahi, tendo-se salientado, durante o curso, pela sua intelligencia e amor ao estudo.

Nunca julgou ter de seguir a carreira da magistratura, mas havendo sua familia, com a revolução de 35, perdido a modesta fortuna que possuiu, acceitou o cargo de promotor publico da comarca de Itaborahy, na provincia de Rio de Janeiro.

Pouco depois, exerceu o mesmo cargo n'esta cidade, tendo procedido de maneira a merecer os applausos de todos.

Em 1845, foi eleito, pelo partido conservador, deputado á Assembléa Provincial e á Camara Temporaria.

Em 1846, por decreto de 29 de agosto foi nomeado juiz de direito da 1.ª vara criminal de Porto Alegre. E nessa posição viveu, a contento de todos, até o anno de 1858, em que foi aposentado com as honras de desembargador.

No mez de outubro de 1851, substituiu, na presidencia do Rio Grande, o marquez de Caxias, exercendo esse cargo até dezembro de 1852.

Nessa difficil posição, pôz, desde logo, em evidencia os grandes predicados de administrador honesto e justiceiro.

Mais tarde, em 1861, foi escolhido para presidir a provincia do Rio de Janeiro, e, ahi, se conservou, um anno e meio, servindo a todos com justiça e rectidão.

Com a queda dos conservadores em 1863, perdeu a posição que tinha no paiz, não conseguindo mais merecer os suffragios dos seus patricios, que o haviam eleito consecutivamente seis vezes á Assembléa Geral!

Desgostoso e desilludido com a politica, recolheu-se á terra natal, onde veiu a fallecer a 30 de dezembro de 1865, depois de haver prestado á Patria serviços valiosos.

Arthur Rocha

Era filho do velho actor dramatico José Rodrigues Rocha.

Nasceu na cidade do Rio Grande, a 1.º de janeiro de 1859 e falleceu ali a 26 de junho de 1888.

Era um talento ductil e brilhante.

Appareceu como poeta, dramaturgo, orador e jornalista.

Durante alguns annos redigiu o *Artista,* em cujas columnas deixou o mais bello attestado dos seus meritos como ardoroso polemista.

Era liberal exaltado e pelo seu ideal politico bateu-se sempre com extremada paixão.

A causa do abolicionismo encontrou nelle um combatente dedicado, que só depôz as armas, quando viu victoriosa a sua idéa.

Era um poeta de raça que se recommendava pela expontaneidade, pelo sentimento delicado e correcção da fórma.

Como dramaturgo deixou-nos dous volumes com as seguintes producções: — *O Filho Bastardo, O Anjo do Sacrificio, José, Os Filhos da Viuva, Deus e a Naturesa* e *A Filha da Escrava.*

Além destes trabalhos ficaram em manuscripto: *Luctar é Vencer,* drama, e as comedias *O Distrahido, Por causa de uma camelia* e *Não faças aos outros...*

Tinha o estylo terso e vibrante e a palavra fluente e arrebatadora.

Dr. Joaquim Jacintho de Mendonça

Na cidade de Pelotas, a 1.º de janeiro de 1891, falleceu o Dr. Joaquim Jacintho de Mendonça, um dos politicos mais notaveis do Rio Grande.

Era filho de João Jacintho de Mendonça e de D. Florinda Luiza da Silva Mendonça. Nasceu na cidade de Pelotas, a 20 de maio de 1828.

Fez os estudos preparatorios no Collegio Pedro II, no Rio de Janeiro, seguindo para S. Paulo, onde bacharelou-se em 1850.

Filiou-se ao partido conservador a que pertencia toda a sua familia.

No ministerio presidido pelo Visconde do Rio Branco, foi-lhe offerecida a pasta da marinha, que não acceitou por insistencia da dessidencia conservadora, chefiada por Paulino de Souza, Andrade Figueira e outros.

Magistrado, administrador, politico — de qualquer modo foi elle sempre de uma respeitabilidade enorme.

Quando exerceu o logar de promotor publico, a justiça não teve mais nobre representante; quando governou Sergipe e a sua terra natal, era o bem publico a sua unica preoccupação; na assembléa provincial e na camara temporaria, a sua palavra elegante apadrinhou sempre as causas justas e do interesse de todos.

Sem que excedesse as faculdades potentes de seu saudoso irmão João Jacintho, o dr. Joaquim Mendonça, entretanto, soube honrar na tribuna politica e judiciaria o nome do Rio Grande, illustrando o posto em que

tantas glorias conquistaram Gaspar Martins, Amaro da Silveira, Felix da Cunha e tantos outros.

Ao inaugurar-se a situação liberal de 1889, entendeu o governo do paiz, por iniciativa de Silveira Martins, testemunhar o seu apreço ao nobre adversario conferindo-lhe o titulo de conselho.

O desgosto irreparavel da perda de sua extremosa esposa, que era uma dignissima senhora, aggravou os antigos padecimentos do rio-grandense illustre, que no retrahimento a que de ultimo se votara, ainda assim passou sempre rodeado de solicitude daquelles que o sabiam prezar pelo muito que apreciavam as joias de seu caracter e as virtudes de seu coração.

Carlos Augusto Ferreira

Quando em 1865, uma columna paraguaya, sob o commando de Estigarribia invadiu o Rio Grande, D. Pedro de Alcantara deixou o Rio de Janeiro para vir se collocar á frente das forças que deviam repellir o inimigo.

Na sua passagem por esta capital, Carlos Ferreira, que era aprendiz de ourives, recitou-lhe uma bellissima poesia, ennaltecendo as suas virtudes.

D. Pedro de Alcantara interessou-se, desde logo, pelo joven poeta e fel-o seguir para S. Paulo afim de estudar os preparatorios para frequentar a Academia de Direito.

Chegando lá, Carlos Ferreira, em vez de consagrar-se ao estudo, entregou-se, de corpo e alma, á vida da imprensa, pondo logo em evidencia os seus grandes attributos de escriptor.

Foi trabalhar no *Correio Paulistano*, onde publicava esplendidas chronicas semanaes, bem acolhidas desde o seu apparecimento.

Mais tarde transferiu a sua residencia para Campinas, fundando, ahi, com Querino dos Santos, a *Gazeta de Campinas*.

Entre os poetes brazileiros mais distinctos, não póde deixar de ser considerado o nosso illustre patricio.

Escreveu os seguintes livros de versos: *Canticos juvenis, Rosas loucas, Alcyones, Redivivas;* — os dra-

mas *O Marido da louca* e *Grandes e Pequenos* — e, *Historias Cambiantes,* collecção de contos.

O notavel escriptor portuguez Fernandes Costa, occupando-se das obras do nosso patricio assim se exprime: — "Nos versos de Carlos Ferreira ha inspiração, ha verdade, ha sentimento; ha a expressão de crenças sinceras e boas na virtude, no amor, na honestidade, no Bem. Com estes predicados não póde deixar de haver poesia verdadeira, poesia de commoções sympathicas e de consolações santas".

Almirante Joaquim Francisco de Abreu

E' filho da cidade do Rio Grande. Ahi nasceu a 13 de março de 1836.

Sentou praça de aspirante a guarda-marinha, em 24 de fevereiro de 1851, e foi conseguindo todos os outros postos até o de almirante, em 20 de abril de 1893.

Nas campanhas do Uruguay e Paraguay, tomou parte nas seguintes acções: sitio de Paysandú e de Montevidéo, combate de Riachuelo, passagem de Mercedes e Cuevas, reconhecimento e combate ás baterias de Curupaity, passagem das baterias do Timbó, reconhecimento do Tebiquary e combate de Angostura.

A sua figura se pôz em fóco no combate de Riachuelo. Coube-lhe ahi difficil posto como commandante da *Belmonte.*

Um distincto escriptor occupando-se desse brilhante feito diz:

"Attravessou a *Belmonte* o arriscado passo e fêl-o com toda a galhardia, supportando ella só todo o fogo da esquadra inimiga, dos atiradores e das baterias de terra, que então se desmacararam.

Depois de aguentar ella só a furia do inimigo, a *Belmonte* vê-se presa de incendio, ateado por uma explosão. Pelos 37 rombos que tem nos costados, penetra a agua e apaga as chammas, mas dahi mesmo lhe vem maior perigo. As bombas e baldes não conseguem exgottal-a, o liquido elemento sóbe rapidamente, alaga dois pés acima da coberta, e a prôa mergulha...

Só então o intrepido Abreu, que, apesar de ferido, conserva-se no passadiço, trata de encalhal-a como unico recurso de salvação e immediatamente cuida de tapar-lhe os rombos para voltar ao combate.

No meio dessa lucta tremenda como o inimigo em frente, perto de si, com incendio e inundação a bordo, o valente marinheiro não esmorece, mostrou-se firme no seu posto, apezar do grave ferimento que lhe vae esgottando as forças.

Este episodio é uma das paginas mais radiosas da nossa historia guerreira.

Com o advento da Republica foi eleito representante do Rio Grande ao congresso nacional, mas resignou, logo, o seu mandato, porque sentiu-se mal n'aquelle meio, em que era preciso, muitas vezes, sacrificar-se a Justiça em nome das conveniencias partidarias.

Recolhido inteiramente á vida privada, a 13 de julho de 1895 fecha os olhos para sempre, na cidade em que nascera.

Francisco Antunes Ferreira da Luz

Talvez não tivesse ainda quinze annos, quando a fatalidade o feriu impiedosamente nos seus extremos de filho amoroso.

Seu pae, o dr. Antonio Antunes da Luz, era medico militar, e fôra mandado servir na guarnição do Estado de Matto Grosso.

Quasi ao chegar ao seu destino, o vapor "Marquez de Olinda", que o conduzia, foi aprisionado pelos paraguayos, sem que houvesse rompimento de relações entre os dous paizes.

A tripulação e os passageiros, entre elles o coronel Carneiro de Campos, que ia presidir aquelle Estado, foram encarcerados, succumbindo todos, sem excepção de um sò, á fome e aos máos tratos.

Esse tragico desenlace actuou de tal maneira sobre a formação do caracter do adolescente, que compungia vel-o, sempre recolhido na sua tristeza, como um vencido da vida.

Para esquecer as maguas, que o torturavam, en-

tregou-se, então, com desespero, ao estudo, como si fosse o unico balsamo capaz de amortecer as dôres que lhe iam n'alma.

Na roda dos amigos mostrava-se silencioso e pensativo: era uma nota destoante nas expansões alegres dos companheiros.

Revelou-se, pouco depois, poeta, e poeta de grande merecimento pela feição delicada de seu espirito e doçura dos cantos repassados de saudosa melancolia.

A sua lyra tinha os acórdes melodiosos da harpa de David, quando suspensa dos salgueiros que balouçavam á doce viração das noites calmas do deserto.

Na "Revista do Parthenon Litterario", appareceram suas primeiras producções, acolhidas desde logo com sinceros gabos.

Seguindo, mais tarde, para o Rio de Janeiro, matriculou-se na Escola de Medicina, onde fez brilhante figura, tendo publicado em 1876, quando ainda cursava o sexto anno, seu primeiro livro de versos, com o titulo de "Harmonias Ephemeras".

Concluidos os estudos academicos, dedicou-se de corpo e alma á profissão que abraçára, conseguindo, em pouco tempo, grangear a confiança da numerosa clientela, que o procurava pelo bom nome deixado na Faculdade.

A despeito, porém, dos pesados deveres que tinha a cumprir, nos momentos de lazeres, não esquecia a lyra inspirada, que tanto o consolára nos dias em que o seu coração chorava no desespero de uma dôr irreparavel.

Póde a critica de agora, distanciada do poeta quasi meio seculo, encontrar uma ou outra falha no seu modo de versejar; mas ninguem lhe negará a expontaneidade da inspiração e o sentimento delicado que se evolava como um perfume subtil de suas bellas estrophes.

Para mim, Antunes da Luz tinha um grande merito, tão raro nos poetas de hoje: era sincero — cantava o que sentia, sem envolver, num véo, por mais tenue que fosse, o encanto de sua sonóra lyra.

E si acaso, na actualidade tumultuaria, algum irreverente motejo visasse a sua maneira poetica, trabalhada nos moldes de antanho, tão lyrica e suave, tal

gesto significaria apenas a luta surda dos novos, em sua maioria, iconoclastas e máos — derrubando os velhos deuses, apollinios de então, para collocarem nos seus altares os idolos de barro de hoje.

Seria a "delenda mens" do genio poetico do antigo Parnaso!

General João Pereira Maciel Sobrinho

Viu á luz nesta cidade, a 6 de junho de 1847 e falleceu a 18 de maio de 1905.

Em 1864, aos 17 annos de edade, occupava a obscura posição de marcador de fardos e caixões da Alfandega.

No anno seguinte foi declarada a guerra entre o Brasil e Paraguay.

De toda parte surgem, como por encanto, os batalhões de patriotas. Desta cidade marchou para o theatro da guerra o corpo de policia com a designação de 33 de Voluntarios da Patria. Entre esses bravos, que iam em caminho da morte, partiu tambem o menino que era marcador da Alfandega. E por lá andou durante os cinco annos longos de campanha.

Quando voltou trazia ao punho da farda o galão de alferes e no rosto um enorme gilvaz, a mais honrosa condecoração dos heroes. Outros ganharam postos pela subserviencia, pela torpe adulação e outros meios menos dignos. Este — não; conquistára a sua insignia de official em lucta franca com o inimigo, peito a peito, ao alcance d'arma branca. Viu a morte deante de si, recebeu um profundo golpe na face, mas não voltou as costas ao inimigo. Aquella cicatriz que traz ao rosto e o desfigura — é o seu maior padrão de gloria, o attestado irrecusavel do seu valor de soldado.

Em melhores condições de fortuna, pensa desde logo em matricular-se na escola militar para conquistar uma posição mais digna de si.

Em poucos annos de aturado estudo, vê realisado o sonho doirado que afagava, nas horas silenciosas do acampamento, apenas quebradas pelo brado de alerta das sentinellas, quando o seu pensamento voltava-se

instinctivamente para a modesta casinha em que habitava sua querida mãe, carregada de annos, de cuidados e de saudades.

Formou-se em engenharia, melhorou de sorte, alcançou o que aspirava, mas não mudou nunca os seus habitos modestos, os seus modos simples de viver.

A sua vida é um bello exemplo de coragem e de força de vontade. Alcançou eminente posição na sociedade, pelo estudo, pelo trabalho, pelo valor e sobretudo pelas grandes qualidades de um caracter sem macula.

Um outro teria constrangimento em mencionar a obscuridade de onde veiu; elle, entretanto, dil-o, com orgulho do seu honrado e glorioso passado.

A elevada posição que alcançou vindo de esphera tão humilde, deve unicamente ao seu esforço, ao seu trabalho e a sua brilhante intelligencia.

A sua vida é um bello exemplo para os que nascem na obscuridade.

João Nunes da Silva Tavares

Na opulenta galeria dos homens de armas que illustram a Historia riograndense, João Nunes da Silva Tavares é um vulto de magnifico relevo. Filho legitimo do general João da Silva Tavares, visconde do Cerro Alegre, nasceu elle na pictoresca villa do Herval, em 24 de maio de 1818, sendo chamado ao serviço militar a 19 de setembro de 1835 — justamente na vespera de arrebentar a revolução dos *Farrapos,* chefiada por Bento Gonçalves.

Contava apenas 17 annos de edade, mas fervia-lhe nas veias o sangue bellicoso de seu bravo genitor. Envergava a farda, que tanto honrou, em pleno periodo revolucionario, e havendo o velho general seu pae se posto ao lado da legalidade, o filho o acompanhou, e tres dias depois recebia o baptismo do fogo, nas pontas do arroio Telho, com as forças revolucionarias de Gervazio Verdum. Em seguida, em marcha para Pelotas, e Arroio Grande, assistiu, nas proximidades de S. Lourenço, ao combate de 19 de outubro contra as forças do coronel Antonio Gonçalves da Silva. Havendo emigrado para o Estado Oriental, voltou em 1836, to-

mando logo parte no combate do Rosario, em que ficou prisioneiro o coronel Côrte Real, chefe das forças inimigas.

A despeito de seus verdes annos, a assistencia de Silva Tavares na revolução foi activissima, e reveladora de incorruptivel lealdade á causa imperial, que havia abraçado. Prova-o a sua attitude, quando foi ferido e feito prisioneiro no combate do Seival, resistindo aos insistentes convites dos chefes republicanos para militar com elles pela causa da revolução. Repelliu nobremente todas as propostas. Seu pae pelejava nas hostes imperiaes, — esse era, pois, o seu logar. Intimaram-n'o, então, á neutralidade; Silva Tavares resistiu ainda, "porque — dizia — importava isso no sacrificio de seus brios e de seus sentimentos." A' vista de sua pertinacia, foi resolvida a sua detenção, sendo, entretanto, posto em liberdade, graças á intervenção do chefe oriental Calengo.

Após um curto descanso na estancia de Taquary, onde se achava a sua familia, o joven Silva Tavares voltou ao serviço em companhia de seu pae. Atacado e sitiado este nas pontas do Arroio Grande pelas forças republicanas de David Canabarro, em numero superior ás suas, capitulou e ficou prisioneiro. Conseguindo, pouco depois, o velho Tavares fugir da prisão, organisou nova brigada, sendo então nomeado seu filho, o nosso perfilado, alferes-ajudante de campo.

Tomou parte activa nas operações de 1837, e nas do anno seguinte. Em 1840 entrou no combate contra o coronel Florentino Manteiga, e em 1841, como commandante da guerrilha, assistiu á derrota do major Felix Vieira, e em seguida, sob o commando do tenente-coronel Serafim Ignacio dos Anjos, á das forças do major Quero-Quero. Serviu mais tarde no exercito do general João Paulo, e em seguida nas forças do coronel Manoel dos Santos Moreira. Encarregado de tomar conta da cidade de Pelotas, ahi aguardou a chegada do então barão de Caxias, nomeado presidente da Provincia e commandante das armas.

Ao terminar o glorioso decennio de luctas, Silva Tavares foi promovido a major, tendo conquistado todos os postos subalternos por actos de bravura.

Estava então com 27 annos de edade, e dez de serviços militares na guerra.

Quando, em 1864, o Brazil rompeu violentamente com o Estado Oriental, o nosso bravo patricio offereceu seus serviços ao general João Propicio Menna Barreto e seguiu com o exercito deste, tomando parte no assalto e na tomada de Paysandú. No anno segunite, invadido o Brazil pelos Paraguayos, o já então coronel Silva Tavares, organizou um corpo de voluntarios e seguiu para Uruguayana. Depois da rendição dos paraguayos em Uruguayana, recebeu elle ordem de voltar para Bagé, em cuja fronteira exerceu o commando de uma brigada, encorporando-se, depois, ao 3.º corpo do exercito commandado pelo general Osorio, com o qual marchou para o Paraguay. Ahi o seu raio de acção se expandiu, e a sua promoção a coronel, fêl-a o Duque de Caxias, por actos de heroismo, em pleno campo de batalha. Silva Tavares assistiu aos reconhecimentos, á viva força, no Passo-Pucú, Espinillo e trincheira de Humaytá. Em 1868 entrou em Palmas com o exercito, tomou parte saliente no combate de 11 de dezembro e portou-se por forma tal que recebeu a medalha de merito militar. Em 21 do mesmo mez, combateu em Lomas-Valentinas, na linha Paquecery, empenhando-se com a sua brigada no cerco da Angostura, até á rendição do forte.

Em 1869 seguiu para a Assumpção, onde aguardou a chegada do Conde d'Eu, novo general em chefe. Proseguindo com successo sua tenaz acção guerreira em Peribebuy, em Campo Grande, na Picada de Caraguatahy, etc., pouco depois bateu em Itopitanguá as forças do coronel Caneto, e venceu em Loma-Uruquá as do coronel Chênes. No ultimo periodo da cruenta guerra, Silva Tavares era o homem de maior confiança do general Visconde de Pelotas, o qual lhe confiava sempre o commando da vanguarda das forças.

Foi numa dessas occasiões que Silva Tavares, traspondo o arroio Negla, ao chegar ás pontas guias, aprisionou o coronel Salinas, e por elle soube estar Lopes na margem esquerda do arroio Aquidaban. Das forças da vanguarda fazia parte o 9.º batalhão de infantaria, commandado pelo então major Floriano Peixoto. Aprisionado Salinas, Silva Tavares fêl-o conduzir á

presença do Visconde de Pelotas, e proseguiu rumo, a duas marchas, afim de impedir que Lopes ganhasse o caminho da Bolivia.

A 27 de fevereiro de 1870, foi alcançado pelo Visconde de Pelotas, e a 28 mandou o tenente-coronel Francisco Antonio Martins com os atiradores e o major Floriano Peixoto com uma ala do 9.º batalhão tomar a artilharia inimiga que, no passo Taquara, servia de vanguarda ás forças de Lopes. Ao amanhecer de 1.º de março, ahi chegou Silva Tavares, encontrando já o Visconde de Pelotas, que o mandou que atacasse immediatamente o passo de Aquidaban.

Após rapidas peripecias, Silva Tavares atacou o acampamento de Lopes. Este já fugia, perseguido pelo major Joaquim Nunes Garcia, mas, ferido, internou-se no matto. O Visconde de Pelotas foi encontrar Solano Lopes caido junto ao arroio. E assim morreu, como um bandido, o torvo tyranno que sonhara fundar um imperio.

Terminada a guerra, o governo imperial, que em actos deste jaez era prompto e de uma nobreza olympica, querendo premiar seus excelsos serviços á Patria, elevou, por decreto de 11 de maio de 1870, Silva Tavares ao posto de brigadeiro honorario e agraciou-o o titulo de Barão do Itaquy, já o tendo feito com o officialato do Cruzeiro. Em 1871, foi nomeado commandante superior da Guarda Nacional de Bagé, tendo tambem servido como commandante da guarnição e fronteira de 1874 a 1878. Em maio de 1886, a instantes pedidos do general Deodoro, então commandante das armas, voltou de novo ao commando, delle solicitando exoneração, que foi concedida em julho de 1889. Neste mesmo mez e anno declarou-se republicano e renunciou seu titulo de barão.

Proclamada a Republica, em 15 de novembro de 1889, foi Silva Tavares, no dia 16, empossado do commando da guarnição e fronteira de Bagé, cargo de que foi exonerado a 18 de janeiro de 1892.

Silva Tavares chefiou a revolução federalista de 1893, até conclusão da paz, assignada por elle e pelo general Innocencio Galvão, na cidade de Pelotas.

Falleceu este riograndense illustre, na cidade de Bagé, a 8 de janeiro de 1906.

*

Coincidencia notavel: — Foram o Visconde de Pelotas, Silva Tavares e Floriano Peixoto, os tres imperialistas que, nos ultimos dias da guerra, mais perseguiram Solano Lopes, o mais encarniçado inimigo do Imperio. Os tres assistiram á morte do tyranno nas margens do Aquidaban, entretanto o Visconde de Pelotas foi o primeiro governador republicano do Rio Grande do Sul, Silva Tavares o 1.º commandante da guarnição e fronteira de Bagé — "como garantia da ordem e consolidação do novo regimen," e o Marechal Floriano Peixoto — foi o consolidador da Republica.

José de Araujo Ribeiro

A 20 de julho de 1800, nasceu José de Araujo Ribeiro, na *Estancia Velha*, situada no districto da Barra, municipio de Porto Alegre.

Era filho legitimo do commendador José Antonio de Araujo Ribeiro, um portuguez á antiga, do feitio austero daquelles typos rectos dos tempos aureos do Condestavel.

Na Barra passou elle a sua infancia, vindo depois para esta cidade, "onde aprendeu tudo quanto aqui se podia ensinar naquelle tempo." Com esse superficial preparo, embarcou para Portugal e cursou a Universidade de Coimbra, doutorando-se em direito em 1823.

Por nomeação de 24 de Julho de 1826, contando apenas 26 annos de edade, iniciou a sua carreira diplomatica, na qualidade de secretario da legação brazileira em Napoles. A 18 de janeiro de 1828, passou a exercer o mesmo cargo em França e, a 20 de dezembro do mesmo anno, foi encarregado de negocios nos Estados Unidos da America do Norte, de onde passou, a 20 de dezembro de 1833, a enviado extraordinario do Brazil na Inglaterra, em cujo caracter já havia sido enviado a Portugal, em agosto desse mesmo anno, afim de comprimentar a rainha D. Maria II — recém restituida ao throno.

Nomeado, a 1.º de dezembro de 1837, enviado extraordinario em França, dahi seguiu em missão especial para a Inglaterra, só regressando á França, em 24 de dezembro de 1848, reassumindo o seu logar na legação de Paris.

Retirando-se da Europa em 1849, foi aposentado como ministro plenipotenciario, em 19 de janeiro de 1854.

E' vastissima e bella a folha de serviços deste egregio rio-grandense: representou o Rio Grande do Sul na Assembléa geral; foi presidente de Minas Geraes, de 4 de julho a 4 de novembro de 1833; do Rio Grande do Sul de 5 de fevereiro a 4 de julho de 1836 e de 20 de julho de 1836 a 4 de janeiro de 1837.

Da effervescencia politica de 1846, surgiu a idéa triumphante de augmentar a representação nacional, e o Rio Grande do Sul foi contemplado com mais um senador. Araujo Ribeiro, que então se achava na Europa, foi inscripto na lista triplice. Escolhido por carta imperial de 11 de agosto de 1848, o excelso rio grandense prestou juramento e tomou assento no senado a 29 de novembro de 1849.

A acção diplomatica e politica deste varão preclaro foi sempre conciliadora. Em Portugal, conseguiu estreitar as nossas relações com a corôa real, um tanto estremecidas devido aos successos anteriores e ulteriores á abdicação de D. Pedro I, em 1831. Em França foi o espirito esclarecido e calmo que serenou os animos agitados pela questão do Oyapoc. Na Inglaterra, em 1843, foi Araujo Ribeiro quem desviou o golpe suspenso sobre nossa cabeça, pelo violento *bill Aberdeen*, em 1845, aliás provocado pela tolerancia do nosso governo com respeito aos abusos do trafico africano. Ainda assim, só se tornou effectiva a prohibição do infame commercio em 1850, pela lei Euzebio de Queiroz.

A acção politica de Araujo Ribeiro, no Brazil, foi egualmente conciliadora. Nomeado presidente de Minas Geraes, em 1833, pouco antes de embarcar para a Inglaterra, elle, em quatro mezes apenas, apaziguou a revolta que explodiu em Ouro Preto, por questões mesquinhas de politicagem de campanario. Este mal, desgradamente sempre existiu no Brazil. Quando estalou a revolução rio-grandense de 1835, o Regente Feijó

lembrou-se immediatamente de Araujo Ribeiro para a obra da pacificação, e este foi duas vezes nomeado presidente da provincia sublevada contra o governo do Centro. Demittido a priemeira vez, os *legalistas* enviaram, ao Rio, o dr. Joaquim Vieira da Cunha, afim de solicitar a reintegração do presidente, e o pedido foi promptamente attendido. Quando se deu a segunda demissão, quizeram fazer o mesmo, mas Araujo Ribeiro não consentiu nisso.

Encerrando em 1854 o seu brilhante cyclo diplomatico, o illustre varão fixou residencia no Rio de Janeiro, e ahi empregou os seus lazeres de senador ao estudo das sciencias physicas e naturaes, porque Araujo Ribeiro, não obstante a sua extraordinaria cultura, foi, mesmo na velhice, um homem de estudos. Com o espirito preparado para os surtos conceptivos, profundo conhecedor dos seres e das cousas, com a intelligencia amadurecida e trabalhada pela leitura ininterrupta e pela analyse reflectida das correntes philosophicas do tempo, José de Araujo Ribeiro publicou, em 1875, a sua notavel obra *O fim da creação ou a Natureza interpretada pelo senso commum,* em que procura "demonstrar que a Terra é dotada de vida propria e se nutre como os entes organizados, crescendo constantemente." "Não é rigorosamente uma hypothese (diz elle) que vou offerecer eu a consideração do leitor; é, antes, uma serie de factos de que a terra se appropria, nos seus gyros, de substancias que existem fóra della e que como consequencia natural dessas apropriações ella deve ter um crescimento." Sylvio Romero, citado pelo Dr. Graciano de Azambuja, assim se exprime sobre o valor dessa obra: "E' um dos escriptos mais notaveis publicados neste paiz, em que o seu auctor revela uma grande tensão de espirito, e um elevado senso critico, declarando-se sectario do darwinismo, delucidando com vantagem muitos pontos obscuros da geologia brazileira e demonstrando sufficientemente o fim principal que se propôz — tudo isto com trabalho systematico, clareza na exposição e estylo simples e chão."

Até aqui o diplomata, o politico e o philosopho. Como homem, José de Araujo Ribeiro, foi o prototypo do patriota, do philantropo, do humanitario e caritativo. Quando foi da tremenda crise financeira que asso-

berbou o Brazil por occasião da guerra do Paraguay "elle contribuiu com todos os seus vencimentos de senador, em quantia superior a cincoenta contos de réis." "Libertou escravos alheios, fardou-os á sua custa, e mandou-os engrossar as fileiras do nosso exercito." Por occasião da inundação de Taquary, "mandou muitos contos de réis para soccorrer as victimas." No seu testamento, fez importantes legados ás Casas de Caridade de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, legando tambem aos pobre de Porto Alegre a sua magnifica baixella — "aquella mesma com que banqueteava nas capitaes extrangeiras os grandes, os titulares, os fidalgos, as côrtes e os ricos. Convertida em dinheiro, foi ella entregue ao bispo D. Sebastião Dias Laranjeira para encarregar-se da sua distribuição."

José de Araujo Ribeiro foi um austero e um bom, na absoluta extensão do sentido.

Cerrou os olhos para a vida este varão preclaro, em julho de 1879, contando 79 annos de edade. Pelas suas virtudes, merecimentos e serviços excepcionaes prestados ao paiz, foi agraciado como o titulo de Barão e mais tarde Visconde do Rio Grande.

Dr. Fernando Luiz Osorio

Era filho do brigadeiro Marquez do Herval. Nasceu na cidade de Bagé a 30 de maio de 1848.

Estudou os preparatorios em Pelotas, seguindo, pouco depois, para S. Paulo, onde se matriculou na Faculdade de Direito. Quando se declarou a guerra do Paraguay, Fernando Osorio, revelando, tão certo é a lei do atavismo, o sangue do glorioso soldado que lhe corria nas veias, quiz seguir, com outros academicos, como voluntario para o campo de lucta, porém seu pae, tão grande guerreiro como affectuosissimo chefe de familia, não consentiu em tal, e o ardoroso moço não teve remedio senão trocar o amor de Marte pelo de Minerva e continuar nos seus estudos.

Acompanhando o movimento academico de 1871, provocado pelo acto do Ministro do Imperio, que reformava o modo de serem feitos os exames na Faculdade, Fernando Osoroio, que então cursava o 4.º anno,

foi processado e condemnado á perda de dois annos de estudos. O moço academico, como altiva resposta, embarcou-se para a provincia de Pernambuco, e, em 1873, bacharelou-se em sciencias juridicas e sociaes, no Recife.

Chegado á sua provincia natal, iniciou uma vida activissima, de trabalhador indefesso, no jornalismo, 'na advogacia, na diffusão da cultura civica. Era o advogado dos pobres, e, amigo da instrucção, fundou em Pelotas a 1.ª aula nocturna para adultos, e, em Sant'Anna do Livramento, uma associação litteraria para conferencias populares, realisando elle a primeira sobre o thema "Amor da Patria."

Abolicionista extremado, Fernando Osorio assumiu o compromisso de — "nunca possuir escravos."

Em 1874, foi eleito á assembléa provincial, e em 1876 á camara temporaria. Tinha então 28 annos, e era de uma actividade rara. Em 1868, partidario do gabinete de 5 de janeiro, de que o general Osorio fazia parte, ao discutir o relatorio do Ministerio da Guerra, declarou-se adepto fervoroso do "serviço militar obrigatorio" — assumpto neste momento em fóco.

Tendo-se dado o rompimento do Marquez do Herval com Caspar Martins, o dr. Fernando Osorio, tomando a defesa de seu pae, affrontou o colosso da tribuna parlamentar. Seus discursos dessa epoca ficaram memoraveis, e foi conhecido em todo o paiz o seu notavel folheto: "O general Osorio defendido por seu filho."

Feita a scisão do partido liberal, o dr. Fernando Osorio foi o chefe da dessidencia, fundando, em 1881, a *Discussão,* orgam diario do partido opposicionista, que combateu a acção partidaria de Gaspar Martins.

Proclamada a Republica, foi um dos primeiros chefes politicos do Rio Grande do Sul, que telegraphou ao Marechal Deodoro da Fonseca, adherindo ao movimento, e taes serviços prestou que foi logo eleito presidente do club "União Republicana", de Pelotas.

Eleito á Constituinte do Estado, em 5 de maio de 1891, ahi apresentou um projecto de lei, auctorizando o Governo a mandar erigir um monumento consagrado á memoria dos heróes "Farroupilhas".

Em 1891 escreveu a lettra e a musica do "Hymno Republicano Riograndense".

A 25 de abril de 1894, o Marechal Floriano Peixoto, que havia sido amigo do general Osorio, o nomeou nosso ministro plenipotenciario em Buenos-Ayres, enviando-lhe, no mesmo dia, um emissario com estas palavres: "Seu pae foi soldado ,e quando era preciso sabia partir immediatamente. Seu filho deve imital-o." 5 mezes depois, em 15 de outubro de 1894, era nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Nos ultimos annos de sua fecunda e excelsa existencia, o illustre rio-grandense, pagando um tributo de amor filial, metteu hombros a escrever a "Historia do general Osorio", publicando o precioso 1.º volume, com mais de 700 paginas, que lhe abriu as portas do "Instituto Historico".

O Dr. Fernando Osorio foi surpreendido pela morte a 26 de novembro de 1896, tendo sido, na phrase de seus biographos, "poeta, jornalista, musico, historiador, politico, orador, diplomata e magistrado, e em todas estas especialidades brilhou, em todas imprimiu o cunho da sua intelligencia robusta e clara."

Visconde de S. Gabriel

No antigo povoado do Rio Pardo, nasceu, em 1769, o marechal do exercito João de Deus Menna Barreto, filho do coronel João de Deus Barreto Pereira Pinto.

Bem joven ainda, assentou praça no regimento de dragões ali estacionado, alcançando, em poucos annos, os postos de official subalterno.

Havendo tomado parte, com o seu regimento na campanha de 1801, e praticado actos de verdadeiro heroismo, foi promovido ao posto de sargento-mór.

Em 1811, o capitão-general D. Diogo de Souza teve ordem de invadir o Estado Oriental á frente de um poderoso exercito.

Antes, porém, de o fazer, determinou que uma columna fosse guarnecer o territorio das Missões, e incumbiu dessa delicada commissão o tenente- coronel João de Deus Menna Barreto, que era um official de sua inteira confiança.

Como continuassem as correrias e depredações na capitania do Rio Grande do Sul, por parte da gente da

peior especie, que acompanhava o caudilho D. José Gervasio Artigas, D. João VI entendeu que devia acabar para sempre com este estado de cousas.

Em 3 de outubro de 1816, o brigadeiro Menna Barreto, bateu, por completo, os hespanhóes no territorio das Missões. Foi um feito brilhante em que o illustre general revelou a sua bravura e alta capacidade estrategica.

Mas era preciso atacar, quanto antes, a divisão do caudilho Verdum que dominava em Quarahim, Ibirocahy, Inhanduy e Pai-Passo, João de Deus não se fez esperar: foi ao seu encontro, destroçando completamente as forças contrarias que eram muito mais numerosas.

Occupando-se desse combate um distincto escriptor, finalisa a sua narrativa, com as seguintes linhas: "Assim findou a batalha de Ibirocahy tão funesta para o inimigo, que alli purgou os crimes e horrores commettidos na invasão daquelle territorio por elle assolado."

Nessa memoravel acção o illustre general, que a commandava, conservou-se firme no seu posto, apesar de ferido.

O caudilho inimigo, deante daquelle medonho desbarato fugiu do campo de lucta, antes de concluido o combate. Só encontrou salvação nas patas do cavallo que montava.

A 4 de janeiro de 1817, Menna Barreto, já restabelecido do ferimento que recebeu em Ibirocahy, coubelhe papel saliente na batalha de Catalão. Ahi obrou prodigios de valor, investindo contra o inimigo, á frente da sua cavallaria, que ia levando a morte por toda a parte.

Em 1832, já com mais de 60 annos, e adoentado, solicitou sua reforma que lhe foi concedida, em 2 de outubro.

Em junho de 1836, de accordo com outros chefes locaes, tomou a iniciativa da Reacção em Porto Alegre.

Depois da Paz de Ponche Verde foi residir em Rio Pardo, onde contava com affeições que lhe eram muito caras.

Por carta imperial de 10 de janeiro de 1846, o governo o condecorou com o titulo de Visconde de S. Gabriel, com honras de grandeza.

A 27 de agosto de 1849, falleceu, em Rio Pardo, o marechal João de Deus Menna Barreto.

Um escriptor, daquella época, occupando-se da sua morte, traçou as seguintes linhas: — "Perdeu a Patria um benemerito servidor, e a provincia do Rio Grande do Sul, em particular, deverá chorar a perda do distincto soldado, cujos gloriosos feitos são para ella um padrão de glorias."

Antonio Manoel Correia da Camara

Nasceu na cidade de Rio Pardo e era filho de Patricio José Correia da Camara, primeiro Visconde de Pelotas, a quem o Rio Grande deve assignalados serviços nas luctas que teve de sustentar contra os hespanhóes do rio da Prata.

Ainda creança, seu filho seguiu para Lisbôa, onde fez seus estudos no Collegio dos Nobres, que então gosava de merecida fama, sendo companheiro de classe do general Soares de Andréa, que tanto se celebrisou no governo do Rio Grande pela rectidão do seu espirito como pelos seus despachos pittorescos.

Quando as tropas, ao mando do general Junot, invadiram Portugal, aprisionaram o nosso patricio, na praça de Almeida, obrigando-o a servir no exercito francez.

Depois de haver recuperado a sua liberdade e de ter concluido os seus estudos, andou, em viagem de recreio, por diversos paizes da Europa, indo depois até á India, onde seu pae servira, como ajudante de ordens do governador da colonia.

Em 1822, por occasião da proclamação da nossa Independencia, voltou ao Brazil, sendo logo nomeado para exercer o cargo de consul em Buenos Ayres.

No desempenho dessa commissão, foi incumbido por José Bonifacio, o patriarcha, de conseguir que o almirante Lord Cochrane, que se achava no Chile, viesse assumir o commando da nossa esquadra, na guerra da Independencia.

Dous annos depois, foi servir, no mesmo caracter, no Paraguay, sendo, em 1826, elevado a encarregado de negocios do mesmo paiz.

Em attenção aos seus bons serviços, recebeu a mercê do titulo de conselho.

Deixando em 1829 o Paraguay, ao chegar a Itapúa, requisitou do commandante da fronteira de Missões, uma escolta para o acampanhar á sua provincia.

Decorridos alguns annos, em 1845, com o seu espirito bem cultivado, foi lhe confiada a direcção da repartição de estatistica, serviço esse a que consagrava todo o seu esforço intelligente.

Apesar de ter muitos parentes aqui, morava sò, sentindo-se bem na solidão, completamente entregue aos seus estudos, na ancia de saber.

Era um neurasthenico ou, por outra, um exquesitão".

Um dia, a 30 de junho de 1848, o encontraram morto, enregelado, em cima da cama, como se não tivesse um unico amigo para assistir aos seus ultimos momentos.

Juvencio Augusto de Menezes Paredes

Era um bom poeta e um bohemio incorrigivel. A' primeira vez que o encontrei, era um dia de inverno rigoroso, vinha envolvido num enorme chale de xadrez branco e preto, que era uma verdadeira couraça de lã.

Publicou, aos vinte annos, um livro de versos com o titulo — *Parietarias*. A imprensa indigena o acolheu com applausos, já não acontecendo o mesmo em Portugal, onde Camillo Cestello Branco deu-lhe uma tremenda tunda, no seu *Cancioneiro Alegre*.

O illustre critico foi de uma selvageria sem nome para com o nosso patricio, que iniciava sua carreira litteraria, apresentando um bom trabalho. Não era um livro impeccavel, mas tinha, não ha duvida, muito valor.

Para esse ataque feroz, só encontro explicação na enfermidade cruel, que atormentava os ultimos annos de vida do grande mestre, fazendo-o perder a paciencia e levando-o ao desespero. O que elle queria era dar pancada de cego, a torto e a direito.

Com certeza foi num desses dias de máo humor, envenenado pelas dôres atrozes que o mortificavam, que Camillo Castello Branco, atacou, sem piedade, o nosso distincto patricio.

Para mostra o seu estado agudo de nervosismo, basta citar que até o titulo do livro, cahiu no seu desagrado, provocando umas pilherias de máo gosto, que não ficavam bem em quem havia conquistado, depois de tão nobres esforços, o sceptro da realeza. O estado de irascibilidade que o dominava, em consequencia da cegueira, do seu rheumatismo gottoso, foi, pouco a pouco, afugentando da sua casa os seus melhores amigos. Ninguem podia mais supportar os seus amargos de bocca.

O juizo critico de Camillo não esmoreceu o nosso patricio; ao contrario, parece que foi um incentivo para elle empunhar a lyra e entoar novos cantos repassados de uma suave melancolia, que era, então, a exclusiva maneira de trovar dos poetas de meio seculo atraz.

Além de poeta era orador. Tinha a expressão facil, bellas imagens e extrema correcção. Parecia que as phrases irrompiam-lhe burnidas, luminosas, como si sobre ellas reflectissem as côres vistosas do arco-iris.

Já cançado da vida de bohemio que levava, procurou um tepido conchego domestico, e casou; mas em seu doce, amoroso ninho de ave poetica o seu gorgeio foi de duração ephemera, pois, pouco depois, morria, com a fronte sonhadora inclinado no seio da mulher que elegera para esposa.

Joaquim Antonio Vasques

E' uma figura sympathica, digna do respeito de todos. Nascera na obscuridade de uma familia honrada, foi pouco a pouco, com o seu esforço proprio, abrindo caminho até alcançar a posição que conquistou, recto sempre, sem andar curvando a espinha deante dos grandes.

Menino ainda, quiz ser typographo para auxiliar, na medida de suas forças, o pão para os seus.

E, como a officina é uma escola, elle aprendia o

portuguez, sem querer, compondo os bellos escriptos de Felippe Nery, que era um mestre que encantava.

Algum tempo depois de exercer essa profissão, preparou-se para obter, em concurso, um modesto emprego na thesouraria da fazenda. E conseguiu isto, sem grande esforço.

Apezar, porém, de melhorar de sorte, não deixou a officina; continuou como typographo, revisor, noticiarista, tudo, finalmente, ahi.

Pouco tempo depois o nosso exercito marchou para o Estado Oriental, e, dahi, até ao Paraguay.

Para exercer o cargo de pagador foi designado Joaquim Antonio Vasques, por cujas mãos passaram milhares de contos, voltando elle de lá, á terra nativa, pobre como fôra.

Chegando aqui começou a frequentar a *Reforma,* sahindo de lá, sempre e sempre, a horas tardias, em palestras com os amigos ou despejando tiras para as officinas.

Ahi sentia-se bem; era o seu elemento.

Em 1878, quando foi chamado o senador Sinimbú, para organisar ministerio, entrou para a pasta da fazenda o conselheiro Gaspar Martins, que convidou para seu official de gabinete o coronel Vasques.

Não esteve, porém, muito tempo por lá, volvendo então ao Rio Grande como inspector da thesouraria de fazenda. Nessa posição só fez amigos sem nunca esquécer os seus deveres.

E continuou a frequentar a *Reforma* como dantes, escrevendo, então, os seus apreciaveis folhetins domingueiros, sob o pseudonymo de *Dejenais.*

Mais de uma vez, devemos mencionar — contra a sua vontade — foi eleito á assembléa provincial, e, mais tarde á camara temporaria.

Como liberal exaltado, estava prompto a servir o partido, mas sem occupar posição politica que o puzesse em fóco. Outros ficariam lisongeados com estas distincções, elle não.

Tendo desapparecido a *Reforma,* o coronel Vasques, que foi sempre dedicado ao trabalho, consagrou as suas horas de ocio ao estudo da nossa historia.

E foi nestas investigações, quando veraneava na cidade do Rio Grande, que a morte o levou dentre os

vivos, a 26 de março de 1891. Morreu quasi na penumbra, mas não esquecido pelos corações amigos, que foram muitos, de todos os que tiveram a ventura de estar, um dia, em contacto com a sua immensa bondade e adoravel bonhomia.

Dr. João Jacintho de Mendonça

Nasceu na cidade de Pelotas a 16 de março de 1817. Era filho do capitão João Jacintho de Mendonça e de D. Florinda Luiza da Silva.

Em 1836, doctorou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde deixou uma bella reputação, não só de estudante como de um gentil espirito cavalheresco.

Voltando á terra natal, filiou-se á politica conservadora, pondo-se, desde logo, em destaque pelos excepcionaes dotes de orador, que já havia revelado nos bancos academicos.

Era um encanto ouvil-o nas palestras intimas ou na tribuna parlamentar.

Bonita figura, insinuante, imaginoso, com um bello timbre de voz, mal apparecia na tribuna, dominava, de prompto, o auditorio.

E nas discussões mais renhidas que teve que sustentar com os seus adversarios, como Gaspar Martins, Felix da Cunha e outros, nunca lhe escapou uma palavra que pudesse melindrar os contrarios. Era de uma delicadeza extrema para com todos.

Nestas condições, em pouco tempo, tornou-se a figura mais saliente do partido conservador que o acatava com a maior justiça.

A preoccupação politica o absorvia inteiramente, tanto assim que foi, pouco a pouco, deixando de clinicar, só attendendo a um ou outro amigo do peito.

Eleito diversas vezes á assembléa provincial e á camara dos representantes da nação, só não conseguiu voltar á assembléa geral no periodo de 1862 a 1865, quando os progressistas sahiram victoriosos das urnas.

Foi nomeado para presidir a provincia de S. Paulo, e tão bem se conduziu neste posto que, quando deixou a administração, mereceu os mais francos applausos dos seus adversarios.

A 3 de junho de 1869, falleceu na cidade do Rio de Janeiro o illustre rio-grandense, cujo nome occupava o primeiro logar na lista triplice, que ia ser submettida então, a escolha de D. Pedro de Alcantara.

Barão de Tramandahy

Antonio José Ferreira de Brito nasceu, em 1787, na villa do Rio Grande.

A 22 de novembro de 1808 assentou praça nas antigas milicias da capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Nas campanhas de 1811 e 1812, commandando uma bateria volante de 4 boccas de fogo, invadiu o Estado Oriental, sob as ordens do marechal de campo Manoel Marques de Souza.

Em 1818, achou-se encarregado da guarda Castilhos, surprehendendo as partidas da La-Torre e Pancho, fazendo-os prisioneiros.

Em 1823, a bordo da náo *Pedro I,* assistiu ao combate travado entre as esquadras brazileira e portuguesa, em aguas da então provincia da Bahia.

No memoravel 2 de julho de 1823, á frente do corpo de exploradores, que ia na vanguarda das forças, penetrou na cidade de S. Salvador, já abandonada pelo general Madeiro sendo recebido com vivas estrepitosos da população.

Em 1824, seguiu para Pernambuco, onde havia sido proclamada a *Confederação do Equador,* de ephemera existencia.

Depois de haver exercido o cargo de commandante das armas da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, foi nomeado, a 14 de setembro de 1832, ministro e secretario da guerra, e interino da marinha.

Em 21 de novembro de 1836, foi escolhido para presidir a provincia do Rio Grande do Sul, que se achava a braços com a revolução chefiada pelo coronel Bento Gonçalves.

A 5 de fevereiro de 1837, assumiu o exercicio do seu novo cargo onde só encontrou desenganos e aborrecimentos.

Poucos dias depois de haver tomado as redeas do governo, solicitou exoneração de commandante das ar-

mas, o brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, que se sentia magoado com a demissão do presidente José de Araujo Ribeiro que era seu parente e devotado amigo, vingando-se assim do governo da regencia.

Seguindo para a campanha o brigadeiro Antero de Brito, afim de dar combate aos rebeldes, foi preso, na noite de 23 para 24 de março, na passagem do arroio Itapevy, pelo seu collega Bento Manoel.

A 5 de janeiro de 1838 conseguiu a sua liberdade, em Viamão, o general Antero de Brito, por troca com o tenente-coronel Francisco Xavier do Amaral, que se achava prisioneiro dos legalistas.

Recolheu-se logo ao Rio de Janeiro, desempenhando ainda diversas commissões, e sendo então a 13 de julho de 1852 agraciado com o titulo de barão de Tramandahy.

Com quasi 70 annos, veiu a fallecer a 5 de fevereiro de 1856, no Rio de Janeiro, esse illustre patricio que mereceu de um escriptor de sua época, as seguintes linhas, cheias de verdade:

"Rigido na disciplina militar, cumpridor austero de seus deveres, e exigindo de seus companheiros de armas a mesma exactidão, porque alliava á severidade de chefe a dedicação do pae.

Suas opiniões liberaes, em quadras difficeis e arriscadas, deram-lhe uma posição politica no paiz até certo tempo. A essa circumstancia foi devida a sua entrada em um gabinete da regencia, na época da menoridade, e a sua nomeação, depois, para a presidencia do Rio Grande do Sul. Mas, ou por desgosto, ou porque não tivesse propriamente aspirações politicas, nunca tomou parte activa nas luctas dos partidos."

Visconde de Pelotas

José Antonio Corrêa da Camara nasceu nesta cidade a 17 de fevereiro de 1824. Era filho de José Antonio Fernandes de Lima.

Ainda menino sentou praça no 3.º regimento de cavallaria a 15 de setembro de 1839, marchando no mesmo dia para o campo de lucta afim de combater os revolucionarios.

Tomou parte na campanha contra o dictador de Buenos Ayres, de 1851 a 1852, servindo sob as ordens do brigadeiro Manoel Marques de Souza, o heróe de Monte Caceros.

Na guerra de 1864, contra o Estado Oriental, o major Corrêa da Camara, apesar de ser da arma de cavallaria, offereceu-se para combater no sitio de Paysandú. E taes serviços prestou que foi elogiado, em ordem do dia, pela intrepidez, calma e valentia de que dera provas naquella acção.

Em 1865 assistiu ao sitio de Uruguayana. Em 1866 tomou parte na memoravel batalha de 24 de maio e nos combates de Curuzú e Curupaity e em 1867 no ataque ás posições de Tuyu-Cui. Em 1868, achou-se nos ataques de Passo-Pocio e de Espinillo. Distinguiu-se na batalha de Avahy e no reconhecimento de Lomas Valentinas. Atacou o inimigo no Passo-Tupiuno, assistindo depois a batalha de Campo Grande.

A 1.º de março de 1870 teve a gloria de pôr termo a guerra do Paraguay, vendo o dictador Solano Lopes, expirar, na fuga, deante dos seus olhos.

Logo após a conclusão da guerra, foi agraciado com o titulo de visconde de Pelotas.

Chegando ao Rio Grande, foi convidado para exercer o cargo de ministro da guerra. Delicadamente se escusou, allegando motivos de molestia, quando a causa unica era ser liberal e não lhe ficar bem a sua entrada para um gabinete conservador.

Em 1880, foi escolhido senador pela sua provincia, e, pouco depois, nomeado ministro da guerra, tendo imprimido á sua pasta o cunho da mais severa justiça.

Tomou parte activa na *Questão Militar,* motivada pela reprehensão ao coronel Senna Madureira, tratando, com energia, no senado, deste delicado assumpto.

Numa occasião em que o visconde de Pelotas, occupava a attenção da alta camara, abalada com a sua presença na tribuna, o barão de Cotegipe, que nem sempre guardava a compostura da sua elevada posição, deu-lhe um aparte em tom ironico.

O general Camara, fitando-o de alto a baixo, respondeu-lhe, ao pé da lettra: "o caso não é para galhofa. O nobre senador verá em breve."

Pouco tempo depois realisava-se a prophecia do nosso illustre patricio; desabava o throno e surgia victoriosa a Republica.

Tendo o marechal Deodoro, no mesmo dia do advento do novo regimen lhe confiado o governo do Rio Grande, o nobre visconde amparou-o, desde logo, com o prestigio do seu nome glorioso, servindo-o sempre com a maior lealdade e dando a todos os mais bellos exemplos de desprendimento.

Ferreira Vianna

O conselheiro Ferreira Vianna nasceu na cidade de Pelotas, na antiga provincia do Rio Grande do Sul, a 11 de maio de 1833 e falleceu no Rio de Janeiro, a 10 de novembro de 1903.

Tendo revelado, ainda muito creança, notaveis predicados de intelligencia, seu pae levou-o para o Rio de Janeiro e matriculou-o no antigo Collegio D. Pedro II, onde fez um brilhante curso de bacharel em lettras.

Pouco depois Ferreira Vianna entrava para a Faculdade de direito de S. Paulo, e, em 1855, formou-se em sciencias juridicas e sociaes, tendo sido o seu tirocinio academico corôado de approvações distinctas.

De volta para o Rio, o conselheiro Nabuco de Araujo nomeou-o promotor publico da côrte, e Ferreira Vianna conservou-se no exercicio desse cargo durante todo o quatriennio, findo o qual se dedicou á advocacia e entrou para a imprensa politica. Além de muitos periodicos, collaborou no *Correio Mercantil* que, naquelle tempo, era o Estado Maior da intellectualidade politica e litteraria do Imperio, assumindo, em seguida, a redacção em chefe do *Diario do Rio de Janeiro,* de cujas columnas assestou baterias terriveis contra o ministerio liberal presidido pelo conselheiro Zacharias de Vasconcellos.

Lançado na politica conservadora, máo grado seu espirito superiormente liberal, Ferreira Vianna foi deputado em cinco legislaturas, presidente da Camara Municipal, ministro da Justiça e do Imperio, distinguindo-se sempre por serviços de real utilidade publica

e nacional, nomeadamente no ministerio de 2 de março, de que foi presidente o conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira — um dos maiores estadistas do Imperio.

Ferreira Vianna nunca se deixou obcecar pela politicagem soêz. Amigo da instrucção popular, das creanças, dos enfermos e dos miseraveis, foi elle o fundador de um sem numero de institutos interessantes a essas classes de gente. Neste proposito, fundou as escolas municipaes de S. Sebastião e S. José, em 1870, e 1871, os hospitaes de S. Sebastião e de Jurujuba, os asylos do Conde de Mesquita e S. Bento, nos terrenos cedidos pelos religiosos benedictinos e herdeiros do Conde de Mesquita, a Casa de S. José para as creanças abandonadas nas ruas, o Instituto de Hygiene, o Laboratorio do Estado, o Hospital consagrado exclusivamente ao tratamento das creanças, a Inspecção de Hygiene, da Infancia Escolar. Fundou tambem a Associação Protectora das Creanças Pobres, e um Albergue Nocturno para dormida dos infelizes sem tecto.

Como Ministro da Justiça, o conselheiro Ferreira Vianna "reformou os regulamentos do Corpo Militar de Policia, garantindo aos officiaes os seus postos, a Casa de Detenção e o Asylo de Mendicidade. Iniciou a inspecção dos hospitaes e casas em que são recolhidos os loucos, no sentido de garantir-lhes a liberdade e os bens, e elaborou os seguintes projectos: reforma judiciaria, lei de repressão da vagabundagem, reforma da Camara Municipal, reforma da administração das provincias, reforma financeira sobre estradas de ferro e telegraphos do Estado e de iniciativa particular." "Protector e defensor da liberdade individual, mandou destruir as *escuras* da Casa de Detenção, convocar jurys extraordinarios e prohibiu as prisões sem nota de culpa."

Abolicionista ardoroso, Ferreira Vianna fez parte do ministerio que aboliu a escravatura no Brazil.

Acatadissimo como jornalista operoso e adiantado, de rara e profunda cultura, muito antes de haver prestado os serviços relevantes que mais tarde o paiz lhe deveu, Ferreira Vianna mereceu sempre a admiração e o apoio incondicional de seus co-religionarios, e disto teve mais de um testemunho, como prova o ban-

quete politico, que ficou celebre, e em que Salles Torres Homem, saudando-o, exaltou "os seus incomparaveis dotes de publicista."

Ferreira Vianna fundou e dirigiu com o conselheiro Andrade Figueira, o jornal de combate a *Nação,* e escreveu varios trabalhos de notavel alcance liberal, entre os quaes *Libellos Politicos,* na *Gazeta de Noticias,* "pugnando por varias reformas, principalmente a da eleição directa."

Era um homem de espirito, anecdotico, ironico e caustico. Traduziu varias fabulas de Lessing e de Esopo, e elle mesmo escreveu algumas com risonha subtileza.

Pouco depois da proclamação da Republica, Ferreira Vianna publicou, no *Paiz,* do Rio, com o pseudonymo de Suetonio, uma serie interessantissima de artigos sobre o *Antigo Regimen,* artigos esses que alcançaram ruidoso successo, não só pela analyse subtil de coisas e homens dos ultimos annos do segundo imperio, como pelo fino humorismo que, por vezes, nelles se desata, com adoravel e maliciosa graça.

Lourenço Langendonck

A 6 de maio de 1861 nasceu em Taquary o saudoso professor Lourenço Langendonck, e falleceu n'esta cidade a 24 de janeiro de 1905.

Filho de paes pobres e obscuros, desde pequeno começou a trabalhar para poder viver. Conheceu creança o pão amargo da necessidade, e, na grande escola do trabalho, fez-se homem.

A sua vida inteira póde servir de exemplo aos que vêm ao mundo contando apenas com o seu proprio esforço. Esses que nascem na obscuridade, sem um nome que os recommende, sem o bafejo da fortuna, e chegam um dia a ganhar uma posição, pondo em destaque a sua individualidade, esses, são os grandes heróes. E, Lourenço Langendonck o foi na mais bella e ampla accepção desse termo.

Um outro teria esmorecido deante das difficuldadas que encontrou no começo da existencia, teria talvez seguido por atalhos tortuosos. Elle, porém, trilhou

sempre o caminho recto do dever, sem andar por desvios.

O sangue hollandez que lhe corria nas veias, é bem possivel que houvesse contribuido para a formação do seu caracter inteiriço blindado de aço.

Para mostrar o valor moral deste homem, basta referir um ou outro episodio de sua vida, tão cheia de ensinamentos.

Creança e baldo de recursos para viver, conseguiu um logar humilde de limpador de trilhos na companhia de bonds. Ahi trabalhava de dia exposto ás intemperies, e, á noite, tocava a roda do prelo de mão da *Reforma.*

Alugou uma casinha n'uma rua deserta, em frente de um lampeão da illuminação publica, porque assim podia estudar, á noite, sem dispender um real com a luz.

Esses factos, narrados com esta singeleza, dão uma idéa perfeita desse homem extraordinario, que honrou o magisterio publico de nossa terra.

No cumprimento dos deveres ninguem o excedeu. Talvez o excesso de trabalho tivesse concorrido para abreviar-lhe os dias da existencia.

E tudo quanto leccionava o fazia com a competencia dos melhores mestres. A sua escola era a mais frequentada da cidade. Nos ultimos annos, a matricula da aula registrava cerca de duzentos alumnos. Para poder attender a todas as classes era preciso, pois, um esforço sobrehumano. E apesar desse accumulo de serviço, andava sempre alegre e satisfeito, como si o excesso do trabalho já não lhe fizesse mossa.

Era o typo mais completo do verdadeiro mestre-escola, e a prova frisante do quanto pódem, na formação do caracter, da energia, do coração e dos homens os exemplos bebidos na leitura dos bons livros — Lourenço Langendonck fazia das obras de S. Smiles o seu Evangelho.

Manoel Marcellino Pires Filho

Nasceu a 4 de setembro de 1847, na povoação de Itapuan, em cujas proximidades seus avòs possuiam um pittoresco sitio.

Era filho legitimo de Manoel Marcellino Pires e de d. Maria Baptista Pires.

Seu pae foi, durante longos annos, pedagogo do Arsenal de Guerra, e só abandonou a modesta posição que occupava, quando o peso da edade o inutilisou para o trabalho.

Com o velho, o rapaz fez o curso primario, completando os estudos secundarios no afamado "Collegio Gomes."

Havendo sido creada, em 1863, a Escola Militar, nesta capital, nesse mesmo anno, assentou praça na 3.ª companhia do 3.º batalhão de infantaria, que era então commandado pelo coronel Carlos Resin, o velho.

No anno seguinte, matriculou-se naquelle estabelecimento de ensino, tendo feito saliente figura em todas as aulas, apezar de não perder occasião, durante os trabalhos, de traçar os seus epigrammas, com fel e malicia.

A's vezes, na mesma folha de papel em que resolvia um problema de algebra ou de geometria, deixava uma quadra ou uma sextilha, pospontada de fina graça ou de subtil veneno. E essa producção passava de mão em mão, desde a primeira á ultima classe, provocando o riso entre os companheiros.

E, si não poupava os collegas, não deixava tambem em descanço os proprios lentes, quebrando assim o espirito de disciplina, que, então, vigorava sob o draconismo do conde de Lippe.

Uma occasião, em dia de sabbatina de mathematicas, apenas entrou na aula, foi direito á pedra, e lá deixou os seguintes versos, em bella calligraphia, de enormes proporções:

Adoro as arias
E as cavatinas,
Porém detesto
As sabbatinas.

O tenente Julio Anacleto Falcão da Frota, mais tarde marechal, que era então lente adjuncto e regia a cadeira no impedimento do respectivo professor, sem a menor advertencia, chamou-o á meza e, dando-lhe a esponja, mandou apagar aquella quadrinha que se destacava, como uma ironia de neve, no quadro negro.

Apezar do seu genio folgasão e da vida bohemia que levava, infringindo, ás vezes, o rigor da disciplina daquelles tempos, no fim do anno conseguiu fazer brilhante figura.

Em principios de janeiro de 1864, seguindo a turma de alumnos para a campanha do Estado Oriental, entre elles ia o poeta endiabrado, com o seu violão debaixo do braço, para tornar menos insipida a travessia do oceano.

Concluida a guerra com a rendição de Montevidéo, marchou, em seguida, para o Paraguay, alegrando as noites sadosas do acampamento com as acordes do inseperavel violão.

Na memoravel batalha de 24 de maio, já no fim da lucta, uma bala o feriu mortalmente. Era então alferes em commissão.

Poeta repentista, de fino quilate e hilariante humorismo, quasi nada existe, entretanto, que revele o seu primoroso engenho.

Todas as producções, que ficaram em poder de sua irmã D. Isabel Pires Bandeira, foram lançadas ao fogo, para satisfazer á ultima vontade do malaventurado poeta, quando d'aqui partiu com o triste presentimento de que não veria mais a terra natal.

E eis como, não raro, se reduzem a cinzas os nossos mais bellos sonhos.

Senador Florencio Carlos de Abreu e Silva

Era filho do major reformado João Luiz de Abreu e Silva.

Nasceu nesta cidade a 20 de outubro de 1839. Estudou aqui, com os maiores sacrificios, os preparatorios, e seguiu para S. Paulo, onde se bacharelou na Academia de Direito. Ahi, deu as mais bellas provas do seu brilhante talento.

Voltando á terra natal, prestigiado pelo bom nome que deixára na Paulicéa, filiou-se ao partido liberal, collaborando activamente na *Reforma,* orgão das idéas

mais adiantadas daquella epoca, ao lado do dr. Corrêa de Oliveira e Eleutherio de Camargo.

Diversas vezes foi eleito á Assembléa Provincial e á Camara Temporaria, sendo em 1880,escolhido senador pelo Rio Grande do Sul.

Em abril de 1881, foi nomeado para presidir o Estado de S. Paulo, sendo a sua escolha recebida com applausos por gregos e troyanos.

O desempenho dessa delicada commissão, na epoca em que se ia pôr á prova a lei eleitoral Saraiva, foi uma distincção que honrou sobremaneira o illustre senador rio-grandense. E, por tal forma, procedeu, durante o pleito, que mereceu os mais justos louvores dos proprios adversarios.

Pouco tempo, porém, durou o seu governo. Adoeceu gravemente, e a 12 de dezembro de 1881 veio a fallecer o illustre brazileiro que tão assignalados serviços prestou ao paiz.

Morreu em extrema pobresa, legando á familia um nome honrado.

As despezas do seu funeral foram feitas por conta da Nação.

Osorio

Na historia militar brazileira não ha individualidade que mais se impuzesse ao coração e ao fanatismo dos soldados que o legendario Osorio — "o bravo dos bravos" — como lhe chamava o Conde d'Eu, orgulhoso por vel-o combatendo a seu lado.

Assentou praça aos 15 annos de edade, em 1823, quando accesa andava no Brazil a chamma bellicosa. Osorio viu-se logo envolvido no fumo dos combates, respirando polvora, e vendo ferro, na guerra da independencia e das republicas do Prata.

Quando estalou a formidavel guerra do Paraguay, que tantos dissabores nos causou, não por insuccessos de campanha, mas por accidentes e incidentes que antecederam e intermediariam a acção de nossas armas, Osorio já era uma figura militar indispensavel, necessaria mesmo, sem a qual era sempre duvidosa qualquer esperança de victoria.

Por questões politicas e quiçá ciumes de classe, o valente cabo de guerra era, a esse tempo, hostilizado na Provincia e, aos primeiros symptomas de invasão inimiga, estava elle sob a ameaça de ser transferido para o norte do paiz. O então Marquez de Caxias, que lhe conhecia o valor e sabia do resentimento que sua falta causaria ao Rio Grande, em vesperas de guerra, assim se exprimiu a proposito na presença do Imperador: "Senhor, o Brigadeiro Osorio é um official experimentado de cavallaria. E' querido pelas tropas; é capaz de dirigil-as, de presidir á sua instrucção. Não consinta na perseguição que lhe fazem. Não deixe que o mandem para o norte, quando tanta falta ha de fazer no sul, si tivermos guerra. Não admitta que o desgostem, que o forçem a reformar-se, a retirar-se á vida privada com prejuiso do Exercito e da Patria." Tambem Felix da Cunha, o nosso grande poeta, orador e jornalista, estampou no "Mercantil", em 12 de outubro de 1864, um brilhante artigo sobre a injusta e mesquinha perseguição que moviam a Osorio. Entretanto, no momento grave que atravessava o paiz, e as suas relações tensas com as republicas do Prata, o conselho e a espada de Osorio eram imprescindiveis. E tanto assim, que, iniciadas as hostilidades, foi Osorio que, á frente de sua divisão, invadiu, á 1.º de dezembro de 1864, o Estado Oriental pelas *Ilhas de S. Luiz,* e assistiu á capitulação de Paysandú, em 2 de janeiro de 1865.

Pouco depois, quando por aviso do Ministerio da Guerra, de 18 de fevereiro de 1865, Osorio assumiu interinamente o commando em chefe do Exercito em operações no Estado Oriental do Uruguay, o dr. Gaspar da Silveira Martins, que então ensaiava azas para seus futuros vôos no céo da politica riograndense, escrevia no *Jornal do Commercio,* do Rio: "Bravo, leal, cavalheiro, franco, o general Osorio é o mais perfeito typo das qualidades dos filhos da provincia do Rio Grande do Sul, de quem é elle a gloria e o orgulho. O Rio Grande ama-o de coração, pelo mesmo modo que ama a si mesmo." Referindo-se ao famoso 2.º regimento de cavallaria organizado por Osorio, e que "arvorou gloriosamente em Caseros o estandarte do Imperio" — diz Silveira Martins: "Os

officiaes o amavam, os seus soldados o adoravam e o chamavam entre si: — o Cabo Velho."

Osorio, tendo se feito soldado em 1823, salientou-se excepcionalmente "nas campanhas da independencia, da cisplatina, das provincias unidas, no Prata, dos "Farrapos", no Rio Grande do Sul, de Buenos Ayres, contra Rosas e na do Estado Oriental."

Declarada a guerra do Paraguay pelo desmedido orgulho e tresloucada ambição de Solano Lopes, que sonhava fundar o Imperio do Paraguay, Osorio foi collocado á testa do Exercito em formação no Rio Grande para a campanha. A tarefa era difficil, e depois de mais de um anno de preparo, durante o qual teve de luctar com as epidemias, a peste, e até com a má vontade de alguns camaradas, Osorio resolveu-se a atacar o inimigo e dirigiu ao 1.º Corpo de Exercito, sob o seu commando, a notavel proclamação de 15 de abril de 1866, onde ha trechos assim: "Soldados! é facil a missão de commandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever. O nosso caminho está alli emfrente." E como elle se recommendava, como todos os valentes, "pela sua humanidade e zelo pelo soldado," como em carta ao Ministro Ferraz dizia o tambem Ministro Francisco Octaviano, accrescentou, na sua proclamação: "Não tenho necessidade de recordar-vos que o inimigo vencido e o paraguayo desarmado ou pacifico devem ser sagrados para um exercito composto de homens de honra e de coração."

Disposto assim a penetrar no territorio inimigo, Osorio, no memoravel dia 16 de abril de 1866, sob pesadas nuvens e um calor asphyxiante, empreendeu a passagem do Paraná e foi o primeiro general brazileiro que pisou em terra paraguaya, "com seu piquete e ajudante, ao todo doze homens."

Desse dia em deante, Osorio traça, com a sua espada rútila, no céo da nossa historia, verdadeiras constellações de heroismo sem par. Na batalha de *Estero Bellaco,* pouco depois, em 2 de maio, a sua acção valorosa faz dizer a Gazmendia: "tudo si hubiera perdido si Osorio no acudiera á la cabeza de los cuerpos de la segunda linea y restableciera el combate."

Proseguindo na sua acção triumphante, Osorio se cubriu de glorias em *Tuyuty,* que eternizou na historia o dia 24 de maio. Ahi Osorio luctou com bravura inexcedivel, disputando braço a braço, passo a passo, a victoria ao inimigo; mas, vencedor, seu coração se encheu de tristeza, quando soube do "grande numero de inimigos mortos."

Em Agosto de 1866, com a saúde profundamente alterada, Osòrio veiu ao Rio Grande do Sul, em busca de repouso e remedio no seio da familia amantissima. Não lhe eram, porém, permittidas grandes treguas. Nomeado Caxias, em 10 de outubro de 1866, commandante em chefe de todas as forças do Imperio contra o Governo de Paraguay, foi Osorio, por aviso do Ministerio da Guerra, de 18 do mesmo mez, nomeado interinamente commandante das armas da Provincia do Rio Grande do Sul, e, por decreto de 20, commandante em chefe do 3.º Corpo de Exercito, que se havia de formar.

Osorio, como sempre, foi de uma actividade *hors ligne*. Tudo preparou, e a 18 de julho de 1868, sem contar aqui, os seus feitos e successos intermediarios, deu-se o reconhecimento e o combate de *Humaytá*.

Si os soldados de Osorio já o amavam fanaticamente, esse amor subiu de ponto quando o legendario guerreiro gaúcho ganhou a batalha de Avahy, vencendo o bravo official d. Bernardino Caballero, considerado, na valente cavallaria inimiga — o "Osorio paraguayo".

Na batalha de Avahy, foi Osorio ferido, por bala de fuzil, na maxilla inferior esquerda.

Não podendo Osorio, devido os ferimentos recebidos em combate, conservar-se no campo da acção, retirou-se para o Rio de Janeiro, em 5 de fevereiro de 1869. Precisava de um tratamento rigoroso. Mas, nomeado Conde d'Eu, a 22 de março desse anno, commandante em chefe do Exercito brazileiro em operações no Paraguay, appellou para o patriotismo de Osorio, concitando-o a voltar ao serviço das armas. Osorio não se fez esperar. Voltou á actividade da guerra, sendo recebido com manifestações enthusiasticas pelos exercitos alliados.

Infelizmente seus males se aggravaram, e o general recolheu-se a Assumpção. Logo que sentiu melhor da saude, apresentou-se ao serviço, reassumindo o commando do 1.º Corpo de Exercito, em 26 de setembro de 1869.

De ahi em deante agiu como sempre. Toda a acção guerreira de Osorio era sempre acompanhada e seguida de vivissimas explosões de enthusiasmo. Como si tivesse o dom da ubiquidade, elle apparecia sempre nos pontos de maior perigo, e mais de uma vez chegava em occasiões em que as nossas forças corriam risco de desbarato. Bastava, porém, a presença de Osorio para mudar a face da situação. Como si uma corrente electrica corresse os nervos dos nossos soldados, elles reaninavam-se, ganhavam animo acceso e acabavam por esmagar as aguerridas hostes inimigas.

Era o bravo dos bravos, já o dissemos, e o Conde d'Eu, ao conceder-lhe a medalha de merito, fêl-o pela "notavel bravura que mostrou no combate de 12 de agosto de 1868."

De resto, era sempre assim.

Encerrado o glorioso cyclo guerreiro de Osorio, entrou elle na actividade politica. Em 1877 foi escolhido senador pelo Rio Grande do Sul, e a 2 de maio desse anno prestou juramento e tomou assento no senado.

Por decreto de 7 de janeiro de 1877 foi concedida a Osorio a patente de marechal do exercito, graduado. Em 28 de agosto de 1877, Osorio iniciou a sua vida parlamentar apresentando e defendendo um projecto de lei regularisando os vencimentos dos officiaes do exercito. Em 1.º de dezembro do mesmo anno, defendeu com calor a construcção das estradas de ferro da sua provincia natal, "querendo-as *commerciaes* e *estrategicas* ao mesmo tempo." Por essa occasião fez profunda critica do orçamento da Agricultura e verberou o Ministerio da Fezenda, atacando o contrabando no Rio Grande do Sul.

Ascendendo ao poder o partido liberal, Osorio fez parte, como Ministro da Guerra, do gabinete Sinimbú, de 5 de janeiro de 1878. Neste alto posto, mostrou-se o mesmo incansavel homem de trabalho, que fôra como soldado.

O visconde de Ouro Preto assim se expressa a esse respeito: "Era o Marquez do Herval trabalhador infatigavel. Ao tempo das sessões, os despachos imperiaes tinham logar á noite, prolongando-se ordinariamente até 2 e 3 horas da madrugada," e Osorio estava sempre na brecha.

Ao cair da noite de 4 de outubro de 1879, falleceu o legendario Marechal Osorio, aos 71 annos de edade, "56 dos quaes consagrados, sem descanço, á gloria do Brazil."

Por seus raros, e magnificos serviços á Patria, foi agraciado com os titulos de Barão, Visconde e Marquez do Herval.

Este excelso verão nasceu no municipio da Conceição do Arroio, provincia do Rio Grande do Sul, a 10 de novembro de 1808.

Julio de Castilhos

Samuel Smilles, o velho e atilado resuscitador de almas, assim se exprime em um dos seus livros celebres: "O homem morre e desapparece, mas os seus pensamentos e actos sobrevivem."

A bem poucos homens se amoldarão, como em Julio de Castilhos, estes conceitos do classico moralista do *Carracter* e do *Poder da Vontade.*

Porque Julio de Castilhos foi um desses individuos excepcionaes, vindos ao mundo para servirem de exemplo, semearem pensamentos e actos que são como que uma especie de oraculo, onde os presentes e os vindouros vão beber inspiração e conselhos.

Elle nasceu para captivar almas, dominal-as, dirigil-as, e viveu cercado de amigos e co-religionarios submissos que o ouviam e o obedeciam como quem ouve a palavra do propheta e obedece a força do Destino.

E sempre assim foi.

Nos bancos academicos já a insinuante figura de Julio de Castilhos manifestava uma singular e irresistivel força de attracção.

Foi em S. Paulo, quando estudante, que Julio de Castilhos fez suas primeiras armas na imprensa, en-

saiando azas para vôos mais altos no dia em que houvesse disso mistér.

Esse dia chegou, e o jornalista surgiu, temivel e invencivel, revestido de uma couraça de logica resistente e inamolgavel.

Formado em sciencias juridicas e sociaes, em 1881, voltou para a terra natal, disposto a lançar-se fragorosamente á lucta em prol do seu ardente ideal politico.

A esse tempo a *Federação,* recem-apparecida, fazia, sob a superior direcção de Venancio Ayres, propaganda brilhante dos principios republicanos.

Estava-se em pleno movimento doutrinario, e Julio de Castilhos foi, como era natural, empolgado pelo orgam propagandista, só assumindo, porém, a sua direcção em 16 de maio de 1884.

Seu artigo de estréia *A monarchia não tem homens* alcançou ruidoso successo.

De ahi em deante esteve sempre na brécha, batendo-se a favor da abolição da escravatura, contra o advento do terceiro reinado e explanando a questão militar.

São memoraveis os renhidos encontros que o moço jornalista teve de sustentar com os velhos e experimentados polemistas Carlos von Koseritz e Ignacio de Vasconcellos Ferreira.

Aquelle era o jornalista profundo, o polygrapho admiravel, de reputação mundial. Este, o chronista leve, o poeta ironico, o estylista endemoninhado que se comprazia, por vezes, em lançar no papel o riso satanico de Voltaire de par com a zombaria caustica de Rochefort — o ultimo mosqueteiro do jornalismo, como lhe chamaram depois de morto.

Mas Julio de Castilhos a todos enfrentou, sem nunca perder o aprumo.

Sua penna privilegiada não se embrenhava nos caminhos escuros.

Ia pela estrada direita e clara.

Apanhava os assumptos na bérra, e os commentava com sólido criterio, apoiando-os ou repudiando-os, conforme serviam ou não ao seu criterio politico, ou, então, si era caso de polemica, respondia ao adver-

sario, oppondo-lhe argumentação vivaz, forte, erudita ou arteira — conforme o motivo na téla.

Não ha negar: o seu artigo intitulado *O imperio e o exercito,* publicado na *Federação,* em fins de 1886, foi a primeira faisca que ateou o incendio que reduziu a cinzas o edificio monarchico, em 1889.

Em seguida ao advento de 15 de novembro de 1889, assumindo o visconde de Pelotas o governo da provincia republicana, foi Julio de Castilhos nomeado Secretario de Estado, sendo que, nesse caracter, foi elle verdadeiramente e unicamente o Governo.

De ahi por deante o excelso republico foi uma forte vontade sempre em acção.

Vemol-o em toda parte, e influindo em tudo.

Levado á Constituinte Nacional, fez parte da commissão dos 21, e ficaram notaveis as emendas que apresentou, á Constituição federal, e o calor, a convicção e a eloquencia com que as defendeu.

Nunca tergiversou. Podia transigir, como transigiu muitas vezes, com os individuos — nunca porém com as idéas politicas.

Quando foi o golpe de Estado de 5 de novembro de 1891, Julio de Castilhos immediatamente se manifestou contra elle, sem pesar as consequencias disso nem inquirir do que podia resultar do seu protesto.

A esse acto seguiu-se um ligeiro levante: Julio de Castilhos, que estava na presidencia do Estado, abandonou o Governo, reassumindo-o em 17 de junho de 1892, e passando-o, por decreto da mesma data, ao dr. Victorino Monteiro, afim de disputar a eleição do cargo, o que fez — tendo sido eleito por assombrosa votação.

Era uma firmeza ao serviço de uma causa santa, em cuja defesa não havia força hostil capaz de fazel-o recuar.

Dotado de todas as raras qualidades que fazem os grandes homens, foi sobretudo um trabalhador indefesso, e nem era de molde a consentir que outros mais do que elle trabalhassem pela Republica ou para a Republica.

Esforçou-se sempre por ter a primasia, por occupar a vanguarda, por agir em ampla luz, de maneira a ser visto por todos os olhos, por isso mesmo que abo-

minava a sombra, o disfarce, o resguardo dos reposteiros, o retraimento.

Toda a vida timbrou em apparecer, e no seu eloquento manifesto de 1891, fallando ao Rio Grande diz: "Nunca fui, não sou, jamais serei capaz de procurar em um injustificavel retraimento a satisfacção de um bem estar, a obtenção das minhas commodidades pessoaes".

E nunca mesmo.

Foi até este um dos feitios mais sympathicos da sua complexa individualidade.

Sagaz conhecedor de todos os meios de acção, Julio de Castilhos foi, na propaganda, tenaz, activo, rapido, incisivo. Arguto psychologo, conhecendo os homens, e sabendo vel-os por dentro e por fôra, no Governo do Estado foi reflectido, cauto, methodico e, por vezes, desconfiado.

De resto, jamais supportou quem lhe cotrariasse a vontade.

Agiu sempre por si, certo de que, como diz o proverbio: "O homem forte e a agua abrem caminho por si mesmos."

Cicero na *Republica* observa que "a virtude deve ser activa e que o mais glorioso emprego dessa actividade é no governo do Estado."

Com Julio de Castilhos assim foi.

Ao occupar a curul presidencial, a guerra fratricida estalou violentamente; mas nem assim o egregio patriota esmoreceu.

Pelo contrario: a convulsão politica, a epilepsia revolucionaria do momento deram azo a que o homem de Estado se manifestasse com toda a mascula grandeza do seu genio admiravel, e Julio de Castilhos enfrentou as hostes que hostilizavam o seu governo, preparou e pôz em acção todos os meios de ataque e de defeza, e ao mesmo tempo remodelava, organizava, *fazia* o Rio Grande do Sul republicano.

E fel-o.

Sua administração foi tão profiqua que, máo grado a revolução que assolava e devastava os nossos campos, as nossas villas e cidades, no termo do seu

governo passou o poder ao seu successor eleito — com avultadissimo saldo nos cofres do Thesouro.

Não se cuide, entretanto, que mesmo depois de celebrada a paz, em 23 de agosto de 1895, o magnanimo rio-grandense poude proseguir no governo do Estado com serenidade e sem impeços.

Não. Desde de meados de 1895 até meados de 1896, o dr. Julio de Castilhos teve de oppôr tenaz e altiva resistencia ás constantes e impatrioticas sortidas de dois generaes investidos do Commando do Districto, contra a vida constitucional e a autonomia do Rio Grande do Sul.

O primeiro a sentir-lhe o guante da ferrea energia foi o general Galvão, que viera ao Estado com a missão de pacifical-o. Porém este general, no desempenho de tão melindrosa commissão, não agiu com a devida imparcialidade, e isso obrigou Julio de Castilhos a contrariar-lhe, com soberba energia, os planos ambiguos.

Recordando esse conflicto, assim se exprime o altivo presidente do Rio Grande do Sul, em sua luminosa mensagem de 20 de setembro de 1896, referindo-se ao general Galvão:

"A sua irritada parcialidade traira-se desde o primeiro momento. E dia por dia, a contar dos seus passos iniciaes, até o embuste que empregou para simular a deposição das armas rebeldes, accentuou-se o seu criminoso designio de abater ou desprestigiar a ordem constitucional do Estado.

"As suas palavras, assistidas por uma descommunal indiscripção, correspondiam directamente os seus actos, todos tendentes a alentar e fortalecer os impenitentes inimigos das nossas instituições, com os quaes havia assumido delictuosamente o insoluvel compromisso de lhes fazer chegar as mãos a direcção governamental do Estado.

"Os seus insidiosos manejos durante a phase em que combinou as bases da pacificação; a adulteração proposital a que expôz o pensamento do Sr. Presidente da Republica reproduzindo-a infielmente na acta de 23 de agosto, o que provocou uma solemne rectificação officialmente publicada; o seu cerebrino telegramma

dirigido ao Congresso Nacional sobre a necessidade de ser reformada a Constituição do Estado como condição essencial á consolidação da paz, no mesmo dia em que era esta por elle proprio proclamada como definitiva; o cuidado meticuloso que desenvolveu em evitar o effectivo desarmamento dos rebeldes; as artimanhas de que fez uso para promover a dispersão anarchica das forças civis que ainda estavam ao serviço da União: tudo isso obedeceu aos dictames daquelle funesto compromisso."

Por esta synthetica exposição de factos, vê-se que o cauto Presidente do Rio Grande do Sul e chefe do pujante partido republicano estava a par de todos os máos planos do assomado Commandante do Districto, que chegou mesmo a annunciar vir á capital (elle estava em Pelotas), "collocor a sua espada sobre a ilharga do Governo do Estado," e resolvido firmemente a não deixar colher de surpresa — o que deu como resultado immediato a retirada da general Galvão do Commando do Districto.

Para substituil-o, foi investido dessas funcções o general Cantuaria, rio-grandense, e que "foi acolhido por entre demonstrações de geral apreço, despertando a mais sympathica espectativa em torno da sua pessoa" — como diz a referida mensagem.

Bem de pressa, porém, o dr. Julio de Castilhos desilludiu-se da confiança que a principio depositára na acção do general Cantuaria no Commando do Districto, e, forçado a entravar-lhe os máos passos na senda dubia por onde investia, pôz as cartas na mesa e fez jogo franco.

Depois de varias conferencias e ardua correspondencia com o general Cantuaria, no sentido da consolidação da paz, consoante o espirito da acta de 23 de agosto, teimando esse general, embora vãmente, em exercer pressão sobre o patriotico Governo do Estado e a inculcar-se como um interventor, "armado de todos os poderes", o altivo e energico Presidente constitucional do Rio Grande do Sul, depois de uma descabida exigencia daquelle, viu-se na contingencia de romper com elle, e assim terminou a serena e ao mesmo tempo ironica resposta que então lhe enviou:

"Por ultimo, resguardando a autonomia do Estado,

cumpre-me dizer-vos que com o regimen republicano federativo, tal como está consagrado na Constituição de 24 de Fevereiro, não se coaduna o exercicio da "alta funcção politica" de que dizeis estar investido, isto é, a funcção de garantidor da lei da amnistia com as suas inevitaveis consequencias.

"Isso importaria uma acção interventora, que só póde ser exercida legalmente nos casos do art. 6.º da mesma Constituição, nenhum dos quaes occorre actualmente.

"Não me sendo licito attribuir-vos o proposito de uma intervenção inconstitucional na existencia autonomica deste Estado, rogo que me esclareçaes sobre a natureza da referida "funcção politica" a que expressamente alludistes".

O general a isso nada respondeu, e pouco depois deixava o Commando do Districto, licenciado pelo governo da União.

Julio de Castilhos era assim de um estoicismo spartano quando se tratava de defender a constituição e a autonomia rio-grandenses.

São ainda da brilhante mensagem de 20 de setembro de 1896, as seguintes memoraveis palavras, dirigidas aos membros da Assembléa dos Representantes:

"Aproveito a occasião para assegurar-vos que, emquanto me couber a summa honra de exercer a Presidencia do Rio Grande do Sul, não vacillarei um instante em zelar digna e acuradamente a autonomia e prestigio do Estado, harmonisando sempre a observancia desta impreterivel obrigação de honra com as inspirações de prudencia reclamada pelas grandes responsabilidades da investidura presidencial.

"Jamais deixarei de fazer sentir praticamente que neste amplo e fecundo regimen federativo, do qual tive a ventura de ser um obscuro collaborador, quer na doutrinação de propagandista, quer nos trabalhos da gloriosa Constituição Nacional, não ha logar para baralhamento de funcções, porque estão lucidamente discriminadas na lei magna da Republica, que prescreve onde termina a acção das autoridades federaes nos Estados e onde começa a competencia dos poderes locaes."

E porque assim sempre agiu, com indefessa tenacidade e honorabilidade incomparavel, poude o insigne estadista gaúcho, a despeito da guerra civil e da tormentosa situação que, depois de terminada aquella, crearam os seus adversarios em torno da sua acção administrativa e civica, manter "a autonomia e a dignidade rio-grandense, impollutamente, com a altivez imposta pela sua vigilante resalva"; conservar " a firmeza inabalavel do credito do Estado, manifestada na continua valorisação e conhecida procura de seus titulos"; apresentar sempre "abundantes saldos orçamentarios nos cofres do Thesouro"; "reorganizar condignamente os serviços da administração nos varios ramos"; pôr em pratica "muitos melhoramentos materiaes" e estudar os projectos de outros, e promover e incitar "a educação republicana, quer civica, quer industrial", em todo o vasto territorio do Rio Grande do Sul.

Alfim: o glorioso Estado gaúcho, que é tido na conta de poder servir de modelo á Republica, nasceu do incomparavel patriotismo de Julio de Castilhos — o Patriarcha.

A elle se amolda, com magnifica precisão, o diamantino verso do immortal épico:

Ditosa Patria que tal filho teve.

O dr. Julio Prates de Castilhos nasceu em Villa Rica, a 29 de junho de 1860, e falleceu, em Porto Alegre, ao anoitecer de 24 de outubro de 1903 — justamente no momento em que todos os olhos para elle se voltavam e nelle viam o unico homem capaz de salvar a Republica do abysmo para que rolava — impellida por uma força inflexivel como a Fatalidade.

Julio de Castilhos foi o super-homem de seu partido, e para a conquista de tão alto posto "as suas virtudes foram os seus meios," como diria Burke.

Dr. Graciano Alves de Azambuja

Graciano Alves de Azambuja nasceu na cidade de Porto Alegre a 9 de agosto de 1847.

Aqui recebeu a instrucção primaria e secundaria,

tendo sido discipulo do erudito mestre Fernando Ferreira Gomes, que despertou nelle o gosto pelas mathematicas, sem que entretanto seguisse nenhum curso de engenharia.

Estudou na Faculdade de Direito de S. Paulo, contemporaneamente com Piza e Almeida e Silva Paranhos, mais tarde Barão do Rio Branco — o nosso grande chanceller — e formou-se em direito.

De volta á cidade natal, apparelhado para a lucta da existencia, Graciano de Azambuja, que não tirava o seu chapéo aos preconceitos sociaes nem ligava grande importancia ao seu diploma de bacharel, desempenhou algum tempo o cargo de escrivão dos Feitos da Fazenda. A este respeito, assim se exprime o dr. Alcides Cruz, seu amigo dilecto: "Assim foi que, sem embargo de ser possuidor do titulo de bacharel em direito, numa epoca em que a superstição pelo diploma academico, era obstaculo a que o titular exercesse profissão diversa, considerada subalterna, ainda que rendosa e honrada como as que mais o forem, não trepidou em desempenhar a modesta escrivania dos feitos da fazenda, alicerçando em boa hora, com essa previdencia que caracterisa todo o homem equilibrado, um futuro risonho, para que puzesse á sua inteira disposição tempo e liberdade para os estudos e leituras de sua predilecção."

E' que Graciano de Azambuja bem sabia, com o arguto espirito de observação de que era dotado, que em futuro proximo o bacharelismo no Brazil iria engrossar o quadro da burocracia.

Deixando a escrivania dos Feitos da Fazenda, o dr. Graciano Alves de Azambuja, consagrou-se inteiramente ao exercicio da advogacia, em que foi mestre, tendo se iniciado nella, sob os seus auspicios, os drs. Julio de Castilhos e Ernesto Alves.

Era o mestre do fôro: todos os advogados moços iam ouvir-lhe o conselho da palavra auctorizada. Fez fortuna na nobre profissão, e sem abandonal-a de todo, entregou-se ao estudo da botanica, tomando predilecção pela floricultura e pelo cultivo das parasitas, das rosas e dos cravos.

Um dia lembrou-se de dotar ao Rio Grande do Sul com uma publicação periodica, digna do meio culto

em que ia ser lida, e appareceu o *Annuario*. "Foi o *Annuario,* diz o escriptor amigo que melhor o conheceu, a grande arena onde Graciano de Azambuja revelando-se o primeiro agronomo rio-grandense, sustentou tenazmente, e por muito tempo só, sem importar-se com o espirito negativista do meio, essa fecundissima campanha pacifica em prol do renascimento da agricultura rio-grandense, propria de um verdadeiro patriota, abnegada alma, dessas que só visam o bem estar da terra, esquecendo ambições, vencendo egoismos, transpondo obstaculos."

Durante vinte cinco annos Graciano de Azambuja dirigiu e publicou o *Annuario,* com talento incomparavel e patriotismo inexcedivel. O *Annuario* constitue uma obra vasta, e superior, sem rival no genero. Tudo quanto respeita ao Rio Grande do Sul, na historia, na lenda, no "folk-lore", na politica, na administração, na agricultura, no commercio, nas lettras e artes, está compendiado nas paginas preciosas do *Annuario.*

E' uma encyclopedia no genero, e o dr. Graciano de Azambuja deixou patente ahi a pujança do seu variado saber e a ductilidade do seu talento.

Foi um eclectico, e manteve correspondencia epistolar com summidades scientificas e litterarias da America e da Europa, como o dr. João Casper Branner, geologo notavel e vice-presidente da Universidade de Palo-Alto, da California, o botanico sueco Lindmann e o grande romancista francez Huysmans — de quem possuia as obras com dedicatoria authentica.

Não obstante ter tido reiterados convites, o dr. Graciano de Azambuja nunca acceitou funcções publicas no regimen republicano, tendo entretanto feito parte da commissão directora da Exposição Estadoal de 1902 e representado o Brazil na exposição colombiana do Chicago, em 1893, em que desenvolveu notavel acção. No antigo regimen, a que elle parecia affeiçoado, foi membro conspicuo da Exposição Brazileira-Alleman em Porto Alegre, em 1881.

O dr. Graciano Alves de Azambuja falleceu na cidade de Porto Alegre, a 7 de julho de 1911, tendo deixado um nome illibado e a solida reputação de grande erudito.

Dr. Pio Angelo da Silva

O illustre medico nasceu na cidade do Rio Grande a 3 de maio de 1818.

Em 1835, quando estalou o movimento revolucionario na provincia, o dr. Pio, alistou-se nas fileiras da revolta, tendo prestado bons serviços á causa patrotica.

Em 1841, seguiu para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Faculdade de Medicina, onde apenas frequentou quatro annos, indo completar o curso em Paris. Ahi, foi elle condispulo de distinctos patricios, destacando-se entre todos o barão de Theresopolis.

Regressando á terra natal, em 1855, teve que enfrentar, com uma coragem rara, o cholera-morbus que ia espalhando o terror e a morte entre a população daquella cidade.

Nessa occosião pôz em evidencia os seus grandes predicados de medico, não esmorecendo, não recuando ante os horrores da epidemia, que lavrava com intensidade no seio do povo apavorado.

Para combater essa enfermidade, elle já havia adquerido grande pratica, em Paris, ao lado de medicos de fama.

Chegando, pois, ao Rio Grande, continuava apenas o tratamento dos cholericos, doentes que já não lhe eram extranhos, conseguindo assim excellentes curas em proveito dos seus creditos de profissional.

Dessa época data a grande popularidade do infatigavel medico, que parecia ter o dom da ubiquidade para poder attender a todos que o procuravam, com o mais vivo empenho.

Annos depois, por occasião da guerra do Paraguay, foi o dr. Pio encarregado da enfermaria militar dali, visto os medicos do exercito terem marchado para a fronteira, afim de tomarem parte no sitio de Uruguayana.

Pouco depois de haver assumido a chefia da enfermaria, chegou um batalhão de voluntarios da patria, com sessenta e tantas praças atacadas de variola, sendo todos tratados com a mais intensa solicitude pelo humanitario medico.

Durante o tempo que exerceu o lugar de director

da enfermaria deu as maiores provas de desprendimento. O dinheiro que ahi recebia era empregado em melhoramentos do hospital.

Pertenceu sempre ao partido chefiado pelo conselheiro Gaspar Martins, de quem era amigo dedicado e por quem seria capaz de todos os sacrificios.

Pelos seus constantes rasgos de caridade e beneficencia, foi sempre considerado, na cidade do Rio Grande, como o pae dos pobres.

José Gomes Portinho

Foi um riograndense illustre, não só pelas suas raras qualidades de caracter como pela sua estupenda bravura de soldado, varias vezes provada nos campos de batalha.

Tropeiro, de que muito se jactava, quando arrebentou a revolução de 35, José Gomes Portinho correu a alistar-se sob o pavilhão republicano, e em mais de um encontro encarniçado patenteou o seu valor e a sua tactica, cobrindo-se de louros.

Era um official cauteloso, que se não expunha aos riscos de uma surpreza do inimigo, nem conduzia os seus soldados a aventuras duvidosas, embora estas se apresentassem muitas vezes sob aspectos seductores.

A prudencia era a sua força, e esta nunca fraquejou, nem mesmo na presença dos maiores perigos, que muitos elle enfrentou com calma inexcedivel.

Espirito rustico, oriundo de uma raça paciente e soffredôra, José Gomes Portinho, tinha ainda assim uma compreensão muito nitida da liberdade e da independencia. Por isso foi um republicano instinctivo, si assim posso exprimir-me. Não havia no seu republicanismo nenhum vestigio de calculo, nem de interesse, nem de "snobismo" — coisa esta que naquelle tempo ninguem sabia o que era.

Era republicano porque isso o encantava e estava na massa do seu sangue, sem que pudesse explicar porque o era nem porque não podia deixar de sel-o.

O facto é que era intransigente, e quando o general Andréa, então presidente da provincia, foi offerecer-lhe pessoalmente, em 1848, a nomeação de co-

ronel commandante superior da guarda nacional das comarcas de Cachoeira, Caçapava e Santa Maria, Portinho recusou ardentemente, allegando não estar no seu feitio commandar homens armados em tempo de paz. Só accedeu, quando Andréa, pegando-lhe na palavra, lhe observou que era esse justamente o caso: estavamos sob a ameaça da espada e dos soldados do dictador Rosas.

O mesmo aconteceu quando da campanha do Paraguay, em que tambem serviu com bravura e desprendimento.

O desprendimento de Portinho ficou assignalado indelevelmente em a nossa historia militar — infelizmente tão raro em certos homens, em tempo de guerra.

Assim se exprime a respeito um dos seus mais talentosos e competentes biographos:

"Quando estacionava com a sua divisão no Aguapehy, durante a campanha do Paraguay, foi encarregado pelo governo da compra de muitos milhares de cavallos; mais tarde, na Villa Rica, teve identica incumbencia em consideraveis compras de gado, serviço em que muita gente enriqueceu.

"Pois bem, tanto de uma como de outra vez, Portinho chamou concurrentes e obteve o gado e a cavalhada por preços muito inferiores aos estipulados. Levou ainda o seu escrupulo mais longe, fazendo os fornecedores receberem os pagamentos directamente do governo."

Nunca acceitou do governo recompensa alguma pelos seus serviços. Aos mil offerecimentos que lhe foram feitos, oppôz immediata e formal recusa. No Paraguay, Silva Paranhos lhe offereceu o titulo de barão de Villa Rica, sem conseguir fazel-o acceitar. O mesmo succedeu em 1878: foi agraciado com o titulo de barão da Cruz Alta, com grandeza. O visconde de Pelotas enviou-lhe o titulo, pedindo, em nome de sua antiga amizade que o não devolvesse, Portinho, o velho republicano que havia, nas guerras da monarchia, "servido a patria e não o imperio," guardou o titulo, mas nunca o usou.

Explicando o seu proceder, escreveu elle, de seu punho, no proprio titulo, e com data de 16 de outubro de 1879, a seguinte declaração:

"Não acceitei o baronato. Si existe o presente titulo em meu poder, é porque me foi mandado de presente pelo meu illustre amigo visconde de Pelotas, pedindo-me que o acceitasse e delle fizesse o uso que entendesse, porém que não o devolvesse. Por esta razão guardei-o, inutilizando-o, rasgando-o e lavrando a presente declaração, para que em todo tempo conste. As razões que me assistem para não ter acceitado semelhante titulo são muitas, as quaes julgo desnecessario especificar."

Era assim Portinho.

Eleito em varias legislaturas á assembléa provincial, não teve outro cuidado que não o desenvolvimento da agricultura e da pecuaria da provincia, collaborando nos projectos que concediam premios aos agricultores e creadores, que mais se distinguiam em estas especialidades.

José Gomes Portinho falleceu aos 72 annos de edade, deixando aos seus descendentes o legado de uma pobreza honrada e de um nome glorioso.

Conselheiro Candido Baptista de Oliveira

Nasceu a 15 de fevereiro de 1801 em Porto Alegre. Eram seus paes Francisco Baptista Anjo e D. Francisca Candida de Oliveira.

Seu pae o destinára á vida ecclesiastica, e para esse fim o enviara para o Rio de Janeiro, afim de estudar no Seminario de S. José.

Reconhecendo o estudante que não tinha vocação para a vida de sacerdote, deixou o seminario, seguindo para Coimbra, no anno de 1820. Ahi frequentou, com grande aproveitamento, a escola de mathematicas, bacharelando-se em 1824.

Terminados os estudos academicos, retirou-se para Lisbôa, onde o acolheu carinhosamente o marquez de Alegrete. E ahi esteve hospedado, durante mezes, até que recebesse os recursos necessarios afim de seguir para Paris, onde queria completar os seus estudos, que era a sua mais ardente aspiração.

Na capital da França, frequentou os cursos da Escola Polytechnica, da qual era professor de astronomia o sabio Arago, que se tornou seu amigo.

Voltando ao Rio de Janeiro em 1827, foi logo nomeado lente substituto da Escola Militar, passando pouco depois a ser proprietario da cadeira de mecanica racional.

No anno de 1830, tomou assento na camara dos deputados, como representante da sua terra natal. No periodo de descanço parlamentar veiu visitar a sua provincia da qual se achava afastado havia muitos annos.

Teve porém de voltar logo para o Rio de Janeiro, afim de exercer o cargo de inspector geral do thesouro nacional. Importantes melhoramentos introduziu logo no serviço das repartições arrecadadoras, salientando-se entre elles: o serviço especial de stereometria, uma nova formula de arqueação dos navios mercantes para o pagamento do imposto de amuragem e a systematisação dos pesos e medidas nacionaes.

Ainda por iniciativa sua, na camara dos deputados propôz a medida de fixação do novo padrão monetario, na razão de dous mil e quinhentos réis a oitava de ouro de 22 quilates, para servir de regulador na circulação monetaria do paiz, e facilitar nesta parte a creação de um banco, que, além de outras incumbencias, tivesse especialmente a seu cargo uniformisar o meio circulante entre nós.

No anno de 1834, deixou o cargo que occupava no thesouro, allegando motivo de doença.

Convidado em 1835 para exercer o cargo de nosso ministro residente junto á côrte da Sardenha, acceitou a nomeação, seguindo para a Europa.

Pouco depois de haver sido empossado da commissão diplomatica, deixou o logar que occupava, partindo para Paris, onde permaneceu até meiado do anno de 1837.

Em 1839, o marquez de Olinda, regente do imperio, organisando um novo ministerio, encarregou o nosso illustre patricio de gerir ao mesmo tempo a pasta da fazenda e de estrangeiros.

Por motivo de saude, acceitou a missão diploma-

tica de S. Petersburgo, no caracter de enviado, onde permaneceu até o anno de 1843, em que foi mudado no mesmo caracter, para a côrte de Vienna.

No desempenho dessas duas commissões diplomaticas, teve occasião de estreitar relações de amisade com os dous mais notaveis estadistas da Europa — o conde de Nesselrode e o principe de Metternich.

Deixando a côrte de Vienna, assumiu o exercicio de sua cadeira na Academia Militar, esperando apenas completar o tempo para a sua jubilação.

Em 1844 foi chamado para fazer parte do ministerio, presidido pelo visconde de Caravellas.

Coube lhe a pasta da marinha, onde prestou serviços que lhe grangearam a consideração e a estima da armada.

Em 1848, depois de haver deixado o ministerio, foi encarregado de fazer o reconhecimento topographico da fronteira meridional do paiz, trabalho esse que executou no anno de 1849.

Em 1850 tomou assento no senado, como representante da provincia do Ceará, tendo prestado á sua patria serviços inestimaveis.

Publicou diversos trabalhos de litteratura e economia politica, salientando-se, entre os ultimos, o seu applaudido *Systema Financial.*

Marechal José Ignacio da Silva

Nasceu na antiga capitania do Rio Grande do Sul, na segunda metade do seculo XVIII.

Bem moço sentou praça n'um dos regimentos de milicias estacionados na mesma capitania, destinguindo-se, desde logo, pela sua brilhante intelligencia.

Devido aos bellos dotes da naturesa, conseguiu facilmente os primeiros postos na carreira militar.

A 5 de fevereiro de 1784, na fronteira do Chuy, reuniu-se á commissão demarcadora dos limites entre o Brazil e as colonias hespanholas, sendo escolhido para exercer o cargo de secretario o nosso patricio.

Alguns annos depois, havendo dado cabal desempenho a essa commissão, foi destinguido com a promoção, a sargento-mór, por merecimento.

Pouco depois passou a exercer o cargo de ajudante de ordens do governo da capitania de S. Pedro sendo promovido a tenente-coronel, logo em seguida á campanha de 1801 em que praticou actos de bravura.

Tendo o general D. Diogo de Souza, sido empossado em 1807 da capitania geral do Rio Grande do Sul, continuou o nosso patricio a exercer o cargo de ajudante de ordens do novo governador.

Havendo tomado parte na campanha de 1811 a 1812, foi graduado no posto de coronel, em attenção aos bons serviços que prestára.

Em 1814, assumindo o governo da capitania o general Marquez de Alegrete, designou-o logo para occupar os cargos de intendente da marinha, e deputado da junta da Fazenda Nacional.

Em 1818, foi granduado no posto de brigadeiro, pelos assignalados serviços da ultima campanha.

Tendo sido creada a junta governativa, foi empossado no logar de membro e secretario dos negocios da guerra do governo representativo do Rio Grande do Sul, estabelecido em Porto Alegre a 22 de fevereiro de 1822.

A 12 de novembro de 1823 substituiu o marechal João de Deus Menna Barreto na presidencia da junta governativa, deixando esse cargo no mez de março de 1825, quando foi nomeado o Visconde de S. Leopoldo, presidente do Rio Grande do Sul.

Dr. José Bernardino da Cunha Bittencourt

A vida do dr. José da Cunha Bittencourt, nascido na cidade de Porto Alegre, a 3 de janeiro de 1827, encerra um bello exemplo de quanto póde a força de vontade quando conjugada com uma intelligencia superior.

Filho de paes pobres, sentiu desde a mais verde infancia, pronunciado pendor para o estudo da medicina, e, máo grado as difficuldades de ordem material que se antolhavam, consiguiu matricular-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se formou em homeopathia, aos 23 annos de edade.

Frequentava o 3.º anno do seu curso medico, quando teve a infelicidade de perder seu pae, e que, pobre, pauperrimo mesmo, concorria com modesta pensão para manter o filho nos estudos.

Eis como um admirador do Dr. Bittencourt descreve esse momento triste de sua vida:

"Tendo sciencia o seu correspondente, o sr. Filgueiras, proprietario da fabrica de tecidos de Santo Aleixo, que seu progenitor havia fallecido, avisou ao Dr. Bittencourt que, daquella data em deante, não podia mais contar com os seus recursos para proseguir os seus estudos, offerecendo-lhe, na mesma occasião, um logar no seu estabelecimento fabril.

"O Dr. Bittencourt regeitou a proposta, declarando-lhe que, se queria ser-lhe util e prestar-lhe um favor, continuasse a dar-lhe a mensalidade que seu fallecido pae tinha estipulado, que, depois de formado, lhe pagaria integralmente."

De facto assim succedeu.

Entretanto, o Dr. Bittencourt para melhormente cumprir seus nobres designios e compromissos financeiros, empregou-se como revisor do "Correio Mercantil", do Rio, de propriedade do Dr. Joaquim Anselmo Alves Branco Muniz Barreto. Sendo ainda insufficiente seus recursos, o Dr. Bittencourt apresentou-se candidato ao concurso de um logar de interno do Hospital da Marinha. Obteve o primeiro logar, e foi nomeado.

Em 1852 veiu para a sua cidade natal, e, pouco depois, apresentou-se candidato avulso á assembléa provincial. Foi eleito por enorme votação. Desse anno em deante teve uma vida politica longa e agitada, sendo um dos mais acatados chefes do partido conservador. Em 1868 foi eleito deputado geral. Seus serviços á terra natal foram muitos e de superior relevo. Entre estes, contam-se a creação da Escola Normal e o curso de infantaria da Escola Militar.

O Dr. Bittencourt foi medico da Beneficencia Portugueza, e por serviços prestados nesse posto foi condecorado pelo governo portuguez com a commenda de Villa Viçosa. Tambem, por serviços que prestou por occasião da cholera morbus, o governo imperial o agraciou com o habito da Rosa.

O Dr. Bittencourt era muito religioso, e concorreu grandemente para a construcção do Seminario Episcopal.

Este illustre varão morreu na cidade de Porto Alegre, a 25 de novembro de 1901. O seu maior elogio, está nas palavras com que um jornalista seu admirador encerrou o seu necrologio: "tudo o que foi deveu a si sómente."

Sebastião Barreto Pereira Pinto

No anno de 1775 nasceu em Porto Alegre Sebastião Barreto Pereira Pinto.

A 18 de outubro de 1791, sentou praça no regimento de dragões de Rio Pardo, quando commandante o tenente-coronel Patricio José Corrêa da Camara, um official de incontestaveis meritos.

Na campanha de 1801, serviu com distincção, dando fiel desempenho ás incumbencias de que fôra encarregado.

Tomou parte nas guerras de 1811 e 1812, distinguindo-se no combate de Itapebuhy.

Na campanha iniciada em 1816, o general marquez do Alegrete o incumbiu de arriscadas commissões dando a todas completo desempenho.

A' frente do seu regimento entrou no combate de Carumbé e na celebre batalha de Catalão, "sendo este o primeiro corpo que, em ambas as acções, rompeu a linha do inimigo,o que muito cooperou para tão assignaladas victorias."

Em março de 1818, invadiu o Estado Uruguay, assistindo aos ataques em Chapecuhy, Rabão e Sanclus, á frente do seu regimento.

Depois do desbarato das forças do caudilho Artigas, foi immediatamente promovido a coronel.

Em 1823, reuniu-se ás forças que sitiavam Montevidéo, onde o general D. Alvaro da Costa se batia contra a Independencia do Brazil.

Assumindo, mais tarde, o marquez de Barbacena o commando de todas as forças que operavam no sul, foi dado o commando da primeira divisão ao brigedeiro Sebastião Barreto, á frente da qual tomou parte

na memoravel batalha de Ituzaingo, "merecendo nesse dia, especial distincção do general commandante em chefe".

Por decreto de 4 de novembro de 1830, foi nomeado para exercer o cargo de commandante das armas do Rio Grande do Sul, tendo servido essa commissão até 11 de janeiro de 1831.

A 20 de setembro de 1835, quando rebentou a revolução em Porto Alegre, achava-se, no commando das armas da provincia, e, em serviço na campanha, o marechal Sebastião Barreto.

Assumindo a presidencia do Rio Grande, o Dr. Marciano Pereira Ribeiro, um dos seus primeiros actos foi a suspensão do commandante das armas que estava na fronteira do Livramento, vendo-se, então, abandonado por grande parte das suas tropas.

Voltando mais tarde de Montevidéo, assumiu o commando das forças legaes, sendo porém de um caiporismo sem nome. Foi batido nos campos de Athanagildo e no combate de Rio Pardo a 30 de abril de 1838, onde os revolucionarios dispunham de outros elementos de guerra.

Seguindo depois, desgostoso, para o Rio de Janeiro, o governo o nomeu para presidir a provincia de Minas Geraes onde pôz em evidencia a sua capacidade administrativa.

Aos 66 annos de edade veiu a fallecer o illustre brazileiro, tendo consagrado mais de meio seculo ao serviço da Patria.

Gaspar Silveira Martins

Entrado na vida em 5 de agosto de 1835, quando estava prestes a estalar o raio revolucionario de que surgiu a gloriosa epopeia dos *Farrapos,* o ardente tribuno gaúcho tinha de ser o que foi: um genio temerario e tempestuoso.

Nascia com a revolução: de supremas revoltas teria de ser tecido seu temperamento. E de facto, Silveira Martins — a Palavra-Trovão — exgottou uma vida inteira de luctas contra tudo o que visava ferir a liberdade e a lei.

Jamais houve nestas encantadas terras do Cruzei-

ro, quem, nos violentos choques politicos, defendesse, como Silveira Martins, os direitos constitucionaes. Trazia sempre comsigo a costitução do Imperio, e esta, como elle disse em discurso, que ficou celebre, — "já fazia parte de seu bolso."

Patriota de singular envergadura, seu poderoso influxo politico se fez sentir em toda parte e em tudo, e a grandeza do Brazil — mórmente da provincia do Rio Grande do Sul — era sua unica, persistente, obsedante preoccupação.

Chefe da poderosa phalange liberal, formada de homens de valor, Silveira Martins não limitou comtudo sua raia de acção dentro do acanhado circulo do partidarismo egoistico.

Não. O insigne patriota estendeu o vôo para além do programma de seu partido, a sua palavra era acatada por gregos e troyanos, toda vez que deixava de ser a voz de um partido para ser o écho da vontade do povo.

Eis porque alguem, ao traçar-lhe o rapido perfil, disse que Silveira Martins "cresceu amando o povo e foi um dos unicos que lealmente o representou no parlamento."

Caracter diamantino, espirito independente, déra disso uma prova incomparavel, quando na qualidade de juiz municipal no Rio de Janeiro, fizera cair o peso da lei sobre um dos desembargadores da côrte, seu superior hyerarchico, passivel de pena.

Quando se decidiu a abraçar a vida politica — o que fez com ruidoso desassombro — ligou-se aos parédros do partido liberal de então: Conde de Porto Alegre, Tenente-coronel Lopes Teixeira, Felix da Cunha, General Osorio, Dr. Caldre e Fião, Felippe Nery, Manoel Amaro da Silveira, Luiz da Silva Flôres, Pinheiro Machado, Andrades Neves e outros.

A' adhesão do grande tribuno ao partido, este agitou-se, dentro em pouco, e desse movimento romperam as duas forças contrarias: os liberaes "historicos" e os liberaes "progressistas".

De um lado ficaram Lopes Teixeira, Conde de Porto Alegre, Felippe Nery e Caldre e Fião, e do outro Felix da Cunha, Silveira Martins, general Osorio, Luiz Flôres e Manoel Amaro da Silveira.

O fogoso tribuno rio-grandense estava lançado.

Seu nome já se fazia notar, num luminoso realce, desde sua famosa sentença contra o desembargador a que atraz me referi; bem depressa, porém, se fez notavel, com a sua entrada na camara temporaria.

Silveira Martins penetrou nesse recinto como um violento sopro de revolta, e não houve questão de interesse para os destinos nacionaes em que o ardoroso tribuno não tomasse parte saliente.

O sensacional repto atirado ao barão de Mauá, em plena sessão da camara, em 27 de janeiro de 1873, e de que saiu victorioso o tribuno gaúcho, pela consulta feita ao eleitorado do 2.º districto, a 12 de setembro do mesmo anno, revelou, de modo inilludivel, o seu prestigio do sul ao norte do paiz.

Silveira Martins impôz-se, então, ao Governo Federal, e de tal modo sua vontade tinha fóros de potencia que não raro os proprios adversarios votavam com elle, e prestigiavam suas idéas.

São conhecidos, e nem vale minucial-os, os fragorosos triumphos que, nas luctas do parlamento, alcançou contra individualidades da estatura de um Martinho de Campos, de um Cotegipe, de um José Mariano, de um Paranaguá, de um Sinimbú, de um José Alencar e de tantos outros experimentados e notaveis parlamentares, que teve de enfrentar do alto da tribuna.

Nomeado Ministro da Fezenda do gabinete Sinimbú, Silveira Martins patenteou de logo não ser de feitio a amoldar-se á semelhante posição, e havendo tomado a peito a ruidosa questão dos catholicos, arremessou longe "a libré de lacaio", como então disse — voltando para o seio do povo, unico logar onde se achava bem. E aqui devo consignar que a sua ascenção ao ministerio, tinha sido enthusiastica e brilhantemente recebida e saudada, na imprensa do Rio pelos grandes chefes do partido republicano nacional, Saldanha Marinho e Quintino Bocayuva.

Persistente, inflexivel nas suas idéas e opiniões, o excelso patricio deu disso frisante exemplo na tumultuaria "questão militar".

Sua palavra nunca se retratava e nenhuma manifestação de desagrado o intimidava.

Era eloquente e corajoso.

Sua voz trovejante dominava as multidões, e mesmo quando o incomparavel tribuno queria avelludal-a, lá estava nella o tom forte, retumbante, do combatente, soltando o grito de guerra.

São sem conta os serviços prestados por Silveira Martins ao Brazil, maiormente ao Rio Grande do Sul, a que elle sempre dedicou o fogo do seu talento, o ardor de sua palavra e o sangue de suas veias.

Nomeado presidente da então provincia em 1889, a Republica veiu encontral-o nesse posto, mas em viagem para o Rio, a chamado do Visconde de Ouro Preto, então Ministro da Fazenda e presidente do Conselho.

Preso na altura de Santa Catharina, foi em seguida exilado, mantendo sempre, sem recúo de uma linha, o seu ideal politico.

E' certo que , mais tarde, em notavel conferencia realisada nesta capital, entre o chefe liberal e Julio de Castilhos, houve um principio de accôrdo, uma especie de "entente" politica, de onde resultaria quiçá o apaziguamento dos partidos divergentes. Infelizmente as combinações falharam, e de ahi a revolução de 1893, em que o grande brazileiro, como alma da facção liberal, teria de ser "magna pars".

Entretanto quem estudar meudamente e imparcialmente a titanica figura do grande brazileiro, verá que o ideal politico de Silveira Martins era essencialmente democratico, patentemente republicano.

Suas ideas foram adoptadas pelo actual regimen, porque não padece duvida que, fóra da republica, o tribuno-estadista só admittia uma monarchia federativa.

Em o notavel manifesto que, juntamente com Felix da Cunha, apresentou ao eleitorado do 2.° districto da então provincia do Rio Grande do Sul, a 30 de maio de 1863, ha trechos assim:

"A dissolução veiu provocar o paiz a manifestar-se por uma das duas opinões politicas, que se disputam o governo da nação.

"Hoje, mais do que nunca, o deputado deve ser uma idéa, servida por uma convicção sincera, uma consciencia honesta, um caracter integro, e uma intelligencia a par dos reclamos da situação.

"O suffragio popular não póde, não deve ser a

expressão do favor, da affeição ou da condescendencia. O povo que paga serviços privados com seu voto, insulta a magestade da soberania popular, de que é symbolo vivo e verbo poderoso. O candidato que exige esse sacrificio falseia a verdade da eleição. Ambos infrigem o seu dever.

"O voto popular deve ser a revelação de um pensamento politico: só isso póde dar-lhe o cunho do patriotismo e da civilisação."

Eis a éthica politica de Silveira Martins.

O paragrapho III dessa sua estupenda plataforma é toda uma profissão de fé republicana, democratica.

Senão, veja-se:

"A eleição que confere funcções vitalicias é a soberania que abdica. Toda delegação é temporaria. Esse deve ser o caracter do Senado. Deve-se dar maior duração ao mandato de seus membros, do que têm os da Camara e renoval-os por séries. Só assim será benefica a divisão do poder legislativo; ao ramo mais moço a iniciativa, a lucta, o enthusiasmo; ao ramo mais velho a sabedoria, a madureza, a experiencia, a tradicção. Estas qualidades são difficeis com a vitaliciedade, ou si foram perdidas não serão restauradas. A vitaliciedade separa, por um abysmo, os eleitos do povo, e fará um senador dizer que prefére a libré do criado do paço á farda de representante da nação. Cria uma oligarchia de uma irresponsabilidade absoluta, capaz de impedir a marcha de qualquer governo, e tem justificado esta sentença de Guizot na vida de Washington — um senador aristocratico é o mais intratavel dos senhores, todos possuem o poder supremo, e nenhum é responsavel."

No XIV paragrapho vem, nitidamente, expressada a idéa federativa.

"Descentralisação administrativa, dando mais acção ao elemento executivo das administrações provinciaes, para emancipar as provincias da dependencia da côrte..."

Creio seria isto sufficiente para demonstrar o ideal politico do assombroso tribuna gaúcho, comtudo estou na obrigação de esclarecer melhormente este ponto.

Silveira Martins preferia a republica á Monarchia, e é elle proprio quem o diz, no discurso que pronunciou

na Camara dos Deputados, na sessão de 2 de outubro de 1877, tratando de fórmas de governo:

"Li algures um discurso ou escripto de Mr. Thiers:

"Si pudesse dar para a minha patria o governo em que mais confio, dar-lhe-ia o governo da Inglaterra, com preferencia ao dos Estados Unidos da America. Mas a fórma de governo da Inglaterra é hoje impossivel pela lucta de tres dynastias, e eu primeiro que tudo sou francez e amo a minha patria, portanto sustento a republica, que é o unica regimen que póde produzir paz, ordem, progresso e liberdade."

"Eu acho-me de todo o ponto no polo opposto ao em que se achava Thiers, e digo que si eu fosse contemporaneo da independencia, ou pudesse dar á minha patria a forma de governo de minha preferencia, antes de arremedar a Inglaterra, que tem uma nobreza de raça, antes de caricatural-a com barões de seus proprios nomes, *dar-lhe ia a fórma da America do Norte, porque prefiro, em materia de fórma, a republica á monarchia.*"

E foi este grande democrata que a Republica, que elle poderia ter feito si o quizesse, condemnou ao ostracismo, e que a mais cruel das fatalidades envolveu nos horrores de uma guerra civil, que elle não queria.

Todavia, impellido por uma força contraria á sua vontade, Silveira Martins acceitou a lucta armada.

Foi vencido, e feita a paz em 23 de agosto de 1895 e, decretada a amnistia geral, voltou o grande rio-grandense ao seu torrão natal, assistindo como figura predominante, ao congresso federalista, que se realizou em Porto Alegre, em agosto de 1896.

Pouco depois retirou-se para Montevidéo, onde habitualmente vivia depois da proclamação da Republica e de seu regresso da Europa, e ahi fixou residencia, até que a morte o colheu, repentinamente, a 23 de julho de 1901.

Qualquer que sejam os erros que, por ventura, haja commettido, no seu largo tirocinio politico, o egregio tribuno patricio, ninguem poderá negar a influencia extraordinaria de sua acção politica nos destinos nacionaes, e as enormes concessões que arrancou ao Imperio, em beneficio de seu torrão natal.

Escerveu-se algures, com algum vizo de verdade,

que "Silveira Martins foi acclamado como tribuno, passando todavia despercebido como estadista."

Pouco importa isso ao juizo da Historia. O que ha que se ver nesse portentoso typo de combatividade é o seu soberbo patriotismo, é o seu elevado sentimento de independencia, é a sua excepcional cultura, é o seu acrisolado amor ao Rio Grande do Sul, é a confiança que elle tinha em si proprio, a certeza de seu prestigio e de sua forte e inflexivel vontade, quando dizia triumphalmente, desafiando o presente e o futuro: — *o poder é o poder* e *a barra ha de abrir-se porque a barra não tem querer.*

Sem ter sido erudito, no lato sentido do termo, foi comtudo de uma illustração magnifica, de uma superior cultura ecletica, havendo conquistado a merecida fama de notavel polyglotta, de que deu, mais de uma vez, admiraveis provas — notamente na celebre correspondencia que manteve com o grande romancista brazileiro, Joaquim Manoel de Macedo, a proposito, creio, das linguas grega e hebraica.

Quanto á sua competencia administrativa, aos seus predicados de estadista, assim se pronunciou o notavel jornalista e propagandista republicano, Quintino Bocayuva, na imprensa do Rio, por occasião do tribuno gaúcho tomar posse do cargo de Ministro da Fazenda do gabinete Sinimbú: "Silveira Martins não tem especialidade. Seria tão notavel ministro da justiça, como da guerra e como ha de ser da fazenda."

Silveira Martins morreu em terra estranha, porque esse parece ser o ingrato fadario de todo o patriota apaixonado: mas os seus preciosos despojos mortaes serão recolhidos um dia ao pantheon que o Rio Grande do Sul vae erguer para receber as cinzas de seus homens illustres e em cujo seio o egregio brazileiro continuará o seu dormir sem pesadelos, sob o estrellado céo da valente, leal, gloriosa terra gaúcha.

Dr. Rodrigo de Azambuja Villanova

Nasceu na risonha povoação de Taquary em 1844. Ahi aprendeu as primeiras lettras numa escola publica, vindo continuar os seus estudos, já taludo, no Collegio Gomes, como interno.

Concluidos os preparatorios, seguiu para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Faculdade de Medicina, tendo terminado o curso com approvações distinctas.

Voltando á terra natal, foi clinicar em Taquary, onde tinha muitos parentes e pessoas de amizade.

Filiou-se desde logo ao partido conservador, tornando-se, em pouco tempo, pelo seu espirito ponderoso, um dos chefes de mais prestigio.

Foi, em diversas legislaturas, eleito á assembléa provincial, pondo em evidencia o seu interesse por tudo que se ligasse ao progresso e desenvolvimento do Rio Grande, que elle amava extremecidamente.

Por indicação do conselheiro Gaspar Martins, que o considerava pelos seus elevados dotes de espirito, foi nomeado presidente do Rio Grande.

Assumindo o governo, procedeu com a maior correcção, servindo aos seus companheiros politicos dentro dos limites do possivel, e distribuindo justiça a todos, que subiam os degráos de palacio.

Teve uma administração seria, honesta, digna de si.

Quando deixou o poder, recolheu-se ao lar com a consciencia de haver sabido sempre cumprir o seu dever; mas foram arrancal-o a esse doce e virtuoso remanso, para fazerem-no presidente do Banco Emissor, fundado em Porto Alegre, nos primeiros annos do novo regimen.

A morte, infelizmente, o surprehendeu quando o illustre rio-grandense estava ainda no vigor dos annos, e apto para prestar alevantados serviços á terra gaúcha, que elle amava com aquella fortaleza de coração leal e constante, que era uma das muitas virtudes dos antigos.

Manuel Marques de Souza

Nasceu na freguezia de Jesus Maria e José, do Rio Grande de S. Pedro do Sul, sendo baptisado na casa em que abriu os olhos, a 27 de fevereiro de 1743.

Por occasião da invasão das tropas hespanholas, ao mando do general D. João de Vertier e Salcedo, distinguiu-se como ajudante de ordens do major Patricio José Correia da Camara.

Em 1776, já com um nome feito na carreira das armas, pôz mais uma vez em evidencia o seu valor no ataque levado ao forte da Trindade, a 1.º de abril.

Declarada a guerra entre Portugal e a Hespanha em 1801, tomou elle a iniciativa de conseguir elementos para oppôr séria resistencia á invasão dos nossos inimigos do Prata, que não tardaria.

Havendo sido incumbido pelo governador capitão-general para dar parecer sobre a força de cavallaria de que dispunha a capitania, foi acceito o seu trabalho, como se vê do final do officio dirigido ao governo da côrte. "De todos os pareceres eu prefiro o do marechal Marques de Souza, tanto pelo que respeita á constituição, como á posição, regimen e conservação dos corpos militares desta capitania; não póde, á vista das condições que lhe foram propostas, haver nada mais acertado do que pondera este official tão conhecedor do local, tão intelligente, tão modesto..."

Em janeiro de 1814, o marechal Marques de Souza acampou proximo aos cerros de Bagé.

Em junho desse mesmo anno, tendo D. Diogo de Souza recebido do Rio de Janeiro terminantes ordens para obstar que a cidade de Montevidéo caisse em poder dos insurgentes, que haviam deposto o vice-rei Sysneiros, o capitão-general invadiu a Banda Oriental, com um grosso exercito, indo á frente de uma columna o marechal Marques de Souza.

As forças que effectuaram essa invasão eram denominadas — Exercito Pacificador — e foram levando tudo de vencida.

Na campanha de 1816, tomou parte activa o tenente general Marques de Souza, concorrendo para repellir e desbaratar as forças do caudilho José Artigas, que tanto se celebrisou pelos seus feitos de banditismo.

A 22 de setembro de 1820, tendo o governador Conde da Figueira, seguido no goso de licença para o Rio de Janeiro, assumiu o tenente-general Marques de Souza, a presidencia da capitania.

Tendo mais tarde se empossado do governo da capitania do Rio Grande, o brigadeiro João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, mandou recolher á côrte o tenente-general Marques de Souza, por attribuir-lhe

o intento de tentar appossar-se do governo da mesma capitania.

Chegando ao Rio de Janeiro, encontrou batendo-se esforçadamente pela causa da nossa emancipação politica o seu genro marechal de campo Joaquim de Oliveira Alvares.

Em seguida a estes factos, organisou o principe D. Pedro o seu primeiro ministerio, cabendo ao genro do tenente-general Marques de Souza a pasta da guerra, ficando desta forma prejudicado o motivo pelo qual foi enviado ao Rio de Janeiro o nosso illustre patricio.

Desgostoso, porém, com a injustiça que soffrera apaixonou-se por tal fórma que veiu a fallecer a 22 de abril de 1822, na terra do exilio para onde fora mandado.

Prestando uma justa homenagem á memoria de varão tão cheio de serviços á Patria, o nosso illustrado patricio Alfredo Ferreira Rodrigues traçou as seguintes linhas:

"Porém nem a lembrança das façanhas da juventude, nem a gloria de que se cobriu o seu nome, nem os altos cargos de que se vira investido, nada se podià comparar ao intimo jubilo de que se sentia possuido o velho guerreiro, vendo a continuação de seu passado, vivo, brilhantee glorioso nos feitos de seu filho primogenito, nas primeiras proezas do neto idolatrado, o conde de Porto Alegre.

Podia morrer descançado e feliz — Cançára o braço ao serviço da patria, porém legava-lhe outro que saberia empenhar a espada, que lhe caiu da mão e com ella levaria os inimigos de vencida.

O seu nome não desappareceria: dera-o ao filho que o transmittia, rico de novos louros, ao neto. Este, recebendo a sagrada herança do nome do pae e do avô, devia illustral-o ainda mais, levando-o ás culminancias da fama, glorioso por todo o sempre."

João da Silva Tavares

João da Silva Tavares, general e Visconde do Cerro Alegre, nasceu na antiga provincia do Rio Grande do Sul, por voltas de 1791.

Bem cedo se alistou na carreira militar, servindo como soldado, em um corpo da 2.ª linha, na campanha iniciada pelo general Carlos Frederico Lecor, mais tarde Visconde da Laguna.

Affeito, desde moço, á arte da guerra, Silva Tavares prestou á bandeira do Imperio, com lealdade inexcedivel, os mais assignalados serviços, batendo-se como um leão em as nossas campanhas com as republicas do Prata.

Todos os serviços de Silva Tavares, na guerra como na paz, apparecem revestidos de um cunho de bravura e austeridade inconfundiveis.

"Por sua coragem e merecimentos — diz um artigo do "Jornal do Commercio", do Rio, de 4 de janeiro de 1837 — subiu ao posto de capitão, passando pelos de furriel, sargento, alferes e tenente, em todos os quaes cumpriu sempre os seus deveres, serviu sem mancha, e bem antes, com louvor de seus superiores e admiração de seus camaradas. Foi commandante de companhia e de districto. Foi eleito juiz de paz do districto do Herval, em cujo cargo prestou, durante 4 annos de sua judicatura, relevantes serviços, perseguindo os facinoras e salteadores, que infestavam os arredores daquelle logar, e mantendo o socego e harmonia entre os seus concidadãos, que, gratos, a sua rectidão e justos avaliadores de seus nobres feitos, o elevaram a eleitor, a major e a tenente-coronel da guarda-nacional."

E' de ver que não era uma missão commoda a de distribuidor de justiça, numa época como aquella em que a provincia estava sempre em movimento armado, não só por causa de suas agitações intestinas, como tambem porque as suas fronteiras eram continuamente assolados por maltas de bandoleiros, de aventureiros e de outros elementos perniciosos que fugiam das republicas visinhas, acossados pelas auctoridades de lá.

Comtudo, Silva Tavares se houve no desempenho dessas funcções ao contento geral, sendo, mais tarde, pelas suas castiças qualidades de caracter e de acção, eleito deputado provincial e nomeado pelo então presidente dr. Antonio Fernandes Rodrigues Braga, commandante militar da fronteira de Jaguarão, em logar

do coronel Bento Gonçalves da Silva, que já andava architectando os seus planos de revolta.

Tres dias antes de explodir a revolução de 35, foi elle procurado por aquelle coronel, seu amigo intimo e compadre, e convidado a pegar em armas contra o governo do Imperio. Silva Tavares não só se negou a isso, como declarou peremptoriamente que se opporia com a sua gente ao movimento revolucionario.

De facto assim succedeu. Quando estalou a revolução, já os republicanos encontraram Silva Tavares á testa de gente armada, e a 13 de outubro de 1835, as suas forças reunidas ás de Manoel Marques de Souza, depois Conde de Porto Alegre, derrotavam nas margens do Arroio Grande, os revolucionarios ao mando do capitão Manoel Antunes.

Entretanto, Silva Tavares, a despeito de sua bravura, nem sempre foi feliz nos seus encontros com os revolucionarios.

No combate do Seival, por exemplo, travado em 10 de setembro de 1836, o coronel republicano Souza Netto derrotou as forças legaes commandadas por Silva Tavares, e tres mezes depois, a 17 de dezembro, na surpreza do Arroio Grande do Herval, foi o valente official da legalidade feito prisioneiro pelo valoroso chefe revolucionario David Canabarro.

Nesse feito ficou tambem prisioneiro seu filho João Nunes da Silva Tavares, salvo em seguida por intervenção do oriental Calengo, varios officiaes e praças de pret.

O velho Silva Tavares, porém, passou martyrios na prisão, porque muitos officiaes revolucionarios faziam questão de sua morte — tal o valor do velho soldado imperialista nos combates.

Foi David Canabarro quem sempre se oppôz a este designio de seus companheiros de armas.

Por fim, foi Silva Tavares, com outros companheiros, entregue ao capitão rebelde Menino Diabo — de sinistra memoria. Dizem os chronistas da época, que havia a intenção de fazerem fuzilar Silva Tavares e os seus companheiros de infortunio no Estado Oriental.

O bravo soldado, porém, peitando o sargento, commandante da guarda que o vigiava, conseguiu fugir com seus companheiros, em 5 de fevereiro de 1837,

segundo uma versão espalhada por um jornal dessa época, ou em 10 de março do referido anno, conforme relata um manuscripto pertencente ao archivo da familia Tavares.

O facto é que a sua vida militar em campanha não terminara. O denodado rio-grandense ainda prestou serviços de revelancia na guerra do Paraguay.

Silva Tavares falleceu em avançada edade, deixando uma descendencia illustre, e tendo o Imperio o cummulado de honrarias e titulos de nobreza — e elle bem o mereceu pelas suas preclaras virtudes.

Dr. Henrique Martins Chaves

Nasceu na cidade de Pelotas, onde veiu a fallecer a 13 de fevereiro de 1902, em pleno vigor dos annos.

Ahi mesmo estudou os preparatorios, seguindo depois para S. Paulo, onde se bacharelou na Faculdade de Direito, deixando um bom nome entre os lentes e collegas, pela sua conducta irreprehensivel e pelo seu bello talento.

Era um republicano sincero, ardoroso e bem intencionado.

Fez parte do *Club Vinte de Setembro,* que havia sido creado pelos nossos patricios, que frequentavam a academia.

Concluido os estudos, voltou logo á terra natal, pondo o seu brilhante talento ao serviço do partido que o tinha em alta conta.

No periodo mais agudo da revolução de 1893, exerceu em Pelotas o cargo de intendente do municipio, não permittindo que fosse commettida a mais leve violencia contra os adeptos da revolta.

Em quadra tão delicada e tão espinhosa, os inimigos do governo viviam tranquillos, confiantes no espirito tolerante do illustre rio-grandense.

Apezar das multiplas preoccupações do momento critico em que se via o nosso Estado, o Dr. Henrique Chaves imprimiu a todos os seus actos o cunho da mais louvavel moderação.

E administrou o municipio com zelo e probidade, bem podendo a sua conducta servir de modelo aos que

sobem os degráus do governo, esquecendo, quasi sempre, nas alturas, as mais ligeiras lições do dever.

Que estas nossas ultimas palavras não sejam esquecidas pelos moços de hoje — que serão os governantes de amanhã.

Bento Correia da Camara

Nasceu na cidade de Rio Pardo, em 26 de Julho de 1786, e verificou praça de primeiro cadete, em 1.º de março de 1795, no regimento de dragões, de que era commandante seu pae, o tenente coronel Patricio José Correia da Camara, mais tarde, condecorado com o titulo de primeiro visconde de Pelotas.

Havendo iniciado a sua carreira militar em 1801, na conquista definitiva do territorio de Missões, foi promovido a tenente em attenção aos serviços que ahi prestou.

Mais tarde, por decreto de 25 de julho de 1808, obteve a promoção de capitão para o regimento em que sentara praça, tendo feito a campanha de 1811 a 1812 nesse mesmo posto.

Coucluida a guerra, foi promovido a sargento-mór, pelo seu valor, posto á prova entre o fumo dos combates.

Em 1816, marchou para a fronteira do Rio Grande, afim de repellir as forças do celebre caudilho José Artigas, que infestavam a campanha.

Tratando desse feito, assim se exprime o marquez do Alegrete:

"O coronel aggregado ao regimento de milicias de Porto Alegre e commandante de dous esquadrões deste corpo, existentes no exercito, Bento Correia da Camara, ferido gravemente, continuou a acção; retirando-se, depois de lhe haverem ferido o cavallo e mudando-se para outro, entrou de novo no combate."

Esse valoroso cabo de guerra tem o seu nome ligado ao combate de Santa Maria, de Arahicuá, de Catalãn, de Tapevi, de Ibicuhy, de Cunhaperú, das Palomas, do Passo de S. Borja, de Itaquatiá, de Sant'Anna e de Taquarembó, onde elle operou prodigios de in-

concebivel valor. Foi elle, só elle, quem decidiu a victoria de Taquarembó tão renhidamente disputada.

No ataque de Catalãn, recebeu Bento Correia da Camara um ferimento considerado muito grave; apezar disto, porém, continúa a combater com a mesma audacia, como si a sua vida não estivesse seriamente compromettida.

Para elle abandonar o campo da lucta, foi necessario que o marquez de Alegrete lançasse mão da sua auctoridade de commandante em chefe. Só assim o general ferido recolheu-se ao hospital de sangue.

Não era só valente, temerario e estrategico, mas um grande patriota. Rico como era, mais de uma vez offereceu, de suas estancias cavallos para remonta do exercito, e abriu os seus cofres, contribuindo com valiosos donativos para augmentar e reforçar a nossa quadra.

O seu heroismo corria pois parelhas com o seu amor pela Patria.

Para dar uma idéa exacta do caracter desse illustre verão, vamos citar um episodio tocante da sua vida:

Quando os *farrapos* puzeram sitio á cidade de Porto Alegre, o heróe de Taquarembó, já velho e recolhido ao socego do lar, apresentou-se de arma ao hombro para guardar as trincheiras, dando assim um bello exemplo á mocidade.

Indo mais tarde residir no Rio de Janeiro, ahi falleceu a 13 de abril de 1851, um dos filhos mais illustres da terra gaúcha.

João Baptista da Silva Telles

Nasceu em Porto Alegre, a 9 de fevereiro de 1844, e assentou praça no dia em que completou vinte annos de edade.

Teve diversas promoções, por actos de bravura, na guerra do Paraguay, onde seus irmãos Pantaleão e Carlos Telles haviam egualmente se distinguido nos campos de batalha.

Apenas com cinco annos de serviços, conseguiu

as insignias de capitão, em frente do inimigo, á custa do seu sangue.

Concluida a guerra, voltou ao Brazil com a consciencia de ter sabido cumprir o seu dever, expondo muitas vezes a vida na defeza da Patria, nas guardas avançadas, onde foi ferido, mais de uma vez.

Tendo, mais tarde, rebentado a revolta de 6 de setembro de 1893, foram reclamados os seus serviços como um general, em cujo valor o governo podia ter absoluta confiança.

Para bater os insurgentes seguiu elle á frente de numerosas forças para a ilha do Governador.

Ahi, foi ferido, a 14 de dezembro, á queima roupa, por gente emboscada no espesso matto, que margeava a estrada.

Causou estranheza que apenas fosse baleado o general, quando nada succedeu aos officiaes, que o acompanhavam no reconhecimento do local, e sobre as quaes fôra feita tambem cerrada descarga de fuzilaria.

Si não fosse o penosissimo trajecto para o Rio de Janeiro, ora a cavallo, ora puxado em carreta de bois, ora em escaler, é bem possivel que não tivessem se aggravado os seus ferimentos.

Apezar dos desvellos de que se viu cercado no seio da familia, que o idolatrava, veiu a fallecer, a 24 de dezembro de 1893, deixando a radiosa tradição do valor e do heroismo.

Dr. Alexandre Cassiano do Nascimento

O dr. Alexandre Cassiano do Nascimento, uma das figuras mais prestigiosas e sympathicas da politica republicana do Rio Grande do Sul, nasceu na cidade de Pelotas, a 13 de agosto de 1856, estudou preparatorios no Rio de Janeiro, matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1876 e collou o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, em 4 de novembro de 1880.

De regresso da paulicéa, onde deixára reputação de estudante distincto e rara intelligencia, foi nomeado promotor publico da cidade do Rio Grande, e, mais

tarde, em 1882, para o cargo de juiz municipal em Sant'Anna do Livramento.

Mas o dr. Cassiano do Nascimento, ou porque não fôsse affeiçoado a cargos officiaes, ou por que já se tivesse deixado empolgar pelo ideal republicano, que avassallava as almas moças naquelle tempo, e que ia tomando enorme incremento na provincia, mórmente depois da fundação do partido, em 1879, abandonou as funcções publicas, e, durante dois annos, andou advogando na campanha, indo depois, em 1884, residir na sua cidade natal.

Ahi, unindo-se a Alvaro Chaves, organizaram ambos o partido republicano no sul da provincia, e, em 1884, foi apresentado candidato á assembléa provincial, pelo seu partido, não sendo, porém, eleito.

Desse anno em deante, Cassiano do Nascimento consagrou-se ardorosamente á propaganda, que ia intensa na provincia.

A "Federação", valente orgão do partido estava então em plena florescencia. Justamente, em meiados de 1884, Julio de Castilhos assumira á redacção-chefe da vibrante folha politica, e o seu artigo de estréa a *Monarchia não tem homens* calou profundamente na alma gaúcha. A mocidade saida das academias era quasi toda abertamente republicana, e em toda a provincia havia uma espectativa sympathica ás novas correntes politicas. Urgia, por isso mesmo, levar a palavra da doutrina nova ao interior onde nem sempre o jornal chegava.

Cassiano do Nascimento não hesitou. Abandonou o aconchego do lar, o seu bem estar, a vida attrahente das cidades cultas, e saiu pela campanha do sul a fazer a doutrinação republicana. De 1884 a 1889 foi incansavel obreiro da propaganda. Correu as cidades, as villas, os povoados da sua circumscripção politica, e por meio de conferencias, de discursos fez a autópsia do governo dymnastico, da corrupção reinante, demostrando a superioridade do systema federativo.

A proclamação da Republica veio encontral-o nessa meritoria tarefa. Suas conferencias e discursos não haviam sido palavras lançadas ao vento. A pleiade republicana, a cuja testa elle se achava, era uma poten-

cia, e Cassiano do Nascimento foi eleito deputado á Constituinte por 35.000 votos.

Pouco fez na Constituinte, mas a sua acção foi energica, quando do "golpe de Estado" de 4 de novembro de 1891, e depois de restaurado o congresso pela revolução de 23, que levou Floriano Peixoto ao governo. O representante rio-grandense não occultou a este o seu dissentimento, e pôz peito em organizar uma opposição poderosa.

O seu partido estava fóra do governo do Rio Grande do Sul, devido ao movimento insurrecto de 12 de novembro em Porto Alegre, e Cassiano do Nascimento estava com o seu partido. Dest'arte, combateria o governo de Floriano Peixoto emquanto este não restabelecesse a legalidade no seu Estado Natal. Foi então o *leader* da opposição partamentar.

Restabelecido, em 17 de junho de 1892, o governo do dr. Julio de Castilho, e tendo este o apoio de Floriano Peixoto, o deputado gaúcho abandonou a "leaderança" da opposição. Floriano, que conhecia os homens, attraiu Cassiano do Nascimento para o seu governo, confiando-lhe a pasta do Exterior. A revolta de 6 de setembro havia collocado o paiz em posição melindrosa perante o extrangeiro, e a pasta do Exterior offerecia, nesse momento excepcional, precalços de toda a especie.

Cassiano do Nascimento, porém, geriu-a com aquella superior serenidade e prudencia que eram uma das feições especiaes do seu caracter.

Deputado, vice-presidente do seu Estado, *leader* da Camara, ministro do Exterior, Fazenda e Interior, e, por ultimo, senador, Cassiano do Nascimento deixou em tudo estampado o cunho de sua intelligencia esclarecida e do seu bello espirito.

O illustre rio-grandense falleceu, no Rio de Janeiro, a 9 de novembro de 1912, e está sepultado em Pelotas, para onde foram transportados os seus restos mortaes.

Tobias da Silva

A Grecia antiga e a velha Roma dominadora assombraram o mundo com seus feitos de valor e de heroismo.

A tragedia das Thermopylas, a coragem de Mucio Scevola deante de Porsenna, o combate singular dos Horacios e Curiacios, e outros rasgos de valor e patriotismo desses dous povos, ainda, agora, impressionam vivamente aos que se consagram com paixão ao estudo da Historia.

O Rio Grande, com uma existencia de pouco mais de um seculo, não os deve invejar em rasgos de estoicismo e bravura. Conta tambem os seus heroes da mesma enfibratura moral dos gregos e romanos.

E' exacto que alguns dos nossos vivem completamente esquecidos pela fria indifferença do Presente, mas ha de chegar ainda o dia da rehabilitação de todos elles.

A Justiça, embora tardia, irá arrancal-os, fatalmente, á espessa penumbra do olvido, mostrando-os, em plena apotheose, nimbados pela luz immorredoira da Gloria.

Rasgos de heroismo não faltam, e de qualquer obscuro recanto da nossa Historia, os titães surgem como sombras luminosas.

E ainda, agora, me occorre um episodio, que é preciso fique em destaque nas tantas paginas de nossa epopeia guerreira.

Uma tarde o sol expirava, entre labaredas. Parecia que um incendio alastrava-se pelo firmamento para devoral-o.

Na altura das Pedras Brancas e a Barra do Ribeiro, um pouco afastado da costa, cruzava serenamente um lanchão, com a vela enfunada, levando no mastaréo o tricolor pavilhão da Republica de 35.

Subito, em direcção opposta, apparece uma escuna de guerra, com o velame solto e as suas boccas de fogo escancaradas. Era um dos navios da esquadrilha do almirante Greenfell, mandado ao sul para suffocar o movimento revolucionario que ameaçava o Imperio.

A escuna muda de rumo e procura dar caça ao fragil navio *farroupilha,* apenas tripulado por meia du-

zia de bravos, e, uma heroina, a mulher de Tobias da Silva.

O navio legal, favorecido pelo vento de feição, avança sobre o rebelde e o intima a render-se. Uma descarga de fuzilaria responde á intimação.

Nesse transe doloroso para os republicanos, que eram poucos, porém bravos, só havia dous alvitres: deporem as armas ou morrerem com ellas na mão.

E a escuna cada vez mais se approximava dos rebeldes, segura da victoria.

De repente, Tobias abraça e beija a esposa querida que o acampanha em todos os perigos, váe ao fogão de bordo e apparece com um facho na mão.

Estreita, ainda uma vez, ao peito a heroina e approxima-se do paiol da polvora, encarando com soberano desprezo o inimigo, que está prestes a dar abordagem.

Um instante depois, ouviu-se o enorme estampido de um trovão e o fragil batel dos heróes de 35 desappareceu num turbilhão de fogo e fumo.

O sol quasi a apagar-se nas alturas ainda contemplou a apotheose de Tobias — que morria e os seus, como morrem os valentes, de cujo sangue brotam as raças fortes e triumphantes...

Dr. Francisco da Silva Tavares

Nasceu na cidade de Bagé e ahi falleceu a 18 de novembro de 1901.

Era filho do Visconde do Cerro Alegre, um nome que recorda as mais bellas tradições do valor e de heroismo.

Havendo completado os seus estudos preparatorios, partiu para S. Paulo, onde se bacharelou em sciencias juridicas e sociaes, vindo pouco depois para a sua terra querida.

Mal chegou ao Rio Grande, filiou-se logo ao partido conservador, em cujas fileiras militava toda a sua parentela.

Foi eleito diversas vezes á assembléa provincial, á camara temporaria, onde se revelou um homem de subido valor pessoal.

Em pouco tempo tornou-se um dos chefes mais prestimosos do partido a que pertencia.

E essa posição conquistou-a pela energia, pela sua coragem, grandes qualidades de combatente, desses da velha tempera de "antes quebrar que torcer".

Dando noticia do seu passamento, uma folha daquella época o fez com o seguinte remate:

"Depois de proclamada a Republica, de que não fôra um adhésista vulgar, mas um esforçado paladino da ultima hora, a mais agitada e vibrante, o dr. Silva Tavares teve o seu dia de prestigio e não foi desvalorada a sua acção.

"Retirado á vida privada, desde que se sentiu vencido ao embate das paixões politicas que se entrechocaram em determinado momento historico do encaminhamento definitivo da organisação republicana do Rio Grande do Sul, consoante á feição radical que se lhe imprimiu, o distincto e prestimoso rio-grandense, dedicava-se ultimamente aos labores de industrialista, colhendo-o a morte quando lhe sorriam esperanças de fortuna."

O dr. Francisco da Silva Tavares, que tinha nas veias o sangue valoroso de seus avoengos, e que, como todos os que pertenciam a esse heroico ramo de uma das familias mais illustres do Rio Grande do Sul, era altivo, pertinaz, e, não raro, violento, mas de uma violencia cheia de orgulho — porque elle tinha a consciencia do seu valor e a responsabilidade do nome que trazia.

José Gomes Pinheiro Machado

Nasceu este egregio vulto da politica brazileira, na cidade de Cruz Alta, a 8 de maio de 1852. Era filho legitimo do dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado, e este o levou para o Rio de Janeiro, em 1865, matriculando-o na escola militar de alli.

Estavamos nesse tempo em guerra com o Paraguay e, do norte ao sul do paiz, organizavam-se batalhões de voluntarios para irem combater o tôrvo inimigo. Todos os brazileiros vibravam de patriotismo, e Pinheiro Machado, infante ainda, quasi creança, sen-

tiu inflammar-se-lhes nas veias o sangue ardente do luctador singular que tinha de ser pela vida inteira. Illudiu, pois, a vigilancia paterna e alistou-se numa dessas legiões de bravos que iam pellejar, em terras desconhecidas, sob um céo hostil, pela sua patria. Fazendo parte das forças commandadas pelo glorioso general conde de Porto Alegre, o moço rio-grandense seguiu logo para as linhas de fogo, e entrou em diversos combates, revelando excepcional bravura. Seu pae, porém, não estava por isso, e, valendo-se de sua auctoridade, pediu e obteve a baixa de seu filho do serviço do exercito. Pinheiro Machado foi então fixar-se em S. Paulo e matriculou-se na Faculdade de Direito, onde se bacharelou em sciencias juridicas e sociaes, em 1878, regressando em seguida para o Rio Grande do Sul.

Seu pae fôra na provincia chefe politico de notavel influencia, e, pois, não faltaram ao moço bacharel, de chegada á terra natal, offerecimentos de diversos cargos de confiança por parte do partido liberal. Pinheiro Machado recusou todos elles e, em 1879, fez parte do brilhante pugilo de moços que, com Julio de Castilhos, Venancio Ayres, Assis Brazil, Ernesto Alves, Alvaro Chaves e outros, fundou o partido republicano riograndense, que foi a guarda avançada da propaganda e evangelisação da Republica. Dez annos depois foi esta proclamada, e Pinheiro Machado eleito senador pelo Rio Grande do Sul.

Desde então o grande rio-grandense não teve mais um dia de descanso, servindo a Republica, com incomparavel patriotismo e diamantina lealdade, na paz como na guerra,

Quando, após os memoraveis trabalhos da Constituinte, Julio de Castilhos regressou para o sul, a chefia da representação riograndense ficou entregue a Pinheiro Machado.

Dahi começa a sua ascendencia na historia politica do paiz.

Filho de um chefe de partido, e de um grande partido, herdara elle do seu progenitor o dom irresistivel de dominar vontades e impôr o seu forte querer. Assim, em pouco tempo, havia creado fanatismos em torno de sua individualidade empolgante.

Em 1891, por occasião do golpe de Estado do marechal Deodoro, o senador Pinheiro Machado veiu ao Rio Grande do Sul, e depois de ligeira estada na sua fazenda em S. Luiz, emigrou para a Republica Argentina, afim de organizar forças para vir ao Rio Grande, repôr no governo o dr. Julio de Castilhos.

Seguiu-se a revolução federalista, e o grande patriota incorporou-se á divisão do general Francisco Rodrigues Lima, e fez com elle toda a memoravel campanha, compartilhando a responsabilidade do commando. De sua poderosa acção nesse cruento periodo de incertezas, de sobresaltos, de incessante luctar na defeza da Republica não é preciso dizer. Os acontecimentos são de hontem e estão ainda vivos na memoria de todos. Entretanto, para que se faça uma idéa da influencia que exercia nas hostes republicanas a presença de Pinheiro Machado, transcrevo aqui um trecho da parte que ao general Hyppolito Ribeiro, commandante em chefe do exercito em operações no norte do Estado, deu o general Rodrigues Lima, após a memoravel batalha de Inhanduy, ferida a 3 de maio de 1893:

"Quando ao que fez o senador Pinheiro Machado, limito-me a dizer: elle personificou no momento o dever civico. Sua actividade desdobrou-se em todos os pontos da linha. Sua presença estava em toda parte. Sua palavra de enthusiasmo, de animação e de conforto foi ouvida por todos. Seus exemplos foram seguidos pelos mais bravos."

Seu irmão, o general Salvador Pinheiro Machado, então coronel, foi um dos heróes da memoravel batalha de Inhanduy — logar já celebre nos nossos fastos guerreiros, pelas victorias ahi alcançadas pelos "farroupilhas", em 28 de dezembro de 1837.

Extincta a revolução em agosto de 1895, o marechal Floriano Peixoto conferiu a Pinheiro Machado as honras de general de brigada. Voltou o excelso republicano a occupar a sua cadeira no senado. Floriano Peixoto ia entregar as redeas do governo ao dr. Prudente de Moraes, primeiro presidente civil eleito, e andavam no ar insistentes suspeitas e ruidosos prognosticos de que essa transmissão de governo não se faria, e que Floriano Peixoto ia implantar a dictadura

Militar. O Marechal de Ferro havia attingido ao termo de seu agitadissimo governo coberta de glorias, e o boato, sempre de orelha em pé e fantasista, explorou a seu bel prazer a gravidade do momento politico.

Entretanto, o extraordinario soldado passou no dia da lei o governo a seu substituto legal. Prudente de Moraes porém teve um quatriennio tumultuoso. Pinheiro Machado que , como politico habil, já impunha a sua vontade, tornou-se logo suspeito ao governo. Foi encarado como reaccionario, e quando se deu, em 5 de novembro de 1897, o attentado do Arsenal de Marinha, em que o marechal Bittencourt caiu sob o punhal de Marcellino Bispo, o senador gaúcho, com outros politicos de valor, foi preso como implicado no lutuoso caso.

Foi uma tremenda injustiça que, si feriu profundamente o coração do excelso riograndense, não conseguiu entibiar a sua innata altivez de luctador, que quando queria atacar o adversario, atacava-o de frente e não na sombra.

Quasi ao mesmo tempo deu-se a scisão do partido republicano federal chefiado pelo deputado paulista Francisco Glycerio, e Pinheiro Machado collocou-se ao lado deste, em aberta opposição ao governo do dr. Prudente de Moraes.

Terminado o quatriennio deste, assumiu o governo da Republica o dr. Campos Salles, que teve a notavel presciencia de captar a amizade prestigiosa e leal de Pinheiro Machado, e de ahi em deante cada vez mais e mais se foi accentuando a ascendencia do preclaro estadista riograndense nos destinos politicos da Republica, de modo que "o governo do dr. Rodrigues Alves veiu encontrar a personalidade do senador gaúcho em grande destaque. O seu nome figurava, já, nas combinações da politica nacional", era, numa palavra, o Grande Eleitor da Republica. Foi assim que, quando se tratou do substituto do dr. Rodrigues Alves, o Estado de S. Paulo impôz, com acquiscencia ou quiçá indicação daquelle, a candidatura do dr. Bernardino de Campos. Pinheiro Machado rompeu com o Presidente da Republica, combateu energicamente aquella candidatura, levantando a de Campos Salles. Dahi a indicação do nome do dr. Affonso Penna, que foi eleito

como candidato de conciliação. Este, ainda no meio do seu quatriennio, começou de cogitar da escolha do seu substituto, chegando mesmo a indicar o dr. David Campista, que era então ministro da Fazenda.

Pinheiro Machado ainda uma vez insurgiu-se contra esse systema absurdo dos presidentes da Republica quererem, contra as normas democraticas, escolher seus substitutos, e da lucta, que então se travou, surgiu a convenção de 22 de maio de 1909, que homologou a candidatura do marechal Hermes da Fonseca, indicada, defendida e prestigiada por Pinheiro Machado, como chefe de um grande partido nacional. Foi esta a candidatura triumphante, num pleito renhido, em que se apresentava tambem candidato á curul presidencial essa gloria da america latina que é Ruy Barbosa.

Quando o marechal Hermes tomou posse da presidencia, já o senador Pinheiro Machado era o árbitro da politica brazileira, e nesse supremo posto "collocou o Rio Grande do Sul numa posição de eminencia tal, como ainda não tivera na Republica e como só na monarchia alcançara, pelo prestigio de Silveira Martins."

E foi ahi, em plena virilidade e florescencia physicas temido e respeitado, no maior fastigio de sua fecunda e gloriosa vida politica, que o hervado punhal de um insano foi abatel-o, á falsa fé, como coisa de uma emboscada infamemente preparada, na tarde tragica de 8 de setembro de 1915.

Caiu o gigante de bronze, e a sua quéda abalou o paiz inteiro.

Entretanto Pinheiro Machado não ignorava que a sua eliminação estava decretada, pois em julho desse anno, quando mais accesa ia a campanha contra a dictadura do marechal Hermes da Fonseca á senatoria pelo Rio Grande do Sul, dizia o excelso republicano, num discurso de agradecimento a uma manifestação que lhe faziam:

"E' possivel que durante a convulsão que nesta hora sacode a Republica, em seus fundamentos, possamos submergir — é possivel! E' possivel mesmo que o braço assassino impellido pela eloquencia das ruas nos possa attingir. Affirmamos, porém, meus nobres co-religionarios, que, si a esse ponto chegar, saberemos ser dignos da vossa confiança e tombaremos na

arena, olhando para a grandeza da nossa patria, serenamente, sem ambições nem desprezo, sentindo tão sómente compaixão para com aquelle que assim avilta a nobreza innata do brazileiro.

Não occultaremos, como Cesar, a face com a toga e de frente olharemos fito a treda e ignobil figura do bandido, do sicario."

....E assim morreu Pinheiro Machado, o braço forte da Republica, o gaúcho de soberba e diamantina tempera. Ferido pelas costas, não escondeu o rosto como Cezar no Senado romano: olhou o bandido, o sicario, que fugia, gritando-lhe: — "Canalha!"

Manoel Marques de Souza

E' filho do tenente-general de egual nome que, durante meio seculo, encheu com seus feitos de heroismo as paginas de nossa historia.

Nasceu na villa do Rio Grande, no anno de 1780, que era, então, quasi deserta.

Ainda bem moço, allistou-se na legião de cavallaria ligeira, que ali estacionava, sendo promovido em pouco tempo a tenente ajudante pelos actos de bravura praticados na campanha de 1801.

Em junho de 1811, quando o capitão-general D. Diogo de Souza, invadiu a Banda Oriental, á frente do Exercito Pacificador, o capitão Marques de Souza, tambem seguiu para lá, tomando parte nos combates que se deram, até estacionarem em Maldonado.

Em 1812, partiu com destino a Buenos Ayres para desempenhar uma commissão reservada de que fôra incumbido pelo commandante em chefe do Exercito Pacificador.

Em 1816, já então sargento-mór, foi encarregado pelo governador da capitania, Marquez de Alegrete, de atacar o forte de Santa Thereza, o que fez á frente de uma columna composta de cem homens de cavallaria da legião de S. Paulo e duas companhias do regimento de milicias do Rio Grande.

A 24 de outubro desse mesmo anno, o major Marquez de Souza ataca e derrota, no passo de Chafalote,

uma partida de trezentos homens da columna de Fructuoso Rivèra.

Na batalha da India-Muerta, travada em 19 de novembro, contra o exercito sob o commando de Fructuoso Rivera, o major Marquez de Souza, pôz-se em forte destaque pelos seus rasgos de valor, recebendo nessa occasião serios ferimentos.

Em 1817, estando Montevidéo occupada pelo nosso exercito, sob o commando do general Lecór, o tenente-coronel Marques de Souza, prestou serviços de tal natureza que foram levados ao conhecimento do D. João VI.

Em 17 de junho de 1822 foi promovido a brigadeiro "em attenção aos seus merecimentos e bons serviços prestados em Montevidéo no commando das legiões de voluntarios de S. Pedro do Rio Grande do Sul."

Por occasião da nossa independencia, o general portuguez D. Alvaro de Souza, que era hostil ao movimento emancipador, tomou conta do governo civil e militar de Montevidéo, obrigando assim o general Lecór a refugiar-se em Canellones.

Mas o general não se tornou inactivo no retiro que buscara; tratou logo de conseguir elementos para dar combate a D. Alvaro de Souza.

Nessa occasião salientou-se o general Marques de Souza, auxiliado poderosamente pelo coronel Fructuoso Rivera, então ao serviço do Brazil desde 1820.

Forças que guarneciam Montevidéo, ao mando de D. Alvaro de Souza, vieram atacar o exercito sitiante e foram completamente derrotadas pelo general Marques de Souza, em Las Piedras.

Moço e no fastigio da gloria, com um radiante futuro deante de si, acabou os seus dias em Montevidéo, envenenado, a 21 de novembro de 1824, o valoroso cabo de guerra.

Morreu, porém, feliz, porque, na hora derradeira, teve a visão de que deixava um continuador do seu nome e dos feitos de heroismo incomparavel.

E assim foi! Seu filho, chamou-se como elle, Manoel Marques de Souza, e foi o — Conde de Porto Alegre.

Marechal Carlos Machado de Bittencourt

Filho de um militar pundonoroso e bravo, o marechal Carlos Machado de Bittencourt attingiu ao mais alto posto do exercito, seguindo, sem zig-zags, a firme e recta vontade que herdára de seu pae — o general Jacintho Machado de Bittencourt.

Tendo nascido na provincia do Rio Grande do Sul, a 12 de abril de 1840, assentou praça em janeiro de 1857, matriculou-se na Escola Militar em 1858 e foi promovido a 2.º tenente em 1860.

Tinha então 20 annos de edade e o alto orgulho da farda que envergava, pelo que, com mais apego á classe, aperfeiçoou os seus estudos militares.

Soldado desse tempo, não podia deixar de ser attraido para a guerra, em 1865, quando o Imperio levantou o cartel de desafio paraguayo, e o 2.º tenente Carlos Machado de Bittencourt foi, nesse mesmo anno, enviado para o campo de operações. De 1865 a 1869, sem interregno, o joven official rio-grandense affrontou o inimgo em Itapirú, Tuyuti, Tuyù-Cué, Chaco, Humaytá, Timbó, Itororó, Avahy, Lomas Valentinas, Angustura, etc.

Por aqui se vê que o nosso patricio tomou parte em quasi todos os principaes feitos da guerra do Paraguay, não como figura apagada, mas com o seu nome em detaque. Assistiu ás rendições de Humaytá e Angustura em 1868, e foi ferido no combate de 24 de maio. Voltou da cruenta campanha, trazendo o posto de capitão, o habito do Cruzeiro e a medalha de merito militar — conquistados por serviços e actos de bravura.

Foi um militar brioso e a sua fé de officio é brilhantissima. Na paz como na guerra, a sua acção era reflectida e, por isso, efficaz.

Em 1873, recebeu a medalha geral de merito militar, em 1874, o habito de S. Bento e no anno seguinte o gráo de cavalleiro da Rosa.

Suas promoções aos postos militares foram rapidas: foi major em 1876, tenente-coronel em 1881, coronel em 1885 e brigadeiro em 1889. A Republica veio, pois, encontral-o com a farda bordada, e soldado de

tão altos meritos e virtudes não podia ser lettra morta no novo regimen. Assim, a 13 de maio de 1890, vemos o general Carlos Machado de Bittencourt, que era então commandante das armas do Rio Grande do Sul, assumir o governo do Estado, que saia das mãos do dr. Francisco da Silva Tavares. A 24 do mesmo mez, o general Bittencourt passava-o ao general Candido Costa, que havia sido, pelo governo provisorio, nomeado governador e commandante das armas do Rio Grande do Sul. Foi promovido a general de divisão, em 1892, e a marechal graduado em 12 de julho de 1895.

Foi nomeado commandante do 4.º districto militar em 1891, commandante superior da guarda nacional em 1894 e ajudante general, em 1895. Em 17 de maio de 1897, o presidente da Republica, dr. Prudente de Moraes conferiu ao marechal Carlos Machado de Bittencourt a pasta da guerra.

Nesse anno a attenção nacional estava vivamente preoccupada com os tenebrosos successos de Canudos, nos sertões da Bahia. Quatro expedições ja haviam sido enviadas contra Canudos, com graves perdas para o exercito nacional. O ministro da guerra dispôz-se a partir para o theatro das operações, e de facto, a 3 de agosto de 1897, o marechal Bittencourt seguiu para Canudos. Sua acção ahi foi rapida: a 5 de outubro terminava a ingrata campanha, com a tomada e arrasamento de Canudos.

Tres mezes depois, em 5 de novembro, voltava para o Rio o ministro da Guerra, com a consciencia do dever cumprido. O dr. Prudente de Moraes fôra recebel-o no Arsenal de Guerra da Capital. Em dado momento, um anspeçada do 10.º batalhão, Marcelino Bispo, tentou disparar uma garrucha contra o presidente da Republica. O marechal Carlos de Bittencourt acudiu em defeza do chefe do Estado, e, no acto de desarmar o soldado sanguinario, este vibrou-lhe varias punhaladas.

Assim, fazendo do seu corpo uma couraça, na defeza de alheia vida, acabou a vida gloriosa do bravo rio-grandense que tantas vezes, no fragor dos combates e batalhas, passára incolume por entre as lanças, as balas e as metralhas inimigas.

Por esse seu feito e fim tragico, Carlos Machado de Bittencourt foi pela admiração dos contemporaneos, cognominado o "Marechal de Ouro".

Eudoro Berlink

Nasceu em Porto Alegre, pela volta do anno de 1840. Era um homem de brilhante engenho e farta erudição.

Durante alguns annos, redigiu o *Rio-grandense,* orgão do partido, que, apezar de ter ao leme tão habil timoneiro, sempre arrastou a existencia.

Naquelles tempos, um jornal era mantido á custa dos maiores sacrificios; não viviam, como agora, desafogados, em suave deslise.

Apezar de Eudoro Berlink consagrar-se á vida da imprensa, ia buscar ainda nos labores do magisterio rucursos para poder viver.

Este facto, só por si, dá uma idéa exacta do estado precario do jornalismo de então.

E, como era professor, lembrou-se um dia de organizar uma geographia do Rio Grande, que viesse ajudal-o no ensino, e donde podesse auferir alguma vantagem pecuniaria.

Mais tarde teve uns pruridos de auctor dramatico e o foi, não ha duvida. Escreveu, então, o drama *Georgina,* que foi levado á scena pela companhia Cabral, alcançando ruidosos applausos.

Cançado de mourejar aqui, quasi sem proveito, resolveu mudar de terra, e seguiu para o Rio de Janeiro, campo mais vasto para as suas aspirações. Apenas lá chegou, dedicou-se á vida da imprensa, sendo acolhido da fórma a mais carinhosa.

Era um escriptor provinciano, inteiramente desconhecido naquelle meio, e que se collocou desde logo em forte destaque, pelo modo de encarar os assumptos e pela correcção do seu estylo primoroso.

E, nessa faina passou o resto da existencia até que a morte o levou deste mundo onde nem sempre os que mais trabalham e mais merecem têm o melhor galardão.

Lobo da Costa

Lobo da Costa é quiçá o poeta mais popular do Rio Grande do Sul.

Explica-se, nesse desventurado bohemio o verso era um rebento expontaneo. Si se lhe perguntasse — por que faz verso? Lobo da Costa poderia responder com a pergunta:

— Por que cantam os passarinhos?

Naturalmente. O canto nasceu com elles. E' mesmo a sua unica linguagem. Por isso, a poesia de Lobo da Costa póde ser comparada ás campanulas, ás flores do campo que, nascidos em terreno mais culto, teria dado talvez um formoso *Campo de Flores* — o livro que fez de João de Deus o maior lyrico portuguez do seu tempo.

Mas Lobo da Costa era o bardo rustico que, no Parnasco rio-grandense, áquelle iempo, se poderia comparar ao sabiá da praia, gorgeando sobre um galho florido de laranjeira, sob o luar sedoso ou na poeira de ouro das encantadoras tardes gaúchas.

Seu verso saia como saia, nem sempre rhytmado, nem sempre com a toilette metrica dentro da medida, mas melodioso, e até empolgante, pelo sentimentalismo de que era revestido. Nada de imagens para armar o effeito, nem de rimas difficeis, nem de gongorismos, nem de parnasianismos, nem de nephelibatismos.

Coitado! A' época em que elle versejou, ainda essas flores exoticas não eram cultivadas na botanica da poesia rio-grandense.

Tinha doze annos apenas, quando se deu a rendição de Uruguayana. Publicou, então, na cidade do Rio Grande, a sua primeira poesia: uma óde á victoria das armas brazileiras.

Depois, á maneira dos rhapsôdos medievos, que saiam pelas estradas a cantar as suas trovas e rimances, Lobo da Costa andava pelas tavernas, pelas "republicas", pelas ruas, a recitar os seus versos.

E' por isso o mais popular dos bardos rio-grandenses.

Nasceu em 1853, por julho de espérrimo inverno, em Pelotas, na mesmo cidade onde morreu, ao relento,

sob as estrellas impassiveis, por um julho de inverno rigoroso, no anno redemptor de 1888.

Não se pense, por isso, que o mavioso poeta pelotense não saira da sua cidade natal.

Não. Lobo da Costa foi um inquieto bohemio e, como bohemio, um ser errante, um espirito vagabundo que se comprazia em andar, borboletear, viajar.

Assim, em 1872, vemol-o em S. Paulo, cursando o 1.º anno da Faculdade de Direito. Lobo da Costa, porém, não era de feitio a mergulhar nas Pandectas nem no Direito Romano, e, já em 1875, vamos encontral-o no exercicio do cargo de official de gabinete da presidencia de Santa Catharina.

Passou por ahi de relance. Póde-se dizer que foi um simples accidente de sua viagem de regresso de S. Paulo para Pelotas... De novo nessa cidade, proseguiu elle na sua vida de bohemio e de imprensa, com fugas mais ou menos prolongadas pelo Rio Grande, Jaguarão, D. Pedrito e Porto Alegre.

Nesta ultima cidade, Lobo da Costa redigiu a *Tribuna,* do Menezes, um hebdomadario rubro, de ataque pessoal, de diffamação, de affronta á sociedade, e que acabou por ser incendiado.

Depois de ter andado peregrinando por outras localidades da provincia, Lobo da Costa regressou á sua cidade natal.

Ahi enfermou. Foi recolhido á Santa Casa, onde o tratavam com carinho; mas o incorrigivel bohemio, sentindo a attracção da rua, fugiu do hospital uma tarde. No outro dia, 9 de julho de 1888, foram encontral-o morto, num vallo, quasi nú.

Morrêra da enregelação.

Carlos Maria da Silva Telles

Nasceu a 31 de outubro de 1848 na cidade de Porto Alegre e falleceu a 7 de setembro de 1899.

Desde creança que amava a carreira das armas, onde já estavam alistados outros irmãos, honrando a farda que vestiam.

Sentou praça a 23 de junho de 1865, seguindo logo para o theatro da guerra, onde teria o prazer de

abraçar os irmãos mais velhos, que lá estavam cumprindo o seu dever.

No Passo da Patria recebeu um sério ferimento, que não o acorbardou, sendo por esse motivo promovido a alferes, em commissão.

Desta época, em deante, começam os feitos gloriosos do nosso illustre patricio, desde a marcha das forças de Tuyuty para Tuyu-Cué "tomando parte saliente em todos os combates e no reconhecimento ás trincheiras do Passo-Pocú."

Depois, partiu para o Chaco, entrando nos combates de 18 e 26 de julho de 1868, presenciando em 5 de agosto a rendição do inimigo.

Teve papel saliente nos assaltos ás linhas de Pikiciry e nos combates de 6, 11, 21, 25 e 27 de dezembro que rematou com a entrada do exercito em Assumpção.

Em maio de 1869 marchou para Taquaral, seguindo em 1.º de agosto para Pirajá.

Na acção da picada de Sapucahy pôz mais uma vez á prova o seu valor.

No assalto ás fortificações de Peribebuhy distinguiu-se por tal fórma, que foi elogiado em ordem do dia "pelo valor e heroismo inexcedivel e enthusiasmo que mostrou no combate."

Terminada a guerra do Paraguay, voltou para descançar no seio carinhosa da familia, mas isto durou pouco tempo.

Em 26 de junho de 1874 teve ordem de seguir para S. Leopoldo e dahi para Ferrabraz, onde se achavam fortificados, em logar de difficil accesso, e protegidos por enormes mattarias os muckers que praticavam ali as maiores violencias.

Tomou parte nos sangrentos combates que se deram naquellas solidões em 19, 20 e 21 de junho, tendo sabido cumprir, como sempre, o seu dever.

Em 1889, fez parte da divisão de observações que partiu para Matto Grosso, sob o commando do marechal Manoel Deodoro da Fonseca.

Nesse mesmo anno, seguiu para o Amazonas, afim de servir no 24 de infantaria, quando soube em caminho da proclamação da Republica.

Mais tarde tomou parte saliente na campanha de

Canudos, servindo na columna do general Claudio de Amaral Savaget.

Em Cocorobó, fez prodigios de valor, rompendo, a cargas de bayoneta, a difficilima passagem. Avançou contra Canudos e tomou parte no terrivel assalto de 10 de julho, onde foi gravemente ferido.

Voltando á terra natal, coube-lhe ainda papel mais importante. Dentro dos muros de Bagé, oppôz a mais brilhante e vigorosa resistencia aos ataques dos revolucionarios, que faziam o maior empenho em se apossarem daquelle importante ponto estrategico.

Nada, porêm, conseguiram deante da corragem revelada pelo illustre rio-grandense, que em todas as occosiões difficeis de sua vida de campanha saia triumphante, porque havia depositado na lamina de sua espada a sua honra de soldado.

João Vespucio de Abreu e Silva

João Vespucio de Abreu e Silva foi uma figura de destaque no seu meio e no seu tempo, e honra a galeria dos rio-grandenses illustres.

Nasceu na cidade de Porto Alegre, onde a mocidade lhe correu mansa e descuidosa, entre um dedilhar de lyra e a solução de uma equação algebrica.

Oriundo de paes modestos, nem por isso lhe faltou a bôa fortuna de uma educação primorosa. E' verdade que não seguiu um curso academico — o de medicina que era o seu sonho dourado — mas adquiriu uma illustração variada, com que entrou armado na lucta da existencia.

Quando Felix da Cunha, de volta de S. Paulo, recém-formado em direito, fundou em Porto Alegre o semanario *Guahyba*, primeiro periodico litterario que aqui se publicou, João Vespucio de Abreu e Silva, ahi appareceu e luziu com producção de valor. Mas, si a litteratura o encantava, o *struggle for life* o empolgava como senhor todo soberano. Lançado no magisterio, tão trabalhoso e tão mal recompensado, elle leccionou geographia e historia nesta capital e em Pelotas.

Porém outros horizontes mais amplos lhe sorriam, com um róseo sonho. O "meio" provinciano era aca-

nhado para o arrojo das suas aspirações. E, um dia, João Vespucio embarcou-se para o Rio.

De chegada entrou para a imprensa, e trabalhou no *Correio da Tarde.* Entretanto sua saúde já se resentia do excesso do trabalho, e João Vespucio, com o desengano nalma, voltou para o sul.

Nomeado collector da arrecadação e fiscalisação das rendas provinciaes, em Bagé, não se poude amoldar á confecção de balancetes, nem á escripturação da caixa, dos livros de receita e lançamentos da collectoria.

Deixou o emprego, e entrou para o magisterio publico, como "mestre escola da róça."

Foi isso no regimem da palmatoria, mas João Vespucio não tinha nervos para castigar os alumnos. Leccionava-os como um pae educa os filhos. Foi nesse posto modesto, mas nobre e honrado entre os que mais o forem, que o eleitorado de Taquary foi buscal-o para seu representante na assembléa provincial.

Honrou a sua cadeira de deputado, e presto serviços de monta á provincia como membro de varias commissões.

Por decreto imperial de 11 de abril de 1861, João Vespucio do Abreu e Silva foi nomeado administrador do correio de Porto Alegre.

Foi o setimo da lista dos que haviam servido desde 1803.

Tomou posse do cargo em 2 de maio de 1861, e falleceu em 26 de outubro do mesmo anno, deixando entre os seus contemporaneos, que o estimaram, a lembrança de uma forte intelligencia e de um espirito superior.

Dr. Sebastião de Leão

Filho de Porto Alegre, onde nasceu a 20 de janeiro de 1866, o dr. Sebastião de Leão, era, nos ultimos dias de sua existencia, o medico da cidade.

Figura sympathica, insinuante, de uma bondade incomparavel, não distinguindo entre o potentado e o operario, pois, para aquelle como para este, estendia o mesmo aperto de mão franco e abria o mesmo sorriso

affavel, o dr. Sebastião de Leão tinha um altar no seio do povo.

Era um bom, na mais alta extensão do vocabulo, e, quando na manhã de 10 de fevereiro de 1903, espalhou-se a noticia de sua morte, houve uma surpreza dolorosa.

Elle havia lançado no coração popular a suave semente do seu carinho adoravel ,e esta brotára e florira em gratidão. Dahi a romaria á sua residencia, e essa multidão de mais de dez mil pessôas, que o acompanhou á ultima morada.

Morreu pobre, a despeito do muito que trabalhou.

Formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1888, tendo ahi se matriculado em 1882, o joven medico veiu clinicar na sua cidade natal. Sua clientella desde logo foi notavel. A's sociedades de beneficencia, á Santa Casa de Misericordia, ao Club Caixeiral, á Beneficencia Portugueza, e a muitas outras instituções dava o dr. Leão a sua valiosa assistencia medica. O dr. Leão era o medico procurado por gregos e troyanos. Não tinha mãos a medir. Mas nem por isso deixou de exercitar-se em outros misteres, para os quaes sentia irresistiveis pendores. A imprensa, por exemplo. No Rio, quando estudou medicina, foi revisor da *Gazeta de Noticias,* e escreveu correspondencias para a *Reforma,* desta cidade. Revelava-se o trabalhador: fazia o seu curso medico, desempenhava os encargos de interno de 1.ª classe no hospital da Santa Casa de Misericordia do Rio, logar adquirido por concurso em 1884, e os de interno da clinica de molestias de creanças da Faculdade, tambem alcançado por brilhante concurso em 1886, e ainda as funcções de chefe de clinica de molestias de mulheres na polyclinica geral e ajudante de preparador da cadeira de operações da Faculdade.

Sua defeza de these versou sobre o estudo *Da intervenção operatoria nos traumatismos do cerebro e da medulla.*

Formado, e estabelecido nesta cidade, o dr. Sebastião de Leão não só foi o clinico atarefadissimo como já disse, como jornalista, o estudioso e o investigador infatigavel.

A *Gazeta Americana,* a *Gazeta da Tarde,* o *Dia,* e o

Correio do Povo foram a arena vastissima onde o medico-jornalista deixou indelevelmente e superiormente assignaladas as suas multiplas qualidades de homem de imprensa. Foi director, por unanime escolha de seus collegas, da *Revista* da Sociedade de Medicina de Porto Alegre, em 1893. Nesse mesmo anno, havendo o dr. Leão concorrido com a sua memoria *Contribuição ao estudo clinico da neurasthenia,* ao concurso sul-americano, instituido pelo Circulo Medico Argentino, foi distinguido por um diploma de merito pelo jury.

Em 1896, foi nomeado medico legista da policia, então sob a chefia do desembargador Borges de Medeiros. Foi no desempenho desse cargo que o dr. Sebastião de Leão se dedicou aos estudos de anthropologia criminal. E' interessante o que então escreveu sobre as suas investigações, e que anda annexo a um relatorio da Secretaria do Interior.

Estudioso da historia rio-grandense, publicou no *Correio do Povo* as *Datas rio-grandenses,* e as *Exavações Historicas,* estas com o pseudonimo de *Coruja Filho.* Tambem no Annuario do Estado do Rio Grande do Sul estampou interessante trabalho sobre historia rio-grandense.

Por ultimo, trabalhava com enthusiasmo na *Historia da cidade de Porto Alegre.* Tinha já importantes e originaes subsidios. A obra já ia adiantada, quando a morte o colheu, aos 37 annos de edade, e ainda cheio de seiva vital, e aspirações magnificas.

Carlos Thompson Flôres

Nasceu em Porto Alegre e era filho do dr. Luiz da Silva Flores, medico notavel pelo seu saber e pelo seu desprendimento.

Estudou os preparatorios na terra natal, seguindo mais tarde para S. Paulo, onde se bacharelou na Academia de Direito.

De volta ao Rio Grande, com um bom nome que trazia da Paulicéa, foi logo nomeado para exercer o cargo de promotor publico na capital, tendo posto á prova o seu valor de homem de lettras.

Filiou-se ao partido liberal, do qual era um dos chefes de mais prestigio seu illustre pae.

Fundando-se, pouco depois, a *Reforma,* orgão do mesmo partido, trabalhou ahi activamente ao lado do dr. Florencio de Abreu, Eleutherio de Camargo e tantos outros moços que ennobreceram o jornalismo entre nós.

Abraçando a carreira da magistratura, revelou-se logo um juiz notavel pela illustração e rectidão do seu espirito.

Mais tarde, por occasião do rompimento do conselheiro Caspar Martins com o general Osorio, foi nomeado presidente do Estado, tendo feito um governo moderado quando se esperava o contrario disto.

Com o advento da Republica, foi escolhido desembargador do Tribunal da Relação, cargo que exerceu até os ultimos dias da vida com extraordinaria competencia.

Nos assumptos mais delicados da alta administração do Estado sua palavra era sempre ouvida com o maior acatamento.

Era uma justa homenagem que lhe prestavam o dr. Julio de Castilhos e Borges de Medeiros, que o tinham no mais elevado conceito.

Joaquim Pedro Salgado

Nasceu no Alegrete a 20 de maio de 1835, fallecendo a 12 de março de 1906, na cidade ro Rio de Janeiro, para onde fôra depois de proclamada a Republica.

Assentou praça muito joven no 5.º regimento de cavallaria ligeira, corpo organizado pelo seu parente, o general Andrade Neves.

Tomou parte, no posto de alferes, na expedição á Republica Oriental do Uruguay, em 1855.

Pouco depois, voltando ao Brazil, deixou o serviço do exercito para ir cuidar de interesses particulares.

Quando D. Pedro de Alcantara, por occasião da invasão paraguaya, veio ao Rio Grande para seguir com destino á fronteira, por indicação do Barão do Triumpho, ao ministro da guerra Angelo Ferraz, foi

nomeado Joaquim Pedro Salgado, com o posto de major, para commandar o piquete do imperante.

Concluida a guerra entrou para o quadro dos empregados da fazenda, sendo mais tarde aposentado.

Foi um dos chefes de mais prestigio do partido liberal. Era um homem intelligente, insinuante, geitoso e de trato fidalgo. Tinha um gostinho especial em converter os contrarios ao seu partido.

Durante annos, foi eleito deputado á assembléa provincial e á camara dos representantes da nação.

Como deputado provincial, era sempre escolhido para presidir os trabalhos da casa, tendo as maiores provas de consideração até dos proprios adversarios.

Entre nós, foi elle quem iniciou o movimento abolicionista, fazendo tudo quanto era humanamente possivel para ver triumphante a nobre causa.

Durante a revolta de 1893, tomou parte activa nella, sendo obrigado a emigrar para as republicas do Prata.

Os ultimos annos da existencia dedicara inteiramente á industria, no Rio de Janeiro, não cuidando mais de politica, nem pensando em voltar ao torrão natal.

Thomaz Flores

Nasceu na cidade de Porto Alegre a 1.º de janeiro de 1852.

Era filho do grande medico Luiz da Silva Flores.

Apenas com 14 annos de edade, assentou praça em agosto de 1866, seguindo logo, como 2.º cadete, a reunir-se ao exercito que operava no Paraguay, tendo tomado parte em diversos combates.

Em todos esses encontros pôz em evidencia o seu valor e a sua temeridade.

Por decreto de 18 de janeiro de 1868, isto é, apenas com dois annos de praça, foi promovido a alferes e a 25 de maio de 1878 a tenente.

Voltando da guerra matriculou-se na Escola Militar, concluindo o curso de infantaria e cavallaria em 1883.

Em 7 de abril do anno seguinte recebeu a promoção de capitão.

Em 1885 serviu como assistente do quartel-general, junto ao commando em chefe das forças em manobras em Saycan.

Ao ser proclamada a Republica foi Thomaz Flores nomeado ajudante de ordens do marechal governador deste Estado, cargo que deixou para assumir o commando geral da força policial.

Em 1890, em janeiro, foi promovido a major por merecimento e em março do mesmo anno, collocou ainda nos punhos os galões de tenente-coronel, passando a commandar o 13° de infantaria, então aquartelado aqui.

A 23 de outubro do referido anno, deixou o commando do batalhão por ter de seguir para o Rio, como representante do Rio Grande do Sul no cogresso nacional.

Por decreto de 10 de junho de 1891 obteve a promoção de coronel por merecimento.

Em virtude da inteira solidariedade que manifestára a parte do exercito nacional, no Rio Grande do Sul, contra a dictadura estabelecida na capital federal, com a violação da lei fundamental da Republica, dissolvendo o congresso nacional, fez parte das forças revolucionarias sob o commando em chefe do general de brigada Manoel Luiz da Rocha Osorio.

Mais tarde serviu nas forças legaes que combatiam os federalistas, e, deve-se dizer, em abono da verdade, que foi um dos chefes castilhistas que mais contribuiu para que o anjo da paz abrisse as azas sob o céo da terra gaúcha.

Seguindo com o 13.° de infantaria para o Estado da Bahia, afim de combater os fanaticos do "Antonio Conselheiro", ahi, em frente dos jagunços, encontrou a morte o illustre rio-grandense.

João Propicio Menna Barreto

Foi um dos generaes mais illustres que teve o nosso exercito.

Nenhum outro o excedeu em valor, em audacia e em bravura.

Era um soldado completo; nada lhe faltava.

Em todos os combates em que tomou parte, sempre se pôz em relevo pelos seus rasgos de coragem.

Na revolução de 35, combateu a favor da legalidade, sem o menor recúo, durante os dez annos de lucta encarniçada.

Em 1851, foi com as nossas forças até á Republica Argentina, afim de derrotar a tyrannia de Rosas, voltando com a consciencia de haver cumprido o seu dever.

Em 1864, nomeado commandante em chefe do exercito, invadiu o Estado Oriental do Uruguay, para esmagar o poderio de Aguirre que deixou enxovalhar a nossa bandeira, quando o populacho desenfreiado, arrastou-a pelas ruas de Montevidéo.

Quando o general João Propicio teve ordem de marchar, quanto antes para a republica visinha o seu estado de saúde era muito delicado.

Nessa marcha penosa, os seus incommodos se aggravaram, mas Menna Barreto seguia sempre para a frente, com o peito e as costas cobertos de causticos, com uma resignação que admirava a todos que o cercavam, na sua barraca.

E, assim, neste deploravel estado, quasi um moribundo, assistiu, entre dôres crueis, ao ataque de Paysandú, e pouco depois á tomada de Montevidéo, e 20 de fevereiro de 1865.

Um outro, teria abandonado logo o seu posto de honra, elle, entretanto, não quiz fazel-o porque acima de tudo collocava sempre o cumprimento do dever.

Concluida a guerra com a victora das nossas armas, voltou para S. Gabriel, a terra do seu nascimento, onde falleceu pouco depois de lá chegar.

Em attenção aos seus valiosos serviços, o governo o condecorou com o baronato de S. Gabriel.

O Padre Chagas

Conheci-o em 1860. Nessa época elle teria setenta e tantos annos.

Era alto, magro, com a pelle encarquilhada e amarellente como uma mumia. Tinha, entretanto, no rosto uma expressão de infinita bondade.

Passava por um grande grammatico e eximio latinista. Apezar de todo o peso dos annos, ainda encontrava uma delicia nos velhos classicos romanos.

Nos momentos de ocio, nas horas de descanço que lhe davam os alumnos, descia ao quintal e ia ver as figueiras, as laranjeiras e as parreiras, que imprimiam á sua vivenda um risonho aspecto de bosque.

As fructas do padre Chagas gosavam de grande reputação naquelles tempos. Tinham um gostinho especial; eram doces como torrões de assucar.

No estio, na época da maturação, o velho sacerdote, buscava por todos os meios afugentar os passarinhos que vinham ao pomar prejudicar a colheita das fructas, como se elles tivessem capinado e regado com carinho os pés das arvores.

A's primeiras barras do dia, apparecia entre o arvoredo o vulto esguio do padre, com o seu chapéo de palha de abas largas e o seu casaco de brim pardo. Era o espantalho dos passarinhos gulosos, que conheciam por experiencia propria a doçura das fructas saborosas.

A' proporção que as fructas iam amadurecendo, o padre-mestre não se esquecia dos amigos e visinhos. Mandava uma cestinha para um, para outro uma salva, e assim contentava a todos.

Apezar, porém, de todas as suas liberdades, os gatunos se julgavam com direito ás fructas do padre Chagas. Já que não eram contemplados na distribuição dos presentes, vinham buscar a parte que lhes deveria tocar.

Uma noite escura como breu, ás horas mortas, o padre-mestre ouviu um ruido extranho no pomar. Parou em meio de uma ode de Horacio, fechou o livro e veiu á janella que deitava para o quintal.

Comprehendeu tudo. A sua propriedade fôra invadida. Dou *gambás* bipedes devastavam as parreiras.

— Meus amigos, esperem um pouco, não vão cahir...

Momentos depois apparecia na moldura da janella, com uma vella accesa na mão, a figura do padre Chagas, como si fosse um espectro.

— Não vão cahir, repetia elle, com vivo interesse de uma alma bemfazeja.

Rodrigo José da Rocha

Nasceu na cidade de S. Gabriel a 5 de abril de 1846. Entrou para a Escola de Marinha em 1862 e concluiu o curso em 1864.

Em 1865, seguiu para o Rio da Prata, afim de tomar parte na guerra com o Estado do Uruguay.

Quando lá chegou, já a cidade de Paysandú havia cahido em nosso poder, apezar da heroica resistencia de Leandro Gomes.

Assistiu, entretanto, ao sitio de Montevidéo, sob as ordens do Marquez de Tamandaré.

Concluida esta campanha com a paz de 20 de fevereiro de 1865, seguiu para o rio Paraná, fazendo parte da esquadra que ahi immortalizou o nome brazileiro.

Durante a guerra do Paraguay, entrou em diversos combates, distinguindo-se sempre pela coragem e sangue frio, tantas vezes posto á prova, deante dos mais serios perigos.

Terminada esta lucta, onde a esquadra nacional representou proeminente papel, foi incumbido do desempenho de diversas commissões delicadas, não só no paiz como no extrangeiro, servindo sempre a contento do governo.

Era um official de marinha completo; intelligente, bravo e instruido.

Quando o marechal Deodoro, passando por cima da lei, quiz dissolver o Congresso Nacional, o contra-almirante Rodrigo José da Rocha, protestou contra esse acto violento, collocando-se nas fileiras dos revolucionarios.

Annos depois, o nosso illustre patricio teve um fim tragico: acabou os seus dias, na catastrophe do Aquidaban, em Jacuécanga.

Francisco de Paula Soares

Nasceu na cidade de Montevidéo, a 7 de abril de 1825, quando seu pae, que era official do nosso exercito, ali se achava em serviço do Brazil.

Era filho legitimo de Bernardo José Soares, natu-

ral de Portugal e de D. Joanna Trigo Soares, nascida em Buenos Ayres.

Com a edade de 3 annos veiu residir na cidade do Rio Grande, voltando, em 1836, para Montevidéo.

Ahi permaneceu até o anno de 1845, estudando os preparatorios, afim de se doutorar em medicina.

Em 1852, perante a Universidade de Buenos Aires, defendeu these, sendo-lhe conferido com approvação plena o grão de doutor em medicina.

Uma affecção pulmonar o obrigou a fazer uma viagem á Europa, voltando, dous annos depois, radicalmente curado.

Mais tarde, veiu fixar residencia em Porto Alegre, e achando-se vaga a cadeira de Historia e Geographia do *Lyceu D. Affonso,* fez um brilhante concurso e foi nomeado, entrando em exercicio a 1.º de outubro de 1856.

Algum tempo depois, extincto o *Lyceu D. Affonso* e creada a *Escola Normal,* continuou na regencia da mesma cadeira, dando sempre provas de sua incontestada competencia para o ensino das materias que estavam a seu cargo, sendo posteriormente nomeado director do referido estabelecimento de ensino, logar que occupou até ser aposentado.

Pertenceu sempre ao partido liberal, e por diversas vezes, foi eleito á Assembléa Provincial, occupando em duas legislaturas á presidencia da mesma corporação.

Em 1866 exerceu o cargo de inspector geral da instrucção publica.

Falleceu a 10 de janeiro de 1881 com a edade de 53 annos, tendo prestado relevantes serviços á nossa terra, mormente em assumptos de instrucção.

Leopoldino Joaquim de Freitas

Era o typo mais bem acabado do funccionario publico.

No cumprimento do dever ninguem o excedeu. A lei para elle era uma só: — para o grande e para o pequeno. Nunca fez favores á custa dos cofres publicos. Nunca invadiu attribuições alheias, nem con-

sentiu, fosse quem fosse, que passasse por cima de sua auctoridade. Era extraordinariamente cioso de sua posição. Apezar de ser o chefe da repartição, nunca entrava fóra da hora regimental. Procedia assim com esse rigorismo, para dar aos seus subordinados o exemplo da pontualidade.

Pertenceu ao partido liberal e o serviu dentro da lei. Por seus elevados merecimentos, foi eleito á assembléa provincial. Abandonou, entretanto, esse posto honroso, por uma contrariedade que teve com o dr. Pedro Chaves, que nem sempre conservava a compostura de um homem serio.

Mais de uma vez, elle bateu o pé, para presidentes da provincia que o queriam obrigar a esquecer os seus deveres.

A thesouraria da fazenda, que é agora a delegacia fiscal, era então reputada a primeira repartição do paiz.

Para conseguir essa fama, que esforço não teve de empregar o chefe desvelado pelos creditos de sua repartição modelar!

Quando em 1878, o senador Sinimbú nomeou o conselheiro Gaspar Martins para ministro da fazenda, um dos primeiros actos do estadista rio-grandense foi collocar como bispo do thesouro o nosso patricio Leopoldino Joaquim de Freitas.

Como era natural, a promoção do funccionario provinciano para a mais importante repartição da côrte, contrariou os empregados de cathegoria mais elevada.

Desde os tempos coloniaes nunca se dera um caso identico.

Apesar, porém, da má vontade que o nosso illustre patricio encontrou contra si no Thesouro, em pouco tempo elle deixou patente o acerto de sua justa promoção.

Annos depois, foi acommetido de uma grave enfermidade, que o impossibilitou para o serviço publico, vindo a fallecer cercado sempre da consideração de todos.

E' bom não esquecer, que, apesar da sua elevada posição, como director do Thesoura, só legou á familia a extrema pobresa.

Ernesto Alves de Oliveira

Era um gaúcho na mais rigorosa accepção desse termo, como elle mesmo o dizia, com justo orgulho e legitimo desvanecimento, mas um gaúcho de extrema correcção.

Nasceu na cidade de Rio Pardo, em abril de 1862. Era filho de Manoel Alves de Oliveira e de D. Raphaela Azambuja de Oliveira.

Em 1873, deixou o torrão nativo e veio estudar no "Collegio Gomes", completando ahi o curso de preparatorios.

Seguiu mais tarde para S. Paulo, afim de matricular-se na Academia de Direito.

Em 1883, bacharelou-se em sciencias juridicas e sociaes, regressando pouco depois para o Rio Grande.

Desde os bancos do Collegio Gomes, foi sempre um dos mais sinceros prégoeiros de idéa republicana.

Com o advento da Republica, o partido o elegeu á Constituinte.

Em abril de 1883, assumiu a redacção da *Federação,* conservando-se neste posto de honra até julho de 1889.

Quando se achava redigindo o orgão do governo, foi nomeado para exercer o cargo de inspector geral da instrucção publica.

Nessa elevada posição, pôz, desde logo, em evidencia, o seu interesse por este importante ramo da administração, onde deixou o cunho luminoso da sua passagem.

Pouco tempo, entretanto, ahi se conservou. Em agosto de 1891 falleceu victimado pela tuberculose.

Era um homem de talento e de acção, alma franca e generosa, uma das figuras mais sympathicas do republicanismo historico.

João Manoel Menna Barreto

Tem-se dito e repetido que escrever sobre a familia Menna Barreto é traçar o historico da vida militar do Rio Grande do Sul e do Imperio.

Realmente. O Brazil encerra em seus gloriosos fastos, muitos nomes de soldados que se têm trans-

mittido de geração em geração, sendo que os Mennas Barretos são desses nomes que mais se têm reproduzido em feitos de valor.

Já em 1867, ao traçar a biographia do brigadeiro João Manoel Menna Barreto, era isso notado por Eudoro Berlink.

Soldado valente, de uma disciplina inflexivel, João Manoel fez uma carreira rapida e conquistou todos os seus postos por merecimento e bravura.

Era ao tempo em que o imperio atravessava um periodo agitado com os nossos visinhos de fronteira.

A campanha do Paraguay estava prestes a desabar sobre nós, e em cada soldado brazileiro havia um actor em preparo para entrar nas scenas que se iam representar no palco extrangeiro.

De facto, quando a guerra rompeu, com a invasão perversa do inimigo, João Manoel empunhou a espada e marchou para a lucta.

Já era um guerreiro experimentado. Tinha feito as campanhas do Uruguay e fôra promovido a coronel, por actos de bravura, no ataque de Paysandú. De resto, D. Pedro o conhecia de perto, pois João Manoel commandára na côrte o 1.º regimento, guarda do imperador.

Isto mais o estimulava. A caminho do Paraguay, no primeiro semestre de 1865, como commandante do 1.º batalhão de voluntarios da patria, o coronel João Manoel Menna Barreto foi informado da invasão. Estava nas proximidades de S. Borja.

Na sua marcha — diz Eudoro Berlink — scenas de desolação desenhavam o horror da invasão; o terror dominava as familias, que fugiam do inimigo. No meio de toda essa scena de lagrimas, deante do exercito inimigo forte de 6.000 homens, deante do roubo, da violencia, do incendio e da morte, só *setenta* bravas lanças rio-grandenses e um batalhão de paizanos. Bater o inimigo seria loucura pensar: era, porém, preciso salvar a honra da patria e a vida das familias de S. Borja, nova Thermopilas."

A despeito de sua pertinacia e valor, nada conseguiu contra o inimigo poderoso o nosso pequeno trôco de soldados, mas ainda assim fez uma retirada honrosa.

Depois disso, o general João Manoel reuniu-se ao grosso do exercito, assistiu á tomada de Uruguayana e foi assumir o commando de uma brigada que estacionava em S. Gabriel.

Ainda a guerra ia accesa, quando o bravo brigadeiro foi chamado á côrte e assumiu o commando do 1.º regimento de cavallaria.

Não era este, porém, o logar que mais lhe convinha. A guerra proseguia, e João Manoel era attraido para ella. Voltou, pois, á campanha, sendo-lhe confiado pelo Marquez de Caxias um posto de destaque. A 1.º de junho de 1867 recebia os bordados de brigadeiro. Pouco depois, figurava salientemente nos combates de outubro e novembro desse anno. No anno seguinte esteve nas batalhas de Avahy e Lomas Valentinas.

Distinguido pelo Conde d'Eu, foi-lhe confiado o commando da 1.ª divisão de cavallaria, tendo sido continua e incansavel a sua assistencia contra o inimigo. Em 20 de fevereiro de 1868, recebeu do governo a medalha de merito militar.

Infelizmente, o denodado general gaúcho foi ferido por bala, em 12 de agosto de 1869, no ataque de Peribebuy, vindo a fallecer, desse ferimento, depois de uma existencia de alevantados serviços á patria, não só nos campos de batalha, como no commando geral das fronteiras de Sant'Anna do Livramento, Uruguayana e Missões, e ainda como commandante das armas da provincia.

Seu nome vive na historia como um dos mais nobres e valentes soldados do Rio Grande do Sul.

Francisco Carlos de Araujo Brusque

É descendente de uma das familias mais distinctas do Rio Grande.

Nasceu na cidade de Pelotas, e ahi estudou os preparatorios, seguindo para S. Paulo, onde se bacharelou na Academia de Direito, tendo feito, durante o curso, uma bonita figura.

Era um homem intelligente, estudioso e de solido preparo.

Mal chegou á provincia, depois de haver coucluido

os estudos, alistou-se nas fileiras do partido liberal, que o elegeu, diversas vezes, á assembléa provincial e á camara dos representantes da nação.

Na tribuna, de uma e outra casa, pôz em acentuado relevo seu formoso talento, illuminado pelas irradiações de seu vasto saber.

Quando orava, era um encanto ouvil-o; o auditorio ficava preso á sua palavra arrebatadora.

Pouco antes da guerra do Paraguay, occupou a pasta da marinha, tomando o mais vivo interesse pelos deveres inherentes a esse cargo. Não transitou por alli sem deixar um traço luminoso da sua passagem rapido, mas proveitosa.

Quando elle abandonou o ministerio, a imprensa carioca teceu os mais rasgados elogios á sua administracção, que só se inspirou no bem publico.

E foi uma figura obrigada, durante certo tempo, nas assembléas do passado do Rio Grande, em cujo recinto se enfileiravam os homens mais illustres de nossa terra pelo saber, pelas virtudes ou cheios de serviços á Patria.

Aquella velha casa, onde se reuniam os nossos representantes, no seu modesto interior, apresentava o aspecto venerando de um cenaculo.

Não parecia uma assembléa de homens, parecia antes uma assembléa de deuses.

E o dr. Araujo Brusque occupou, sempre, ahi, um logar de destaque.

Dr. Luiz da Silva Flôres

O dr. Luiz da Silva Flôres, o pae, foi, nos meiados do seculo passado, um dos medicos mais populares do Rio Grande do Sul.

Possuidor de um coração excellente e dotado de um espirito fidalgo, o illustre medico porto-alegrense, tinha uma vasta clientella, não só pertencente á alta sociedade como ás classes menos favorecidas da fortuna.

Sua casa abria-se a qualquer hora para attender aos chamados, num tempo em que os medicos eram poucos, mas todos amadurecidos nos seus misteres e

no trato continuo dos enfermos — que são os melhores livros de medicina.

O dr. Luiz Flôres era infatigavel.

Ligado ao partido liberal, de que era um dos parédros, no tempo em que o partido liberal era, no Rio Grande do Sul, uma aggremiação respeitavel, não só pelas persoalidades de selecção que o constituiam como pelo papel saliente que desempenhava na politica do imperio, foi deputado em diversas legislaturas, prestou serviços de relevancia á sua terra e ao seu partido, sem, todavia, perjudicar os seus deveres de medico e clinico de muita procura.

Espirito cultissimo, o dr. Luiz da Silva Flôres deu sempre arrhas de vivissimo interesse pelo progresso intellectual do Rio Grande do Sul, revelando o mais forte amor pela difusão do ensino publico, e o fazia sob o ponto de vista mais adiantado, rompendo contra a rotina e firmando altos principios de pedagogia moderna.

Na legislatura de 1862, defendendo a creação de escolas nas colonias allemãs, assim dissertava o Dr. Luiz Flôres: "Eu creio, sr. presidente, que nem se póde concluir do que nelle está escripto nem estará na mente do auctor do projecto, o querer se substituir, pela instrucção (permitta-se-me a expressão) allemã nas nossas colonias a instrucção primaria da lingua do paiz, que é a essencialmente preciosa; mas a experiencia me tem mostrado, que é impossivel educar convenientemente as primeiras gerações das colonias sem termos pessoal com as habilitações necessarias para conhecendo a lingua propria dessas gerações, e ao mesmo tempo a do paiz, poder-lhes communicar esses conhecimentos que constituem a instrucção primaria elementar, que como acabo de dizer é essencial ás populações todas da provincia, quer allemãs em sua origem, quer rio-grandense",

Como ainda hoje é isto uma questão corrente e constitue por assim dizer, um programma, é bom que fique consignado nestas paginas este exemplo brilhante do elevado espirito do notaves medico rio-grandense.

O dr. Luiz da Silva Flôres falleceu quasi septua-

nario, legando á sua descendencia um nome superior e uma estrellada memoria.

Henrique Francisco d'Avila

Nasceu na povoação do Herval a 31 de agosto de 1833.

Era filho do estancieiro Antonio Francisco d'Avila e de D. Anna das Chagas d'Avila.

Depois de haver estudado as primeiras lettras, numa escola publica, na terra do seu nascimento, seguiu para o Rio de Janeiro com o proposito de tirar os preparatorios, no Collegio Pedro II.

Desde que ali entrou, revelou a sua brilhante intelligencia e o seu amor ao trabalho.

Concluindo os estudos, matriculou-se na Academia de Direito de S. Paulo, onde se bacharelou com 24 annos de edade, tendo sido contemporaneo de Gaspar Martins, que já experimentava as azas para largar vôos.

Henrique d'Avila, regressando ao Rio Grande, fixou residencia na cidade de Jaguarão, onde abriu banca de advogacia, filiando-se desde logo, ao partido liberal que buscava attrair os moços de talento.

Em pouco tempo, o municipio de Jaguarão tornou-se um baluarte inexpugnavel do liberalismo.

Foi eleito diversas vezes deputado a assembléa provincial, á camara temporaria, sendo, mais tarde, escolhido senador pela sua terra natal.

Era um homem de talento, orador imaginoso e temido polemista.

Presidiu o Rio Grande do Sul e, mais tarde, a provincia do Ceará, quando fragellada pelos horrores da secca. Teve ainda nas suas mãos a pasta de ministro da Agricultura.

Em qualquer dessas posições revelou-se de uma actividade rara, e honesto a toda prova.

Foi um trabalhador infatigavel, pois ainda, nos ultimos annos de sua preciosa e util existencia, collaborou no "Jornal do Commercio" de Porto Alegre, tendo, entretanto, fallecido pauperrimo, depois de haver occupado os cargos mais salientes e ter passado por

suas mãos a distribuição dos creditos publicos — pois Henrique d'Avila pertencia áquelle pugillo de homens politicos que se esqueciam de si para cuidar tão sómente dos negocios da nação.

Renato da Cunha

Chamava-se João, porém tão fino e sonhador espirito, de tão borboleteante bohemia, não podia tolerar nome tão prosaico, nem com elle entrar nos luminosos torneios do parnaso.

E foi assim que, ahi por 1886 ou 1887, apparecia rufantemente, com réclames e noticias berrantes, um Renato da Cunha, de que até então não se ouvia fallar, assignando uns livrinhos de versos, de que a imprensa se occupou encomiastica e meudamente.

Depois, veio a saber-se que Renato da Cunha tinha alguns bens de fortuna, uma bibliotheca pequena, mas selecta, vestia correctamente, com pedras finas na gravata e nos dedos, bebia "cognac" e sabia de cór a *Noite na Taverna* e a *Bohemia* de Murger.

Fez época, e elle mesmo era o maior, o mais activo reclamista de seu engenho poetico. Para esse bohemio das lettras do Rio Grande do Sul não tinha outro poeta que não elle, e quando, em 1893 ou 1894, estalou a escandalosa questão dos plagios do sr. Ribeiro da Fonseca, levantada e provada pelo sr. Alberto Rodrigues, de Pelotas, o Renato apresentou denuncia, aliás infundada, contra outros versejadores gaúchos.

Estava possuido de uma especie de megalomania poetica, e não surgia folheto seu que não viesse occupado mais de metade com o *Perante a imprensa,* que era a transcripção de tudo o que de elogioso se escrevia sobre elle.

E tão accentuada em Renato da Cunha era a mania de grandeza, que os seus livros traziam titulos assim: *Rutilações, Perolas e diamantes, Chispas e Pedrarias,* etc.

Sonhou mais que produziu, mas, ainda assim, representa uma individualidade de destaque no Parnaso Rio-grandense.

Renato da Cunha falleceu nesta capital, de onde

era filho, em abril de 1901, tendo publicado as suas ultimas producções no *Jornal do Commercio.*

Não consta que deixasse ineditos, entretanto, desde 1889, annunciava, na capa de seus livros, como *obras do mesmo auctor, já no prelo — O Apollo de marmore — O mundo de Diogenes, Sir Hasirim* (poema) e *Chispas e Pedrarias.*

Morreu aos trinta e poucos annos de edade — tendo sonhado mais que vivido.

Alberto Correia Leite

Alberto Correia Leite morreu como antigamente morriam os poetas brazileiros — muito creança.

Era um verdadeiro temperamento de fidalgo. Si houvesse nascido num berço nobiliarchico, de pae titular, não teria talvez com mais "pose", nem mais erecta figura, conduzido seus passos na vida. Seu pae, porém, só foi visconde depois do poeta morto.

Moreno, bonito mesmo, Correia Leite impunha-se e brilhava nas rodas dos rapazes do seu tempo.

Era empregado no commercio, quando publicou o seu livro *Sarças.*

A critica, então, não o poupou, mais pelo gosto de ferir o moço poeta, que era um tanto ironico, que para dizer mal dos versos, que não eram de todos máos.

Comtudo Alberto Correia Leite se resentiu da perversidade zoiloesca e retirou seu livro da circulação. O poeta é que elle não podia retirar, porque não está no poder do homem tirar ao homem aquillo que elle traz do berço.

Continuou, pois o poeta a apparecer na imprensa, notadamente no "Correio do Povo", que era um verdadeiro cenaculo, onde figurava, com brilho incomparavel, a moça e a velha intellectualidade rio-grandense, e como Correia Leite, malgrado o seu espirito fidalgo, era, não raro, sarcastico, e um bonito rapaz como eu já disse, assignava as suas bellas producções com o pseudonymo de *Quasimodo,* a repellente carcassa do sineiro que Victor Hugo immortalizou em "Notre Dame".

Seria hoje um dos grandes poetas rio-grandenses si a morte o não arrebatasse, na fatidica noite de 2 de

fevereiro de 1898, quando, accomettido de cruel enfermidade estava em tratamento no hospital da Beneficencia Portugueza.

Alberto Correia Leite nasceu na cidade de S. Pedro do Rio Grande, a 4 de setembro de 1871, e era irmão do jornalista e poeta rio-grandense Mario d'Artagão, que reside astualmente em Portugal.

Além do seu livro *Sarças,* deixou em revistas e jornaes uma copiosa producção, que daria um importante volume, por onde melhormente se poderia julgar do estro e da fina arte do infortunado poeta do Brazil meridional.

Conego José Gonçalves Vianna

Nasceu na provincia do Rio Grande do Sul, pouco antes de concluida a revolução de 35.

Foi discipulo querido do grande mestre padre Santa Barbara, uma gloria do clero brazileiro, pelas suas virtudes e vasta erudição.

Quando o nosso primeiro bispo D. Feliciano Prates, fundou o seminario, o padre Vianna ahi estudou e se destacou dos outros alumnos pelo seu formoso talento.

Foi um homem que viveu toda a existencia curvado sobre os livros, na ancia de saber.

Com o velho padre Santa Barbara aprendera philosophia e rhetorica, mas aprendera para um dia poder substituir capazmente o illustre mestre, quando a morte o levasse deste mundo.

Não satisfeito com os estudos feitos aqui, seguiu para Roma afim de augmentar o cabedal de seus conhecimentos.

E, lá, esteve, durante trez annos, recebendo lições de mestres de reputação, que não ficava circumscripta nos muros da cidade eterna.

Quando regressou ao torrão natal, vinha precedido da fama de notavel orador sacro.

Dedicou-se então á vida do magisterio, leccionando diversas materias, mas de preferencia o latim e philosophia.

Tinha gosto decidido pelas linguas, manejando algumas com o maior desembaraço.

No fim de sua vida, depois de tantos annos de ensino, era considerado um polyglota. Qualquer duvida que surgisse sobre a nossa lingua, quem resolvia era o conego Vianna, que o fazia de maneira a convencer a todos que appellavam para o seu julgamento.

E si era considerado um luzeiro do magisterio não o era menos na tribuna sagrada, onde tantas e tantas vezes, nos seus arroubos oratorios, nos fazia lembrar Bossuet e o padre Antonio Vieira, cujos sermões serão sempre lidos com o encanto e a frescura, como se fossem inspirados agora.

Na sua época era reputado o nosso mais illustre prégador. Os seus sermões eram considerados verdadeiras peças de litteratura, que se recommendavam pelo arcabouço philosophico, pelo fulgor do estylo e pela linguagem sabia e castiça.

Ainda no vigor dos annos, no fastigio das suas glorias tribunicias, o illustre sacerdote foi acomettido de uma comoção cerebral, que levou ao seu lucido espirito a escuridão da loucura.

Mas para tão bello espirito foi melhor talvez acabar assim, si é certo, como diz Erasmo, que a loucura e o sonho da vigilia.

Manoel Lucas de Lima

O Rio Grande do Sul é, não só pela sua posição geographica como pelas suas tradições historicas, uma patria de heróes, e Manoel Lucas de Lima é dos que mais alto elevam a fama gaúcha na vasta galeria de seus guerreiros.

A 21 de janeiro de 1815 nascia elle na villa de Piratiny, e, 20 annos depois, quando explodiu a revolução de 35, provocada pelo governo rotineiro do imperio e açulada pelas peixões partidarias que lavravam no seio da provincia, o moço piratinyense correu a alistar-se nas bravas fileiras dos *farrapos.*

Neste caracter assistiu ao sitio de Porto Alegre e tomou parte em varios combates, notadamente no de

Ponche Verde, onde foi ferido, pagando, d'est'arte, com o seu sangue, a sua audacia de soldado temerario.

Ao terminar a guerra civil era capitão, havendo-o galgado, posto por posto, com a espada em punho, por acções de valor, que as paginas da historia registram.

O governo do imperio o reconheceu neste posto, consoante as condições estabelecidas pelo tratado de paz.

Em 9 de agosto de 1847, foi promovido a major fiscal do 7.º corpo de cavallaria, indo servir com o seu corpo na fronteira de Jaguarão, onde ficou durante oito mezes. Em 1850, foi, nas mesmas condições, para a fronteira de Bagé.

Em 1851, esteve na guerra contra o dictador Rosas, e recebeu a medalha de ouro. Em 1855, attingia ao posto de tenente-coronel interino, e organizava o corpo da guarnição de Jaguarão e Bagé.

Em 3 de outubro de 1857, assumiu o commando do 6.º corpo de cavallaria da 3.ª divisão do corpo de observação da fronteira de Quarahy, tendo sido declarada a effectividade de sua patente de tenente-coronel, em 26 de novembro desse mesmo anno.

Em 1858, era condecorado com o officialato da Rosa, e pouco depois recebia a promoção de coronel commandante superior.

Em 64, 65, 66 e 67 tomou parte activa no serviço do exercito, não só no desempenho de diversas commisssões em tempos de paz como á testa de seus soldados nos campos de batalha.

Adoeceu no Paraguay, quando estavamos em guerra com os barbaros fanaticos de Solano Lopez, e recolheu-se á patria.

Exercia o commando superior das comarcas de Piratiny e Cangussú, quando o governo lhe conferiu as honras de general de brigada em 1880.

Neste posto falleceu o illustre soldado rio-grandense a 23 de abril de 1883, cummulado de honras e cheio de valiosos e incomparaveis serviços á Terra Natal.

Bernardo Taveira Junior

Bernardo Taveira Junior foi antes e acima de tudo um homem trabalhador, e pelo trabalho alcançou um nome de destaque entre os intellectuaes riograndenses.

Certamente lhe não faltou intelligencia, que si não foi intensa e original, não foi todavia esquiva nem de productividade difficil.

Nascido na cidade do Rio Grande, a 5 de julho de 1835, seu pae, um antigo negociante portuguez, destinava-o á carreira das lettras, e nesse proposito mandou-o para S. Paulo, com destino á Faculdade de Direito; mas difficuldades commerciaes o impediram de levar avante esse nobre intento, e o jovem Taveira Junior foi servir no commercio do Rio de Janeiro.

Entretanto as lettras o seduziam, os livros o attraiam e Bernardo Taveira Junior, havendo adquirido um preparo sufficiente, consagrou-se ao magisterio particular.

Quando appareceram as suas *Provincianas,* a critica daqui e de alhures o tratou com mais ou menos encomios, notando-lhes sobretudo um grande cunho pessoal.

Comquanto produzisse muito, não foram todavia suas obras originaes que mais o fizeram estimar.

Cultor apaixonado da lingua allemã Bernardo Taveira Junior traduziu e divulgou no Rio Grande do Sul, as mais notaveis obras de Goethe, e de Schiller por quem, parece, tinha predilecção especial.

Labutou no verso, no drama e no romance, revelando, á falta de calor, uma maneira singella e uma fina observação.

Entre obras originaes, traduzidas ou de imitação, citam-se-lhe *Poesias americanas, Peosias allemãs, Provincianas, Poesias patrioticas, Memorias de Garibaldi, Guilherme Tell* e outros muito trabalhos.

Bernardo Taveira Junior falleceu na cidade de Pelotas, a 19 de setembro de 1892, tendo sido um homem de bem e um dos mais operosos cultores das letras e do jornalismo da sua terra, deixando tambem fama de erudito professor.

Como homem de coração, si elle não tivesse sido

poeta, bastaria assignal-o como um dos mais ardentes e extremados abolicionistas do seu tempo.

Dr. Pereira Parobé

A brilhantissima personalidade do dr. João José Pereira Parobé é de hontem para que precisemos pôr em relevo as suas extraordinarias qualidades de caracter e de intelligencia.

Estas paginas, porém, não levam em conta o tempo, não médem os annos, e tanto nellas recebem, como um acto de justiça, os vultos antigos como os modernos, que passaram pela vida dando exemplos de trabalho e de honra aos que surgem agora para as luctas da existencia.

E o dr. Perreira Parobé os deu. Foi uma das figuras mais salientes da administração republicana, desde o inicio do novo regimen.

Havendo nascido, a 4 de agosto de 1853, na villa de S. José do Norte, nem porque viu á luz nas proximidades do mar foi voluvel como este. Não. Antes pelo contrario: o dr. Pereira Parobé foi um perfeito typo da constancia. Tendo começado, em 1869, o seu curso de engenharia na Escola Central, do Rio, transportou-se pouco depois, para a Escola Militar, seguindo a carreira das armas, sem abandonar, todavia, o seu sonho primitivo. Com effeito, já era tenente de infantaria, quando se bacharelou, em 1881, em sciencias physicas e naturaes.

Em 1882 vamos encontral-o, como professor interino, leccionando varias cadeiras na Escola Militar de Porto Alegre.

Em 1887 obtinha reforma por incapacidade physica e no anno seguinte era nomeado engenheiro da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguayana. Pouco se demorou ahi, pois em 1889 alcançava a nomeação de engenheiro municipal da Intendencia da cidade do Rio Grande. Nesse posto veiu encontral-o a Republica, e como o dr. Parobé, que fôra um dos signatarios do celebre manifesto de 1870, nunca fizera mysterio de suas idéas democraticas, e até as alardeava, o novo

regimen não podia condemnar ao ostracismo individualidade de tão revelantes meritos.

O dr. Parobé foi nomeado director das Obras Publicas, na superintendencia do dr. Antão de Faria, a quem logo succedeu neste cargo.

Republicano da velha guarda, e "castilhista" sobretudo, o dr. Parobé resignou o cargo que exercia, quando se deu o golpe de Estado de 1891, acompanhando o gesto altivo do patriarcha.

Restituido, pouco depois, ás suas funcções de Secretario do Estado, dos mais activos, o engenheiro rio-grandense exerceu-as indefessamente, com interrupção apenas do quinquenio do dr. Carlos Barbosa.

Foi um dos fundadores da Escola de Engenharia, de que era director desde 1898, e de todos os importantes institutos que lhe são annexos.

Como membro da Constituinte assignou a Carta de 14 de julho.

Foi um dos mais operosos republicanos, e sendo o chefe dos chefes era o primeiro que entrava diariamente na sua repartição.

Quando estudava engenharia, aprendeu o officio de carpinteiro. Pois bem: quem o visitasse, na alta posição em que se achava, não raro o ia encontrar trabalhando neste officio. Seu gabinete era uma sala de officina, onde se não encontrava um livro, mas a banca e todas as ferramentas do officio que aprendera na mocidade, e em que era eximio...

Eis a maior prova da sua costancia e do seu descaso pelas vaidades humanas.

O dr. João José Pereira Parobé falleceu nesta cidade, no dia 9 de dezembro de 1915, cercado de respeito e estima de todos os que estiveram em contacto com elle e compreenderam o seu caracter inconfundivel.

Manoel Velloso Paranhos Pederneiras

Nasceu no municipio de Rio Pardo, onde sua familia possuia a estancia das Pederneiras. D'ahi a origem do sobrenome do nosso patricio.

Tirou os preparatorios no Collegio Pedro II, ma-

triculou-se, pouco depois, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se doutorou.

Em 1864, tendo sido creada a Escola Militar de Preparatorios nesta provincia, foi o dr. Pederneiras nomeado para reger a cadeira de francez.

E filiou-se, logo, ao partido conservador que o destacou para a redacção da "Ordem", orgam do mesmo partido.

Nessa posição, pôz em evidencia as suas grandes qualidades de escriptor e foi eleito deputado á Assembléa Provincial.

Em 1865, fechando a Escola Militar, em consequencia da guerra que haviamos levado á Republica do Uruguay, o dr. Pederneiras resolveu seguir para o Rio de Janeiro, campo mais vasto para as suas aspirações de homem de talento.

Em pouco tempo, vimol-o collocado na redacção do "Jornal do Commercio", occupando-se de todos os assumptos, com extraordinaria competencia.

Era de uma dedicação sem limites, por D. Pedro de Alcantara, que o distinguiu com a maior amizade.

Na posição saliente, que occupou na côrte, tornou-se, então, o protector dos nossos patricios que o procuravam na certesa de serem attendidos. E isto elle o fazia, sem a menor contrariedade, com o coração aberto.

Apesar, porém, de ter sempre o pensamento voltado para a terra em que nascera, nunca mais visitou o Rio Grande, para ao menos matar as saudades.

A elevada posição de responsabilidades que desempenhava no grande orgam carioca, o conservava detido ali, como um prisioneiro encorrentado ao cepo.

E, ahi, se manteve, durante longos annos, a carregar pedra, sem descanço, para consolidar a existencia da importante folha.

E a esse jornal deu a sua mocidade, o seu nobre esforço e os fructos sazonados do seu formoso talento meridional.

E entrou para lá moço, no vigor dos annos, na quadra dos sonhos doirados, e quando a morte o levou, estava velho, completamente alquebrado, com a cabeça branca como uma pasta de algodão.

Dr. Domingos Francisco dos Santos

Era figura saliente do partido conservador.

Havia conquistado as suas esporas de ouro nas luctas que teve de sustentar, durante annos, na imprensa e na tribuna.

A' testa do "Conservador" revelou-se um polemista de pulso, que não se acobardava com os ataques dos adversarios que não o poupavam.

Escrevia o artigo de fundo, a chronica, o folhetim; era elle, finalmente, o *facto totum* do jornal do seu partido.

E nas fileiras conservadoras não existia um outro nas suas condições. Era um escriptor infatigavel, de rija tempera, ás vezes violento nos seus golpes, outras vezes, fazendo jogos malabaras com a fina graça portugueza de outros tempos.

Nas palestras, entre amigos, era um encanto vel-o contar um caso ou uma anecdota.

Era engenheiro civil, mas quasi não exercia a sua profissão, apezar de não lhe faltar competencia.

A politica conquistara-o, prendera-o, para sempre, nas suas malhas de aço, das quaes não podia se desembaraçar, quando mesmo quizesse tentar.

Foi eleito diversas vezes á assembléa provincial, occupando a tribuna, quando era preciso. E a mesma facilidade que tinha em escrever para o jornal tinha tambem para fallar em publico. E o fazia com graça, jogando a fina ironia, como si estivesse em palestra, em roda de amigos, com o seu charuto á bocca.

Em 1888, contrariado, aborrecido com a marcha dos negocios politicos do paiz, abandonou o velho partido a que servira com a maior dedicação, e filiou-se ao partido republicano, publicando, por esta occasião, um manifesto, explicando a sua conducta.

Proclamada a Republica, seguiu para o Rio de Janeiro, por chamado de seu amigo o marechal Deodoro da Fonseca.

Ahi a fortuna lhe sorriu, mas recebeu tres profundas punhaladas no coração, perdendo tres filhas, quasi ao mesmo tempo.

Apezar de ausente da terra natal, tinha sempre os

olhos amorosos voltados para ella, que lhe apparecia, á distancia, mais cheia de encantos, a fanscinal-o.

Escreveu uma série de artigos sobre a culturo do trigo entre nós, artigos esses que se recommendavam, não só pela elevada competencia technica, como pela belleza da fórma.

Aos 69 annos de edade, a 4 de abril de 1910, falleceu, em Nicteroy, o nosso illustre patricio, que exercia então um alto cargo no Ministerio da Agricultura.

Dr. Felix Xavier da Cunha

Elle foi na tribuna e na imprensa politica, o que o seu pae, o brigadeiro Francisco Xavier da Cunha havia sido nos campos de combate: — Valente, brioso, e patriota.

Viveu toda uma existencia sonhadora e agitada ao mesmo tempo. Estudante e academico, fez, por assim dizer, os seus preparatorios e o seu bacharelato em sciencias juridicas e sociaes, em sonetos e estrophes, pois quasi todos os seus trabalhos litterarios datam dessa época.

Jornalista, politico e chefe de partido, viveu crestando as lindas rosas de seus sonhos nas estufas comburentes das paixões partidarias.

Biographias ha que não toleram datas. A data é o algarismo, o algarismo é o calculo, e o calculo é o interesse. A de Felix da Cunha é uma dessas biographias, porque elle foi o menos calculista e o mais desinteressado dos espiritos.

Formado em sciencias juridicas e sociaes, pela Faculdade de Direito de S. Paulo, Felix da Cunha voltou para o Rio Grande do Sul, e fundou em Porto Alegre o *Guahyba,* periodico litterario que teve a sua época na provincia.

Mas Felix da Cunha era tambem orador eloquentissimo. Não havia, pois, fugir á attracção do abysmo: entrou ruidosamente na politica, ao lado do Conde de Porto Alegre, Osorio, Pinheiro Machado, Felippe Nery, Teixeira Lopes, Luiz Flôres, e outros. Mais ou menos por essa occasião comprou o jornal o "Mercantil", e ahi, com Carlos Jansen e Pedro Antonio de Miranda,

creou uma época aurea no publicismo rio-grandense. Deputado á assembléa provincial em repetidas legislaturas, o moço rio-grandense colheu as laureas da victoria em mais de uma justa da tribuna parlamentar.

Durante mais de dez annos, Felix da Cunha consagrou-se á grandeza do partido liberal- rio-grandense, até ao dia em que rompeu com Lopes Teixeira e travou com este memoravel campanha na tribuna e na imprensa. A victoria coube áquelle não porque fosse mais intelligente, mas porque era mais pratico, mais cauto, tinha mais manha e não fazia versos. Dessa lucta sahiu o partido liberal dividido em dois: os *liberaes historicos* e os *liberaes progressistas.* Ao primeiro blóco pertenceram Felix da Cunha, Osorio, Silveira Martins, Luiz Flôres, Timotheo da Rosa e outros. Ao segundo, Teixeira Lopes, Conde de Porto Alegre, dr. Caldre e Fião, Felippe Nery e outros.

A lucta ia acceza, e em ambos os arraiaes politicos o enthusiasmo campeava, de braço dado com a intriga e com a insidia, de que o partido conservador ia puxando, com mão de gato, a braza para a sua sardinha.

Infelizmente, a esse tempo, já a enfermidade, que havia de matar Felix da Cunha, lhe desfibrava o organismo delicado e exhausto. O seu resentimento com Silveira Martins, e a lucta titanica que se lhe seguiu, o encheram de desgostos e o desenganaram dos homens — porque, desgraçadamente, os poetas só muito tarde é que vêm a conhecel-os.

Patriota, mas patriota de coração, Felix da Cunha doia-se de ver a sizania e a intriga fazendo quartel no seio dos partidos politicos de sua terra. Em toda a parte é assim, mas o poeta quizera ver o seu torão natal idemne desse syphilis corruptora...

E' que ella era um puro. A injustiça, viesse de onde viesse e fosse de onde fosse, enchia-o de tempestuosas revoltas. Pelas columnas do "Mercantil" verberou energicamente a guerra movida contra o general Osorio, e latejou com vehemencia a insaciavel ambição que se superpunha a todo o gesto patriotico.

Em fins de 1864 o grande rio-grandenso estertorava no seu leito de agonia. A tuberculose sugava-lhe as derradeiras energias vitaes. E eram as compridas

insomnias... E eram os copiosos suores... E eram as extenuantes, violentas hemoptyses... E...

...No dia 21 de fevereiro de 1865, á cidade festejava a tomada de Paysandú. Gyrandolas, salvas, repiques de sinos, bandas marciaes pelas ruas espanlhando na gloria dos espaços as notas gloriosas do hymno nacional.

O enfermo, ouve, e interroga, com os olhos naciosos, os circumstantes. Um curva-se sobre elle, e sussura-lhe no ouvido:

— Festejamos a tomada de Paysandú.

O olhar do moribundo illuminou-se. Pelos labios arroxeados roçou-lhe um sorriso feliz, e, semi-erguendo o busto, exclamou com o fio de voz, que ainda lhe restava:

— Que gloria! Que gloria... para a nossa patria.

Foram as suas ultimas palavras.

Morria aos trinta e dois annos de edade, tendo sido jornalista, orador, poeta e dramaturgo dos maiores que o Rio Grande do Sul já teve.

Dr. Manoel Amaro da Silveira

Numa galeria de rio-grandenses illustres não podia deixar de figurar, como "divo inter divos", o dr. Manoel Amaro da Silveira.

Descendente de uma notavel familia gaúcha que, na carreira das armas, das lettras e na politica, scintillou com brilho intenso e deixou um sulco assignalado, o distincto rio-grandense, desde as carteiras escolares até aos bancos academicos, distinguiu-se sempre pela finura da intelligencia e pelo amor ao livro.

Fez, por isso, um curso brilhantissimo. Formado, voltou para a sua provincia natal. De logo as lides politicas o absorveram. Era do tempo em que os dois partidos militantes na provincia disputavam com ardor as posições. Entre liberaes e conservadores não se extinguia nunca, nem mesmo arrefecia, a chamma dos prelios eleitoraes. Cada eleição era precedida de um longo preparo. A cabala saia á rua. Cada chefe politico batia de porta em porta. Havia distribuição de roupas, de chapéos, de calçado, de dinheiro e... de

cacetes. Mas no dia da eleição, as ruas animavam-se. Era tal e qual um dia de procissão. O enthusiasmo andava solto, como o diabo em dias de vento... Entretanto, o candidato era tirado do seio do povo.

E foi este o caso da eleição para deputado provincial do dr. Manoel Amaro da Silveira.

Comquanto liberal tradicional e homem de espirito cultivado, a sua modestia o fazia retraido, arredio mesmo dos conchavos partidarios. A esse seu retraimento foi arrancal-o seu partido, e o nome do illustre rio-grandense saiu triumphante das urnas.

Uma vez lançado na politica, o dr. Manoel Amaro da Silveira tomou a peito o seu papel, e, em breve, se tornou uma das figuras de mais prestigio de seu partido.

Foi orador eloquente, talento activo, e não houve, no seu tempo, melhoramentos na sua terra, nem serviços publicos, nem manifestações de progresso, que não fossem de sua iniciativa ou não tivessem o seu apoio, a sua defeza e o seu poderoso impulso.

Foi uma vontade creadôra, um benemerito.

Apparicio Mariense

Foi um dos pregoeiros mais distinctos da idéa republicana entre nós.

Era em S. Borja vereador da Camara Municipal, quando apresentou a celebre moção protestando contra o terceiro reinado e aventando a idéa de um plebiscito nacional, para se saber si o paiz acceitava a ascensão da princesa D. Isabel ao throno do Brazil.

Essa moção fez enorme ruido em todo o paiz, tornando o nome do seu auctor bem conhecido.

Depois de proclamada a Republica, foi eleito deputado á Constituinte Riograndense, e mais tarde ao Congresso Nacional. Foi ainda intendente municipal de S. Borja, onde prestou assignalados serviços.

Com o correr do tempo, separou-se dos antigos companheiros de propaganda, voltando depois de alguns annos de retrahimento á actividade politica.

Na fronteira missioneira era um nome bemquisto pela pureza dos seus sentimentos patrioticos.

Nos ultimos tempos era o chefe do partido democrata em S. Borja.

O coronel Apparicio, ainda cheio de vida, veiu a fellecer nessa cidade a 4 de maio de 1910.

Dr. Alvaro Chaves

O dr. Alvaro Chaves foi uma das mais risonhas esperanças que ja floresceram em terras do Rio Grande.

Ramo de uma arvore genealogica brilhante e de uma seiva vigorosa, esse rapaz, morto aos 27 annos de edade, promettia uma vida repleta de serviços á causa da liberdade e ás lettras da sua terra.

Herdára de seu avô e de seu pae nobilissimas faculdades de trabalho, de intelligencia e de caracter. Desde bem moço se prenunciara pelas idéas mais liberaes, e bebia sofregamente nos livros as lições que legára á humanidade a Grande Revolução.

Seu avô paterno, Antonio José Gonçalves Chaves, era um portuguez culto, empreendedor, escriptor dotado de profundo senso pratico, e vieira para a provincia em principios do seculo passado. Foi, por assim dizer, o creador da cidade de Pelotas. Deputado á assembléa provincial, expôz e defendeu ahi idéas adiantadas. Não era republicano, mas, ao explodir a revolução de 35, foi perseguido pelos legalistas, e viu-se forçado a emigrar para a Republica do Uruguay. Era anti-escravocrata, e nas suas interessantes *Memorias economo-politicas sobre a administração publica do Brazil* condemna abertamente a escravatura — "considerando-a irreconciliavel com a economia politica, contraria á constituição, opposta á moral e á força do Estado, e em numero excessivo para o Brazil."

Essas mesmas idéas de liberdade e humanidade actuaram magnificamente no espirito de seu neto, e dos bancos academicos vinha Alvaro Chaves, com forte e singular talento, prégando-as, espalhando-as sob uma orientação superior.

Formado e lançado na vida publica, onde o seu talento brilhava e o seu solido preparo cercava-o de uma aureola de auctoridade, o joven pelotense procu-

rou dar forma ao seu ideal e transformar em actos as suas idéas.

Nestas condições foi um dos fundadores do partido republicano rio-grandense e dos mais valentes propagandistas da abolição da escravatura.

Infelizmente a morte veio ao seu encontro em pleno viço dos annos.

O dr. Alvaro Chaves falleceu em Pelotas, a 22 de fevereiro de 1890, tendo ahi nascido a 13 de setembro de 1863.

Morreu muito moço, como se vê, mas teve a felicidade de ver, pouco antes de cerrar os olhos para sempre, realisados os seus sonhos de moço: — a abolição da escravatura negra, pela lei de 13 de maio de 1888 e a redempção dos escravos brancos — pela proclamação da Republica em 15 de novembro de 1889.

Ulysses José da Costa Cabral

Nasceu em Porto Alegre a 24 de setembro de 1855. Era filho de Candido José da Costa Cabral e de D. Maria Jacintha Pereira Cabral, professora publica.

Aos doze annos de edade, a 1° de janeiro de 1867, matriculou-se no Collegio Gomes. Ahi esteve dous annos, entrando, como interno, para o collegio do padre Massa.

A 4 de março de 1873, sentou praça no exercito, ficando, desde logo, empregado no quartel general, como amanuense.

A 13 de novembro de 1876, seguiu para o Rio de Janeiro, afim de matricular-se na Escola Militar, no anno seguinte.

Como alumno da Escola Militar, começou a leccionar no Collegio Menezes Vieira, porque os seus paes eram pobres e elle não queria exigir sacrificios delles.

Como vice-director desse collegio, Ulysses Cabral demonstrou as raras aptidões que possuia para a ingrata vida do magisterio.

Menezes Vieira não podia encontrar um companheiro para ajudal-o nos trabalhos escolares como o nosso patricio.

Sahindo promovido a alferes, pouco tempo depois,

abandonou a carreira militar e fundou, então, o "Atheneu Brazileiro", importante estabelecimento de ensino, que alcançou invejavel notoriedade.

Pelas suas mãos passaram diversas gerações. Muitos dos seus discipulos occupam agora elevadas posições em todas as carreiras, o que desvenacia immensamente o velho mestre.

Ulysses Cabral era de uma sensibilidade infantil, posso dizer, pois muitas vezes vi seus olhos marejarem, quando recordava um ou outro alumno que o honrava.

Mais tarde, por insistencia de sua mãe que estava muito velha, voltou ao torrão natal. Ella não queria fechar os olhos para sempre sem o ter perto de si.

Estabeleceu, aqui, no Campo da Redempção, o "Atheneu Brazileiro."

Nessa época foi nomeado vice-reitor do "Gymnasio Julio de Castilhos" e ahi prestou serviços de tal natureza que nunca poderão ser esquecidos.

Coube-lhe, então, a regencia do curso elementar, onde elle sentia-se bem, á sua vontade, tratando os alumnos com o maior carinho, como si fossem seus filhos.

Ainda não conheci um outro mestre que tivesse o geito de tratar as creanças como elle. Parecia um pae amoroso, afagando os filhos, elle que nunca o fôra, que nunca experimentara as doçuras da paternidade.

Fez sempre do trabalho uma religião, e tanto assim, que nos ultimos tempos, acommettido da fatal doença que o levou, emquanto poude, vinha sempre ao Gymnasio, subia as escadas, cançado, arrastando-se... mas cumprindo o seu dever, dando vida ao seu idéal, que era a vida do seu bello espirito!

Joaquim Pedro Soares

Nasceu na provincia do Rio Grande e era filho do coronel Joaquim Pedro Soares, que representou papel importante na revolução de 35.

Era medico distincto e gosava de fama de eximio operador.

Pertencia ao partido liberal, apesar do seu sogro,

o Dr. João Dias de Castro, ser um dos chefes do partido conservador.

Foi eleito diversas vezes á assembléa provincial, assim como á camara temporaria.

Tinha dotes de orador e uma bella figura, trajando sempre no rigor da moda.

Assumiu a presidencia da provincia e fez uma bôa administração, ouvindo sempre, em todos os assumptos serios, os seus auxiliares.

Podia errar, mas queria dividir a responsabilidade de seus actos, com os funccionarios de mais elevada cathegoria, aos quaes pedia o valioso conselho da experiencia.

Como medico, tinha verdadeiros rasgos de desprendimento, sendo solicito sempre em attender o rico e o pobre.

Era um homem de fina educação, um fidalgo no trato.

E assim como o era na vida dos salões, era-o tambem na vida profissional.

O auctor destas linhas póde dar disso testemunho, pois assistindo, de uma feita, o notavel medico riograndense operar uma pessoa por quem se interessava — uma linda menina — ouviu-lhe, no acto, depois de desinfectar-se e desinfectar os instrumentos cirurgicos, dizer com um gesto superior: o bom exito de uma operação não está muitas vezes só na sciencia. E' preciso que o golpe seja certo e elegante.

E esta sua intervenção cirurgica foi um successo.

João de Santa Barbara

Era um bello exemplar de sacerdote meridional.

Nasceu em 1800, na cidade de Rio Grande, que era, então, um povoado quasi sem importancia, apresentando, nas suas modestas habitações, os estragos das invasões dos máos visinhos.

Dedicou-se ao serviço da Egreja, tornando-se com o correr dos annos, um sacerdote illustre pelas virtudes e vasta erudição.

Consagrou-se egualmente á vida do magisterio,

leccionando diversas disciplinas, com extraordinaria competencia.

Tinha muita facilidade de expressão, e quando estava deante da sua classe, expondo um ponto, possuia-se tanto do seu papel, que arrebatava os alumnos com os rasgos de eloquencia.

E, depois, tinha ainda a seu favor o aspecto physico; era de elevada estatura, cheio de corpo, rosado, com a curva de uma calva que vinha lhe nascendo. Andava sempre aprumado, passo cadenciado, sabendo, com graça e elegancia, traçar a capa de seda preta sobre o largo hombro de granadeiro.

Quando o Brasil ainda estava sujeito a metropole, representou o nosso paiz nas côrtes de Lisboa, fazendo ahi uma bonita figura.

Mais tarde, foi eleito deputado á nossa camara temporaria, produzindo, como estréa, um bellissimo discurso contra o celibato dos padres.

Essa sua oração causou ruido de um extremo a outro do paiz pela fórma brilhante em que foi exposta.

Quando elle subia á tribuna, dominava, desde logo o auditorio com o encanto de sua magica palavra, que arrebatava as multidões.

A's vezes dava as suas lições debaixo de tormenta, cahissem raios sobre raios, desabasse o céo sobre a cidade, e elle, impassivel, indifferente á furia dos elementos que se debatiam nas alturas.

Apesar, porém, de todo o vigor da sua natureza herculea, a morte o arrebatou, aos 62 annos de edade, a 5 de julho de 1868.

Bibiano Sergio de Macedo Costallat

Nasceu em Porto Alegre a 9 de setembro de 1845. Estudou os preparatorios no Collegio Gomes, tendo conquistado a estimar a consideração do seu velho mestre, pelo fulgor de seu talento e inexcedivel applicação.

Sentou praça em 25 de setembro de 1863, contando tempo de serviço de 30 de janeiro de 1862.

Tomou parte na guerra do paraquay, tendo obtido diversas promoções por actos de bravura. Assim se

explica a rapidez da sua carreira militar, até aos bordados de marechal.

Pertenceu ao estado maior de primeira classe, tendo o curso de engenheiro militar.

Pouco depois conquistou, em concurso, o logar de lente da Escola Militar.

Era um official distinctissimo não só pela bravura, como pelo seu valor intellectual.

Durante o tempo da revolta, serviu como ministro da guerra, havendo sido um auxiliar importante no governo do marechal Floriano Peixoto.

Foi ministro do Supremo Tribunal Militar, e, ahi, activo, austero e intelligente.

Estava desempenhando as altas funcções de chefe do Estado Maior do Exercito, quando a morte o colheu, a 8 de dezembro de 1904.

Era muito religioso: não perdia festividades da Egreja.

Educado no catholicismo, parecia augmentar o fervor da sua fé religiosa, á proporção que ia envelhecendo.

Dr. Barros Cassal

O dr. João de Barros Cassal foi um rio-grandense que deixou na paulicéa a mais risonha e sympathica tradição de bohemia academica.

Seu genio era buliçoso, borboleteante a sua intelligencia, o que não o impedia de ter um caracter austero, uma vontade inflexivel, em se tratando de pontos de honra.

Entrou na vida publica com um nome aureolado. Tinha sido um forte propagandista da Republica. Na imprensa, na tribuna, nos comicios populares, Barros Cassal revelava-se um adversario violento do terceiro reinado. Sua penna era uma alavanca demolidora. Seu verbo um "schrapnell". Fallando ou escrevendo — incendiava, derrocava. Fazendo a critica da monarchia, por onde a chamma de sua palavra passava — ficavam ruinas e cinsas. Foi assim, quando dirigiu em abril de 1890, a *Federação*.

Era um luctador, sempre prompto a bater-se em

honor de todas as liberdades, e por isso o povo o amava.

Proclamada a Republica, foi Barros Cassal escolhido para primeiro chefe de policia do novo regimen no Rio Grande. Sua acção, nesse posto, foi breve, mas energica. Velhos elementos monarchicos, em 1890, vieram á tona e foram chamados á primeiro linha do governo. Ao que parece, Deodoro não confiava nos moços. Os republicanos do Rio Grande insurgiram-se contra esse estado imprevisto de coisas, e, a 6 de maio de 1890, numa manifestação popular feita ao general Fróta, que havia passado o governo do Estado ao dr. Francisco Tavares, dizia, como orador do povo, o dr. Julio de Castilhos:

"A Republica foi feita sob o influxo perseverante dos republicanos, que, em longos annos de efficaz doutrinação politica e de incitamento ao patriotismo dos brazileiros, preparou a opinião do povo e do exercito para a revolução de 15 de novembro.

"A Republica foi preparada pelos republicanos, foi feita pelos republicanos, estamos no inicio de sua organição institucional, e, entretanto, quem é que governa? São os republicanos? Não! Elles têm o appoio do exercito, o applauso do povo, estão com todo o seu prestigio: é o que esta extraordinaria manifestação demonstra; mas elles não governam."

Estas palavras do patriarcha exaltaram os animos. O governo, pela calada, tomava medidas preventivas. Os republicanos, por seu turno, preparavam-se para mostrar sua força, e... surgiram os tristes successos de 13 de maio, em que Barros Cassal, em plena rua dos Andradas, caiu varado por uma descarga de infantaria.

Não morreu, porém, o moço rio-grandense e continuou seus serviços á Republica, recebendo a 3 de março de 1892 o governo do Estado das mãos do general Barreto Leite, tendo já feito parte da junta governativa que surgiu do "golpe de Estado" de 12 de novembro de 1891.

Espirito tão inquieto nem sempre se accomodava a tudo, e Barros Cassal apartou-se um dia de alguns de seus velhos e mais queridos camaradas da propaganda, e alistou-se no partido democrata.

Pouco depois entrava em plena revolução. Viera o 1893. Barros Cassal perdera, pela desillusão e pelo muito luctar, quasi todas as suas singulares energias, e em outubro de 1903 morria em Matto Grosso — cinco dias antes de Julio de Castilhos, a quem amava e por quem fôra amado, e de quem a inconstante sorte o separava, accendendo o fero destino entre ambos uma guerra de exterminio.

José Paulino de Azurenha

José Paulino de Azurenha, o melhor chronista litterario rio-grandense, foi um heróe do trabalho e deixou nome nas lettras de sua terra, porque, realmente, teve um alto valor.

Artista graphico das officinas do "Jornal do Commercio", quando esta folha era de minha propriedade, um dia foi Paulino de Azurenha, com maneiras timidas, mostrar-me, no escriptorio, uma producção poetica de sua lavra. Era um soneto. Surprehendeu-me, sobretudo, o lavor da fórma, em epoca que tão pouco cuidado os nossos poetas do sul davam a ella. O soneto, como se sabe, é a "pedra de toque" por onde se conhece o quilate do poeta, e o moço typographo, em essa sua producção, se revelava não só um poeta de mérito, como um raro, um consumado artista.

Tirei-o, pois, dos caixotins, e dei-lhe collocação mais consentanea com a sua intelligencia no escriptorio do jornal.

Em breve, Paulino de Azurenha completou a sua educação litteraria, e, mais tarde, quando Caldas Junior se resolveu a fundar o "Correio do Povo", foi elle um dos eleitos para seu companheiro de jornada e glorias jornalisticas, e tambem o unico de quem Caldas Junior, muitas vezes, acceitava os conselhos e acertadas ponderações.

No "Correio do Povo", o talento ductil de Paulino de Azurenha manifestou-se sob variegadas facêtas. Não obstante seus muitos affazeres na folha — revisor, noticiarista e reporter, Paulino de Azurenha escreveu, ahi, sob o pseudonymo de "Léo Pardo", as suas brilhantes chronicas do "Semanario", que darão

uns dois ou tres volumes de excellente prosa, onde se encontra, de periodo em periodo, o torturado culto da fórma. De resto, Paulino de Azurenha não teve na vida litteraria outra preoccupação. Burilando um soneto, rhytmando um epithalamio, bordando um "semanario" ou simplesmente escrevendo uma corriqueira noticia de escandalo amoroso ou de furto vulgarissimo, Paulino de Azurenha punha em acção todo o seu nervosismo esthetico.

Entre centenas de noticias, contendo factos das ruas, dos cafés ou das tavernas, em que a policia teve de entrevir, as de Paulino de Azurenha são logo conhecidas — pelo seu "savoir-faire" de artista.

Este rútilo artista do verso e da prosa falleceu, repentinamente, nesta cidade, que foi a do seu nascimento, sem ter deixado um livro impresso, havendo, entretanto, espalhado materia para muitos, e brilhantes, por jornaes e revistas.

Que os seus admiradores, que são muitos, não deixem cair em terreno esteril esta minha idéa.

Marechal João Thomaz Cantuaria

Quando, após uma longa ausencia de sua terra natal, o general Cantuaria, em principios de março de 1896, voltou a Porto Alegre, investido das funcções do commando do 6.º districto militar, era uma bonita estampa de veterano: alto, espigado, de longas e alvissimas barbas á feição dos patriarchas biblicos, e o porte erecto, varonil, imponente.

Elle tinha sido na sua mocidade um rapaz desenvolto, de physico insinuante — uma bonita figura em fim; não admirava, pois, que no ancião se notassem, malgrado as campanhas que pellejára, os requisitos naturaes de sua formosa, longinqua mocidade.

Porque não se julgue, como podia suppôr-se, que esse forte e bonito velho de 1896 tinha tido uma descançada vida de soldado, galgando postos em disponibilidade, como deputado ou senador, á maneira de tantos outros. Não. Praça de 1854, no 1.º regimento de artilharia, fez a campanha do Uruguay, e, em 1865, a guerra do Paraguay veiu encontral-o, com o posto de

1.º tenente, servindo na expedição enviada por esse tempo a Matto Grosso. Ahi teve o nosso patricio de enfrentar o temeroso, sanguinario inimigo, e é um dos heróes da famosa *Retirada da Laguna,* que a penna magistral do visconde de Taunay que della fez parte, narrou com tanta eloquencia e tão colorido e poderoso estylo, que esse livro é considerado pelos melhores criticos superior á *Retirada dos dez mil,* do historiador Xenophonte, que foi o principal chefe desse notavel feito d'armas da antiguidade.

Pelos serviços prestados na expedição do Matto Grosso, o nosso patricio foi commissionado no posto de major e agraciado com o titulo de cavalleiro da ordem do Cruzeiro.

Após a sua transferencia para o corpo do estado-maior de 1.ª classe, foi nomeado director da fabrica de polvora e promovido por merecimento a tenente-coronel.

Proclamada a Republica, foi João Thomaz Cantuaria, em janeiro de 1890 promovido a coronel por serviços relevantes, em 1892 a general de brigada, em 1895 a general de divisão e em abril de 1900 a marechal do exercito, tendo servido, em diversas épocas, nesta sua brilhante carreira ascendente, o cargo de commandante de policia da côrte, o de chefe de secção da directoria geral de obras militares, o de commandante da escola militar, do Rio, o de director do Arsenal de guerra, os de commandante do 3.º e 6.º districtos militares, o de ajudante general do exercito, o de ministro da guerra, o de chefe do estado-maior do exercito e, por ultimo, o de ministro do Supremo Tribunal Militar — onde a morte o colheu, no Rio de Janeiro, a 22 de março de 1908.

Foi, como se viu, um rio-grandense que honrou a sua terra natal, — a terra lendaria que o verbo inflammado de Barbosa Lima, chamou, um dia, num dos seus arroubos tribunicios, com profunda psychologia ethnica e verdade historica — "Jerusalem dos Eleitos",

---

Placido de Castro

Neste começo do seculo XX, quado é patente o desfibramento das raças e a frouxidão do caracter, Placido de Castro é dos raros rio-grandenses que nos recordam aquella antiga tempera gaúcha, de aventureiro e heróe, de cavalleiresco e lendario que fazem dos filhos da patria dos farrapos um typo de eleição na historia do mundo.

Devassando terras inhospitas, affrontando inimigos fortes, o temerario filho do Brazil Meridional reivindicou para o territorio do Brazil uma porção vastissima da America, que a ambição boliviana tinha sob o olho e estava disposta a disputar com as armas em punho.

Foi em 1902. A lucta entre bolivianos e acreanos se achava num periodo agudissimo. Era o ferro. Era o fogo. Era o exterminio. De ambos os lados era uma questão de patriotismo. Os acreanos queriam o Acre para o Brazil. Os bolivianos queriam essa porção do Brazil para a Bolivia.

Foi quanto Placido de Castro chegou a esta republica dos Andes. Ia do Acre, onde residia, a serviço profissional. Lavava apenas a sua bussola de Casella, as suas balisas e a sua caderneta de campo. O modesto agrimensor não pensava ainda em ser general em chefe de hostes guerreiras.

Foi quando se achava no "Territorio de Colonia", na Bolivia, demarcando o seringal "Victoria", que Placido de Castro teve conhecimento, pelos jornaes, de arrendamento do Acre a um syndicato norte-americano.

Todo o seu patriotismo revoltou-se. Elle via nesse acto uma séria ameaça á integridade do Brazil. Na sua opinião, não era muito para se confiar nos Estados Unidos. Alvoroçado o seu amor patrio, o illustre rio-grandense guardou os seus instrumentos profissionaes e empunhou a espada de soldado.

Em poucas semanas arregimentou e armou gente. Era uma hoste de affeiçoados, que por elle dariam a vida.

Preparava-se assim contra a Bolivia, na defesa de seu torrão patrio, quando o proprio governo federal,

por um effeito de myopia incompreensivel, reconhecia os direitos bolivianos sobre o Acre...

Arrebentou o movimento armado. O governo boliviano enviou de La Paz um contingente de 400 homens, sob o commando de Rosendo Rojas. Placido não era homem que recuasse. O que lhe faltava em gente lhe sobrava em coragem. Apenas com 60 seringueiros foi ao encontro do inimigo. Este teve logar em Santa Rosa. Infelizmente a superioridade do numero venceu. Placido porém não desanimou. Arregimentou nova gente. Levantou fortificações. Traçou planos de offensivas, e em breve a sua acção energica assombrava o adversario. Atacou de novo Rojas, que se havia fortificado na Empreza. O coronel boliviano capitulou. Placido de Castro proseguiu nos seus triumphos. Venceu as guarnições inimigas entre a Empreza e Porto Alonso. No assédio desta praça, que se rendeu com armas e soldados, aprisionou o general Ibañes.

A noticia destes successos acreanos agitaram a Bolivia, e Placido de Castro recebeu aviso de que o general Pando, presidente da Bolivia, partiu de La Paz com a flôr do seu exercito, para vingar a derrota dos seus compatriotas e garantir a realisação do contracto norte-americano.

E agora, eis como um chronista recente descreve o angustioso momento:

"Partiu ao encontro de Pando e travou renhido combate. Já quasi vencedor, recebeu pelo major Gomes de Castro a communicação do *modus vivendi* tratado entre as chancellarias brazileiras e bolivianas.

"Como diz brilhante historiador: "Quando o *modus vivendi* chegou ao conhecimento de Placido, já o presidente da nação andina achava-se sitiado e perdido, cercado de cadaveres, mal respondendo os amedrontados soldados que lhe restavam ao fogo constante e certeiro dos nossos sertanejos. Si não houvesse tão depressa andado o major Gomes de Castro, teria o mundo assistido ao irresistivel escandalo do aprisionamento e expulsão de um chefe de Estado, por um punhado de trabalhadores sublevados".

A espada profissional não podia assistir impassivelmente aos triumphos da espada civil.

Da acção heroica de Placido de Castro resultou in-

dubitavelmente o tratado de Petropolis, que adjudicou ao Brazil o riquissimo territorio do Acre, que entra annualmente para os cofres da União com quantia superior a doze mil contos.

Mas odio velho não cansa, e Placido de Castro, o heróe do Acre, foi cobardemente assassinado, de emboscada, nas vesperas de voltar ao seu Estado natal com idéa de consagrar-se inteiramente á industria agricola e pastoril.

Este nosso egregio patricio, que é hoje um nome illustre da historia brazileira contemporanea, era filho do Cap. Prudente da Fonseca Castro e de d. Zeferina de Oliveira Castro, e nasceu no municipio de S. Gabriel a 9 de dezembro de 1873, tendo occupado interinamente, de 24 de julho de 1906 a 27 de março de 1907, a prefeitura do Acre.

Viveu e luctou como um rio-grandense e morreu victima dos despeitos que o seu valor fez nascer em almas pequeninas — que infelizmente o cego Destino havia guindado ao poder...

Dr. Severin Pereira Prestes

A 10 de setembro de 1896, falleceu ná cidade de S. Paulo, aindo no vigor dos annos, o dr. Severino Pereira Prestes, lente cathedratico da Academia de Direito, onde ella deixára, como estudante, um nome digno de inveja.

Concluindo os estudos, regressou á terra natal precedido da mais justa nomeada.

Não era bacharel em direito, mas doutor de borla e capello.

Apezar de seu pae haver sido um dos chefes do partido conservador, o nosso patricio filiou-se ao partido liberal, apenas chegou da provincia.

E abriu banca de advogado, conquistando, desde logo, larga popularidade, pelo interesse que ligava ás causas que lhe eram confiados.

Nada lhe faltava para fazer carreira, alcançando em pouco tempo, collocar-se, entre os raros, que se destacavam na advocacia.

Confiando no seu trabalho, no seu esforço e no seu

talento privilegiado, procurou uma moça pobre para fazel-a feliz, vivendo ambos na mais doce harmonia, como se fossem duas alma irmãs.

O partido liberal o elegeu á Assembléa Provincial, onde a sua palavra inspirada e luminosa elucidava os assumptos mais intrincados.

Com o advento da Republica abandonou para sempre a politica e a terra em que nasceu, fixando residencia em S. Paulo, que já conhecia dos seus bellos tempos de moço.

Pouco tempo depois de lá chegár, foi nomeado, mediante concurso, lente cathedratico da Academia de Direito, cargo que exerceu até os ultimos dias de vida, com o fulgor do seu talento de eleição.

Dr. Alberto Vieira Braga

Nasceu na cidade de Pelotas e ahi estudou os preparatorios.

Seguiu depois, com 17 annos de edade, para Minas-Geraes afim de frequentar a Escola de engenharia de Ouro Preto, que era então dirigida pelo sabio dr. Gorceix de quem se tornou dedicado amigo.

Concluindo o curso academico, com o maior brilhantismo, partiu para o Estado do Amazonas, que desde creança o seduzia pela exuberancia do seu solo.

Ahi chegado, o dr. Eduardo Ribeiro, presidente do Estado, o destinguiu com o cargo de secretario da Agricultura e Colonisação, pondo desde logo á prova nessa elevada posição os seus grandes merecimentos.

Pouco depois contrahiu nupcias com uma moça das principaes familias de Manaus pela qual se apaixonara com o ardor de um meridional.

Por infelicidade, em breve, passou pelo desgosto de perdel-a na flor dos annos.

Torturado por um cruel infortunio, veio em busca de allivio e de consolo no seio da familia, que o estremecia.

No isolamento em que vivia, e, como para esquecer as maguas que lhe envenenavam a existencia, entregou-se ao estudo da vida dos scientistas emeritos.

Era socio correspondente da sociedade de Meteorologia e Phisica do Globo, de Bruxellas, da sociedade Astronomica de Paris, e da de Geographia do Rio de Janeiro.

Ainda moço, minado por pertinaz enfermidade, veio a fallecer na terra que lhe foi berço, a 2 de julho de 1904.

Dr. Luiz da Silva Flôres Filho

Era filho do venerando medico dr. Luiz da Silva Flôres, cujo nome é ainda lembrado com saudades.

Nasceu nesta cidade em 1843, e herdara do seu illustre pae as grande virtudes que o tornaram querido de todos.

Aqui estudou os preparatorios no collegio de Hilario Ferrugem, seguindo depois para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Faculdade de Medicina.

Em 1864, quando o nosso paiz foi forçado a levar a guerra á Republica de Uruguay, o nosso patricio abandonou os estudos, e para lá partiu afim de prestar seus serviços como medico.

Deante de Paysandú que offereceu heroica resistencia, serviu elle no hospital de sangue, com a mais carinhosa solicitude.

Parecia completamente indifferente ao sibilar das balas, que lhe crusavam por cima da cabeça.

E taes foram os serviços que ahi prestou, que a ordem do dia do commando em chefe, referindo-se á tomada d'aquella praça, lhe fez as mais honrosas referencias.

Por este motivo foi condecorado com o habito da Rosa.

Marchando, em seguida, o nosso exercito para sitiar Montevidéo, o nosso patricio o acompanhou, assistindo, pouco depois, a rendição d'aquella praça, que estava em condições de offerecer mais energica resistencia que Paysandú.

Depois das nossas forças terem entrado em Montevidéo, seguiu elle para o Rio de Janeiro, afim de concluir o 6.º anno na Academia de Medicina.

Voltando em 1866 á terra natal, foi nomeado medico da praticagem da Barra, onde pôz em relevo as suas aptidões.

Pouco tempo porém ahi se manteve, indo de novo para o theatro da guerra.

Assistiu a tomada de Curusú e ao assalto de Curupaity, pondo mais uma vez em evidencia o seu sangue frio, a sua coragem e a sua competencia nos hospitaes de sangue.

Em attenção aos serviços prestados ahi, foi lhe concedido o habito de Christo.

Havendo, porém, sido eleito á assembléa provincial, pelo partido progressista, teve que abandonar o campo da lucta pelos deveres impostos pela politica.

Começou então a clinicar em Porto Alegre, grangeando desde logo a confiança pela competencia e desprendimento.

General José Maria Marinha da Silva

E'um general cuja fé de officio é o mais bello attestado dos seus bons serviços á Patria.

Nasceu neste Estado a 24 de maio de 1848.

Em 25 de setembro de 1865, apenas com 17 annos de edade, marchou para o Paraguay, só voltando de lá depois de concluida a guerra.

Teve o seu baptismo de sangue no combate do Potreiro Pires, sendo gravemente ferido no peito por bala de fuzil.

Ainda não restabelecido de todo, tomou parte no ataque contra Curupaity, marchando depois com o grosso do exercito para Tuyuty.

Bateu-se como um bravo em frente do entrincheiramento do Passo Pocú, assistindo em seguida ao reconhecimento de Humaitá e á rendição da força que se achava no Chaco.

Fez parte do exercito que atacava Angostura, transpondo logo o rio Paraguay e caiu entrando no combate de Itororó.

Na encarniçada batalha de Avahy, salientou-se por seu valor, sendo promovido a alferes pela conducta que ahi tivera.

Marchou depois para Lomas Valentinas e ahi pôz, mais uma vez, á prova o seu heroismo, combatendo contra o forte que ahi existia.

Pela sua conducta honrosa, pelo seu passado brilhante, recebeu, em ordem do dia, elogios do conde d'Eu e do marquez de Caxias.

Concluida a Campanha em 1871, matriculou-se na Escola Militar, terminando o curso geral em 1876, havendo feito ahi bonita figura.

O governo do imperio e da Republica, reconhecendo os seus grandes meritos, o incumbiram de commissões delicadas, dando elle sempre o mais cabal desempenho.

Morava no Rio de Janeiro, sempre em serviço activo, quando a morte o levou.

Com o seu passamento perdeu o paiz uma das mais bellas figuras do nosso exercito.

Dr. Timotheo Pereira da Rosa

Na povoação de S. Borja, nasceu em 1834, o dr. Thimotheo Pereira da Rosa.

Creança, ainda, com 12 annos de edade, veio frequentar o collegio de Hilario Ferrugem, que era então um instituto de primeira ordem desta capital.

Algum tempo depois, seguiu para o Rio de Janeiro, afim de cursar a Escola Militar.

Ahi apenas esteve um anno, tendo conseguido nos exames finaes destacar-se pelo seu formal talento.

Apesar, porém, de sua brilhante iniciação nos estudos superiores, abandonou a farda, e partiu com destino a S. Paulo, onde se matriculou na Academia de Direito.

Em 1859, bacharelou-se ahi, deixando um nome acatado pela elevação de espirito e raros dotes de coração.

Voltando á provincia, foi logo nomeado juiz municipal de S. Borja, cargo que exerceu durante dois annos, a contento de gregos e troyanos.

Abandonando a carreira da magistratura, que era

n'aquella epoca, como o é ainda, tão mal renumerada, consagrou-se inteiramente á sua banca de advogado.

Em pouco tempo, conseguiu pela seriedade e interesse que ligava ás causas que lhe eram confiadas, grande prestigio nos povoados da fronteira.

Filiado ao partido liberal, foi eleito presidente da camara de Uruguayana, onde pôz á prova o seu tino administrativo e o seu escrupuloso zelo na gestão dos dinheiros publicos.

Em 1862, apresentado deputado á Assembléa provincial, obteve enorme maioria, sendo escolhido, pelos seus pares, para presidir os trabalhos da casa.

Essa posição de destaque foi conquistada pelas suas grandes virtudes em intimo enlace com o seu bello talento.

A sua influencia politica e o seu bom nome não ficaram adestrictos ás fronteiras da terra natal; iam além, encontrando ardente sympathia no Rio de Janeiro.

Assim se explica a sua nomeação para presidir o Estado de Alagôas, nomeação que não acceitou, apezar da honrosa insistencia do governo imperial.

Durante diversas legislaturas, foi eleito á Assembléa Provincial e sempre escolhido para presidil-a.

Pelo seu brilhante talento, vasto saber e virtudes civicas e privadas, estava destinado a occupar as mais elevadas posições na politica, si a morte não o surprehendesse, a 15 de julho de 1877.

Dr. Custodio Vieira de Castro

Na cidade do Rio Grande nasceu, a 2 de janeiro de 1846, o dr. Custodio Vieira de Castro.

Eram seus paes o negociante Domingos Vieira de Castro e D. Clara dos Reis Castro.

Na terra do seu nascimento, o dr. Vieira de Castro frequentou o collegio dirigido pelo professor José Vicente Thibanto.

Aos quatorze annos, já com alguma somma de conhecimentos, seguiu para a Allemanha, onde, em

1873 se doctorou em medicina na Universidade de Wiceburgo, no reino da Baviera.

Estudava ainda ahi, quando irrompeu a guerra franco-prussiana, tendo tomado parte nessa campanha, como medico voluntario, a convite do conselheiro Von Linhart, director d'aquella universidade e chefe do corpo de saude do exercito da Baviera.

Concluida a guerra, em attenção aos bons serviços que prestou, foi-lhe conferida uma medalha commemorativa da campanha.

Em 1873, regressou á terra natal para matar saudades dos que lhe eram mais caros, voltando, pouco depois, á Europa em objecto de estudos, visitando Paris,Londres e Vienna.

Só em 1876, se estabeleceu definitivamente na cidade do Rio Grande, onde, em pouco tempo, grangeou a estima dos seus conterraneos, pela sua competencia, nobreza de sentimentos e austeridade de caracter.

Filiou-se ao partido conservador, tendo exercido diversos cargos de confiança politica muito a contra gosto.

Sendo lhe offerecida a vice-presidencia do Rio Grande, escreveu ao dr. Rodrigo Villanova, que o considerava immensamente, nos termos mais delicados, merecendo essa elevada distincção, muito acima, como elle dizia, dos seus apoucados meritos.

Era medico, e só isto queria ser, não ambicionando nada mais.

Viveu sempre retrahido, entregue á pratica do Bem, acudindo aos enfermos e repartindo com os pobres o que lhe davam expontaneamente.

E, assim, com essa invariavel norma de conducta, fechou os olhos para sempre, a 4 de maio de 1908, deixando-nos os mais bellos exemplos de coragem, abnegação e desinteresse.

Quem escreve estas linhas o faz cheio de gratidão pela memoria querida do illustre medico, que, n'uma situação dolorosa, o viu á cabeceira, dispensando-lhe cuidados e carinhos de um velho amigo da infancia.

Dr. Antonio Angelo Christiano Fioravanti

Na villa de Santo Antonio da Patrulha, nasceu em principio do seculo passado, o dr. Antonio Angelo Christino Fioravanti.

Era filho legitimo de Mario Christiano Fioravanti, natural da Italia, medico e cirurgico de grande merecimento, e de D. Emermeiana Peixoto, filha do abastado fazendeiro Francisco da Silveira Peixoto, residente no municipio da Conceição do Arroio.

Bacharelou-se na Faculdade de S. Paulo, onde pôz em destaque seu bello talento como orador.

Depois de formado, casou-se na familia Marcondes e veiu para o Sul, abrindo banca de advogacia n'esta capital.

Nessa epoca a tribuna judiciaria era representada com o maximo fulgor pelo coronel Felippe Nery, Laurindo Rabello, o poeta Felix da Cunha e outros homens de valor, conseguindo, em pouco tempo, o dr. Fioravanti, enfileirar-se entre elles.

Era imaginoso, cheio de verve e de palavra fluente e luminosa.

Para a absolvição dos seus constituintes, lançava mão de todos os recursos, que os habeis advogados empregam.

Ninguem o excedia na graça, ninguem tinha, como elle, o poder de tocar o coração dos que escutavam os rasgos de eloquencia de sua palavra arrebatadora.

Durante muitos annos exerceu o cargo de administrador da mesa de rendas, onde prestou bons serviços.

Pertenceu ao partido liberal, tendo o maior enthusiasmo pelo conde de Porto Alegre, de quem era devotado amigo.

Em fevereiro de 1870, com mais de 60 annos, falleceu o illustre patricio, que foi uma gloria da tribuna judiciaria.

Barão dos Santos Abreu

Antonio Francisco dos Santos Abreu nasceu no municipio de Pelotas, na fazenda de S. Lourenço, a 26 de setembro de 1832.

Estudou os preparatorios em Pelotas, seguindo depois para o Rio de Janeiro, onde se doctorou na Faculdade de Medicina.

Ahi se salientou pela sua intelligencia e dedicação aos deveres academicos.

Concluido o curso, veiu logo para a terra natal exercer a sua profissão, tornando-se notavel pela competencia e desinteresse.

Durante muitos annos exerceu cargo de administdico, á *Sociedade Portuguesa de Beneficencia.*

Para galardoar a sua dedicação, o governo portuguez o condecorou com o titulo de Barão dos Santos Abreu.

Era um medico dedicado e caritativo. Ninguem batia inutilmente á sua porta.

Com quasi 70 annos falleceu, a 24 de julho de 1899, o illustre medico, que, durante uma longa vida, só dera provas de competencia e desprendimento.

Alexandre José Fernandes

Nasceu na cidade do Rio Grande a 24 de julho de 1863.

Era filho do capitão José Ignacio Fernandes e de D. Anna Luiza Fernandes.

Desde bem joven revelou sua formosa intelligencia, produzindo versos delicados de encantador lyrismo.

Tendo perdido seus paes, com dezesete annos de edade, foi viver na Bahia, em companhia de duas tias, que, com insistencia, o chamaram para lá.

Ahi chegando, foi empregado no escriptorio commercial de Horacio Nunes, que o tratava carinhosamente.

Algum tempo depois deixou o emprego contra a vontade do patrão, e começou a trabalhar, activamen-

te na imprensa. No *Jornal de Noticias,* firmou os seus creditos de notavel polemista.

Aos vinte annos publicou o seu primeiro livro de versos, com o titulo *Rosas.*

Em seguida, com pequenos intervalos, fez apparecer mais os seguintes volumes: — *Violetas, Magnolias, Baunilhas, Coralinas, Ondulações, Pergaminhos, Mater prussiana, Epopéa do Genio e Lyricos,* duas edições.

Cultivou tambem o genero dramatico, com bastante felicidade, apresentando diversas producções entre ellas: — *O Gondoleiro, Christo e Magdalena, Descoberta do Brazil, Quebrou o braço, Vida alheia,* etc.

Tinha muito espirito e felizes lances scenicos de uma naturalidade que encantava.

Deixou ainda outros trabalhos inedictos, sobresahindo entre elles, *Cecilianas,* volume de versos, consagrado a sua filha Cecilia, que elle amava loucamente, e foi quem lhe cerrou as palpebras, quando a morte o levou para sempre, a 20 de março de 1907.

Visconde de Graça

1 de agosto de 1817, nasceu na cidade de Pelotas, João Simões Lopes, mais tarde galardoado com o titulo nobiliario de Visconde da Graça.

Com pouco mais de 18 annos, tomou parte na revolução de 35, combatendo ao lado dos rebeldes, havendo sido preso mais de uma vez e posto a ferros para não fugir.

Concluida a guerra, tratou logo de grangear a vida, entregando-se á labuta do commercio com a coragem de quem tem confiança nos seus esforços.

No interesse de dar maior desenvolvimento ás transacções commerciaes, percorreu diversas provincias do paiz, estabelecendo depois dessa excursão, uma xarqueada, no municipio de Pelotas, no sitio denominado da Graça.

Filiou-se então ao partido conservador, por influencia dos Mendonças, e, foi não ha duvida, um dos chefes de maior prestigio no sul do Estado.

E á proporção que trabalhava, ia augmentando consideravelmente a fortuna para repartir com os ne-

cessitados, que, em situações difficeis, o procuravam, com inteira confiança na sua liberalidade.

Era um homem intelligente, activo e de iniciativa propria.

Tem o seu nome ligado a importantes melhoramentos de Pelotas, sobresahindo entre elles: — a desobstrucção da foz do rio S. Gonçalo, a edificação da Bibliotheca Publica, o Asylo de Mendigos e a organisação da Companhia de Illuminação a Gaz.

Para dar uma idéa exacta de sua generosidade, basta mencionar que, só para o Asylo de Mendigos, concorreu, o illustre patricio, com cerca de cincoenta contos.

Por esse motivo, o povo de Pelotas fez lhe imponente manifestação, sem exemplo nas chronicas d'ali.

Em attenção ao seu grande valor politico, foi nomeado vice-presidente da provincia, exercendo esse cargo de 24 de maio de 1871 até 12 de setembro do mesmo anno.

Apezar, porém, de ser um homem sem cultivo, fez um governo digno de um administrador conscencioso.

Na grande escola do mundo aprendeu a ser util a si e á Patria.

Barão de Antonina

Nasceu em nosso estado em 1782.

Seus paes eram extremamente pobres. Nestas condições apenas lhe deram uma educação rudimentar.

Entretando, João da Silva Machado foi, pouco a pouco, illustrando o seu espirito no trabalho penoso e cheio de incidentes da vida activa, que levava, crusando as serras sob um sol ardente, evitando os campos ao rigor do inverno.

Bem moço, começou a conduzir mulas e cavallos para negociar em S. Paulo.

Principiou esse serviço como empregado de outros; mais tarde, porém, fel-o por conta propria, obtendo vantagens extraordinarias.

Numa dessas viagens, enamorou-se de uma moça do Paraná, cujo territorio pertencia então a S. Paulo,

só vindo a constituir uma provincia autonoma em meiado do seculo passado.

Effectuado o consorcio, tornou-se Silva Machado muito rico, não abandonando, porém, a sua constante labuta.

Era um homem activo, affeito ao trabalho e emprehendedor.

A' sua custa rasgou extensas estradas, mandou explorar os rios Tibagy e Paranapanema e fundou duas colonias de indios: uma á margem do rio Verde e a outra em Itarará.

Tornou-se, então um valioso elemento de progresso, ligando o seu nome a tudo quanto concorresse para o desenvolvimento da patria adoptiva.

Em recompensa dos seus bons serviços o estado de S. Paulo o elegeu diversas vezes á assembléa provincial e á camara temporaria.

Em 1842, o governo imperial o condecorou com o titulo de barão de Antonina.

Mais tarde, em 1854, pouco depois de haver sido creada a provincia do Paraná, entrou elle para o senado como seu representante.

Vindo da obscuridade, sem amparo de ninguem, só com o seu esforço conseguiu o nosso patricio alcançar as mais elevadas posições na sociedade.

Manoel dos Santos Loureiro

Nasceu na povoação de S. Borja, em fins do seculo XVIII, e era mais conhecido por Manduca Loureiro.

Ainda menino, abraçou a carreira das armas, onde se distinguiu pelo seu valor e temeridade.

Durante a revolução de 35, prestou serviços reaes á causa do imperio.

Foi um inimigo terrivel, que os republicanos tiveram sempre pela frente.

A sua cavallaria era o terror dos contrarios.

A's vezes parece que o coronel Loureiro aprendera a combater na mesma escola, de estrategia napoleonica, em que se celebrisara o barão de Cerro Largo e mais tarde o general Andrade Neves.

A lucta era o seu elemento, e, quando se empenhava nella, não esmorecia, não recuava.

No mais acceso da peleja, apparecia para encorajar os companheiros, mostrando-lhes o caminho do dever.

A sua legião missioneira, que se tornara celebre pelos rasgos de heroismo, estava sempre na vanguarda do exercito para evitar surpresas e assaltos inesperados ao acampamento.

Os generaes que commandavam o exercito, não se empenhavam na lucta sem ouvir a opinião do coronel Loureiro, que deu palavra sempre com a franqueza rude do gaúcho de outros tempos.

Ainda moço e cheio de vida, a 27 de abril de 1840, cahiu fulminado por um insulto applopletico, o valoroso soldado que nunca deu as costas ao inimigo.

Para substituil-o no commando da legião missioneira, foi designado, não um outro coronel, mas o brigadeiro Bonifacio Calderon.

O tenente-general Manoel Jorge Rodrigues, commandante em chefe do exercito, escolhendo um general para confiar-lhe o commando d'aquella força, prestou a mais bella homenagem á memoria do heróe que desapparecera, deixando um traço luminoso de bravura incomparavel.

Dr. Joaquim Caetano da Silva

Nasceu no municipio de Jaguarão, no povoado *Guarda do Cerrito,* a 2 de setembro de 1810.

Seu pae, reconhecendo o formoso engenho do filho, fel-o seguir bem joven para a Europa afim de estudar.

E dando esse passo, andou com muito acerto.

A 29 de agosto de 1837, o nosso patricio concluiu o curso de medicina pela faculdade de Montpellier, onde deixou a mais bella tradição do seu talento e do seu saber.

Antes da sua formatura, em 1828, recebia o diploma de membro da Sociedade de historia natural de Montpellier, e, no anno seguinte, na *Sociedade litteraria luso-brazileira,* fundada para o cultivo do nosso

idioma, apresentava uma lista de 400 palavras que Moraes esquecera no seu diccionario.

Em 1836, offereceu ao circulo medico de Montpellier um trabalho notavel com o titulo — *Fragmento de uma memoria sobre a queda dos corpos.*

Por esse motivo o circulo conferiu-lhe o diploma de socio titular.

E, como os seus recursos eram escassos, começou a ensinar o francez aos proprios francezes ,com a competencia de um parisiense de fina cultura intellectual.

Fazia isto para conseguir augmentar a sua bibliotheca, já notavel pela selecção.

Mais tarde, depois de uma longa ausencia, voltou ao torrão natal, sendo logo incumbido de leccionar portuguez, rhetorica e grego no Collegio Pedro II, que havia sido creado recentemente.

Em 1839, tendo deixado o cargo de reitor desse instituto, o bispo de Anemuria, foi nomeado para o substituir, o nosso patricio, que se pusera em fóco, na regencia das cadeiras que ahi leccionava.

Alguns annos depois, em 1851, serviu como encarregado de negocios nos Paizes Baixos, sendo nomeado em 1854, consul geral do Brasil no mesmo reino.

No desempenho dessa honrosa commissão, soube aproveitar as horas de lazeres para escrever a obra monumental, em dois volumes — *O Oyapoc e o Amazonas sobre os limites do Brazil e a França.*

Um distincto historiador, referindo-se a esse notavel trabalho, disse, com inteira justiça, que, o nosso patricio, pronunciára a ultima palavra sobre esta delicada questão de limites.

Foi, não ha duvida, o dr. Caetano da Silva que, concorreu, com o fulgor do seu invejavel saber para elucidar da forma mais brilhante os nossos direitos sobre o territorio que a França reclamava.

A essa victoria da nossa diplomacia, está ligado, para sempre, o nome do illustre rio-grandense, que não teve a ventura de assistir o desfecho da causa que defendera com o ardor das convicções sinceras.

Com a edade de 63 annos, acabou seus dias em Nitheroy, a 27 de fevereiro de 1873, quasi cego.

Dr. Joaquim Vieira da Cunha

Nasceu a 3 de março de 1803, no municipio de Piratiny, onde seus paes possuiam uma grande estancia.

Era filho legitimo de José Vieira da Cunha e de Antonia Luiza Victorina da Silva.

Desde bem creança revelara brilhante intelligencia e paixão pelos livros.

Seu tio e padrinho, o padre João Vieira da Cunha, sacerdote de grandes virtudes, tomou a si a educação do rapaz, levando-o para Portugal, afim de o matricular na Universidade de Coimbra e onde elle se bacharelou em direito em 1827.

Nessa epoca, ahi estudava tambem, o barão de Cotegipe, que foi sempre seu amigo, apesar de militarem em politica, em arreiaes contrarios.

Concluindo os estudos academicos foi viajar pela França, Hespanha e Inglaterra, paiz este que, na sua opinião, podia servir de modelo a todos os outros.

Depois dessa excursão, que não foi curta, percorreu diversas provincias do paiz, com vivo interesse de um viajante instruido.

E estabeleceu, então, a sua tenda de trabalho em Pelotas, dedicando-se á magistratura, onde pôz em evidencia o seu esclarecido espirito de justiça.

Era juiz de fóra quando foi nomeado vice-presidente da provincia, cargo que exerceu diversas vezes.

Rebentando a revolução de 35, foi deportado para o Rio de Janeiro, em vista de suas intimas relações de amisade com Bento Gonçalves e o general Netto.

Voltando, mais tarde ao Rio Grande, esteve ameaçado de ser assassinado, e, si não fosse o refugio, que o almirante Grenfeld, seu compadre e amigo lhe deu em um navio de guerra, é bem possivel que os seus desaffectos conseguissem o seu infernal intento.

Logo, porém, que terminou a guerra civil, foi eleito deputado á Camara Temporaria, pelo partido liberal a que sempre pertenceu.

Do seu partido recebeu as maiores demonstrações de apreço, sendo eleito deputado durante muitos annos á asembléa provincial, e incluido, duas vezes, na

lista triplice para senador, sendo em uma dellas o mais votado da chapa.

Eis em resumo a vida desse homem illustre, que honrou á sua patria, servindo-a com o maior carinho e devotamento.

Tendo herdado, de seus paes uma boa fortuna, acabou os seus dias na pobresa, a 10 de julho de 1887.

Barão do Corrientes

Felisberto Ignacio da Cunha, nasceu na cidade de Pelotas a 11 de novembro de 1824.

Era filho de José Ignacio da Cunha e de D. Zeferina Gonçalves da Cunha, ambos descendentes de troncos illustres.

Na terra de seu nascimento, Felisberto Cunha quasi nada aprendeu, tendo apenas frequentado uma escola publica durante pouco tempo.

O menino, porém, era intelligente e de uma vivacidade extraordinaria. Parecia, ás vezes, que advinhava as cousas.

Nestas condições, o seu velho pae o destinou para a carreira do commercio.

E, como tinha no Rio de Janeiro um irmão, que era dóno de uma loja de fazenda, resolveu mandar o filho para lá.

Alguns annos depois, o nosso patricio, já com tirocinio da vida commercial, deixou a loja do tio, e veiu estabelecer em Pelotas, na visinhança do Passo do Retiro, uma importante xarqueada, associado a um seu cunhado.

Separando mais tarde a sociedade, tomou a direcção dos negocios do seu avô materno Antonio Ferreira Bica, imprimindo em tudo o cunho do seu intelligente esforço.

Com a morte do avô, liquidou os negocios, continuando a trabalhar associado a outros, com a actividade de sempre.

Pertenceu desde moço ao partido liberal, sendo, no sul do Estado dos chefes de grande influencia.

Por occasião do movimento abolicionista, foi uma

das figuras que mais se pôz em fóco pelo desprendimento.

Nem era de esperar outra conducta de quem dera sempre tocantes provas de grandeza d'alma.

Combatendo nas fileiras do partido liberal, com o ardor das convicções sinceras, procedeu de maneira a captar a estima e a consideração dos contrarios, a muitos dos quaes servira com o seu prestigio e a sua bolsa.

Em attenção aos valiosos serviços que prestou á causa redemptora, o governo imperial o agraciou com o titulo de barão de Corrientes.

Ainda robusto, com cerca de 72 annos, a morte o levou, a 19 de dezembro de 1896.

Foi uma creatura que só teve a preoccupação de fazer o Bem.

Monsenhor Diogo Saturnino Dias Laranjeira

Nasceu em 8 de novembro de 1851, na cidade de Porto Alegre.

Aos 16 annos de edade, o seu padrinho D. Sebastião Dias Laranjeiras o levou para Roma, afim de estudar no Collegio Pio Latino Americano, onde revelou, desde logo, a sua formosa intelligencia.

Concluidos os estudos nesse instituto, frequentou a Universidade Gregoriana para formar-se em direito canonico.

Terminado ahi o curso, voltou á terra natal, conseguindo, em pouco tempo, a estima e a consideração de todos pela modestia, maneiras delicadas e grandes virtudes.

Tendo sido fundado o Seminario, foi monsenhor Diogo escolhido para exercer o cargo de vice-reitor, que desempenhou da maneira mais brilhante.

Havendo mais tarde o padre Cacique, por questões de melindres, abandonado a direcção desse estabelecimento de ensino, foi monsenhor Diogo nomeado para substituil-o.

Durante muitos annos esteve no exercicio dessa

investidura, o nosso illustre patricio, fazendo tudo quanto era possivel para prestigiar o instituto que lhe fôra confiado.

Chegando ao Rio Grande o bispo D. Claudio, tratou logo de afastal-o dessa posição, entregando aos jesuitas a direcção do Seminario.

Foi, então, monsenhor Diogo nomeado vigario de Viamão, voltando, dous annos depois, para exercer o mesmo cargo na freguezia do Rosario, em Porto Alegre.

Vagando, mais tarde, o cargo de vigario geral e provisor do bispado, pelo fallecimento do saudoso monsenhor Pinheiro, que occupava essa posição, ha longos annos, D. Claudio, que não andou sem acerto destituindo monsenhor Diogo do cargo de reitor do Seminario, emendou a mão, nomeando-o nessa occasião, para substituir um sacerdote tão notavel pelo saber e excelsas virtudes.

Monsenhor Diogo, pouco tempo depois, sentindose adoentado, foi em procura de melhoras, tratar-se no hospital de santa Isabel, em S. Leopoldo.

O mal, porém, era de morte, e o nosso virtuoso patricio, foi pouco a pouco definhando, entregando sua alma a Deus a 17 de junho de 1904.

Com o desapparecimento desse sacerdote, apagouse uma das figuras mais radiantes da egreja rio-grandense.

O coronel Antonio de Mello e Albuquerque

Nasceu na cidade de Rio Pardo, a 4 de dezembro de 1803.

Era filho do capitão do regimento de dragões Ricardo Antonio de Mello e Albuquerque.

Seu pae o destinou á carreira do commercio, mas o rapaz não se sujeitou por muito tempo á prisão do balcão.

A 18 annos, assentou praça no regimento em que servira seu pae, sendo reconhecido 1.º cadete, pela nobresa dos seus avós.

Tomou parte em diversas campanhas, distinguindo-se na batalha do Rosario, em que o seu regimento havendo sido destroçado, salvou a vida ao commandante, levando-o na garupa.

Cançado de soffrer preterições na sua carreira, pediu excusa do serviço do exercito e retirou-se á vida privada.

Rebentando a revolução em 1835, em poucos dias apresentou-se com mais de 200 homens, armados em grande parte á sua custa.

O governo o nomeou logo commandante da força que trouxera.

E taes serviços prestou neste posto á causa da legalidade, que foi nomeado para commandar uma brigada.

Em 1839 e 1840, andou por Lages e Curitiba em perseguição dos farrapos.

O coronel Mello encontrou então o inimigo em Curitibanos, e, após um ataque renhido, destroçou-o, fazendo grande numero de prisioneiros.

Commandava a força que foi batida o general Garibaldi.

Concluida a revolução, onde se celebrisou pelos seus feitos, regeitou elevadas posições que o governo lhe offereceu como recompensa do seus bons serviços.

Foi eleito diversas vezes deputado á assembléa provincial.

Nos ultimos annos foi victima de toda a sorte de injustiças. Os invejosos, raça maldita que não se extingue, não podiam ver, com bons olhos, o valente guerreiro que voltara ao seio da familia coberto de louros.

Apesar, porém, de todos os desgostos que o torturavam, ainda por occasião da guerra do Paraguay, madou para lá diversos contingentes.

E á proporção que o tempo ia passando, aggravaram-se os seus soffrimentos, vindo a fallecer a 17 de março de 1868 o illustre patricio, que tão relevantes serviços prestou ao paiz com o maior desprendimento.

José Antonio Dias da Silva

Nasceu em Porto Alegre a 20 de abril de 1820. Era filho de Lauriano Dias da Silva.

A 15 de junho de 1837, offereceu-se para tomar parte na reacção que devia libertar a capital do dominio dos republicanos.

Assistiu depois, revelando sempre bravura, a diversos combates entre elles, o de Taquary, a 3 de maio de 1840 e o do Ponche Verde, a 26 de maio de 1843.

Em 7 de setembro de 1847, foi promovido a capitão para um corpo de cavallaria.

Mais tarde tomou parte na campanha de 1851, no Estado Oriental, e, em 1852, na Republica Argentina.

Em 1854 marchou de novo para Montevidéo incorporado á divisão auxiliadora.

Em 30 de dezembro de 1864, tendo chegado ao seu conhecimento haverem sido tomadas pelos paraguayos as colonias dos Dourados e Miranda, seguiu de Nix em reconhecimento, e no rio Feio, a 3 leguas distante d'ahi, foi no dia seguinte atacado pelos invasores, defendendo-se como um bravo.

Apenas com 130 homens, que era a força que o accompanhava, põe-se em defensiva, soffrendo então tremendas cargas de cavallaria, principalmente na fazenda do Destarracado, onde se houve como um heróe.

Em 1.º de janeiro de 1865, retirou-se para Miranda e, não encontrando força sufficiente para resistir, continuou a marcha para Aquidaban, e em seguida para Sant'Anna da Parahyba.

Nessa memoravel marcha, conduziu grande numero de familias desses sitios de facil alcance dos invasores.

Em attenção aos relevantes serviços prestados nessa occasião, o governo o agraciou com o officialato da Rosa.

Pouco depois essa marcha, em que tiveram de experimentar até os effeitos da fome, sentiu-se doente, sendo nomeado, contra a sua vontade, para o Rio de Janeiro, onde falleceu a 24 de julho de 1868.

Foi sempre considerado um dos officiaes mais distinctos da arma a que pertencia.

Coronel Urbano Rodrigues das Chagas

Muito joven ainda, alistou-se nas fileiras republicanas, no começo da revolução de 35.

Como official subalterno, serviu sempre ao lado do general Antonio de Souza Netto, pondo em evidencia a sua bravura.

Concluida a revolução, voltou á vida tranquilla do lar, entregando-se aos labores do campo, com a mesma coragem que revelara nos combates.

Mais tarde, em 1864, lavrara uma nesga de terra para plantar, quando recebeu uma carta do general Netto, convidando-o, com insistencia, para incorporar-se ás suas forças que iam invadir o Estado Oriental.

Dias depois, o nosso patricio deixava ao canto de um galpão, o arado com que rasgava o seio da terra, para ir ao encontro do chefe prestimoso.

Ahi chegado, foi-lhe confiado o commando de uma companhia da brigada em organisação, e que, mais tarde, tanto se distinguiu nos campos do Paraguay.

Invadido o Estado Oriental em 1864, assistiu ao ataque de Paysandú, até á rendição de Montevidéo, a 20 de fevereiro de 1865.

Dahi, então, marchou para o Paraguay, tomando parte em innumeros combates, e conquistando por actos de bravura os postos de major a coronel honorario do exercito.

Um distincto escriptor, referindo-se ao nosso patricio, disse com inteira justiça: — Sua fama como soldado, tornou-se tradicional e todos respeitavam o modesto guerreiro, que, sem alardear serviços, era no emtanto apontado como o prototypo do valor militar.

Concluida a campanha do Paraguay, o coronel Urbano das Chagas, voltou á terra natal, com a consciencia de haver cumprido o seu dever.

Voltou, porém com a saude alterada, e pobre e velho, tendo necessidade de regar ainda a terra com o suor do rosto para não morrer de fome.

Com a edade de 67 annos, fechou os olhos para sempre na villa de D. Pedrito, que fôra seu berço e seu tumulo.

Coronel José de Oliveira Bueno

Nasceu a 15 de setembro de 1822, na cidade de Jaguarão, então chamada Guarda do Cerrito.

Era filho legitimo do capitão Ignacio de Oliveira Bueno.

Tendo sido morto pelos rebeldes, em combate, seu irmão o coronel Albano de Oliveira Bueno, o nosso patricio, apesar de ser muito joven, sentou praça a 20 de setembro de 1836 para combater contra os republicanos de 35.

Assistiu a muitos combates, entre elles os de Mostardas, Passo das Pedras, Caçapava, Taquary, Passo de S. Borja, Inhatium, Canguassú, Dôres e Porongos.

Concluida a revolução de 35, fez depois toda a campanha do Estado Oriental de 1851 a 1852.

Declarada a guerra contra o governo de Rosas, offereceu-se para fazer parte da divisão ao mando do tenente-general conde de Porto Alegre.

Assistiu á batalha de Moron, a 3 de fevereiro de 1852, commandando o 1.º esquadrão do 2.º regimento de cavallaria, ao mando do coronel Manoel Luiz Osorio.

Nesta acção fez prodigios de valor, atirando-se sobre uma bateria inimiga e arrebatando-a depois de encarniçada lucta.

Mais tarde, em 1854, marchou para Montevidéo, encorporado á legião auxiliadora.

Voltando á provincia, passou a commandar a fronteira de Chuy, onde prestou valiosos serviços.

Começando em 1863 as commissões no Estado Oriental, teve ordem de organisar um corpo provisorio, afim de operar ali, de acordo com as forças do general D. Venancio Flores.

Em setembro de 1864, foi incumbido de organisar o corpo policial da provincia, que então se achava em cerco.

Pouco tempo depois, o batalhão rivalisava, em disciplina, com os corpos de linha.

Nestas condições, embarcou para o Paraguay, com a numeração de 33 de Voluntarios da Patria.

Assistiu ao bombardeamento feito pelos inimigos á ilha da Redempção, em 16 de abril e transpoz o Paraná a 17 do mesmo mez.

Tomou parte no combate de 2 de maio e na batalha de 24, em que foi ferido gravemente, tendo mais uma vez posto a prova o seu valor e a sua coragem.

Afim de tratar-se dos ferimentos que recebeu na batalha de 24 de maio, veiu á provincia, regressando no acampamento ainda amparado a muletas.

E desses exemplos tocantes de patriotismo, está cheia a historia da guerra do Paraguay.

Terminada essa cruenta campanha, depois de cinco annos de lucta, voltou ao berço natal, trazendo uma fé de officio que é uma pagina brilhante de heroismo.

Foi, então, velho e doente, viver em S. Leopoldo, onde falleceu em 21 de abril de 1873.

Dr. Fausto de Freitas e Castro

O asceu em Porto Alegre a 12 de abril de 1846.

Era filha do Dr. Luiz de Freitas e Castro, um dos chefes do partido conservador, e de D. Josepha de Menezes Freitas.

Aqui estudou os preparatorios, seguindo depois para S. Paulo, onde se matriculou na Faculdade de Direito.

Bacharelando-se em 1873, regressou á terra natal, tomando logo parte activa na politica, sob a bandeira conservadora.

Foi eleito deputado á assembléa provincial em 1875, mas deixou, pouco depois, essa posição politica, por haver assumido a inspectoria da instrucção publica.

Em 1881, foi o seu nome indicado para a camara temporaria, mas desistiu de sua candidatura em favor do dr. Paulino Rodrigues Fernandes Chaves, de quem era muito amigo.

Procedendo-se á eleição, o dr. Paulino não conseguiu ser eleito.

Em 1885, subindo ao poder o partido conservador, o dr. Fausto de Castro, que era de uma modestia sem nome, e esquivo ás manifestações ruidosas, recusou commissões honrosas que lhe foram offerecidas pelo barão de Cotigipe, presidente do conselho.

Era um jurisconsulto muito acatado pelo vasto saber e inteiresa de caracter.

Tendo fallecido, repentinamente, em palacio, em 31 de dezembro de 1886, o presidente da provincia, dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, foi o dr. Fausto nomeado 1.º vice-presidente, assumindo, a 1.º de janeiro de 1887, a presidencia do Rio Grande.

Por esse motivo, a *Reforma,* pela penna do conselheiro Gaspar Martins, fez as mais honrosas referencias ao dr. Fausto de Castro, que era realmente um patricio illustre pelo saber e grandes virtudes.

Apesar de militar nas fileiras conservadoras, fôra sempre acatado pelos mais intransigentes adversarios que viam nelle um rio-grandense que se destacava no seio do seu partido, pelos seus raros merecimentos.

No fôro deixou honrosos tradições do seu saber, da sua probidade e da contracção ao trabalho.

Quando, a morte a 4 de dezembro de 1900, o levou, foi um dia de pezar para todos que o conheciam na sua modestia, que mais realçava os bellos dotes do seu espirito e do coração.

José de Paiva Magalhães Calvet

Nasceu em Porto Alegre a 19 de março de 1808.

Era filho de José Antonio Calvet e D. Rita Maria de Magalhães, muito conhecida pelos seus sentimentos religiosos.

Fez os seus primeiros estudos na terra do seu nascimento, indo depois, em 1824, por chamado do seu avô materno, para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Escola de Marinha, obtendo sempre durante o curso as notas do mais elevado merecimento.

A 2 de dezembro de 1827, foi promovido a guarda-marinha, abandonando, pouco depois, a carreira que abraçou.

Voltando, então, á provincia, abriu banca de advogacia, conseguindo um successo extraordinario na nova profissão que encetára.

Tomando parte activa na politica, foi eleito, por grande maioria, presidente da camara municipal.

Em 1833 exerceu o cargo de procurador fiscal da

Thesouraria de Fazenda, e mais tarde o Juizado de Orphãos.

Na legislatura de 1835, foi eleito deputado á assembléa provincial, não sendo indifferente ás questões que ahi se debatiam.

Em consequencia da attitude que assumira nessa casa, seguiu, ás occultas, para o Rio de Janeiro, onde se conservou homisiado até 1839, por estar implicado seriamente na revolução do Rio Grande.

Aproveitando o decreto de amnistia concedido aos implicados na guerra civil, o nosso patricio iniciou sua collaboração no *Despertador*.

Nesta posição tratou com superioridade de vistas da conveniencia de ser reconhecida, quanto antes, a maioridade de d. Pedro II.

Insistindo nas mesmas idéas, collaborou tambem activamente na *Regeneração,* revelando, tanto num jornal como noutro, o seu grande valor como homem de imprensa.

Era um escriptor de pulso, vigoroso polemista que se batia com a coragem de quem tem consciencia dos seus meritos.

Organisado o primeiro ministerio, que surgiu em seguida a maioridade do principe, o conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Moraes Machado, ministro do imperio, nomeou, o nosso patricio, official da sua secretaria.

Neste posto, pelo seu talento, erudição e bom senso, occupou d'ahi em deante, até á morte, o logar de official de gabinete de todos os ministros que se revesaram na pasta do imperio.

O excesso de trabalho porém, prejudicou a sua compleição fraca, vindo a fallecer a 13 de julho de 1853, deixando a familia na maior pobreza.

D. Pedro II, alma grande e generosa, fez tudo quanto era possivel para minorar a situação desesperadora em que ficaram os filhos do illustre servidor da Patria.

Conego Augusto Joaquim de Siqueira Canabarro

Nasceu na povoação de Taquary, a 15 de abril de 1843.

Eram seus paes Antonio José Leal de Siqueira e D. Vicencia Maria de Jesus.

No antigo povoado em que nasceu estudou as primeiras lettras.

Mais tarde, porém, seguiu para Roma e matriculou-se no *Collegio Sul-Americana,* onde concluiu o curso de humanidades, tendo deixado ahi um bom nome como estudante.

Passou depois para a Academia Gregoriana, onde se formou em theologia.

Em 1867, recebeu então das mãos do papa Pio IX a investidura sacerdotal.

De volta á provincia foi nomeado vigario da villa de Gravatahy, e, em seguïda de Uruguayana, onde se demorou pouco tempo, por haver sido transferido para Pelotas.

No dia de Natal de 1873, disse elle ahi a sua primeira missa.

Mal assumiu essa posição, consagrou-se inteiramente ao progresso da localidade em que veio viver com o devotamento dos espiritos resolutos.

Não houve idéa generosa, não houve causa sympathica a que elle não ligasse o seu nome de forma brilhante.

Foi, entre nós, um dos apostolos mais sinceros da campanha abolicionista.

Os escravos, quando maltratados pelos senhores iam logo confiantes bater á porta do illustre sacerdote, que sahia a campo para defender o direito dos opprimidos. E, os defendia não só com a palavra, mas com a propria bolsa.

E, emquanto não viu victoriosa a causa redemptora, não descançou um momento.

No pulpito, na imprensa, na palestra com os amigos, não tinha outro assumpto que não fosse este. E fallava e escrevia com o ardor das almas apaixonadas.

E' bem possivel que na hora em que a morte o

surprehendeu, elle tivesse ainda o pensamento voltado carinhosamente para os pequenos, que não o deixavam.

Manoel Lourenço do Nascimento

Nasceu em 1811.

Seus paes eram pobres e nestas condições não puderam dar ao filho uma educação esmerada.

Apenas frequentou uma aula publica, e isto mesmo por pouco tempo.

Contam, entretanto, que o rapaz se destacára dos outros companheiros pela intelligencia e amor ao estudo.

Em 1835, quando irrompeu o movimento revolucionario no Rio Grande, empunhou armas em favor dos que se batiam pelo ideal republicano.

Tornou-se, desde logo, amigo do peito do general Canabarro, a quem accompanhou, servindo como secretario.

Basta este facto para mostrar que, apesar de não ter recebido educação litteraria, com a intelligencia esclarecida que tinha, aprendera no tirocinio da vida, e necessario para o bom desempenho de commissão delicada como esta.

Concluida a guerra civil, fixou residencia na cidade de Pelotas, onde exerceu diversos cargos de confiança politica, como juiz de paz e vereador.

Em diversas legislaturas, foi eleito deputado á assembléa provincial, tomando sempre parte activa em todas as questões importantes que ahi se debatiam.

Tinha a palavra facil e arrebatadora, conseguindo muitas vezes dominar o auditorio, que o escutava em silencio.

Em 1864, quando os *blancos* atacaram a cidade de Jaguarão, sem declaração de guerra, o nosso patricio, organisou um corpo de guardas nacionaes para defender o zelo da Patria.

Mais tarde, seguiu com essa força a incorparar-se ao exercito que sitiava Uruguayana, então em poder dos paraguayos.

Apenas lá chegou o nosso patricio foi chamado

para servir no quartel general de Canabarro, que já o conhecia desde o periodo revolucionario.

Em 1889, proclamada a Republica, adheriu ao novo regimen politico, pelo qual já havia se batido, durante novo annos, com a lealdade das convicções sinceras.

A 28 de agosto de 1893, com edade de 82 annos, veiu a fallecer o nosso illustre patricio, tendo consagrado a vida inteira ao serviço da Patria.

General Andrade Neves Filho

José Joaquim de Andrade Neves Filho nasceu na cidade de Rio Pardo em 1842.

Era o filho primogenito do legendario barão do Triumpho.

Sentou praça a 23 de setembro de 1857, com destino a um dos corpos de cavallaria, estacionados em nosso Estado.

Em 1864, era alumno da Escola Militar do Rio Grande do Sul, quando irrompeu a guerra do Brasil contra o partido *blanco,* que então dominava o Estado Oriental e commettia toda a sorte de violencia contra os nossos patricios ali domiciliados.

Em fins de dezembro desse anno, o nosso exercito atacou a cidade de Paysandú, que offereceu heroica resistencia, cahindo finalmente em poder de nossas armas.

Andrade Neves Filho apesar de ser de cavallaria, tomou parte activa n'esse ataque, pondo em evidencia a sua bravura.

Em 1865, assistiu a redição de Uruguayana, e mais tarde, em 24 de maio de 1866, a grande batalha campal e aos combates de Curuzú, Curupaity e Tuyuqué.

Servia, sob as ordens do barão do Triumpho e Marquez do Herval, nos ataques do Passo-Pocú e Espinilho, distinguindo-se na batalha de Avahy e no reconhecimento de Lomas Valentinas.

Durante essa longa campanha, o nosso patricio, destacou-se pelo valor e heroismo em um sem numero de combates.

E, até onde ia o glorioso barão do Triumpho com toda a sua temeridade, lá ia tambem o filho, apren-

dendo nos bellos exemplos do pae o caminho da honra e do dever.

De volta á provincia, depois de tão longa ausencia, filiou-se ao partido liberal, sendo eleito deputado á assembléa provincial contra a sua vontade.

Era de uma modestia a toda a prova, não ambicionando posições de destaque, nem desejando apparecer fóra da esphera militar.

Os ultimos annos da existencia vivia completamente retrahido, em doce conchego do lar, onde sempre tinha um ou outro amigo do peito com quem palestrava.

Já alquebrado pela edade, e, ainda mais, pelos estragos da tuberculose que trouxera do Paraguay, e o ia minando, pouco a pouco, succumbiu com grande magua para a Patria, que perdeu um dos seus grandes filhos.

General Raphael Fernandes Lima

Nasceu na cidade de Porto Alegre em 1837.

Eram seus paes Vasco Fernandes Lima e D. Margarida da Costa Lima.

Sentou praça em 5 de março de 1853, sendo promovido a alferes em 2 de dezembro de 1860.

Dando-se o rompimento de relações com o Estado Oriental, marchou para ahi, tomando parte nos ataques á praça de Paysandú em 31 de dezembro de 1864 e em 1.º e 2 de janeiro de 1865.

Depois de haver caido a cidade em nosso poder, marchou com o exercito afim de pôr cerco a cidade de Montevidéo, assistindo á rendição no dia 19 de fevereiro.

E, pouco depois, seguiu com as primeiras forças para o Paraguay, tomando parte nos ataques de Estero Bellaco, Passo da Pedras, batalha campal de 24 de maio e no combate de 16 e 18 de julho.

Foi elogiado em ordem do dia do general em chefe, pelo brilhante feito de armas, realisado na passagem do Paraná em 16 de abril, e ainda a 2 de junho do mesmo anno foi elogiado pelo heroismo e valor com que se portou nos ataques de 28 de maio e 14 de junho.

No combate do Patricio Ovello, em 29 de outubro, recebeu sério ferimento, sendo mais uma vez elogiado, em ordem do dia pela bravura com que se portou nesse combate, e pelas providencias que as circumstancias o obrigaram a tomar independente de ordem superior.

Dessa epoca, em deante, tomou parte em quasi todos os combates que se realisaram até á conclusão da guerra, merecendo sempre dos seus chefes os mais rasgados elogios pela sua bravura e inexcedivel heroismo.

Reformou-se, mais tarde, no posto de general de divisão, vindo a fallecer em 8 de outubro de 1898.

Almirante Antonio Francisco Velho Junior

Nasceu em Porto Alegre a 23 de abril de 1847. Era filho de Antonio Francisco Velho e de D. Joaquina Caetana de Abreu Velho.

Estudou os preparatorios no *Lyceu d. Affonso* e no *Collegio Gomes.*

Em 1864 seguiu para o Rio de Janeiro, onde se matriculou em 28 de fevereiro do mesmo anno, na Escola da Marinha.

Em 28 de dezembro de 1866, embarcou no transporte a vapor *Princeza de Joinville* afim de ir servir na esquadra em operações contra o governo do Paraguay.

Chegando a Montevidéo a 7 de janeiro de 1867, passou a fazer parte da corveta *Magé* seguindo, pouco depois, para o theatro da guerra.

Entrou no bombardeio de 29 de maio do mesmo anno ás fortificações de Curupaity, tendo sido elogiado, em ordem do dia, pela conducta que ahi tivera.

Estando no encouraçado *Barroso,* passou as baterias de Humaytá e Timbó no dia 19 de fevereiro de 1868, debaixo de vivissimo fogo.

Em ordem do dia do commandante em chefe da esquadra foi mandado elogiar por haver tomado parte na passagem desses dous pontos difficeis.

Em 26 de novembro do mesmo anno, foi louvado, em ordem do dia, por ter forçado as fortificações de

Angustura, havendo recebido um ferimento no pé esquerdo.

Pouco depois assistiu a passagem do exercito do Chaco para o Paraguay.

Em attenção aos relevantes serviços que prestou nas duas passagens de Angustura, foi agraciado com o habito de Christo.

Além desses serviços de guerra, onde pôz em evidencia o seu sangue frio e bravura, exerceu diversas commissões importantes, dando sempre cabal desempenho.

Por decreto de 5 de setembro de 1907, foi reformado, a seu pedido, no posto de vice-almirante com a graduação de almirante.

E, a 15 de fevereiro de 1915, falleceu, no Rio de Janeiro, o illustre rio-grandense que tanto se distinguira, pelos seus actos de valor, na guerra, que tivemos de sustentar contra o governo do Paraguay.

Miguel Meirelles

Miguel Pereira de Oliveira Meirelles nasceu na cidade de Pelotas a 3 de setembro de 1830.

Era filho do coronel Pedro Maria Xavier de Oliveira Meirelles e de D. Rita Candida Barreto Meirelles.

Bem joven, apenas com 12 annos, sentou praça no 2.º regimento de cavallaria.

Em 1852 fez a campanha do Uruguay sob as ordens do marechal Francisco Felix Pereira Pinto.

Em novembro de 1861, foi, por motivo de molestia, reformado no posto de tenente.

Apesar de retirado á vida intima do lar, apresentou-se como voluntario para servir ás ordens do conde de Porto Alegre, quando os paraguayos invadiram o Rio Grande do Sul.

E, marchou para Uruguayana, no posto de major, servindo de secretario do illustre conde.

Depois da rendição da cidade, que estava em poder dos inimigos, voltou ao seio da familia, gravemente enfermo, o nosso patricio.

Filiado então ao partido liberal foi eleito em 1859

deputado á assembléa provincial, onde prestou bons serviços.

A sua estréa na tribuna foi uma verdadeira revelação dos seus dotes de orador correcto e imaginoso.

E durante oito annos, sem interrupção, representou ahi sua terra natal.

Apesar, porém, das preoccupações da politica, cultivava com carinho as lettras como poeta e prosador.

No periodico *Guahyba*, que se publicava aqui, nesse época, appareciam os productos litterarios do nosso talentoso patricio.

Escreveu diversos dramas, sendo representados com geraes applausos: — *A mulher do artista* e a *Baroneza da Tijuca.*

Além dessas duas producções deixou-nos mais: — *O Homem do seculo* e *Sem titulo.*

Moço ainda, em pleno vigor dos annos, falleceu o nosso illustre patricio a 11 de dezembro de 1872.

Barão de Itapitocay

O dr. Miguel Rodrigues Barcellos nasceu na cidade de Pelotas, em 1827.

Era filho do commendador Boaventura Rodrigues Barcellos e de D. Silvana Eulalia de Azevedo Barcellos.

Fez os preparatorios em Pelotas, seguindo depois para o Rio de Janeiro, onde em 1848, se formou em medecina, depois de um brilhante curso.

Concluido os estudos, voltou á terra natal para exercer sua honrosa profissão, conseguindo, em pouco tempo, conquistar as mais sinceras dedicações pela sua competencia e desprendimento.

Desde a fundação da Santa Casa de Misericordia até sua morte, prestou ahi serviços que não pódem ser esquecidos.

Militou sempre no partido conservador, tornandose um dos chefes de mais prestigio no Rio Grande.

Tendo exercido varios cargos de eleição popular, foi nomeado mais tarde vice-presidente da provincia, cargo que occupou de 20 de setembro de 1885 a 5 de maio de 1886.

Durante os poucos mezes, que exerceu essa posição politica, soffreu a mais desabrida opposição dos seus adversarios, que não viram com bons olhos a sua escolha para presidir os destinos da nossa terra.

Quando deixou o governo foi galhardoado com o titulo de barão de Itapitocay.

Vivendo inteiramente para a familia, que o adorava, e para os deveres profissionaes que o seduziam, veio a fallecer, em consequencia de uma apoplexia, a 13 de fevereiro de 1896.

Perdeu a sciencia um homem illustre e a pobresa uma alma prestativa e caridosa.

Dr. Carlos Augusto Osorio Bordini

Nasceu em Porto Alegre a 17 de agosto de 1847.

Era filho do coronel João Carlos Bordini e de D. Maria Felicia Osorio Bordini, irmã do marquez do Herval.

Fez os seus estudos preparatorios no *Collegio Gomes,* onde revelou bem cedo o seu pendor pelo estudo das mathematicas.

Concluindo o curso superior desse instituto, seguiu para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na extincta *Escola Central,* pondo, em evidencia, desde logo, o seu formoso talento.

Terminando ahi os estudos, voltou á terra natal, dando sempre completo desempenho as commissões que lhe foram confiadas, não só pelo governo como tambem por particulares.

Nos ultimos tempos do imperio, quando presidiu o Rio Grande o conselheiro Gaspar Martins, deu-lhe a mais alta prova de consideração nomeando-o para o cargo de director das Obras Publicas.

O illustre chefe do partido liberal o tinha na maior conta, não só por sua competencia profissional como pela elevação do ceu caracter.

Nunca ambicionou posições, nunca transigiu com as suas crenças politicas. Desde bem moço filiou-se ao partido liberal a que sempre serviu desinteressadamente.

Nos ultimos annos da existencia a sorte o bafejou. Não mudou, porém, de habitos, viveu sempre, retirado, modestamente, no doce conchego da familia como dantes.

E vivia, ahi, procurando fazer bem a todos que recorriam á sua generosidade.

Ainda forte, a morte o surprehendeu a 4 de julho de 1906.

Marechal Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto

Nasceu na cidade de Porto Alegre em principios do seculo XIX.

Era filho legitimo do brigadeiro Joaquim Felix da Fonseca que tão bons serviços prestára á patria adoptiva.

Creança ainda, assentou praça em 1817, começando a servir nas fileiras do exercito em 1819.

Alguns annos depois, foi nomeado ajudante pelos seus relevantes serviços ,e, pouco depois, promovido a capitão, pelo valor revelado na batalha do Passo do Rosario, a 20 de fevereiro de 1827.

Quando rebentou a revolução no Rio Grande, pôz a sua espada ao serviço da legalidade, desde 20 de setembro de 1835 a 1.º de março de 1845.

Em 1838, passou a major por merecimento, sendo logo designado para assumir o commando do 8.º batalhão de caçadores.

Em 1851, fez a campanha do Uruguay e Buenos-Ayres, commandando então a 1.ª brigada da 1.ª divisão.

Assistiu ao combate de Tonelero em 17 de dezembro de 1851 e a batalha de Moron, em 3 de fevereiro de 1852, sob as ordens do conde de Porto Alegre.

Por uma e outra acção foi elogiado, em ordem do dia, pela bravura e sangue frio de que dera provas deante do inimigo.

Depois desses triumphos, voltou á terra natal, para no seio da familia esquecer os máos dias que passara longe do lar carinhoso.

A 27 de março de 1854, invadiu o Estado Oriental, chegando a 3 de maio a Montevidéo, a frente da divisão imperial de observação naquella republica.

Pouco tempo depois, a 2 de degembro de 1856, foi promovido, a marechal de campo.

A 2 de novembro de 1858 o governo deu-lhe o commando das armas da provincia da Bahia, onde procedeu a merecer applausos de gregos e troyanos.

Concluida essa delicada commissão, a 7 de novembro de 1860, passou a exercer o cargo de ajudante-general, vindo a fallecer no Rio de Janeiro, a 28 de novembro de 1861.

Foi sempre considerado um dos nossos generaes mais distinctos pelo saber e valor.

Hypolito José da Costa Pereira

Na segunda metade do seculo XVII, nasceu, na cidade do Rio Grande, Hypolito José da Costa Pereira, um nome de valor, quasi de tudo desconhecido na propria terra, em que abriu os olhos á luz da vida.

Bem joven ainda, seguiu para Lisbôa, afim de completar ahi, asua educação litteraria, revelando, desde logo, o seu bello talento.

Na côrte portuguesa, em 1792, tratou largamente da conveniencia de transferir a côrte para o Brazil, collocando-a no centro da provincia de Minas.

Essas idéas produziram grande ruido na metropole, visto contrariar os interesses dos poderosos, que preferiam o *stato quo.*

E, em taes condições se viu elle, que foi obrigado a deixar Lisbôa, do dia para a noite, receioso da furia da Inquisição, encontrando então seguro asylo em Londres.

Apenas chegou ahi, tratou logo da publicação do *Investigador Portuguez* e do *Correio Braziliense,* dous jornaes bem acolhidos, não só no Brazil como em Portugal.

Essas publicações eram lidas com anciedade, por toda a parte, até no proprio paço de D. João VI, no Rio de Janeiro.

Nos seus escriptos vibrantes de patriotismo, a-

conselhava abertamente a emancipação do Brazil ao regimen monarchico constitucional.

Infelizmente o excesso de trabalho para poder viver, n'um clima ingrato, abreviou-lhe os dias, vindo a fallecer, em meiados de 1822, longe da terra que tanto amou com extremos de filho apaixonado.

Zeferino Vieira Rodrigues Filho

Nasceu a 7 de janeiro de 1835 na cidade de Porto Alegre.

Eram seus paes Zeferino Vieira Rodrigues e D. Taurta Zeferino Centeno.

Desde bem moço revelava decidida vocação pelas lettras, collaborando activamente no periodico *Guahyba,* que aqui surgira, ha mais de meio seculo, e, onde fizeram as suas primeiras armas João Vespucio de Abreu, Pedro Antonio de Miranda, João Capistrano de Miranda e Castro e outros.

Foi sempre aferrado á monarchia. Por D. Pedro de Alcantara tinha uma especie de idolatria, havendo escripto diversas producções, exaltando as virtudes do imperante.

Durante cerca de trinta annos, exerceu importantes empregos de fazenda, tendo em todos elles posto á prova a sua bella intelligencia e a sua tradicional honradez.

Por occasião de sua morte, deixou um valioso espolio litterario, onde existem bons trabalhos de fina critica aos nossos costumes e aos homens politicos do seu tempo.

Proclamada a Republica, conservou-se fiel ao throno, e o defendia com o calor das convicções sinceras.

Com o peso dos annos e dos achaques, recolheu-se, então, á vida privada, vivendo dos escassos recursos que lhe dava acanhada aposentadoria, até que a morte o levou a 15 de junho de 1910.

Arthur de Oliveira

Nasceu na cidade do Rio Grande em 1847.

Era filho de D. Maria Angelica Soares de Oliveira e de João Domingos de Oliveira, que, durante muitos annos, navegara como commandante de um vapor da carreira de Porto Alegre ao Rio Pardo, quando essa cidade era, então, o emporio commercial da campanha, no tempo em que as linhas ferreas não cortavam ainda o seu solo.

Arthur de Oliveira era um bohemio incorrigivel, um bello typo de homem, alto, cheio de corpo, sympathico, insinuante, farta cabelleira, ondulada, a Carlos Gomes, voz vibrante ao serviço de uma das mais radiantes imaginações que tenho conhecido em minha já longa existencia.

Bem moço, seguiu para o Rio de Janeiro, onde logo pôz em evidencia seu enorme talento, que parecia, ás vezes, nos seus escriptos e nas palestras andar abeirando de loucura.

Na redacção dos jornaes, onde apparecia e tornára-se figura obrigada, só elle tinha o direito de falar para encantar os outros.

Em pouco tempo, o Rio de Janeiro, tornára-se entretanto, um meio acanhado para elle que afagava, de ha muito, a idéa de visitar o velho mundo sempre novo para todos.

Um bello dia, emmalou a sua roupa, disse adeus aos amigos e partiu.

Chegando a Paris, o seu unico empenho foi ver Victor Hugo, o que conseguiu, depois de um escandalo, com o porteiro do palacio que não lhe queria facilitar o ingresso á presença do grande Mestre.

Penetrando ahi, o encontrou rodeado de Theophilo Gautier, Catulle Mendés, Gustavo Doré e outras celebridades então em voga.

Dessa epoca, em deante, data a amisade intima com Theophilo Gautier — que o chamava — *pae do raio*.

Quando rebentou a guerra, em 1870, Arthur de Oliveira, que visitava Berlim, deixou logo essa cidade para ir alistar-se na legião estrangeira que se organisava em Paris.

Concluida a guerra, voltou á patria com um valiosa cabedal de conhecimentos para continuar na mesma vida irrequieta e bulhenta de sempre.

E, esse homem, que era um genio, desceu á campa sem haver deixado um livro, pelo menos, para attestar o seu extraordinario valor como artista da palavra.

Apelles Porto Alegre

Nasceu na cidade do Rio Grande a 24 de outubro de 1850, e tendo vindo, creança ainda, para a capital, aqui frequentou o *Collegio Gomes,* com grande aproveitamento, revelando decidido gosto pelo estudo da Historia.

Moço ainda, mas sufficientemente apparelhado para a lucta da existencia, fundou aos 26 annos, em 1876, o *Collegio Rio-Grandense,* que desde logo, conquistou sympathias pelos esforços do seu incansavel director.

Neste posto de honra ninguem o excedeu, pois levava a dedicação ao ponto de leccionar aos alumnos, mesmo doente, na propria alcova em que estava o leito.

E' que Apelles Porto Alegre tinha pelo trabalho um culto entranhado, quasi doentio. A ociosidade repugnava o seu formoso espirito, que só na actividade do seu nobre sacerdocio encontrava deleite.

Em 1880, porém, vemol-o fundando a *Imprensa,* primeiro jornal republicano que aqui appareceu, defendendo com o maior desassombro o seu ideal politico em um meio ingrato e minado por paixões intransigentes e truculentas.

Apesar de todas as difficuldades, Apelles conseguiu manter o jornal durante mais de dous annos. Ahi, a sua acção jornalistica exerceu-se de maneira alevantada. Foi uma lição constante de civismo, de democracia pura, de previdencia historica, e de verdadeira evangelisação politica. Era, em ultima palavra, a propaganda de principios alliada á analyse severa dos homens e coisas do passado regimen.

Após o advento da Republica, o integro democrata rio-grandense, em divergencia com o governo do Es-

tado, filiou-se á Convenção Nacional, que obedecia á palavra de ordem do venerando Visconde de Pelotas.

Em 1890, tendo assumido a presidencia do Estado o Dr. Francisco da Silva Tavares, Apelles Porto Alegre foi nomeado director da Instrucção Publica e da Escola Normal, dando ao exercicio desses cargos o melhor da sua intelligencia, da sua actividade e do seu carinho.

Filiado ao partido federalista, este o apresentou, em 1892, candidato á deputação federal, e durante o periodo agitado em que esteve com a direcção da *Reforma* fez a defeza da personalidade gloriosa de Silveira Martins e procurou justificar a revolução de 1893.

Comquanto não fosse, por sua indole retraida, politico em constante evidencia, Apelles Porto Alegre era um dos oraculos do partido, uma figura obrigada nos momentos de agitação, e em agosto de 1910 tomou parte activa no Congresso Federalista, defendendo com superior eloquencia o programma politico da Republica parlamentarista, e merecendo de Silveira Martins, nessa occasião, elevados conceitos de admiração e reconhecimento pessoaes.

Apelles Porto Alegre, litterato, foi um dos fundadores do *Parthenon Litterario,* notavel aggremiação de homens de lettras, que aqui floresceu e de brilho a um dos periodos mais luminosos do intellectualismo gaúcho. Collaborou em todos os numeros da revista da brilhante associação, que durou mais de 18 annos, e patenteou-se prosador escorreito e fino, e poeta de inspiração facil e suave lyrismo, á feição do romantismo então dominante em todo o paiz e que tinha por primazes Domingos de Magalhães e Araujo Porto Alegre.

Entretanto o que predominava em Apelles era o orador.

Dicção limpida e sonora, gesto sobrio mas exacto, illustração fóra do commum e singular eloquencia, elle sentia-se na tribuna como a aguia no espaço, e ainda perduram na memoria dos intellectuaes seus contemporaneos e irmãos das justas litterarias o memoravel discurso que elle pronunciou, por occasião de festejar-se nesta capital, em 1880, o Centenario de Camões.

Todavia o homem de lettras um bello dia retraiu-se, e a morte veiu colher o professor modesto, mas illustre, no seio querido da familia, que tinha n'elle um chefe carinhoso e modelar.

E' que Apelles Porto Alegre, no exercicio exclusivo do seu nobre sacerdocio via-se longe das miserias terrenas e sentia-se mais perto de Deus.

Professor Souza Lobo

O Dr. José Theodoro de Souza Lobo nasceu nesta capital a 7 de janeiro de 1846.

Recebeu solida instrucção no "Collegio Caraça" em Minas Geraes, estabelecimento dirigido por padres lazaristas.

Aos 19 annos iniciou a sua carreira no magisterio, quando seminarista.

Formou-se engenheiro geographo pela antiga Escola Central do Rio de Janeiro.

Em 1873, fez concurso para a cadeira de mathemathica da Escola Normal e foi nomeado lente desse estabelecimento de instrucção.

Autor de varias obras didacticas, entre as quaes se destacam os dois compendios "Primeira e Segunda Arithmetica."

Fundou em 1877 o "Collegio "Souza Lobo", por onde passaram gerações de jovens, muitos dos quaes, mais tarde, vieram occupar lugar proeminente na politica, na magistratura, na medicina, no exercito, etc. Entre os seus numerosos discipulos citaremos os Drs. Julio de Castilhos, Borges de Medeiros, Protasio Alves, senador Soares dos Santos, Germano Hasslocher, Dioclecio Pereira, Sebastião Leão, Assis Brazil, Barros Cassal e muitos outros.

Foi este o periodo aureo de sua vida. Após a extincção da "Escola Normal" foi nomeado inspector escolar da zona urbana desta capital, cargo em que a morte o veio colher, aos 67 annos de edade e com quasi meio seculo de serviços á causa da instrucção. O seu fallecimento occorreu a 9 de agosto de 1913, nesta cidade.

A morte, porém, não fez que desapparecesse de todo o velho e querido professor, porque Souza Lobo conquistara para sempre a estima de todos os que tinham a ventura de aprender com elle.

Era de uma bondade captivante.

Jamais alumno seu teve motivo de magua contra elle, e por isso mesmo todos faziam o possivel para honrar nos actos collegiaes as licções do provecto mestre.

Suas obras didacticas ahi estão tambem para provar aos vindouros que os que trabalham e deixam os fructos de seus esforços, não morrem, nunca: — apenas se ausentam, vivendo pelo tempo a fóra no pensamento das gerações que se lhes succedem.

Francisco Antunes Maciel

Na opulenta e brilhante galeria dos rio-grandenses que honram a Terra gaúcha por seu talento, por sua cultura e por sua acção politica e social, occupa um logar de relevo o conselheiro Francisco Antunes Maciel.

Era filho do coronel Elysio Antunes Maciel e D. Leopoldina Antunes Maciel, e nasceu na cidade de Pelotas, em 1847.

Feitos os seus preparatorios seguiu para S. Paulo e matriculou-se na Faculdade de Direito, mas, em meio do seu curso juridico, um incidente escolar, que ecôou em todo o paiz, obrigou-o a interromper os seus estudos e partir para Montevidéo — onde concluiu o seu tirocinio academico e tomou o gráo de bacharel. De regresso á Pelotas, seu torrão natal, abriu banca de advogado, conquistando logo um grande e justo renome no fôro da Provincia. A politica, porém, fascinava-o e bem depressa o talentoso pelotense alistava-se no partido liberal, ao lado de Silveira Martins. Fundou então e redigiu na cidade de Pelotas o "Nacional" — orgam de propaganda e defeza dos seus ideaes politicos.

Eleito em seguida deputado provincial, começou com intenso brilho a carreira parlamentar do nosso insigne patricio, e, em 1880, por occasião de discutir-se

o celebre projecto de exgottos da cidade de Porto Alegre, questão que naquella epoca tanto interessou e apaixonou o espirito publico, Antunes Maciel, que era orador eloquentissimo, tomou parte saliente no debate, conseguindo, por meio de sua palavra arrebatadora, conquistar e dominar a massa popular que, com o fim de impedir a approvação do referido projecto, se achava nas galerias e no proprio recinto da Assembléa.

Nome já vastamente conhecido no paiz, foi em 1881 eleito deputado geral, tendo nos dois ultimos decennios do Imperio desempenhado na Camara as funcções de *leader* da maioria liberal em 1884 e da minoria em 1888.

Em 1883, estando no governo o partido liberal, o conselheiro Maciel foi nomeado Ministro do Imperio, no gabinete Lafayette, salientando-se na gestão dessa pasta pela série de reformas legislativas que pretendeu introduzir. Entre estas contavam-se os projectos de lei enviados á Camara instituindo o casamento civil e estinguindo as ordens religiosas ou corporações de "mão morta", cujo patrimonio achava que devia ser devolvido ao Estado. Como é de ver, taes innovações levantaram enorme seleuma no Parlamento e na imprensa, e os liberrimos projectos cairam.

Eleito novamente deputado em 31 de agosto de 1889, a proclamação da Republica, em 15 de novembro do mesmo anno, impediu-o de tomar assento na Camara. Todavia o conselheiro Maciel acceitou o novo estado de coisas, sem, entretanto, renegar as idéas politicas por que se batera no Imperio.

Com Silveira Martins em Montevidéo, dirigiu a campanha federalista de 1893, e em 1895, utilisando-se da lei da amnistia, voltou ao Rio Grande do Sul, tendo sido por morte daquelle grande tribuno em 1901 acclamado presidente do Directorio Central do Partido Federalista.

Em 1905, por occasião de ser posto em exercicio a lei eleitoral Rosa e Silva, foi eleito duas vezes seguidas deputado pelo segundo districto.

O conselheiro Francisco Antunes Maciel falleceu na Capital Federal a 13 de agosto de 1917, aos 70 annos de edade, tendo prestado serviços relevantes á Patria e á sua terra natal.

Além de titular do Conselho do Imperio, o notavel rio-grandense era official da Legião de Honra da França.

Vasco Alves Pereira

Vasco Alves Pereira, filho legitimo de Joaquim Alves Pereira e D. Sylveria Jacques Pereira, nasceu na então villa de Uruguayana em 25 de dezembro de 1818. Bem moço, ainda, começou a prestar serviços á Patria, pois já na revolução de 1835, aos 17 annos, vemol-o como official da guarda nacional batalhando ao lado dos soldados da monarchia.

Promovido a major em 25 de março de 1844, fez neste posto a campanha contra o dictador argentino d. Manoel Rosas, em 1852, e por carta patente de 26 de novembro de 1858 foi reformado no posto de tenente-coronel.

Não se julgue, porém, que a sua reforma implicou em uma reintegração á vida tranquilla do lar. Não. Declarada a guerra do Paraguay, o bravo rio-grandense offereceu seus serviços ao governo imperial, os quaes foram acceitos, sendo muito louvado o seu offerecimento, por officio de 10 de agosto de 1865.

Mas... d'aqui em deante folheremos algumas paginas do brilhante registro de sua vida, pois feitos e datas historicas não se fantaziam:

"Em 1.º de dezembro de 1865 é nomeado para commandar o 14.º corpo de cavallaria da guarda nacional. A 23 de setembro de 1866, por occasião do desastre de Curupaity, sendo Vasco Alves commandante da 6.ª brigada de cavallaria atacou denodadamente á frente dos seus regimentos, ultrapassando as linhas de infantaria e só se retirando depois das repetidas ordens do commando em chefe, sendo ferido nessa occasião. Foi elogiado, na mesma data, pelo commandante em chefe. Em 3 de novembro de 1866 e em 27 de abril de 1867 foi respectivamente agraciado com officialato e com a commenda da Ordem da Rosa. Em ordem do dia n.º 118 de agosto de 1861 foi elogiado pelo commandante em chefe Marquez de Caxias pelos serviços prestados na defeza do comboio de viveres, forragens, etc.,

que de Puyuty seguia para Puyu-cué, recebendo novo elogio em ordem do dia n.º 135 pela defeza de um 2.º assalto, nas mesmas condições. Em 8 de junho de 1867 foi nomeado coronel da guarda nacional e elogiado em dezembro do mesmo anno por se ter distinguido no ataque de Puytuy. Em 2 de maio de 1868, foi agraciado com o 2.º officialato da Ordem do Cruzeiro. Em 16 de agosto seguinte foi designado pelo Commando em chefe para com sua brigada policiar a marcha do exercito dirigido pelo marechal Argolo. Em ordem do dia n.º 272 recebe elogios pelos serviços prestados na Sanga Branca "onde com tino e intrepidez desbaratou dois corpos de cavallaria inimiga, um dos quaes ficou completamente desfeito com a morte de mais de 100 homens e 53 prisioneiros, escapando apenas o seu commandante e um cabo de esquadra; arrebatando sob fogo incessante do inimigo mais de 700 rezes que eram levadas para Cerro Leão, por ordem de Lopes, e derrotando depois um corpo inimigo collocado na extrema esquerda para interceptar a passagem do Potreiro Marmoré, carregando com tal impeto sobre a força inimiga que essa ficou completamente debandada, deixando 200 mortos sobre o campo e trinta e tantos prisioneiros que declararam que aquelle corpo formado dos melhores soldados dos demais corpos de cavallaria e cada um condecorado pelo menos com uma medalha". Por decreto de 30 de janeiro de 1869 lhe foram concedidas honras de brigadeiro, e pelo de 20 de fevereiro do mesmo anno foi lhe confiado a medalha de merito militar. Em 8 de junho de 1870, o governo imperial concedeu-lhe o titulo de barão de Santa Anna do Livramento. Por decreto de 23 de setembro de 1870 foi lhe concedido a pensão de 1:200.000 por anno. Em 22 de novembro do mesmo anno, foi concedido o uso da medalha commemorativa da rendição de Uruguayana. Todas estas distincções e honrarias o inclyto varão bem as mereceu pelos serviços prestados no campo de batalha. Em Itororó, Angostura, Villeta, Tuyutuy, Perchehury, Campo Grande, Avahy, Lomas Valentinas, e em outros combates, Vasco Alves Pereira assignalou com a sua bravura actos de valor que a historia registrou em suas paginas immorredouras.

Foi um heróe consciente do seu valor e não um a-

ventureiro de acaso. Nelle os dotes militares estavam no coração e na intelligencia. Não se arriscava aos caprichos da sorte. Agia dentro de seus planos estrategicos, examinando os mappas e estudando o terreno. Por isso a victoria sempre lhe sorria. Passado os periodos das guerras, o chefe militar cedeu o logar ao chefe politico, e o barão de Santa Anna de Livramento começou a servir a patria no campo das idéas com o mesmo ardor com que outr'ora a servira nos campos de combate. Foi chefe do partido liberal e manteve correspondencias sobre negocios publicos com os srs. visconde de Pelotas, conde de Porto Alegre e Marquez do Herval, Duque de Caxias, Conde d'Eu e outros.

O barão de Sant'Anna de Livramento falleceu na cidade de Alegrete em 5 de maio de 1883, aos 64 annos, — edade em que, dado a sua tempera de luctador e de eleito, podia ainda prestar serviços de valor á Patria — que elle tanto idolatrava.

Antonio de Azevedo Lima

Antonio de Azevedo Lima foi um dos homens mais populares e bemquistos de Porto Alegre, onde nasceu em 21 de janeiro de 1834 e falleceu na madrugada de 5 de outubro de 1898, em consequencia de um insulto cerebral que o acommettera, em plena rua, na tarde do dia anterior.

Dotado de fina intelligencia e de uma actividade indefessa, este illustre rio-grandense prestou serviços de relevancia á sua cidade natal, a principio como procurador da camara municipal e mais tarde como vereador da mesma.

Para que se faça uma idéa de quanto Antonio de Azevedo Lima era estimado no vasto circulo de suas relações sociaes, basta dizer que quando, em sessão de 26 de setembro de 1873, a camara municipal o nomeou para o cargo de seu procurador, gregos e troyanos bateram palmas a essa nomeação, e quando, 15 annos depois, em 14 de abril de 1887, foi aposentado no referido cargo, o "Conservador", orgam do partido contrario ao em que elle militava, assim se expressava a seu

respeito: "Ao deixar aquelle cargo o sr. Antonio de Azevedo Lima, manda a justiça que se torne publico que esse distincto cidadão desempenhou sempre suas funcções com zelo, intelligencia e probidade.

"Foi pois justo o voto de louvor com que o honrou a illustre edilidade."

Isto num tempo em que a imprensa partidaria primava na retaliação pessoal aos adversarios politicos.

Mas Antonio de Azevedo Lima si como cidadão reunia um conjuncto de qualidades sympathicas, como funccionario era um modelo de capacidade activa e probidosa.

Por isso nunca lhe faltaram votos de louvor em documentos officiaes, sendo de salientar-se o que em sessão de 15 de junho de 1882 a Camara mandou consignar em acta pelo modo como em curto praso elle liquidou a divida do edificio do mercado.

A popularidade e o gráo de sympathia de que gozava Antonio de Azevedo Lima, manifestaram-se superior e magnificamente quando, em 1887, pouco depois da sua aposentadoria, o partido liberal o apresentou candidato á eleição de vereador da camara municipal.

Estava no poder o partido conservador. A victoria do seu candidato parecia pois fóra de qualquer duvida e estulta temeridade seria a do candidato da opposição que se aventurasse á sorte das urnas. Pois Azevedo Lima aventurou-se, e a 31 de agosto de 1887 era por grande maioria eleito vereador.

A este pleito, que foi renhidissimo, precedeu uma accesa polemica entre os dois orgams dos partidos monarchistas militantes, sendo que *A Federação,* orgam do partido republicano, varias vezes se manifestou sympathica ao candidato liberal.

A imprensa neutra ou sem cunho official, embóra ligada a esta ou áquella facção partidaria, não occultava, neste lance, a sua predilecção por Antonio de Azevedo Lima.

Elle bem o merecia, pelo genio affavel, trato jovial e cavalheirismo insinuante.

Tambem poucos homens possuiriam como elle o dom de fazer rir. Antonio de Azevedo Lima era um espirito travesso. Ao pé delle não havia tristeza que se

não dissipasse a um simples gesto seu, a uma momice sua, a uma sua phrase humoristica, que elle as tinha expontaneas, borboleteantes e graciosas.

Seu amor pelas coisas do passado porto-alegrense era entranhado. Conhecia como poucos a chronica velha da cidade. Tinha um grande fraco pelas "excavações" e neste feitio escreveu muito para jornaes e para o *Annuario do Rio Grande do Sul.*

Em 1872 publicou com Ignacio de Vasconcellos Ferreira o *Almanack de Porto Alegre* — que foi o primeiro trabalho que aqui appareceu neste genero. De relevante interesse é egualmente a sua interessante *Synopsia de Porto Alegre.*

Concluindo: Antonio de Azevedo Lima foi um trabalhador incansavel, e, até á sua derradeira hora, mourejou sem cessar, legando a seus filhos um nome bemquisto e honrado, e aos seus amigos, que eram quasi todos quantos o conheceram, a saudade de uma palestra incomparavel, de uma *verve* cheia de brilho — mixto não raro da esfusiante chalaça lusitana e da subtil *charge* gauleza.

Dr. Israel Rodrigues Barcellos

O dr. Israel Rodrigues Barcellos foi nas luctas partidarias da politica rio-grandense um dos vultos de maior talento, actividade e pertinacia que já participaram dellas. Tambem poucos homens de partido no Brazil terão tido como este eminente patricio adversarios de mais valor e prestigio.

Nascido em 1817 e formado em sciencias juridicas e sociaes pela academia de S. Paulo, o dr. Israel Barcellos regressou logo á terra natal e fixou residencia na cidade de Porto Alegre.

Nesse tempo degladiavam-se na provincia os dois formidaveis partidos "lusia" e "saquarema". O dr. Israel Barcellos sentou praça sob a bandeira do primeiro. Tinha então 21 annos. Ao principio como simples soldado e mais tarde como chefe do "lusia" o moço politico enfrentou adversarios da tempera de Felippe Nery, Felix da Cunha, conde de Porto Alegre, general Osorio, Pedro Chaves e outros notaveis parédros que movimen-

taram e encheram de brilho a inquieta vida politica do imperio.

A antiga provincia atravessava o periodo agudissimo da revolução de 35, mas isso não abatia de modo algum o ardente enthusiasmo dos partidos que concorriam ás urnas.

O dr. Israel Barcellos não desertou pois da actividade politica, e quando em 1848, em consequencia da agitação por que passava a provincia, foram dissolvidos os dois partidos "lusia" e saquarema", assumiu elle, por concurso unanime de seus co-religionarios, a suprema chefia do partido conservador.

Durante os longos annos que o illustre rio-grandense dirigiu a poderosa e disciplinada agremiação politica que tantas vezes subiu ás culminancias do poder, inscrevendo no seu activo serviços da maior relevancia prestados ao paiz, o dr. Israel Rodrigues Barcellos soube por seu caracter austero e talento de eleição impôr-se á estima de gregos e troyanos.

Quando em 1868 o partido conservador ascendeu ao governo, e organisou-se o gabinete do grande estadista visconde de Itaboray, o nosso illustre patricio foi nomeado presidente da provincia do Rio Grande do Sul, tendo exercido este cargo até fins de março de 1869.

A esse tempo já havia o dr. Israel Rodrigues Barcellos occupado as mais invejaveis posições electivas, pois em 1866 tinha sido eleito deputado geral e recebido nas legislaturas seguintes.

No parlamento nacional a sua attitude foi das mais notaveis, porque em varios e accesos debates teve pela frente estadistas, oradores e parlamentares da estatura de Nabuco de Araujo, Francisco Octaviano, José Bonifacio, Martinho de Campos, Zacharias, José de Alencar e por ultimo Gaspar da Silveira Martins, então em plena frescura e florescencia do talento incomparavel e do verbo genial.

Eleito por vezes sem conta deputado á antiga Assembléa Provincial, ainda o laureado chefe conservador teve que enfrentar oradores eloquentes e eruditos como Eleutherio Camargo, Timotheo da Rosa, Antunes Maciel, Francisco Diana, Severino Prestes, Carlos Koseritz, que foram luzeiros do partido liberal

naquella epoca, e outros politicos de nomeada em famosos torneios parlamentares.

Nos ultimos annos de sua agitada e brilhante vida politica, o venerando chefe conservador era respeitado e estimado pelos proprios adversarios, sendo que o grande tribuno Silveira Martins, chefe do partido liberal, tinha por elle uma admiração sem reservas.

O dr. Israel Rodrigues Barcellos falleceu em 1888 na cidade de Porto Alegre.

Dr. João Pereira da Silva Borges Fortes

Nasceu na cidade de Cachoeira, n'este Estado, e falleceu em 1893, aos 75 annos de idade, na villa de S. Vicente.

Aos 14 annos de idade, seus paes, abastados fazendeiros, mandaram-n'o para o Rio de Janeiro, d'onde só regressou ao Sul depois de formado em medicina, após um brilhante curso academico. Emquanto permaneceu no Rio, teve ensejo, já pelas suas invejaveis qualidades de caracter, já pela reputação grangeada no meio social e scientifico, de attrair as sympathias e amizade de notaveis vultos em evidencia n'aquella época, entre elles a do patriarca José Bonifacio de Andrada e Silva, com quem privou e teve a fortuna de conviver na formosa ilha de Paquetá.

De regresso ao Sul, o dr. Borges Fortes envolveu-se desde logo na vida activa da politica, filiado ao partido conservador (Caramurú).

Abandonou, em poucos annos, a profissão medica, só a exercendo por caridade ou amizade.

Caracter de rija tempera, orador fluente e insinuante, manejava a palavra com admiravel precisão e, tanto impressionava pela gravidade do assumpto que abordasse, como pela fina ironia e humorismo com que illustrava o discurso e a palestra, captivando a attenção dos ouvintes.

O partido conservador fronteiriço (3.º Circulo Eleitoral) o fez seu Chefe, elegendo-o, em 12 ou 14 Legislaturas, deputado provincial.

Desta Assembléa foi diversas vezes presidente.

Foi tambem eleito por duas vezes deputado geral.

Presidentes do Conselho de Ministros, seus amigos, o convidaram para exercer o cargo de Presidente d'esta então provincia, convite que não quiz acceitar.

Modesto e abnegado, teria sido escolhido senador do Imperio si não fizesse, com prejuizo proprio, recahir em outro candidato, seu dilecto amigo, votos que seriam sufficientes para sua inclusão na lista triplice.

Sobre isto occorreu um facto: — n'uma das vagas do Senado, dada n'aquelles tempos, o Monarcha disse ao seu eminente medico, irmão do biographado, Conselheiro Manoel Pereira da Silva Continentino, que aconselhasse a seu irmão a apresentar-se candidato ao Senado, pois que desde que fosse incluido na Lista-Triplice, seria o seu escolhido.

Nem assim se empenhou elle por isso, fazendo-o em favor de seu particular amigo, o illustre doutor João Jacintho de Mendonça, que foi o eleito e escolhido.

Não quiz tambem acceitar o titulo de Barão de Inhatiúm, que lhe foi offerecido por summidade politica, que então dirigia os destinos do Imperio, em homenagem aos grandes serviços prestados ao Paiz, na sua longa e laboriosa vida publica.

Esta graça lhe foi offerecida depois do regresso do Imperador, que viera assistir a rendição de Uruguayana.

Hospedara-se o Imperador na fazenda denominada — "Inhatiúm" — no municipio de S. Gabriel, pertencente aos progenitores do biographado.

Como um agradecimento aos obsequios prestados á real comitiva, recebeu a veneranda mãe do biographado, o titulo de dama do paço, junto á Imperatriz e Borges Fortes os de Cavalleiro da Ordem de Christo e de Rosa.

Borges Fortes conjugou seus esforços politicos com os daquella pleiade de notaveis homens como o foram: Pedro Chaves, Felix da Cunha, Oliveira Bello, Freitas de Castro, João Jacintho de Mendonça, Israel Barcellos, Tavares, Visconde da Graça, Drs. Jonathas Abbott, Joaquim Mendonça, Diniz Dias, Feliciano Ribeiro, Barão de S. Borja (e muitos outros) e nos ul-

timos tempos, com o filho d'este, seu querido amigo, o inolvidavel Dr. Severino Ribeiro Carneiro Monteiro, a quem passou a chefia do 3.º Circulo Eleitoral.

Seus proprios adversarios politicos o tinham na maior consideração, tanto que era particular amigo do grande Silveira Martins.

Para dar uma ideia da energia de que era dotado Borges Fortes, basta lembrar um facto politico que bem o caracterisa: — era presidente da Provincia o Conselheiro Andrade Figueira de Mello.

Este varão se tinha indisposto politicamente com Borges Fortes, e a dissidencia lavrava já nos arraiaes do partido conservador.

Borges Fortes, presidente da Assembléa, tinha retardado sua vinda (de S. Gabriel, onde residia) e aquella funccionava sob presidencia interina, quando de Rio Pardo telegrapharam communicando alli acharse Borges Fortes em transito para a Capital.

Espalhada a noticia, Figueira de Mello accintosa e arbitrariamente mandou fechar o edificio da Assembléa, encerrando suas sessões.

Esta violencia pôz em polvorosa os politicos correligionarios de Borges Fortes.

Estes, em grande numero, inclusive seu finado filho Dr. Borges Fortes Filho, tambem deputado, fretaram um vapor e foram ao encontro do prestigioso chefe a quem era feito o accinte, levar a nova e conferenciar.

Este, homem de decisão prompta, tudo acalmou.

Chegado á Capital, officiou ao Presidente communicando vir assumir a presidencia da Assembléa e que para funccionar a mesma pecisava do edificio privativo de seus membros, o qual constava achar-se fechado por ordem de S. Exc.

O Presidente da Provincia ficou silencioso. Então Borges Fortes, officiou de novo a S. Exc., mas, para dizer-lhe energicamente que: — "não consistia n'um predio a Assembléa dos Deputados, legitimos representantes dos mais caros interesses do povo riograndense, e sim, na reunião dos mesmos em qualquer ponto da capital para tratar d'esses interesses. Por isso fazia sciente a S. Exc. que os ia reunir na praça publica, onde faria funccionar a Assembléa. —

Já transportavam bancos e mesas de uma aula publica para a praça da Matriz, para serem collocados em frente ao velho Palacio, quando o porteiro da Assembléa, ás carreiras, foi ao encontro de Borges Fortes, que com grande grupo de Deputados subia a rua da Ladeira, e offegante communicou-lhe que S. Exc. o Presidente Mello tinha mandado abrir as portas do edificio da Assembléa!

Este illustre rio-grandense, depois de uma vida de intenso labor politico, e já no declinio foi, pelo egregio e inesquecivel Castilhos, nomeado medico da Colonia Jaguary.

Morreu pobre, legando a seus descendentes o patrimonio da honradez com que sempre viveu.

Barão de Cambahy

Antonio Martins da Cruz Jobim, barão de Cambahy, era natural da cidade de Rio Pardo, onde nasceu a 20 de novembro de 1809.

Revelando desde os mais verdes annos uma pronunciada vocação para a vida commercial, não quizeram seus paes torcer-lhe o destino para que tendia e, com este proposito, o enviaram em mui tenra edade para o Rio de Janeiro, onde começou a praticar em uma importante casa.

Naquelle vasto campo de acção a intelligencia do nosso joven patricio se exercitou indefessamente, e em pouco as suas reaes aptidões para a profissão que lhe abriram as portas para os maiores emprehendimentos nesse tão honroso quão espinhoso ramo da actividade humana.

Caracter austero, pezar dos poucos annos, probidade a toda prova, credito solido, o joven rio-grandense foi bem depressa aproveitado para uma sociedade commercial, a que se dedicou de corpo e alma, consagrando-lhe o melhor do seu tempo e da sua intelligencia, e tendo nesse caracter voltado para o Rio Grande do Sul, onde se conservou sempre na direcção de seus negocios.

Sempre activo e empreendedor, o nosso perfilado attingiu a um alto gráo de fortuna, sem que a sua ri-

queza colossal o enchesse de soberba ou o impellisse para as mollezas sybariticas do ocio.

Pelo contrario, manteve até ao fim da vida uma formosa linha de simplicidade proletaria, amando o trabalho como fonte fecunda de preciosos bens, e pondo a sua fortuna ao serviço das grandes causas nacionaes.

Foi assim que prestou serviços relevantes á legalidade durante a revolução de 1835, tendo sido por isso agraciado com o habito da imperial Ordem da Rosa, com a commenda da Ordem de Christo e afinal com o titulo de barão, em 1859.

Tambem por occasião da porfiada campanha que sustentamos com a Republica do Paraguay o nosso appello da nação, fazendo duas avultadas offertas para as despezas da guerra.

Em S. Gabriel onde residiu muitos annos, foi um dos maiores bemfeitores da Santa Casa de Misericordia, tendo tido sempre aberta a sua bolsa para auxiliar todas as emprezas nobres e para soccorrer todas as miserias.

Deste preclaro varão póde dizer-se que foi um semeador incansavel que do que incansavelmente semeou — fartamente colheu para si e para o seu semelhante.

Dr. Ramiro Barcellos

O Dr. Ramiro Barcellos foi, pelo talento e pela cultura, um feliz complexo de qualidades raras e brilhantes.

Liberal do antigo regimen teve no seu partido um momento de incomparavel e luminosa actividade, mas no seu espirito de eleito já a idéa republicana vinha florescendo e florindo com viço audacioso e empolgante.

Attraido pelo brilho da Idéa Nova, que já havia produzido na imprensa democratica do Rio Grande do Sul Appollinario e Apelles Porto Alegre e Francisco Cunha, o dr. Ramiro Barcellos passou-se ás fileiras republicanas e perfilou-se ao lado de Venancia Ayres, Julio de Castilhos, Assis Brasil, Pinheiro Machado, Er-

nesto Alves, Apparicio Mariense, Pereira da Costa, Victorino Monteiro, Homero e Alvaro Baptista, Borges de Medeiros e outros, que formaram a pleiade historica da propaganda.

Quando a 1.º de janeiro de 1884 surgiu o primeiro numero da *A Federação,* o glorioso orgam do partido republicano rio-grandense, Ramiro Barcellos apparecia no rodapé, assignando com o pseudonymo de *Amaro Juvenal* as famosas *Cartas a d. Izabel,* que tamanho successo alcançaram no mundo jornalistico e nas rodas intellectuaes.

De ahi em deante a sua collaboração foi assidua e notavel no grande orgam politico, pois Ramiro Barcellos jogava com facilidade e maestria todas as armas do jornalista moderno: o artigo doutrinario, a polemica partidaria, a critica artistica e litteraria e o folhetim borboleteante, de humorismo ou de satyra.

Dest'arte o ardoroso republicano ajudou a propaganda e preparou o advento do novo regimen, não deixando nunca de prestar o seu valioso apoio á diffusão pela doutrina e pelo facto das idéas que adoptava, apregoava e defendia. Nesta conformidade tomou parte activa no 1.º Congresso republicano de 1887 e em todos os actos e convenções de egual caracter que a este se succederam.

Em plena lucta de propaganda foi provedor da Santa Casa de Misericordia de Porto Alegre.

Proclamada a Republica em 1889, o Dr. Ramiro Barcellos, que nunca adormecera á sombra dos louros colhidos na propaganda, foi eleito senador desde a Constituinte e reeleito ao terminar o seu primeiro mandato.

Deste brilhante periodo de sua vida politica, ficaram memoraveis nos annaes do senado da Republica os sensacionaes debates que sobre finanças o nosso patricio sustentou com o senador Ruy Barbosa.

Era ainda senador quando foi escolhido para superintendente das obras da barra, logar particular de que se demittiu nos fins do governo do marechal Hermes da Fonseca.

Os serviços que prestou com relação á abertura da barra foram de inestimavel valor, e *A Federação,* orgam do partido de que estava ultimamente retraido,

sobre elles assim se expressou ao traçar a necrologia deste nosso patricio: "á sua acção valiosa e assidua collaboração, durante o governo do dr. Rodrigues Alves, junto ao ministro da viação, dr. Lauro Müller, devemos a visita e a solução Cortheil ao magno problema da desobstrucção da barra do Rio Grande e a construcção do novo porto do mar."

Prestou tambem grandes serviços durante a revolução federalista de 1893, tendo sido ministro plenipotenciario do Brazil na Republica do Uruguay.

O Dr. Ramiro Fortes de Barcellos era formado em medicina e tinha fama de grande clinico.

Nasceu na cidade de Cachoeira em 1852 e falleceu em Porto Alegre a 29 de janeiro de 1916.

Foi um dos maiores talentos gaúchos, e superior em todos os officios e generos intellectuaes em que se exerceu e manifestou: medico, orador, polemista, folhetinista, politico dirigente, critico de arte e poeta satyrico, — a par de uma figura insinuante e fidalga de homem de sociedade.

General Pedro Augusto Pinheiro Bittencourt

Pedro Augusto Pinheiro Bittencourt era filho do general Francisco Antonio da Silva Bittencourt e D. Maria Thereza Pinheiro Bittencourt, e nasceu na provincia do Rio Grande do Sul, em 21 de abril de 1857.

Attraido pela gloriosa carreira das armas em que tanto se nobilitara seu pae, assentou praça em 1.º de agosto de 1871.

O Brazil acabava de sair de um longo periodo de guerras, quando o joven rio-grandense entrava na vida militar e esta, em tempo de paz, não offerece margem a accessos rapidos nem a feitos que assignalem datas de relevo nas paginas da Historia. Ainda assim, Pinheiro Bittencourt tem uma biographia luminosa.

Eis como se repartem os longos 47 annos de serviços que prestou nas fileiras:

Promovido a alferes em 29 de julho de 1877, com mais de seis annos de praça, teve durante o tempo que serviu as seguintes promoções: foi tenente em 17 de setembro de 1879; capitão, em 3 de junho de 1886; major, em 17 de março de 1894; tenente-coronel, em 30 de junho de 1899; Coronel graduado por merecimento em 3 de novembro de 1904, e effectivo, em 2 de agosto de 1905; general de Brigada, por merecimento, em 14 de novembro de 1910 e de Divisão, em 8 de abril de 1914.

O general Pinheiro Bittencourt tomou parte activa na revolução de 1893, servindo nas forças legaes. No governo do Sr. Prudente de Moraes foi nomeado commandante do 9.° regimento de cavallaria e mais tarde, logo após a sua promoção a general de Brigada, assumiu o commando da Brigada Mixta da capital da Republica.

Por occasião da revolta dos marinheiros, em 1910, tendo sido ferido o general Menna Barreto, commandante em chefe da guarnição do Rio de Janeiro, o general Pinheiro Bittencourt foi nomeado para substituil-o naquelle commando.

Feita a remodelação do Exercito, foi o illustre Militar escolhido para commandar a 3.ª Divisão com séde na Capital Federal e foram da mais alta relevancia os serviços que então prestou na organisação dessa unidade do Exercito, e na repressão á revolta dos sargentos, surpreendida e esmagada no nascedouro.

Desintelligencias com o ministro da guerra, impelliram-no a exonerar-se deste cargo, sendo em seguida nomeado commandante da 7.ª região militar com séde no Rio Grande do Sul.

No exercicio dessas funcções veiu encontral-o a morte, no dia 30 de março de 1917.

O general Pedro Augusto Pinheiro Bittencourt foi um rio-grandense que honrou sobre modo a sua terra natal, tendo prestado á patria e ao exercito os mais assignalados serviços.

Foi sempre soldado, evitando todo e quaesquer contactos com a politica, que si alguma vez o namorou não foi correspondida nem conseguiu que elle lhe depuzesse aos pés a espada que empunhava para a de-

feza da bandeira e da patria e não para montar guarda ás urnas.

General Domingos Alves Barreto Leite

O general rio-grandense Domingos Alves Barreto Leite foi um typo completo de militar bravo e pundonoroso, tendo entrado muito moço para o serviço das armas.

Nascido em 1828, assentou praça volutariamente no 7.º batalhão de infantaria a 26 de outubro de 1844, contando apenas dezeseis annos de edade. Em março do anno seguinte foi reconhecido cadete de 1.ª classe, e promovido a alferes em 7 de agosto de 1849. Em 14 de março de 1850 marchou com o seu batalhão para a fronteira de Quarahy, seguindo de ahi para Bagé no mez immediato. Em março de 1851 marchou para S. Gabriel, e em outubro do mesmo anno seguiu para a campanha do Estado Oriental. Tomou parte nas operações daquella Republica até á conclusão da guerra. Entrando novamente em operações na Republica Argentina, assistiu ao combate de 17 de dezembro na ponte de Tronqueiras com as forças do dictador Rosas. Em 3 de fevereiro de 1852, assistiu ao combate de Moron, em Buenos Ayres, sendo, em ordem do dia, elogiado por actos de bravura. Em março do mesmo anno foi condecorado com o habito da Imperial ordem do Cruzeiro. Em 1853 matriculou-se na Escola Militar afim de estudar o curso de infantaria. Em 1854 marchou para o Estado Oriental, e foi, no mesmo anno, nomeado Ajudante de Ordens da Divisão Auxiliadora. A' 11 de setembro de 1856, foi nomeado Agente do Conselho Economico do 3.º batalhão a que então pertencia. Em fins do mesmo anno obteve licença para proseguir os seus estudos na Escola Militar. Em 18 de dezembro de 1857 foi nomeado ajudante de campo do Commando em chefe do exercito em observação, e em meiados de janeiro de 1858 marchou para a fronteira da Missões. A 12 de agosto do mesmo anno fai promovido a tenente. Em novembro de 1859 foi nomeado Ajudante de Ordens para servir junto ao commando das armas. Em janeiro de 1861, foi nomea-

do Director de Escola elementar do 5.º batalhão de infantaria, e em março do mesmo anno foi approvado plenamente no exame pratico que prestou dessa arma para capitão. No mez de março de 1862, embarcou para o Rio de Janeiro com o seu batalhão e em 8 de dezembro do mesmo anno seguiu em diligencia para S. Paulo, afim de suffocar uma rebellião dos trabalhadores da estrada de ferro. A 5 de outubro de 1864 marchou para a campanha do Paraguay, e por ordem do dia do commando em chefe de 6 de dezembro foi nomeado Assistente do Deputado do Quartel Mestre General junto ao Commando da 2.ª Brigada. Em 1865 assistiu ao assalto e tomada de Paysandú, desde o principio até á derrota do inimigo, pelo que foi elogiado em ordem do dia do commando em chefe, de 7 de janeiro da maneira seguinte: "O Tenente Domingos Alves Barreto Leite é digno de menção pelo seu constante desembaraço nas pelejas quer recebendo quer transmittindo ordens, e por conservar sangue frio e bôa disposição ante os maiores perigos". Por estes serviços foi por decreto de 17 de fevereiro nomeado cavalheiro de Ordem da Rosa. Pouco depois assistiu ao combate de Montevidéo, sendo condecorado com a medalha dessa campanha . Nesse mesmo anno foi, por ordem do dia, nomeado capitão em commissão para o 10.º Corpo de Volutarios da Patria, e por decreto de 22 de janeiro de 1866 foi promovido a este posto, para a 7.ª companhia do 3.º batalhão de infantaria. Fez a passagem do rio Paraná, assistindo aos combates de 16 e 17 de abril desse anno. Tomou parte no combate de 2 de maio, e a 19 foi nomeado major em commissão. -Assistiu a avançada de 20 e a batalha de 24 de maio, sendo em todos esses actos elogiado pelo commando do Batalhão e da Brigada. Por decreto de 21 de novembro foi nomeado official da Ordem da Rosa. A 23 de abril de 1868, depois de goso de licença para tratamento de saude, apresentou-se ao exercito, e, a 27, assumiu o commando 26.º Corpo de Voluntarios da Patria. Pouco depois, por ordem superior, marchou de Tagy para demolir o reducto de Parecuê. Dahi marchou e reconheceu as posições inimigas enfrente a Timbé. Assistiu ao reconhecimento de 1.º de outubro em Pikiciry. Tomou parte no combate de 6 de dezembro na ponte de

Itororó — onde foi gravemente ferido no peito, sendo elogiado pelo commando em chefe e promovido a major por actos de bravura e condecorado com a medalha de Merito Militar. Por decreto de 20 de fevereiro de 1869, foi approvoda aquella promoção. Em setembro do mesmo anno seguiu com o exercito em perseguição do inimigo que se achava em Santo Estanislau e em seguida marchou até Capivary. Por decreto de 4 de fevereiro de 1871 foi nomeado commendador da Ordem da Rosa, e no mesmo anno condecorado com a medalha da campanha do Paraguay. Em 15 de novembro foi promovido ao posto de tenente-coronel commandante do 5.º batalhão de infantaria por merecimento. Por decreto de 7 de abril de 1883, foi promovido ao posto de coronel por merecimento. Aggravando-se o seu estado de saúde, sempre alterado devido aos ferimentos recebidos na guerra, Barreto Leite foi, por decreto de 26 de abril de 1884 transferido para a 2.ª classe do exercito, como aggregado á arma de infantaria de conformidade com a resolução imperial, sendo então excluido do quadro effectivo. Inspeccionado novamente de saúde e julgado apto para todo o serviço, voltou por decreto de 3 de outubro de 1885 á primeiro classe do Exercito, sendo reformado no posto de general, por decreto de 22 de março de 1890.

E' esta em longos traços a extensa folha de serviços que, durante quasi meio seculo, prestou á patria e ao exercito o general Barreto Leite. Nas porfiadas guerras que o Brazil teve que sustentar com as republicas do Uruguay, Argentina e Paraguay, o bravo rio-grandense tomou parte em quasi todos os combates e batalhas, sendo sempre elogiado em ordens do dia pelos seus "reiterados actos de bravura nos combates", segundo a alta e honrosa expressão de uma dellas.

Por isso mesmo, si tinha o peito coberto de cicatrizes, pelos ferimentos recebidos nos campos da guerra, de um dos quaes nunca sarou completamente, tinha-o tambem estrellado de medalhas e insignias honorificas, conquistadas com o holocausto do seu sangue heroico á patria estremecida.

Já no ultimo quartel da vida, os movimentos successivos que se produziram nos Estados da União em

consequencia do golpe de Estado de 1891, foi o velho e bravo militar collocado á testa do governo do Estado, passando-o ao dr. Barros Cassal em 3 de março de 1892.

O general Barreto Leite falleceu em Porto Alegre, e durante a sua vida o soldado brioso jamais se divorciou do cidadão austero.

Germano Hasslocher

O Dr. Germano Hasslocher foi um talento e um espirito de eleição. Poucos homens terão tido, em plena lucta, uma vida mais risonha.

Escrevendo sobre elle, ao tempo da sua morte, assim se exprimia um dos seus panegyristas, profundo conhecedor de sua estranha psychologia: "Germano Hasslocher tinha um prazer quasi diabolico em se notabilisar apenas pelos seus defeitos, defeitos que todo mundo tem e que elle cultivava carinhosamente para parecer como um paradoxal de convicção. Era uma fraqueza; mas isso não impede que, no estudo dos homens de hoje, os brazileiros de amanhã descubram no grande parlamentar um dos maiores espiritos da geração presente, cheio de fé nos destinos da sua patria, cheio de amor a seu paiz, podendo servil-o e tendo-o de facto servido com um brilhantismo a que rarissimos attingiam e que um ou outro mal logrou sobrepujar."

Intelligencia complexa e solidamente illustrada, a actividade profissional e politica do dr. Germano Hasslocher foi uma vasta e continua serie de triumphos no congresso, no pretorio e na imprensa.

Jornalista de folego e tempera rija, Germano Hasslocher feriu campanhas memoraveis de doutrinação politica e de polemica partidaria, as quaes fizeram época não só na imprensa gaúcha como na carioca.

Como polemista era terrivel e temido. Nessas occasiões punha elle em jogo todas as suas variadas faculdades de espirito: — a gravidade, a ironia, o sarcasmo e quasi sempre, como ultimo recurso, — a chocarrice.

Com todas estas qualidades extraordinarias de intelligencia Germano Hasslocher não podia deixar de ser um grande pamphletario. Elle o foi. Entre outros trabalhos neste genero escreveu o celebre *A Verdade sobre a revolução* — uma critica energica e mordaz sobre o *federalismo revolucionario* de 1893 — ao qual aliás havia pertencido antes e durante a revolução.

Pouco depois, era enviado ao Congresso Nacional como representante do partido republicano rio-grandense.

Ahi, na camara, os serviços que Germano Hasslocher prestou ao partido e ao Rio Grande do Sul foram relevantes.

O illustre rio-grandense, manejando a palavra, era na verdade um homem de acção; mas nelle as impressões e as idéas estavam sujeitas, por caprichos de nervos, a mutações rapidas e imprevistas.

"Nada mais natural — diz ainda aquelle seu biographo — que um homem desses fosse voluvel. Elle o foi. Mudava de idéas, de partidos, de doutrinas; mas nunca renunciava aos grandes principios, nos quaes se fez toda a sua educação politica e juridica. A esses supremos principios elle sempre guardou um indefectivel apego. E nas questões em que todo o mundo tinha a sua opinião, muitas vezes o vimos pensar de um modo e se expressar de outro. Era quando aquelle portentoso talento sacrificava sobre o altar da disciplina partidaria o seu ponto de vista pessoal."

Assim, sempre incoherente, pensando de uma maneira e agindo de outra, querendo e não querendo ao mesmo tempo, uma coisa entretanto elle manteve sempre integral e una — a sua bondade.

Germano Hasslocher foi um — Bom.

Entretanto — e até nisto era original e não se confundia com o commum dos mortaes — ao passo que era elle o primeiro a fazer alarde e ostentação ruidosa das suas "maldadezinhas", das suas *charges,* das suas *blagues* — escondia-se para fazer bem.

O dr. Germano Hasslocher nasceu na cidade de Santa Cruz em 10 de julho de 1862 e falleceu repentinamente em Milão, na Italia, onde se achava em viagem de recreio, em outubro de 1911.

Era formado em sciencias juridicas e sociaes.

Brigadeiro Camillo Mercio Pereira

Camillo Mercio Pereira nasceu na pittoresca villa de Taquary a 13 de agosto de 1822.

Tres semanas depois todo o Brazil se agitava no auge do enthusiasmo: tinha sido proclamada a nossa independencia politica.

O colosso havia quebrado as duras algemas que o prendiam ao jugo portuguez.

O brado de independencia, partindo das margens do Ypiranga, echoava do Pará ao Prata, e, assim, desde o berço Camillo Pereira foi habituando-se aos gestos de altivez que blindam o caracter dos homens livres.

Ao trocar as faxas infantis pelos trajes da juventude, novos estremecimentos de patriotismo fizeram vibrar intensamente o coração do moço rio-grandense: eram os denodados *Farrapos* que soltavam nas coxilhas gaúchas o grito de liberdade, e empunhavam as armas republicanas contra o governo do imperio.

Nessa epoca tinha o nosso patricio treze annos apenas; mas aos dezesete não pôde mais sofrear o ardor marcial que o impellia para a lucta armada: correu a alistar-se nas hostes republicanas e, com o posto de tenente que de logo lhe foi conferido, fez todo o resto da campanha *farroupilha,* no periodo que vae de 1849 a 1845.

Apesar de muito moço, os serviços que então prestou foram da maior relevancia, tendo desempenhado distinctamente varias commissões importantes e levado a effeito, com exito excellente, arriscadas partidas volantes.

Feita a pacificação da provincia, Camillo Mercio Pereira voltou aos seus labores de homem, util na paz como na guerra.

Em 1848 foi aproveitado na reorganisação da Guarda Nacional com serviço nos destacamentos da fronteira.

Em 1851 e com o posto de capitão encorporou-se ás forças que marcharam contra o dictador Rosas.

Nesta campanha foi elle diversas vezes distinguido com commissões perigosas pelo então Marquez de Caxias, commandante em chefe do Exercito em operações.

Em 1858 foi nomeado Tenente coronel commandante do 3.º corpo da guarda nacional.

Quando rompeu a guerra do Paraguay, Camillo Mercio Pereira apparelhou-se para entrar em campanha, e como, em meiados de 1864, começassem a convergir forças do Exercito para o municipio de D. Pedrito, onde então residia, o nosso brioso patricio organizou em Pirahy, com pessoal escolhido, o 2.º corpo provisorio do seu commando, e foi juntar-se á Brigada do general Netto, e marchou contra Paysandú, tomou parte no assedio da praça, e ahi permaneceu até á rendição da mesma.

Em 1865 serviu com as forças da vanguarda em marcha sobre Montevidéo e pouco depois reuniu-se ás do general Sampaio.

Por serviços prestados durante o sitio e tomada de Paysandú foi agraciado com o officialato da Ordem da Rosa.

Nesse mesmo anno transpôz o Uruguay em direcção á Corrientes. A 2 de abril de 1866 atravessou o Passo da Patria e a 25 fez a passagem do Paraná. Tomou parte no combate de 2 e na grande batalha de 24 de maio, portando-se com extraordinaria bravura.

Por feitos memoraveis nessas jornadas foi agraciado com a Commenda da Ordem do Cruzeiro. Assistiu aos combates de 16 e 18 de julho.

Em setembro operou com a columna do general Flôres e esteve nos combates de Curuzú e Curupaity travados pelo 2.º corpo do Exercito, em 3 e 24 de setembro.

Em 1867, servindo sob as ordens do legendario Osorio, que dirigia a marcha de flanco do Exercito, commandou a vanguarda, enfrentando e destroçando todas as forças inimigas que lhe oppunha resistencia. Em julho desse anno foi promovido a coronel e saiu a expedicionar pelo interior do Paraguay com muito proveito para as nossas armas.

Tomou depois parte nos combates de Tagy e Pilar, e nas expedições dos generaes Andrade Neves e Menna Barreto.

No anno seguinte regressou, doente e com licença, ao Brazil. Restabelecido, apressou-se a voltar ao exercito em campanha. De novo no Paraguay, assumiu o

commando da 6.ª brigada de cavallaria, pertencente ao corpo de exercito commandado pelo general Argolo. Assistiu ao cerco do Humaytá, onde, depois da victoria ficou de guarnição com a brigada de seu commando.

Em seguida, por ordem de Caxias, marchou para Assumpção, chegando ahi em janeiro de 1869, e assumindo immediatamente o commando de uma brigada de cavallaria.

Pouco depois, na vanguarda da columna do general Mitre, fez as marchas sobre as cordilheiras, atacou e tomou o reducto do Atirá, bem defendido e de difficil accesso.

Transportas as cordilheiras, depois de obstaculos sem conta, passou o commando da brigada ao coronel mais antigo Oliveira Nery e aproveitou o licenciamento que então estava tendo a guarda nacional para regressar á patria.

Por seus heroicos feitos na guerra foi, além das condecorações já mencionadas, agraciado com a commenda da Ordem da Rosa, a medalha de Merito Militar, a de ouro da campanha do Paraguay, e as da Republica Argentina e Uruguay.

Em 1880, foi-lhe conferida a patente de brigadeiro-honorario do Exercito.

Ligado ao partido liberal de que, no seu periodo aureo, foi chefe de extraordinario prestigio nos municipio de Bagé e D. Pedrito, teve sempre dos seus correligionarios o mais incondicional apoio.

O brigadeiro Camillo Mercio Pereira falleceu a 6 de outubro de 1889, tendo servido com denodo e lealdade á sua Patria.

Dr. Eduardo Ernesto de Araujo

Nasceu na cidade de S. Pedro do Rio Grande a 8 de maio de 1862. Esta cidade de aspecto monotono e melancolico, sem paizagens verdes nem vizinhança de morros pittorescos, nenhuma influencia exerceu entretanto no feitio interior do nosso patricio.

Pelo contrario, Eduardo de Aranjo foi sempre um espirito risonho e travesso, pouco ou nada propenso á melancolia.

E' verdade que no seu verso lyrico predominava a nota da tristeza; mas... era só Tristeza poetica.

Na terra do seu nascimento, aprendeu as primeiras lettras no "Collegio S. Pedro", dirigido pelo professor Thibault, e em fins de 1874 ou principios de 1875 embarcou para Portugal, indo frequentar o "Collegio de N. S. da Gloria", na cidade do Porto, onde fez os preparatorios para matricular-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Foram seus contemporaneos na academia, entre outros, Carlos Lobo d'Avila, João Arroyo, Luiz Magalhães, Antonio Feijó e Luiz Osorio, notaveis na politica, no jornalismo, na diplomacia e nas lettras.

Formado em 1884 em sciencias juridicas e sociaes, Eduardo de Araujo regressou ao Brazil, estabelecendo banca de advocacia na sua cidade natal.

Apesar de não ter livro publicado, o nosso patricio, a esse tempo, gosava da justa fama de excellente poeta.

De facto, durante o tempo que esteve em Portugal, produziu incessantemente, e os versos reveladores do seu fino engenho alcançaram ampla circulação quando publicados nos jornaes e revistas, em que collaborava.

Espirito travesso e ironico, elle possuia uma bôa dose de veia satyrica, e escreveu um sem numero de satyras e epigrammas, que si fizeram, mais de uma vez, estourar de raiva o figado ás victimas, arrancaram tambem surriadas de riso desopilante aos leitores.

Como todo verdadeiro poeta, Eduardo de Araujo não perdia tempo nem fluido nervoso em buscar epithetos raros nem armar phrases campanudas e rimas bimbalhantes.

Não. Seu verso era expontaneo, simples e claro.

Nisto está o elogio do poeta, de quem um seu contemporaneo na academia e escriptor disse, ao traçar-lhe a biographia:

"Quando fôr possivel reunir em um volume tudo quanto elle escreveu em verso e que anda perdido nos jornaes de Portugal e na memoria das *tricanas* de Coimbra, talvez se conheça então, em toda a bellesa, em todos os seus traços angelicos e puros, em todo o seu fulgor de astro, o ideal daquella mocidade de artista, de poeta e de sonhador, que viveu confinada e comprimida entre o dever e as convenções sociaes, como

uma perola de brilho raro em uma bivalva de conchas toscas e asperas."

O dr. Eduardo Ernesto de Araujo falleceu na sua cidade natal a 2 de janeiro de 1901, tendo exercido ahi, com muita distincção, os cargos de promotor publico e juiz districtal.

Dr. Francisco Marques da Cunha

Nasceu na cidade de Porto Alegre a 8 de junho de 1845.

Feitos os preparatorios embarcou para S. Paulo e matriculou-se na Faculdade de Direito.

Estava no meio do curso, quando um incidente qualquer o incompatibilizou com o sizudo instituto. Não perdeu tempo em hesitações futeis: partiu para Pernambuco, reatou na Academia dalli o curso interrompido e em 1873 recebia o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Apparelhado assim para a lucta da vida, regressou ao Rio Grande do Sul, e em 1874 abriu banca de advogado em Porto Alegre.

Pouco depois foi nomeado promotor publico para a camarca de Taquary.

Esteve durante alguns annos no exercicio desse cargo, sendo depois nomeado juiz municipal da mesma localidade.

De Taquary veiu para Porto Alegre, onde occupou o logar de promotor publico e por diversas vezes o de chefe de policia, sendo em 1887 nomeado juiz de direito para a camara de Alegrete.

Conservou-se no exercicio desse cargo durante mais de quatro annos, e em 1892 foi nomeado juiz da 1.ª vara criminal de Porto Alegre.

Estava exercendo esse cargo, quando foi novamente nomeado para a camarca de Alegrete, onde pouco depois foi declarado em disponibilidade.

Voltou então á actividade de advogado.

Os longos annos de exercicio na magistratura e de pratica forense lhe davam uma auctoridade incontestavel.

A sua clara intelligencia, forrada de uma cultura

solida, impunha-o á admiração dos seus collegas e o velho advogado vivia e respirava numa atmosphera de respeito e carinho, que lhe tornava risonha a velhice, — consagrada ainda ao trabalho, de que elle fôra toda a vida um fervoroso apostolo.

O dr. Marques da Cunha falleceu em Porto Alegre a 5 de abril de 1915.

José Bernardino dos Santos

José Bernardino dos Santos nasceu na cidade de Porto Alegre a 20 de maio de 1845, e foi uma das intelligencias mais em evidencia e de maior auctoridade litteraria que ha cincoenta annos teve o Rio Grande do Sul.

Pertenceu á pleiade brilhante que em 18 de junho de 1868 fundou o Parthenon Litterario.

A esse tempo Bernardino dos Santos já era conhecido e admirado nas lettras indigenas.

Preso á vida estreita e absorvente do funccionalismo publico, pois trabalhava na antiga Thesouraria da Fazenda, era ainda assim um dos nomes mais assiduos nos jornaes e nas revistas daquella epoca.

Apesar de muito moço, a sua auctoridade era acatadissima pelos intellectuaes de então, e a sua critica impresa valia por uma consagração ou por um excidio litterario.

Foi José Bernardino dos Santos quem corrigiu e prefaciou o primeiro livro de versos de Mucio Teixeira, um dos maiores poetas gaúchos. *Vozes Tremulas,* que era como se intitulava esse livro, appareceu em 1873.

Tinha então José Bernardino dos Santos 28 annos de edade, produzia incessantemente e o seu nome brilhava entre os de maior brilho.

Era uma voz enthusiastica, e só se erguia para insuflar coragem.

Numa *Carta a Mucio Teixeira,* publicada em 1872 no *Album Semanal,* escrevia elle, referindo-se ao Parthenon Litterario:

"Descansemos um pouco sobre a pedra angular do grandioso monumento recem lançado á vala e contemplemos com desvanecimento e orgulho aquella árdida

mocidade que se lhe agrupa ao redor, desfraldando o estandarte da revolução e da conquista! Saudemol-os, os illustres neophitos das lettras, que, conscios de si, se votam sorrindo ao martyrio de um apostolado grandioso, como outr'ora se adornavam de flôres as victimas destinadas ao holocausto, saudemol-os com uma dessas vibrações patrioticas que nos arrancam dalma o enthusiastico brado de — *Avante!*"

Era sempre assim, num despertar de energias e de incitamento que Bernardino dos Santos fallava, nos momentos precisos, aos pioneiros do Ideal.

Ligado a Eudoro Berlink por ideas politicas e affinidades litterarias, collaborou muito tempo no *Rio Grandense,* orgam do partido conservador, redactoriado por aquelle.

Escreveu para o Theatro algumas peças, que obtiveram nomeado. Foi, porém, na revista do *Parthenon Litterario* que elle deixou melhormente estampado o cunho da sua intellectualidade vigorosa.

Nas paginas deste famoso mensario, de cuja commissão redactorial fez sempre parte, publicou o nosso patricio novellas, contos, poesias, critica litteraria, esboços historicos, entre os quaes um sobre frei Christovão de Mendonça e sobre lendas e crenças rio-grandenses.

Bernardino dos Santos foi da geração do seu tempo um dos mais assiduos cultores da litteratura franceza, de que traduziu muitas poesias de actores celebres.

Era filho de Eleasar José dos Santos e de D. Comba Norberto dos Santos e falleceu em Caxias, no anno de 1892 — tendo tido, como se viu, a sua epoca de celebridade nas lettras do Rio Grande do Sul.

Desembargador Antonio Vicente de Siqueira Pereira Leilão

Era natural da cidade do Rio Pardo, onde nasceu a 17 de janeiro de 1809.

Filho do tenente de dragões do exercito portuguez, Antonio Vicente de Siqueira Pereira Leitão, que veiu

para o Brazil com d. João VI, teria de certo seguido a carreira das armas si o seu entranhado amor aos livros não o attraisse menos para o ruido da caserna,que para a calma do gabinete de leitura.

Quiz, pois, abraçar uma profissão mais consentanea com o seu espirito ledor, e, assim,depois de fazer os seus preparatorios no Rio de Janeiro, matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde se formou em 1834, regressando logo ao torrão natal e estabelecendo banca de advogado.

No anno seguinte rebentou a revolução dos Farrapos, e Siqueira Leitão, republicano de arraigadas crenças, abraçou o movimento revolucionario. Mas, ardoroso, de uma cultura invejavel, impôz-se logo entre os partidarios do novo regimen gaúcho e durante a ephemera republica de Piratiny exerceu funcções de destaque, tendo sido ministro de diversas pastas: da fazenda, da justiça e da guerra.

O mallogro da revolução prejudicou-lhe bastantemente o futuro, que, d'antes, se lhe antolhava de róseos e brilhantes horizontes.

A pacificação de 1845 e a amnistia que a ella se seguiu, fel-o voltar á sua banca de advogado.

Nomeado promotor publico, permaneceu durante 14 annos no exercicio dessas funcções, quando os seus meritos e as posições salientes que havia anteriormente occupado, lhe davam direito a accesso immediato na magistratura.

Foi finalmente nomeado juiz de direito, tendo sido antes empregado na antiga repartição de terras ,e eleito deputado á assembléa provincial em varias legislaturas.

Nomeado juiz de direito, a primeira comarca onde teve de servir foi Garapuava, pequena villa do Paraná.

Naquella epoca para lá chegar — diz textualmente a nota que temos á vista — era necessario fazer uma viagem penosissima, montado em muares, atravessando campos desertos, subindo serras escarpadas, e passando noites em barracas, no seio de sertões immensos, povoados ainda por indios selvagens.

Siqueira Leitão fez essa viagem com a acesa e radiosa alegria do caçador de esmeraldas que vae ca-

minho de um el-dorado longinquo e difficil, mas attraente e compensador.

Ahi completou o quatriennio de juizado, tendo durante elle exercido algumas vezes o cargo de chefe de policia em Coritiba, capital da então provincia do Paraná.

De regresso ao Rio Grande do Sul, foi nomeado juiz de direito de Santo Antonio da Patrulha, onde serviu durante quatro annos. Em seguida foi nomeado para egual cargo em Rio Pardo, servindo ahi oito annos.

Em 1880 aposentou-se no cargo de desembargador e transferiu a residencia para Porto Alegre, onde falleceu a 23 de dezembro de 1888.

O dr. Antonio Vicente de Siqueira Pereira Leitão foi um caracter á antiga, muito orgulhoso do seu nome e da sua pessoa, tendo deixado um rastro luminoso em todas as posições e cargos que occupou.

Jurisconsulto provecto, conhecedor profundo do direito e do espirito das leis, foi um magistrado integro, um caracter irreductivel, que só agia e resolvia de accordo com o seu fôro intimo e com os olhos fitos na imagem serena da Justiça.

Albino Pereira Pinto

Nasceu em S. Borja a 8 de outubro de 1845.

Iniciou sua carreira publica como professor em Sant'Anna do Livramento.

Por conselho de amigos abandonou essa profissão e abriu banca de advogado na villa de Taquary, onde contraiu matrimonio com D. Maria Candida Barreto Vianna, uma senhora distinctissima pelas suas grandes virtudes.

Dotado de espirito activo e intelligencia esclarecida, em pouco tempo Albino Pereira Pinto fez-se notado e bem querido pelos elementos preponderantes no meio social onde exercia a sua actividade, e em 1882 o conselheiro Antonio Eleutherio de Camargo, em nome do grande Silveira Martins, foi buscal-o para a vida politica.

Não era, então, um estranho que vinha formar nos arraiaes do partido liberal.

Albino Pereira Pinto havia conquistado na modesta villa de campanha um nome de destaque e adquerido já não pequena influencia politica.

Transportada a sua residencia para a Capital, o nosso patricio continuou a trabalhar no fôro e na imprensa politica, onde si não se distinguiu pelos lavores litterarios levava a muitos vantagem pela madura reflexão e pela maneira como encarava e discutia os assumptos de interesse publico, politico ou partidario sujeitos ao seu criterio jornalistico.

Desde que se tornou politico militante, esteve sempre na brecha.

Era um servidor enthusiasta do seu partido.

Eleito em 1882 deputado provincial pelo 6.° circulo, foi consecutivamente reeleito, até á proclamação da Republica em 1889. Esta, porém, não afastou da arena o paladino liberal, que continuou unido ao conselheiro Gaspar da Silveira Martins, de quem recebia a senha e a palavra sagrada.

Ao rebentar a revolução federalista em 1893, Albino Pereira Pinto, que nunca faltou com a sua collaboração á *Reforma*, orgam do partido liberal, fez a defeza calorosa do movimento revolucionario e do seu chefe.

O fallecimento de Silveira Martins em 1901, feriu de cheio os sentimentos affectivos do velho soldado liberal, mas nem assim estalaram as fibras do luctador fiel ás tradições brilhantes e aos liberrimos ideaes politicos do seu glorioso partido. Não. O leal legionario das hostes liberaes continuou ligado ao seu passado politico e os destinos do partido foram por assim dizer dirigidos por elle — tornando-se a sua casa o quartel-general do federalismo que não agia sem a sua assistencia e ponderado conselho.

Antero Ferreira d'Avila

Antero Ferreira d'Avila nasceu na villa da Encruzilhada em outubro de 1845, aprendeu as primeiras lettras na cidade de Pelotas e estudou preparatorios

em Porto Alegre, no *Collegio Fernando Gomes,* reputado estabelecimento de ensino por onde passaram duas ou tres gerações de rio-grandenses notaveis.

Em 1862 seguiu para S. Paulo e matriculou-se na Faculdade de Direito, fazendo com brilhantismo o seu curso de sciencias juridicas e sociaes e collaborando superiormente em varias revistas litterarias.

Cursava o 4.º anno, quando foi convidado pelo então presidente da Provincia de S. Paulo, desembargador Tavares Bastos, para seu secretario particular, logar que exerceu até a sua formatura.

Regressando, formado, ao Rio Grande do Sul, permaneceu algum tempo na capital, collaborando então na *Reforma,* ao lado de Aurelio de Bittencourt, Florencio de Abreu e outros.

Mais tarde abriu banca de advogado na sua terra natal tendo tambem servido ahi como 1.º juiz municipal do municipio, promotor interino, inspector escolar e vereador da camara.

Foi depois eleito deputado provincial, e em 1879 transferiu a sua residencia para Porto Alegre. Trabalhou durante 15 annos no fôro desta cidade, tendo assumido o patrocinio das causas mais importantes que então se agitaram tanto no civel como no criminal.

Em Porto Alegre exerceu o cargo de Procurador Fiscal da Fazenda Provincial e Director Geral da Instrucção Publica.

Em 1881 foi eleito deputado á Assembléa Geral, não chegando, entretanto, a tomar assento na Camara, por ter sido annullado o seu diploma.

Quando se operou a mudança do regimen em 1889, o dr. Antero d'Avila estava afastado da politica ,não se mostrando hostil ao novo estado de coisas; antes pelo contrario dispôz-se a nelle collaborar, tanto que em 1904 foi eleito Intendente Municipal pelo 2.º districto da Capital Federal.

O dr. Antero d'Avila era um espirito culto e adiantado. Philantropo em extremo, foi membro de diversas associações de caridade e pertenceu a muitas instituições de utilidade publica.

Por serviços prestados durante a guerra de Paraguay, o dr. Antero d'Avila foi agraciado com a commenda de Cavalleiro de Christo, e a Camara Municipal de

Porto Alegre lhe conferiu, em sessão solemne, o titulo de benemerito por haver alforriado grande numero de escravos á sua custa.

Quando por outros titulos não se recommendasse á posteridade o nosso patricio, bastaria sem duvida o ultimo para collocal-o no plano superior a que só attingem os espiritos de eleição na sua passagem pela vida.

Mas o dr. Antero d'Avila foi um rio-grandense verdadeiramente notavel pelo talento, pelo saber, pelo caracter e pelo coração.

Dr. Antonio M. Telles de Freitas

Bem poucos conhecerão de nome o illustre rio-grandense que foi o dr. Antonio M. Telles de Freitas, entretanto, bem poucas vidas estarão, como a delle, ligadas por serviços, á vida de Porto Alegre de outr'ora.

Filho de Manoel Junior de Freitas e de D. Maria Ritta Telles de Freitas, o nosso biographo nasceu nesta cidade a 6 de junho de 1833, e ainda muito moço assentou praça e seguiu para o Rio de Janeiro, afim de matricular-se na Escola Militar.

Em maio de 1855 foi nomeado alferes alumno, em 1858 promovido a alferes do corpo do Estado maior de 1.ª classe, por se ter bacharelado em sciencias physicas e mathematicas pela Escola Central.

Em 1861 foi promovido a tenente e em 1866 a capitão, sempre no corpo de Estado Maior de 1.ª classe.

Moço ainda e já em tão elevado posto no Exercito, o nosso illustre patricio teria attingido ás mais altas categorias na vida militar, si a sua saude melindrosa o não forçasse a pedir reforma, sendo em 1867 nomeado ajudante da Repartição das Obras Publicas, da qual assumiu a chefia em 1872.

Durante o tempo em que serviu nesta repartição, fiscalisou e dirigiu os trabalhos de construcção da Casa da Camara (hoje Superior Tribunal e Thesouro do Estado), do Lyceu (actualmente Escola Complementar) e do edificio das Obras Publicas, que é o mesmo onde hoje funcciona essa repartição.

Falleceu na maior pobreza, tendo como unico re-

curso o soldo mensal de 36$000 de sua reforma de capitão, sendo seu modesto enterro feito com o producto da venda dos poucos livros de sua excellente bibliotheca, venda esta feita em grande parte aos seus companheiros de Repartição pelo seu parente e amigo Agostinho de Menezes Freitas, actual Contador Director do Thesouro do Estado.

Ainda no serviço do Exercito, o dr. Antonio M. Telles de Freitas foi nomeado Cavalheiro da Ordem da Rosa pelos distinctos serviços prestados gratuitamente a Institutos de ensino e aos 28 admittido como membro do Instituto Geographico-Historico do Rio Grande do Sul, presidido nessa epoca pelo barão de Porto Alegre.

Ferido por uma fatalidade inexoravel, que de um só golpe lhe tirou o movimento e a visão, este nosso infortunado patricio falleceu moço ainda, como se vê, tendo sido entretanto talhado para uma carreira brilhantissima em quaesquer dos ramos de vida em que quizesse exercer a sua actividade, porque para isso não lhe faltavam talento, illustração e probidade.

Mas... quiçá por isso mesmo, tombou exanime antes do tempo, deixando logar para os mediocres que são os que triumpham sem esforço, gozam sem merecer e vivem... até cair de pôdres...

Francisco Xavier da Cunha

Francisco Xavier da Cunha, filho do general portuguez do mesmo nome e da rio-grandense D. Maria Quiteria de Castro e Cunha, nasceu na cidade de Porto Alegre em 1.º de janeiro de 1835.

Quando, em 1845, por occasião da pacificação da provincia, d. Pedro II veiu ao Rio Grande do Sul foi seu padrinho de chrisma, e em setembro do mesmo anno mandou lhe abrissem praça no 2.º regimento, que era o do legendario general Osorio. Tinha então dez annos, e começou os seus estudos de preparatorios.

Em 1853 recebeu ordem de recolher-se ao seu regimento, sendo consecutivamente promovido a 2.º e 1.º sargento ,havendo obtido este ultimo acesso depois de

ter sido approvado com louvor no exame de armas e da escola de pelotão.

No regimento foi mandado servir na Secretaria, sob a direcção do então alferes Diogo Alves Ferraz, que morreu no posto de general.

Por esse tempo teve dois duelos.

Promovido a alferes por decreto de 2 de dezembro de 1855, Francisco Cunha não voltou ao serviço activo de que estava retirado, por aggravo de saúde, desde sua approvação plena no exame de sufficiencia para a sua matricula na Escola Militar de Porto Alegre.

Havendo por esse tempo regressado ao Rio Grande do Sul, o seu irmão Felix Xavier da Cunha, recém formado em sciencias juridicas e sociaes pela Academia de Direito de S. Paulo, Francisco Cunha acamaradou-se com elle nos prelios jornalisticos e atirou-se á "tormentosa" arena politica e da imprensa partidaria.

Adquiriu então por dez contos de réis a folha diaria *Mercantil* e fez das suas columnas muralha de suas crenças politicas, sustentando nutrido fogo contra os arraiaes dos adversarios. Até á morte de seu glorioso irmão, occorida em fevereiro de 1865, Francisco Cunha conservou-se ao seu lado, enfrentando toda a sorte de precalços e sacrificando ambos o seu labor e modestos haveres.

Em 29 de março desse mesmo anno foi pelo presidente liberal Marcellino Gonzaga nomeado inspector geral das colonias da provincia, cargo esse em que pouco se demorou, porque um anno depois já o vemos em viagem para Montevidéo e dahi a caminho do campo de guerra contra o Paraguay. Chegou ao acampamento em Tuyuty nos ultimos de junho de 1866, um mez depois da memoravel batalha de 24 de maio. Na guerra permaneceu sempre ao lado do general Osorio, e são interessantes as paginas que deixou escriptas sobre o magno evento. Terminada a campanha com o Paraguay, Francisco Cunha transferiu-se para Montevidéo. Durante sua estadia na capital uruguaya, o illustre rio-grandense, que de ahi visitava continuamente Buenos Ayres, travou conhecimento e intimidade com os mais notorios intellectuaes uruguayos e argentinos daquelle tempo.

Em 1870 regressou á terra natal e, com a serie de

artigos *O nosso atrazo,* iniciou nas columnas da *Reforma,* orgam do partido liberal, a sua propaganda pela Republica. Pouco, depois, passou-se ao *Jornal do Commercio,* continuando nesta folha, que não tinha côr partidaria, a sua obra de evangelisação republicana.

Mais tarde fundou a folha hebdomadaria *A Democracia,* com os mesmos designios, mantendo-a de 5 de fevereiro a 17 de junho de 1872.

Estes artigos de vulgarisação dos principios democraticos e de critica das instituições monarchicas no Brazil tiveram vasta repercussão no paiz, e foram todos transcriptos pela *Republica,* do Rio de Janeiro.

Em 29 de novembro de 1872 assumia Francisco Cunha a chefia da redacção dessa folha carioca, então redigida por Quintino Bocayuva, e conservou-se nesse posto até 28 de fevereiro de 1874, quando cessou a sua publicação.

Proclamada a Republica o nosso illustre patricio foi por Quintino Bocayuva, ministro das Relações Exteriores do Governo Provisorio, escolhido para encarregado da Legação Brazileira junto ao rei da Italia. Acceita a missão para ali embarcou o novo ministro, chegando em maio de 1890. A esse tempo o governo italiano tinha vedado a corrente emigratoria para o Brazil. Um dos primeiros actos do nosso ministro foi, depois do reconhecimento da Republica, remover aquelles empecilhos, e de facto, pouco depois, o governo italiano revogava o decreto prohibitivo de 13 de março de 1885.

Em 2 de setembro de 1891 o rei Umberto condecorava o nosso patricio com o grande cordão da Ordem da Corôa da Italia.

Da Legação de Roma, Francisco Cunha foi removido para a de Montevidéo, não tendo entretanto assumido o exercicio do cargo por ter, durante o seu regresso da Europa, o generalissimo Deodoro da Fonseca renunciado a presidencia da Republica, nas mãos do marechal Floriano Peixoto.

Todavia, pouco depois, o nosso patricio foi nomeado para a Legação de Madrid. Entre os muitos serviços que á Francisco Cunha deve a Patria no desempenho dessa missão, vem de molde assignalar a brilhante collaboração que prestou ao barão Rio Branco na se-

cular questão das Missões. De sua missão em Madrid, Francisco Xavier da Cunha "depois de representar o Brazil junta á Côrte do rei Leopoldo II da Belgica, foi removido para Montevidéo onde os seus serviços foram julgados necessarios não só pela sua capacidade diplomatica como ainda pelo conhecimento que possuia de todas as questões attinentes ás nossas relações com a sympathia da Republica visinha, que, desde a sua mocidade, estudara com o maior carinho e interesse, adqueridos na visita que fizera ao Estado Oriental no tempo da campanha do Paraguay." Neste posto, em que serviu durante sete longos annos, foi aposentado o nosso eminente patricio.

Eis como sobre este periodo luminoso de sua vida diplomatica, se expressa um seu biographo: "A sua acção benefica fez-se sentir durante tres presidencias consecutivas no vizinho paiz. Chegou a Montevidéo quando ahi dominava, com punho de ferro, o presidente Cuestas, e tanto no seu governo como nos subsequentes dos srs. Battle y Ordñez e Claudio Williman, Francisco Xavier da Cunha conduziu sempre com mão de mestre os assumptos que se ventilaram, logrando pelo seu tacto e competencia dirimir sempre os assumptos mais delicados e melindrosos, conquistando a consideração, a estima e a sympathia daquelles chefes de Estado. Durante a primeira presidencia do dr. Battle y Ordñez, por occasião da cruenta revolução do partido nacionalista ou *blanco,* capitaneado pelo famoso caudilho Apparicio Saraiva, em que por causa dos belligerantes na nossa fronteira, os attritos eram continuos, Francisco Cunha, pondo em jogo o seu prestigio, a sua prudencia e sagacidade de diplomata e de politico, conseguiu com honra para os dois paizes solver todas as difficuldades, evitando com summa galhardia possiveis e desagradaveis estremecimentos."

Foram sempre, durante a sua afanosa vida diplomatica, do mais fino e alto quilate os serviços prestados ao paiz por este nosso eminente patricio. Dissemos ha pouco que entre os que mais o recommendavam, se assignalava a collaboração que Francisco Xavier da Cunha, revolvendo os riquissimos archivos de Madrid, prestava á decisão em nosso favor da secular questão das missões.

Vamos, pois, encerrar esta ligeira noticia biographica, com as palavras que sobre o caso lhe endereçara o immortal Rio Branco, em carta de New York, datada de 5 de dezembro de 1893: "Pelo telegrapho já agradeci, em principios de outubro, a diligencia com que V. Ex. mandou procurar a instrucção Particular de 27 de julho de 1758. *Esse documento, que fica devendo a V. Ex., é da maior importancia e destróe completamente os principaes argumentos dos Argentinos. Assim, ainda que de tão longe, V. Ex. poderá ter a satisfacção de haver contribuido para a feliz solução deste pleito secular, e pela minha parte, tenho verdadeiro contentamento em reconhecer que encontramos sempre em V. Ex. a mais prompta, efficaz e intelligente collaboração."*

Tal o rio-grandense illustre que a morte arrebatou á Patria, á Familia e aos amigos no dia 13 de dezembro de 1913, na capital da Republica.

José de Araujo Vianna

Em José de Araujo Vianna, o mallogrado compositor rio-grandense tão cedo arrebatado á vida, o talento musical fazia parte da tessitura psycho-physiologica. Estava nos nervos e na alma. Por isso mesmo bem cedo se manifestou, e antes delle abrir o a b c musical, já o seu espirito andava devaneando pelas regiões peregrinas da Harmonia e da Melodia em lyricos idyllios com as musas que inspiraram as symphonias de Mozart e Beethoven.

Porque Araujo Vianna, infante ainda passava os dias ao piano, teclando, num chromatismo ainda hesitante, mas com pronunciada vocação, as valsas e as mazurkas então em voga ou ia espiar ás salas e aos logares onde habitualmente se fazia musica.

Um dia tomou professor e penetrou alvoroçadamente na intimidade da divina Arte. Começou a educar o seu gosto innato, a crear escola, a aperfeiçoar os seus conhecimentos technicos, e surgiu nelle, já definido, o pianista eximio e o compositor notavel, que a morte infelizmente emmudeceu em pleno vigor dos annos cheios de sonhos.

Familiarizado com os classicos desde Bach até Beethoven, Araujo Vianna era um symphonista admiravel e conhecia todos os segredos da harmonia e do contraponto, tendo aprofundado e aperfeiçoado neste sentido os seus estudos em Milão.

Ahi e depois de regressar á Patria atirou-se com ardor ao trabalho. E' copiosa e variada a sua obra esparsa, constando de romances para cantos e numeros para piano, violino e violoncello. O *Allegro appassionato* para violino é uma de suas creações mais conhecidas e estimadas. Breve o "maestro" de rija envergadura começou de revelar-se e affirmar-se nos seus vigorosos trabalhos symphonicos ou composições para conjuncto de cordas ou orchestra — em que o seu talento e a sua technica melhormente se mostravam e espraiavam.

As 28 annos escreveu Araujo Vianna a sua primeira opera. *Carmella,* em um acto, foi representada, com successo, no Theatro S. Pedro, em Porto Alegre, em outubro de 1902. Mais tarde recebeu a consagração da exigente plateia carioca.

A' *Carmella* seguiu-se o *Rei Galaor,* opera tecida sobre o conhecido poema dramatico do poeta portuguez Eugenio de Castro.

Si naquella a critica notou reminiscencias longinquas de Mozart e nesta uma vaga influencia de Beethoven, não é fóra de proposito affirmar-se que Araujo Vianna possuia uma personalidade artistica propria, isenta de qualquer inspiração estranha. Nem Pucini nem Mascagni que, á ultima hora, influenciaram tantos musicistas novos, puderam fazer pressão sobre o espirito creador do "maestro" rio-grandense, que aliás votava áquelles compositores uma admiração quasi elevada ao fanatismo.

Carmella e *Rei Galor* são dramas lyricos de altissimo valor e bastam para conferir a Araujo Vianna um logar de honra entre os mais afamados escriptores de opera modernos.

Arte finissima, inspiração delicada, technica perfeita — eis os tres raros predicados que faziam do compositor rio-grandense uma figura inconfundivel. Elle tinha escola sua e o seu temperamento artistico saia dos moldes alheios. Os seus nervos eram as cor-

das bizarras por onde elle afinava as suas composições magistraes.

José de Araujo Vianna nasceu em Porto Alegre a 14 de fevereiro de 1872 e falleceu no Rio de Janeiro em 2 de novembro de 1916.

Escrevia ultimamente a partitura do *Y Juca Pirama* sobre motivos de Gonçalves Dias.

Felicissimo Manuel de Azevedo

Nasceu na cidade de Porto Alegre a 17 de setembro de 1823 e aprendeu as primeiras lettras na famosa escola publica de Antonio Alves Pereira Coruja, o mesmo de quem fallamos a pagina 38 desta obra.

Aos 12 annos seus paes o mandaram para o Rio de Janeiro e ahi se empregou elle por algum tempo no commercio, não continuando nesta carreira porque o seu caracter altivo não podia amoldar-se ao jugo que naquelle tempo pesava sobre a classe caixeiral.

Decidiu-se então a aprender o officio de ourives e entrou para a officina de Mme. Gastal. Aos 21 annos de edade voltou para Porto Alegre e estabeleceu-se com ourivesaria, contraindo matrimonio pouco depois.

Quando o Brazil tomou armas e marchou contra o tyranno Rosas, Felicissimo de Azevedo serviu no commissariado do exercito, tendo nessa occasião prestado muitos e relevantes serviços.

De volta da Argentina, tentou improficuamente o commercio em Jaguarão e nesta capital. Apresentou-se então a varios concursos para cargos publicos, sendo sempre preterido pela politicagem reinante, apezar de tirar os primeiros logares. Mas, como "quem porfia mata a caça" Felicissimo de Azevedo conseguiu um emprego de fazenda. Não o exerceu, porém, muito tempo. O seu temperamento independente estava deslocado no funccionalismo. Abandonou-o, depois, e em 1880 foi ao Rio de Janeiro, prestou exame e tirou a carta de cirurgião dentista.

Por esse tempo a propaganda republicana estava no periodo de maior actividade. Tendo os irmãos Appollinario e Appelles Porto Alegre, Luiz Lessegneur,

Julio Pacheco, Orlando Coelho e outros fundado o "Club Republicano" foi o velho Felicissimo eleito presidente.

Em janeiro de 1881 era fundada *A Federação,* o glorioso orgam do partido republicano, e Felicissimo de Azevedo correu a collaborar com ardor no novo jornal politico.

São notaveis os artigos que então escreveu com o pseudonymo de *Fiscal Honorario,* durante annos a fio, sobre pontos do programma do partido republicano e em defeza dos interesses municipaes.

Em 1887, sob o peso dos seus trabalhosos 74 annos de edade, fez uma excursão de propaganda republicana á região serrana, obtendo innumeras adhesões.

Foi o primeiro republicano que conseguiu ser eleito vereador da Camara Municipal de Porto Alegre — a ultima da monarchia, em 1888. Ahi abracou e defendeu brilhantemente a questão do "plebiscito" ou cousulta á nação sobre o 3.º reinado, questão esta levantada então por Apparicio Mariense na camara de S. Borja.

Feita a Republica foi o primeiro intendente republicano que, em pleno periodo de organização do novo regimen, teve o Municipio de Porto Alegre, tendo prestado neste posto os mais assignalados serviços, e levando o seu escrupulo, o seu desvelo pela "republica" ao ponto de ir em pessôa fiscalisar os serviços pendentes de sua administração.

Pouco depois a sua intransigencia de principios e rigidez de caracter obrigaram-n'o a resignar esse cargo.

Era inflexivel neste ponto, obedecia aos principios e não ao partidarismo; cidadão, ninguem como elle amava á sua cidade e defendia os interesses de seu municipio.

Deu disto sobejas provas, quando foi da celebre questão dos terrenos da varzea.

Diversos particulares apresentavam-se como proprietarios de terrenos naquelle logradouro publico, e o nosso prestante patricio tomou a peito confundil-os —o que conseguiu amplamente mediante copiosa documentação e provas irrefragaveis.

Custou-lhe isto um immenso trabalho, pois andou correndo repartições publicas, revolvendo archivos,

trenando campos e ruas ,examinando plantas e mappas; mas desmascarou e confundiu os pretendidos donos da varzea.

E todo esse enorme trabalho Felicissimo de Azevedo fel-o tão sómente por amor a Justiça e reivindicação da verdade violada por particulares interesseiros que queriam se apoderar, por meio de escripturas simuladas, de terras pertencentes ao municipio.

A paga deste serviço teve-a logo: — foi o coice da ingratidão.

O velho republicano, porém, não se deu por achado.

Votado ao ostracismo, e já nos ultimos annos de sua vida, fez-se collaborador do "Correio do Povo" e pelas columnas deste grande orgam de publicidade estampou a critica dos negocios municipais com a mesma elevação de vistas e calor com que havia nas edades moça e viril abordado e debatido as questões sociaes economicas ou politicas.

Felicissimo de Azevedo foi um caracter inflexivel, e manteve a linha de austeridade até á hora de seu fallecimento occorrido nesta cidade, a 2 de julho de 1905.

Era filho legitimo de Joaquim Manoel de Azevedo, antigo Inspector da Thesouraria e D. Thereza Joaquina de Azevedo.

Appollinario Porto Alegre

Succumbiu, aos estragos da tuberculose pulmonar e de uma lesão cardiaca, o velho e abalisado educacionista rio-grandense Apollinario Porto Alegre.

Todos o conheciam no estado, ou pessoalmente, ou de tradição, porque era grande o seu renome e lhe deram larga notoriedade os seus escriptos.

Era elle o decano dos nossos propagandistas republicanos e desde muito cedo começou a predicar as suas idéas, tratando, principalmente, de incutil-as no espirito dos jovens alumnos de seu collegio, o extincto *Instituto Brazileiro,* um dos primeiros estabelecimentos de instrucção que têm existido no Rio Grande do Sul.

Ali, o querido mestre, ouvido sempre com acata-

mento carinhoso pelo grande numero de discipulos que frequentavam o *Instituto*, lhes dava, não sómente a instrucção, senão tambem a educação civica, com abundancia de saber e em estos de enthusiasmo.

Ainda não havia, na imprensa diaria da então provincia, sequer um orgão republicano, ainda a republica não passava de um vago sonho de meia duzia de visionarios — como então lhes chamavam — e já Apollinario Porto Alegre fazia bizarro proselytismo, commemorando solemnemente, no seu collegio, as datas culminantes da revolução de 35 e das conquistas da grande revolução franceza.

Talento de eleição, illustração variada e profunda, espirito lucido, caracter de proverbial altivez, o erudito mestre sentia-se sempre á vontade entre os seus alumnos, ou lhes desse lições de qualquer disciplina escolar — que elle de todas entendia admiravelmente; ou lhes falasse dos grande vultos e dos grande feitos da epopéa revolucionaria dos *farrapos*.

Era vasto o seu saber, como era enorme o seu talento que por ahi se expandiu, em jorros de luz, na cathedra de mestre, nas sciencias, na litteratura, no livro e na imprensa.

A sua bibliotheca era opulentissima, e o seu museu scientifico uma verdadeira preciosidade — uma e outro, hoje infelizmente, jacentes em lamentavel abandono, pelos compartimentos da *Casa Branca*, a sua predilecta vivenda.

Depois de longos annos de triumphos e de relativa abastança, Apollinario Porto Alegre teve de fechar o *Instituto Brazileiro* e dedicou-se ao magisterio particular.

Proclamada a Republica, elle, que fora, entre nós o seu mais antigo e um dos seus mais eminentes propagandistas, esteve sempre no ostracismo, porque combateu sempre, com ardor e com violencia, tudo quanto se fez após o advento das novas instrucções.

No seu modo de ver, ia tudo mal, só havia erros sobre erros; e elle, que era um dos que não sabiam transigir, foi um luctador tenaz e brilhante, sempre em conflicto aberto com os dominadores do dia.

Cabeça pensante de um grupo de dissidentes republicanos, a sua opposição foi até ao extremo de, mais tarde, ligar-se aos adversarios tradicionaes — a pode-

rosa legião partidaria que tinha como chefe supremo o conselheiro Silveira Martins.

Foi então, nos rudes embates de politica partidaria, em dias e annos de tremendas convulsões intestinas, que refulgiram, com brilho excepcional, os seus dotes de temivel polemista. Fazendo parte da redacção da *Reforma*, antes e depois da revolução, illuminou, com as irradiações da sua vigorosa intellectualidade, as paginas desse extincto orgão federalista.

A golpes de talento e de erudição, no desassombro de uma coragem indomita, engalanando idéas e convicções com as pompas de um estylo castiço, fulgurante e dominador, teve elle, então assignalados triumphos jornalisticos, é certo, mas tambem curtiu amarissimos dissabores.

Foi preso, teve de abandonar o Rio Grande do Sul, esteve quasi a ser uma das victimas da hecatombe de Santa Catharina, e andou, por fim, amargando provações de exilio, por terras do Rio da Prata.

Quando serenaram as luctas armadas, quando amainaram as tempestadas de guerra civil, regressou ao Rio Grande do Sul. Era ainda o mesmo homem de basto saber e de altivez inflexivel, mas alquebrado já pelos annos, enfermidade mendaz a minar-lhe o organismo, de espirito abatido, todo elle resumbrando os estragos de um sceptismo invencivel.

E assim taciturno, triste, irritadiço e descrente, deu-se a um abandono e a uma esquivança que eram os ultimos traços da epopéa de um vencido.

Após longo tempo de inactividade e de scismas, nos torpores de uma alma combalida, recolheu-se por fim á mesta solidão da sua *Casa Branca,* refugio derradeiro de um forte espirito que não queria succumbir, mas que tambem já não podia reagir.

Ali lhe transcorreram dias amargurados de uma existencia infeliz, entre os volumes da sua bibliotheca — fieis amigos de sempre — e entre as preciosidades do seu museu — fructo soberbo de intelligentes labores e acuradas investigações scintificas.

Mas o mal progredia, e o organismo enfraquecido do velho mestre já não mais supportava as agruras daquelle isolamento e a falta de conforto e cuidados exigidos pelo seu precario estado de saude.

Veiu elle então para a Santa Casa, e ali, em quarto particular de 1.ª classe, foi encontrar as doçuras de um trato carinhoso e de affectuosas solicitudes.

O mal porém, era mortal, e victimou o solitario da *Casa Branca,* honra e gloria do Rio Grande do Sul, que hoje lamenta a perda de um dos seus mais illustres intellectuaes.

E por isso sobreviverá a sua memoria, respeitada pelos que lhe admiravam a pujança mascula do talento, a inquebrantabilidade viril do caracter e a bondosa grandeza do coração, sempre aberto ás mais generosas expansões de altruismo.

Apollinario Porto Alegre cultivou com vantagem o romance e a poesia, e deixa tambem alguns trabalhos scientificos, uns concluidos e outros apenas encetados.

Entre os seus livros publicados, lembramo-nos das *Bromelias,* collecção de versos, do *Vaqueiro,* romance de costumes gaúchos, e da *America,* poemeto sentimental.

Isso afora innumeros trabalhos, insertos na *Revista Parthenon Litterario* e em outras publicações.

Collaborou tambem activamente na *Imprensa,* fundada por seu digno irmão Apelles Porto Alegre e o primeiro jornal diario que se creou no Rio Grande do Sul, para a propaganda republicana.

Apollinario Porto Alegre aproveitou os seus ultimos mezes de vida para, no retiro a que se recolhera, colleccionar algumas das suas melhores poesias, enfeixadas sob o titulo expressivo de *Flores da morte.*

Ficou ainda no prelo esse livro, que agora terá tristemente justificado o seu titulo, pois só apparecerá depois de já morto o seu autor.

Brigadeiro Oliveira J. Ortiz

Cada vez mais me eu convenço que o Rio Grande do Sul é uma terra privilegiada em tudo, até em ser o berço de grandes homens.

Possúe uma galeria opulenta de filhos notaveis.

O brigadeiro Oliveira J. Ortiz pertence a esse brilhante numero.

Nasceu em 1779, na villa de Caçapava. Assentou praça muito novo num regimento de dragões e como soldado prestou relevantes serviços á patria.

Sendo tenente do regimento do Rio Pardo, distinguiu-se na campanha de 1816, e achou-se nas batalhas de Butuhy, S. Borja e Catalão, merecendo por isso ser elogiado pelo marquez de Alegrete.

Fazendo a guarnição do Passo do Mariano Pinto, com o seu regimento, de que era commandante, foi ahi atacado por forças do caudilho oriental Bernabé Rivera, superior ás do seu commando, pelo que, apesar da resistencia tenaz que oppôz ao inimigo, foi obrigado a retirar-se em direcção a S. Gabriel.

O panico produzido pela noticia da invasão obrigou os moradores das visinhanças daquelle passo e dos caminhos por onde passavam os retirantes, a procurarem na força destes uma defesa contra os invasores, difficultando assim a marcha do regimento, que se tornou parado, sendo por este motivo alcançado e envolvido pelo inimigo entre os arroios Lageado e Itapery, onde capitulou com todas as honras da guerra.

Submettido a conselho, por esse motivo, foi absolvido, que elle já tinha no seu activo prodigiosos feitos de soldado brioso.

Ao rebentar a revolução de 1835, foi encontrado commandando a guarnição de S. Gabriel ,no posto de coronel.

Servindo a principio com as forças do governo, com grande proveito para a causa monarchica, adheriu depois ao movimento revolucionario, tal era, aos seus olhos de gaúcho altivo, a justiça que punha em campo as armas republicanas.

Serviu em favor da gloriosa revolução farroupilha até ao dia em que Bento Manoel, de gloriosa memoria, foi incoroporar-se ás tropas do governo.

Então Oliveira Ortiz, desgostoso, recolheu-se á vida privada, pendurando a sua valente espada de soldado, que só batalhava em defesa das causas nobres.

Eleito deputado á Constituinte rio-grandense, não quiz tomar assento por que o seu coração e o seu brio sentiam-se ainda feridos por ingratidões politicas.

Segundo a sua fé de officio, este bravo soldado

tomou parte em dezoito (18) combates, tendo sido em um delles promovido por actos de bravura.

O brigadeiro Oliveira Ortiz viveu no municipio de Alegrete durante mais de 50 annos, e falleceu nesta cidade a 20 de outubro de 1869, com a avançada edade de 90 annos — legando aos posteros os mais formosos exemplos de cordura, valentia e amor á Patria.

Dr. Severino Ribeiro

A marcha do tempo, por inflexivel e destruidora que seja, não consegue apagar na memoria dos povos, o nome dos varões assignalados que formam a gloria de uma patria.

O dr. Severino Ribeiro é um desses que vivem a vida da immortalidade no passado, no presente e indubitavelmente no futuro.

Nasceu em 1847 na cidade de Alegrete, terra que deu berço a muitos rio-grandenses illustres.

Foram seus paes o Tenente-General Victorino José Carneiro Monteiro e D. Benevenuta Carneiro Monteiro, barão e baronesa de S. Borja.

Seus avós paternos foram o marechal Bento Manoel Ribeiro e D. Maria Mancio Ribeiro, progenitores de uma serie de valorosos servidores da patria.

Feitos os seus estudos de preparatorios, o preclaro alegretense matriculou-se na academia de direito de S. Paulo, ahi se formando em sciencias juridicas e sociaes em 1869.

Iniciou-se nos labores juridicos com o provecto advogado Mathias Teixeira de Almeida, sendo pouco depois nomeado promotor publico.

Pouco tempo porém exerceu o cargo. As idéas liberrimas. o formoso coração de Severino Ribeiro não eram de molde a indentificar-se com a cadeira do accusador profissional. Além disso os seus ideaes politicos o impelliam para os prelios da tribuna parlamentar.

Exonerou-se do emprego e entregou-se com lindas aspirações e nobres denodos aos trabalhos de advocacia e da politica.

Em breve a sua banca de advogado transformou-se em movimentado centro politico. Conservador de fortes convicções e formação civica requintada, attingiu ao posto de chefe mais prestigioso e popular do 3.º circulo eleitoral, ao qual pertencia o Alegrete.

Seu valor pessoal e intellectual, sua dedicação aos interesses collectivos do seu partido eram taes, que até hoje ainda ninguem conseguiu naquella região a preponderancia politica que attingiu o dr. Severino Ribeiro.

Em 1876 foi eleito deputado geral e novamente em 1882, sendo notavel a acção politica exercida então por este nosso egregio patricio.

Na tribuna juridica como na parlamentar, o dr. Severino Ribeiro se distinguiu como polemista de alta e erudita dialetica e orador fogoso de suprema cultura litteraria e por vezes bizarro manipulador da phrase encantadora e empolgante.

Não era um trovão na tribuna. Sua voz não tinha estridencias: era doce, melodiosa, penetrando no coração e dominando almas.

Falleceu repentinamente na estancia de Jaráo, municipio de Quarahy, a 29 de março de 1886 — deixando de sua acção de homem superior uma radiante memoria nos factos da advocacia e da politica riograndenses.

Luiz Manuel Gonçalves de Brito

Nasceu em Porto Alegre a 5 de novembro de 1830 e era filho de Manoel Gonçalves Ferreira de Brito e de D. Eufrasia Maria do Nascimento Brito.

Era um sacerdote illustre pelo talento, pelo saber, e, ainda mais, pelos raros dotes de coração.

E tal norma de conducta sempre teve que, quando falleceu o padre Thomé Luis de Sousa, foi logo nomeado para o substituir no curato da cathedral, cargo que não solicitou.

Pertencendo ao partido liberal, foi eleito á assembléa provincial, pesando sempre a sua opinião nas deliberações ahi tomadas. A sua palavra era acatada por gregos e troyanos.

Sentindo-se gravemente doente, retirou-se para a cidade da Cachoeira, que era então um pequeno povoado.

Os ares de fóra, a vida tranquilla que ahi levava, cercado de todos os cuidados e carinhos, não conseguiram debellar o mal que ia, de dia em dia, depauperando o seu organismo já enfraquecido pelos estragos da tuberculose.

E, assim, a 30 de abril de 1863, acabou os dias o virtuoso sacerdote que teria alcançado as mais elevadas posições, na carreira que abraçou, si a morte não o levasse aos 33 annos de edade.

Nota final

A despeito de minha bôa vontade, e da firmeza com que puz o peito em escrever sobre a vida de rio-grandenses illustres, esta segunda edição de meu livro ainda não sáe completa.

Por cartas e pessoalmente solicitei apontamentos: datas, tão sómente datas, porque datas não se inventam.

O resto, o talento e acção de meus patricios eu de sobejo conheço.

Dias e momentos em que se exerceram esse talento e essa acção é que nem sempre eu posso saber.

Pedi. Escrevi a muitos. Alguns nem me responderam.

Eis porque o meu livro ainda sae incompleto.

Caia a culpa disto sobre os culpados!

Sinto-me na necessidade de dizer que é indigno de perdão quem silencía sobre a vida de seus antepassados, sendo que muitos desses máos descendentes alcançaram fortuna com o prestigio do nome daquelles sobre que guardaram criminoso silencio.

Este livro terá de certo uma terceira edição.

Espero que até então tenha desabrochado no coração de alguns filhos a quem pedi notas sobre os seus velhos, e não m'as deram, a encantada flôr da gratidão.

Que eu não volte a dizer, com palavras mais quentes, a revolta de que me possúo quanto vejo que ha filhos que ostentam, com orgulho, um nome que não

foi conquistado por esforço e valor proprios; mas que herdaram sem saber dizer a quem devem essa preciosa herança.

Poupem-me essa vergonha!

INDICE